

PIETRO UBALDI



**FRAGMENTOS
DE PENSAMENTO
E DE PAIXÃO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

FRAGMENTOS DE PENSAMENTO E DE PAIXÃO

Autor: Pietro Ubaldi

Tradução:
Rinaldi Rondino
e
Clóvis Tavares

ÍNDICE

Primeira Parte

APRESENTAÇÃO

Apresentação (1934)

Programa ("Ama a teu próximo como a ti mesmo") (1934)

Princípios (1952)

A Verdadeira Religião (1952)

Carta Aberta a Todos (1933)

Segunda Parte

EVOLUÇÃO ESPIRITUAL (1932)

Premissa

A Evolução Espiritual na Ciência e nas Religiões

Os Caminhos da Libertação

O Reinado do Super-Homem

Experiências Espirituais

Terceira Parte

VISÕES

O Canto das Criaturas (1932)

Tríptico (A noite A Aurora O dia) (1928)...

Cântico da Dor e do Perdão (1933)

Tríptico (Novembro - O Sino dos Mortos - Ressurreição) (1934)

Quarta Parte

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

O Problema da Educação (1939)

A Psicologia da Escola (Impressões) (1933)

A Arte de Ensinar e de Aprender (1934)

Quinta Parte

PROBLEMAS ATUAIS

A Hora de Napoleão (1939)..

O Problema Agrário (1939)..

O Problema Religioso (1939).

Urbanismo e Raça (1939)

A Evolução e a Delinqüência (1939)

Sexta Parte

PROBLEMAS ESPIRITUAIS

Auto-observação da Mediunidade - Desenvolvimento moral e elevação moral como fatores de uma alta mediunidade (1933)....

Consciência e Subconsciência (1930)

Por uma Vida Maior (1930)

**A Reconstrução do Túmulo de S. Francisco -
Um grande erro psicológico (1930)**

Os Ideais Franciscanos Diante da Psicologia

Moderna (1927)

Os Problema da Vida e do Além no "Fausto" de Goethe (1931)

Gênio e Dor (1935)

Sétima Parte

NOVELAS
EM BUSCA DA JUSTIÇA (TRIPITICO) — 1953

A Justiça Econômica

O Verdadeiro Amor

Encontro Consigo Mesmo

Primeira Parte

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Apresento-me como homem.

A Entidade que me inspira mediunicamente e sobre mim exerce autoridade, no pensamento e na ação deve ter um representante terreno, alguém que assuma todo o peso da luta e da responsabilidade; que totalmente se exponha, moral e fisicamente, aos perigos de uma realização novíssima, ao trabalho que toda grande conquista e todo progresso impõem, a necessária tensão para ultrapassar todos os obstáculos.

Tal sou e assim me coloco hoje, ao ingressar nos vida pública.

Nada possuo além do meu trabalho para viver e da minha obra para triunfar no bem. Dentro de mim e acima de mim, porém, vibra uma Voz que infunde respeito, que me arrasta e a todos irresistivelmente arrastará, voz que eu escuto e a que **devo** obedecer.

Já não á mais o momento de dizer — o **tempo virá**, mas, sim, de afirmar — o **tempo chegou**. Chegou a hora da grande ressurreição espiritual do mundo.

Eis o que sou: o servo desta Potência, o servo de todos, a serviço de todos, para o bem de todos. Nada mais me pertence, nem alma nem corpo: pertenço ao bem da humanidade. Deverei ser o primeiro no trabalho, na dor, na fadiga e no perigo; e o primeiro serei nesse caminho e me esgotarei até a última dose de minha energia, até o último espasmo de meu lamento, até a última explosão de minha paixão.

Sou fraco, culpado e indigno; não tenho, porém, mais força para sufocar 'esta Voz que deseja explodir e falar ao mundo, arrastar os povos, abalar os poderosos, convencer os doutos e todos conduzir a uma vida de bem e de felicidade. Serei considerado louco, bem o sei. Mas, Sua Voz tem um poder ao qual não mais sei resistir. E eu, o último dos homens, falarei ao mundo com palavras novas, num tom altíssimo, de coisas grandes e tremendas, em nome de Deus.

Estremeço e choro, ao escrever estas palavras. E o sinal positivo de que Ele, o Espírito que me assiste, esta junto de mim e me faz escrever coisas que são incríveis.

Não obstante, as almas simples sentem, com um sentido que a ciência não tem e nunca terá, sentem por intuição de afetos e por penetração de amor, a completa naturalidade e a perfeita

credibilidade destas coisas incríveis.

Tão intensamente profunda é essa intuição que a alma juvenil dos povos do outro hemisfério a sentiu, rápida, vibrante, espontânea, num reconhecimento que dizia: **eu sei**, em face da demorada, duvidosa e sofisticada análise científica da velha Europa E que a ciência analisa, toca e mede, mas não tem alma e somente com o cérebro nada se pode "**sentir**".

Brasil, terra prometida da nova revelação, terra escolhida para a primeira compreensão, terra abençoada por Deus para a primeira expansão de luz no mundo! Já um incêndio lá se levanta; instantânea e profunda foi a compreensão. Foi um reconhecimento sem análise, de quem sabe porque sente, de quem tom certeza porque vê. Os humildes, não solicitados compreenderam e se afirmaram os primeiros, sem provas, sem discussões, no terreno em que a ciência que tudo sabe nunca cessa de exigi-las.

A profunda emoção que me invade ao falar-vos o espasmo de paixão que me arrebatou, o rasgar-se de meu coração a cada palavra não se podem medir nem calcular; mas, vós o sentis, embora a tão grande distância de tempo e de espaço! As lágrimas que me comovem enquanto escrevo, e caem sobre este papel, destas palavras ressurgirão e cobrirão vossos olhos quando as lerdes. E direis, irresistivelmente: "**É verdade**". E através dos anos convencerão e arrastarão outras almas que as vão ler e que, como vós, também dirão, irresistivelmente: "**É verdade**".

Porque a força que me arrebatou também vos arrasta, a paixão que me inflama também vos incendeia e nos une a todos, num só esforço, numa tensão e num trabalho comuns, em favor do Bem. Como é grande e bela esta felicidade ilimitada de nos sentirmos todos irmãos, profundamente irmãos, diante dessa maravilhosa Voz que do Infinito a todos nos alimenta! Como é doce, diante Dela, ensarilhar as tristes armas da rivalidade e da competição que pesam sobre nós e nos amarguram a vida Que grandioso e sentirmo-nos todos unidos, numa só Humanidade, num compacto organismo; não mais como pobres seres solitários num mundo inimigo, mas cidadãos de um grande universo, onde cada ato tem um alvo, onde toda vida constitui missão.

A Voz me arrebatou neste momento e senhoreia-se de minha mão, como o faz sempre que deseja falar por meu intermédio. Eu A sigo, pequenino, confuso maravilhado por imensas visões.

Agora Ela me apresenta o planeta envolto numa faixa de luz e me faz ver uma humanidade mais feliz e mais sábia, ressurgindo das ruínas da geração de hoje; mas, também a ela pertenceremos e, quem houver semeado, colherá. Acima de nós que, lutando e sofrendo, semeamos, uma falange de Espíritos Puros estende-nos os braços, encorajando-nos e ajudando-nos. Somos os operários de um grande trabalho, do maior trabalho que o mundo jamais realizou: a fundação da nova civilização do terceiro milênio.

Mãos à obra! Levantai-vos É chegado o momento. A palavra de Sua Voz encerra uma força misteriosa, intrínseca, invisível, mas poderosa; imponderável, mas irresistível, e por ela sozinha avança, sabendo por si mesma escolher os meios humanos, solicitando-os a todos, convidando à colaboração todos os homens de boa vontade. Ela avança e atinge os corações; persuade e convence, possuindo e ofertando a cada momento, de si mesma, uma prova evidente, o fato inegável de sua automática divulgação.

Mãos à obra! Espera-me, espera-nos um tremendo trabalho, mas também uma imensa vitória. Somente sob a direção de um Chefe sobre-humano o mundo poderia empreender uma obra tão gigantesca. Temos um Chefe no céu. Ele não traz senão a paz, o amor, o respeito a todas as crenças. Nada tem Ele a destruir do que seja terreno; a ninguém Ele agride; não toca a forma, que não é o essencial: encara a substância. Nada tem Ele a modificar do que seja terreno neste mundo; tudo quer vivificar com uma chama de fé, quer tudo aquecer com uma nova paixão de amor puro — o amor de Cristo esquecido.

Nada tem a temer as autoridades nem o organismos humanos. É tão velho e inútil o expediente de modificar as organizações! Não mais criações de sistemas sempre novos e sempre velhos, mas criação do homem novo, que tem origem, no íntimo, onde está a alma e não no exterior. Toda organização é boa quando o homem é bom; é má quando mau é o homem.

O novo Reino não á deste mundo e jamais se tocará no que lhe pertence. Não está surgindo um novo organismo humano, com chefes e subordinados, com cargos e funções, com propriedades e direitos. Não. Absolutamente nada disso. Trata-se, eu vos digo do Reino de Deus, do Reino que o mundo ainda espera, que o mundo ainda invoca: “**Veniat Regnum tuum**”¹. É um reino de almas, de amor e de paz; não possui sedes, não tem riquezas, nada possui; não tem senão a tarefa do dever, o amor do bem, a paixão do sacrifício, a grandeza do martírio. E quem for o primeiro nesse caminho será o maior nesse Reino de Deus.

Almas distantes, que no Brasil tudo compreendestes, distantes pelo espaço, mas tão perto do coração, que o meu abraço vos chegue forte, profundo, imenso, como eu o sinto agora, nesta solidão montanhosa de Gúbio, no mais alto silêncio da noite, com minha alma nua diante de Cristo, cujo olhar me penetra, me envolve e me vence.

Humildemente, como o último dos homens que sou, eu vos suplico, pela compaixão que pode inclinar-vos para o mais frágil e abatido dos seres: ajudai-me a compreender este mistério tremendo que em mim se processa, ajudai-me a cumprir esta obra imensa cujos limites não alcanço.

Gúbio (Itália), na noite de 6 de fevereiro de 1934

PROGRAMA

"Ama a teu próximo como a ti mesmo

Depois do escrito anterior. Apresentação importa, de imediato, precisar os conceitos para evitar mal-entendidos, falsas interpretações, transposição de metas e de princípios.

O conceito de **Sua Voz** é claro e exato. Aqui o exponho com o menor numero possível de palavras, cristalino e adamantino qual o sinto explodir em mim, para que resista a todo choque e a qualquer desvio.

O princípio e o conteúdo do movimento são estrita e exclusivamente evangélicos. Tudo aquilo que não pode permanecer no Evangelho de Cristo não pode igualmente permanecer neste movimento. Não é possível distorcer em nenhum sentido estas palavras.

As conseqüências são, de igual modo, simples e evidentes.

O movimento e quantos dele participam devem manter-se dentro do princípio fundamental do Evangelho: "Ama a **teu próximo como a ti mesmo**". Não existe outro caminho possível. Quem não puder assimilar este princípio espiritual naturalmente estará excluído.

O movimento, qual o Evangelho, é apolítico e supernacional. É simplesmente humano em sua universalidade. E interior e espiritual, não externo nem material, a não ser em suas últimas e inevitáveis conseqüências, as quais não tocam, de modo algum, nas normas humanas, absolutamente fora de seus objetivos e de qualquer discussão.

¹ “Venha o Teu Reino” uma das petições da Oração Dominical. (N. do T.)

Assim sendo, o movimento é também super-religioso, pois não atinge nenhuma expressão religiosa, mas as respeita todas, antes de tudo reconhecendo-as, tanto que as envolve todas num único amplexo. Assim faz do dividido pensamento humano uma potência de concepção unitária, das separadas e multiformes crenças um ímpeto concorde de fé, de esperança e de paixão para um Deus que deve ser o mesmo e uma Verdade que deve ser a mesma, para todos.

Como tal, o movimento a todos convoca para que todos se unam em colaboração. Eis porque não existirão, como já se disse no precedente escrito, nem chefes, nem subordinados, nem cargos, nem funções, nem propriedades, nem direitos, nem sedes, nem riquezas. A edificação deve efetuar-se, para cada um, no íntimo da própria alma, qual obra e construção sua. Indistintamente, todos são chamados à colaboração, para que cada um seja o criador, na próprio coração, do Reino de Deus.

Os meios humanos são, portanto, todos excluídos, porque não necessários. O novo Reino deve nascer, não nas organizações humanas, mas no coração dos homens. E cada um deve realizar essa criação antes de tudo em si mesmo, tornando-se melhor.

Não é, pois, preciso outro Chefe senão Deus, nem outro comando exceto a voz justa da consciência. Dir-me-eis, porém: Isto não basta para fazer uma religião. E eu vos digo: Não se trata de uma religião, mas de uma força que deve reavivar todas as religiões existentes.

Para quem discordar, não existe qualquer dispositivo de coerção como nas normas humanas, senão a perda automática da posição privilegiada de seguidor de Cristo — a perda da proteção da Lei justa de Deus. Isso significa uma rendição à feroz lei terrestre da luta e da força sem justiça. A Lei Divina, sempre presente, no interior das coisas e dos seres, não admite mentiras, porquanto é imanente na consciência. Não admite violações nem fugas, por situar-se no mais íntimo do espírito humano.

Eis a absoluta novidade deste movimento na história de todas as experiências humanas. Dele são excluídos: comando, riqueza, força. Ele é construção eterna e não pode, por isso, usar senão materiais eternos. Cada empreendimento é uma construção cuja durabilidade depende dos materiais utilizados. Quem usar da espada perecerá pela espada; quem usar da violência pela violência perecerá, pois os meios usados como causa recaem depois, por força da Lei Eterna, inexoravelmente, como efeito sobre seu agente.

Se o movimento não atender a estes princípios será ilusório e caduco, como todas as coisas humanas. E qualquer elemento humano que nele introduzirdes ser-lhe-á como um caruncho destruidor, uma força lenta continuamente em tensão para a destruição.

Como movimento social, inspira-se, portanto, em princípios nunca usados pelo homem na história do mundo. Por estas características, reconheceréis que ele vem do Alto, de um mundo não vosso, porque nenhum elemento vosso nele é introduzido nem nele está contido; ao contrário é cuidadosamente excluído.

A imediata conseqüência prática desta claríssima tomada de posição diante do mundo é a seguinte: Se todos são admitidos, contanto que puros e honestos de coração, são automaticamente excluídos aqueles que tais não são. Depuração, portanto, por força íntima da realidade.

Vós, da Terra,² acostumados como sois a mover-vos constantemente num mundo de imposição e de força, sem nada poderdes obter sem estes meios, dificilmente vos inteirais da intervenção de quais forças sutis, invisíveis e íntimas, poderosíssimas e invioláveis, seja feito este movimento. Destes princípios aqui enunciados emana imediatamente esta conseqüência prática e

² Aqui, o pensamento da Entidade Espiritual Sua Voz se substitui imprevistamente ao do autor. (N. do A.)

evidente: não podem tomar parte neste movimento os inaptos.

Por ser ele alicerçado sobre aqueles princípios, os gananciosos de riqueza, de mando, de glória e poder, sempre prontos e à espera para fazer especulação de tudo, até das coisas de Deus, não encontrarão alimento algum, o mínimo ponto de apoio e por si mesmos se afastarão.

Obtém-se, então, automaticamente, sem demora, sem gasto de energia, o afastamento da primeira ameaça que surge em qualquer movimento humano — a possibilidade de desfrute. Evita-se que o mal possa aninhar-se nele, e obtém-se, ainda, que seja imediatamente eliminado. Vede qual potência contém o imponderável fator moral, também nas organizações humanas. Esse poder é tal que pode substituir esplendidamente, se genuíno, todos os vossos exércitos, as vossas complexas transações econômicas, todo esse tremendo equipamento de obrigações e vínculos que demonstram não vossa força, mas vossa fraqueza. E por caminhos assim tão simples conseguireis vantagens e uma perfeição que nenhuma organização humana pode alcançar. Aqui não existem atritos, pois não há luta nem força, nem pode haver traição, porquanto não existe mentira. O inimigo é externo: o mal; mas, o mal não se vence com outro mal, mas, sim, com o bem.

As rodas sobre as quais avança este organismo são — altruísmo (e não egoísmo), pobreza, dever, amor, sacrifício e, se necessário for, o martírio. Ante o perfume destas grandes coisas as almas perversas fogem e, numa atmosfera assim rarefeita, os indignos sufocam e velozmente se afastam para nunca mais se aproximarem. Eis as bases. Eis o tesouro que vos dará alimento e poder, eis o exército que vos defenderá.

É esta, pois, uma cruzada de homens honestos, simplesmente honestos. Não importa ciência, nem riqueza, nem poderio. Disso não temos necessidade. Atras do justo, existe uma força tremenda a Lei Divina, que o protege. Não vos preocupeis se não perceberdes essa Lei. Ela é a mais profunda realidade da vida. Não temais se esta realidade permanecer sufocada em vosso baixo mundo de dor, encoberta pela vossa densa atmosfera de culpa. Cada homem a sente no profundo de sua consciência com um instinto incoercível. Mas, o justo, logo haja alcançado os mais altos níveis de vida, de imediato a encontra e a sente com absoluta confiança e por ela se reconhece seguramente amparado.

Esta cruzada de homens novos se constitui hoje no mundo para sua salvação. Seus componentes se recrutarão em todas as classes, em todas as crenças, em todos os países.

Não se trata de vãs utopias. São possibilidades lógicas e reais, baseadas sobre forças concretas, embora sejam para vós imponderáveis.

Uma só coisa basta: ser honesto. E basta sê-lo para sentir-se irmão e unido aos irmãos honestos. Não vos reconheceréis por sinais exteriores, mas somente por essa íntima sensação que vos lançará irresistivelmente uns nos braços dos outros. Não vos fatigueis, como sempre tendes feito, a escavar abismos entre vós em todos os campos, mas lutai para reencontrar-vos todos nesta unidade substancial de espíritos. Ela é urgente, pois que são iminentes e tremendos os tempos que a impõem como questão de vida ou de morte.

* * *

Nestas palavras, não minhas, mas de **Sua Voz**, tudo é construtivo. Nunca atacam e se há alguma coisa para destruir, elas com isso não se preocupam, mas a deixam em abandono para que caia por si: não existe mais ativo agente de destruição do inútil do que um novo organismo vital em funcionamento.

Se um corpo é velho e moribundo, afadigar-vos-eis em destruí-lo? O que é

verdadeiramente inútil cairá por si mesmo, sem necessidade de se acionar uma causa de destruição violenta, que recairia depois inexoravelmente sobre quem a movimentou. Acreditais que para demolir aquilo que é inútil, seja mesmo indispensável a intervenção do homem e que ele seja capaz de guiar e escolher com segurança, e que a Lei não contenha em si os meios para afastar aquilo que não tem razão de ser? Como podeis crer seja isso possível num organismo totalmente regido por um perfeito equilíbrio, qual é o universo?

A condição para ser admitido neste movimento é um simples exame de consciência perante Deus. Coisa simples, profunda e imensa, fácil e tremenda. Mas, isto nada é, dirá o mundo. Entretanto, isto é tudo, diz o Espírito. Experimentai seriamente e sentireis que é verdade. É esta coisa simples e tremenda que o homem deve hoje fazer, à margem do abismo onde, se não se detiver, cairá de maneira terrível.

E se vós, almas sedentas de ação exterior, de movimento e de sensações, quereis evadir-vos desta íntima vida do espírito para ingressar em vossa exterior realidade humana e trabalhar, clamar, conquistar e vencer também com os braços e com a ação, então vos digo: "Saí, saí de casa; ide ao vosso inimigo mais cruel, àquele que mais vos tem traído e torturado e, em nome de Cristo, perdoai-lhe e abraçai-o; ide àquele que mais vos tem roubado e cancelai-lhe o débito, e mais, entregai-lhe quanto possuíis; ide aquele que mais vos insultou e dizei-lhe, em nome de Cristo: Eu te amo como a mim mesmo, porque és meu irmão".

Direis: Isso é absurdo, é loucura, é desastroso; é impossível sobre a Terra esta deposição de armas. Mas, eu vos digo: Vós sereis homens novos somente quando usardes métodos e recursos novos. De outra forma, não saireis **nunca** do ciclo das velhas condenações que eternamente punirão a sociedade das suas próprias culpas. Pela mesma razão pela qual Cristo se ofereceu na cruz, hoje a humanidade deve sacrificar-se a si mesma por esta sua nova, profunda, absoluta e definitiva redenção. Porque sem holocausto nunca haverá redenção.

O mundo louco arma-se contra si mesmo, com perspectivas sempre mais desastrosas, de recursos tremendos em face dos atuais progressos científicos. Uma conflagração bélica não deixará mais nenhum homem salvo sobre a Terra, se a loucura humana não se detiver a tempo. Onde o homem assim procede não existe senão uma extrema defesa: o abandono de todas as armas.

Dizeis: Mas, nós temos o dever de viver.

E eu vos digo: Quando vós, com ânimo puro, disserdes **Em nome de Deus** — então, tremerá a Terra porque as forças do Universo se moverão; quando fordes verdadeiramente justos, quando inocentes, se a violência vos ferir, triunfando momentaneamente, o Infinito precipitar-se-á aos vossos pés para dar-vos a vitória e levantar-vos ao Alto, na condição de triunfadores na Eternidade, bem longe do átimo de tempo em que a violência venceu.

* * *

Eis os princípios que **Sua Voz** me transmite — desta vez não mais sob forma afetuosa, mas feitos de poder e conceito.

Eis o que **Sua Voz** pede a alma do mundo. Sua alma coletiva, una e livre como uma alma individual, pode escolher e dessa escolha dependerá o futuro. **Sua Voz** afasta-se, em silêncio, de quem não A segue.

Eis o que **Sua Voz** pede, primeiramente ao Brasil, escolhido para a primeira afirmação destes princípios no mundo. E esta afirmação deve ser um imenso amplexo de amor cristão. Será a primeira centelha de um incêndio que nos deve inflamar de bondade para dissolver o gelo de ódio e

rivalidade que divide, esfomeia e atormenta o mundo.

Este é o espírito dos novos tempos. Somente quando virmos este espírito voltar à vida dos povos, é que poderemos dizer que Cristo voltou outra vez e esta presente entre nós.

Gúbio (Itália), na noite de 12 de fevereiro de 1934

PRINCÍPIOS

(1952)

O primeiro dever de uma revista que nasce é orientar, claramente, seu pensamento e declarar com sinceridade seus objetivos: uma linha de conduta segundo princípios aos quais, depois, devera permanecer fiel.

O escopo desta revista é operar a transformação desses princípios em vida vivida, isto é, ajudar a nascer, do homem de hoje, tipo biológico mais evolvido, representado pelo homem novo do Terceiro Milênio.

Este movimento inicia-se no Brasil, tendo também em vista sua futura grandeza como nação.

Enunciar um princípio, aqui, significa, pois, vivê-lo.

Antes de iniciar o argumento, faz-se necessária uma premissa.

O signatário pede desculpas se algumas vezes tiver de pronunciar a palavra **eu**. Por essa razão é bom esclarecer e estabelecer desde o princípio que ele nada pede jamais para si e não quer absolutamente ser chefe de coisa alguma. Quis, por isso, que a denominação ABAPU (Associação Brasileira dos Amigos de Pietro Ubaldi) fosse substituída pela de ABUC (Associação Brasileira da Universalidade de Cristo)³, para que a idéia se antepusesse a qualquer personalismo. E este é já um princípio geral para ser vivido.

Outro princípio geral: o que importa não é a pessoa, mas a idéia.

Estes princípios já definem a posição do subscritor que deverá ser sempre o primeiro a aplicá-los, vivendo-os. Sua posição é de oferecer, apenas oferecer, o produto de sua inspiração. Isto ele já o tem feito ao mundo.

O Brasil, em primeiro lugar, o compreendeu e o aceitou.

O signatário deseja, apenas, uma coisa: que isto seja para a grandeza desta nação que ele agora aprendeu a amar imensamente. Sua posição, ele o quer, deve ser, apenas, esta: a daquele que serve e **não** a de quem é servido; a de quem se põe a serviço dos outros e **não** a de quem os subordina ao próprio orgulho, domínio ou egoísmo; é a posição daquele que obedece e **não** a de quem comanda.

Ele serve ao próximo e obedece a Deus — outro princípio geral para ser vivido.

³ Associação instituída em Campos. RJ, no Natal de 1949. (N. da E.)

Cada ato de nossa vida deve ser inspirado por estes princípios e pelos que exporemos depois.

Aquele que está em posição mais elevada, mais deverá vivê-los, mais é responsável diante de Deus e dos homens.

Com tudo isto, estamos recordando que todos nós temos o dever do exemplo, primeiro dever, somente com o qual se podem pregar quaisquer princípios, demonstrando, antes com fatos que com palavras, que eles podem ser vividos. De outra maneira não se tem o direito de pregar — outro princípio geral.

O leitor vê como, desde a primeira enunciação, os princípios aqui se apresentam, não teóricos e abstratos, mas numa forma vivida ou para viver.

Quem quiser buscar-lhes a justificação sistemática e racional poderá aprofundar-se em seu estudo nos volumes do subscritor, também **oferecidos** ao mundo para que os que amam o conhecimento aprendam, saciando a inteligência. Ele apenas **oferece**, por uma convicção espontânea, sem jamais impor.

Eis-nos diante de outro princípio geral para ser vivido: Oferecer, nunca impor a verdade. Eis o patrimônio espiritual de cada consciência. Nunca introduzir-se na alma alheia com a violência da argumentação, numa guerra de idéias, para subjugar o semelhante; antes, procurar todos os meios de comunicação que conduzem a compreensão.

É lei vital que a época dos absolutismos, dos dogmatismos, dos imperialismos ideológicos hoje, se vá superando e eliminando.

A nova era é a da bondade na compreensão recíproca; da convicção de todos no seio de um mesmo Deus: é a era do amor. O princípio é: Procurar o que une e evitar o que divide.

Devendo nós vivermos tudo isto, conclui-se que aqui será sempre evitado o espírito de polêmica, pois este é considerado como expressão da psicologia de um tipo biológico atrasado, que está sendo, cada vez reais, superado pela evolução.

Nosso método é, pois, o de não oferecer nunca aos ávidos de polêmica a resistência de outra polêmica, isto é, o mau exemplo de luta e guerra.

Seja nosso método o do Evangelho.

Este é o método dos envolvidos, ao passo que o outro é o método que logo revela o involuído, biologicamente atrasado. É o único método que vence porque, enquanto na luta ambas as partes se dilaceram, ganhando apenas em ferocidade e perversidade! com nosso método, o antagonista, não encontrando alimento para seu espírito de agressão, por si mesmo se desarma e cai.

Como se vê, os nossos princípios não são uma novidade, pois que são os conhecidíssimos princípios do Evangelho.

Propomo-nos, apenas, a vivê-los seriamente, convencidos de que disso pode nascer hoje o homem novo e, com ele, uma nova geração e uma grande nação.

Deve ser o método usado, pois é o que revela a própria natureza, o próprio tipo biológico de envolvido ou involuído, a própria superioridade ou inferioridade.

A idéia de vencer esmagando o adversário revela imediatamente o involuído.

Ainda quando isto se faça em nome de verdades absolutas e assim se justifique, na realidade exprime biologicamente instintos de agressão.

Compreendamos que a verdade é relativa e progressiva e que nos foge em seu aspecto absoluto. Nós, relativos, não podemos possuí-la senão por progressivas aproximações.

Existe um outro princípio que se segue a este: Sejam sempre construtivos, isto é, operemos em sentido positivo, unitário, como é o bem, e jamais sejam destrutivos, isto é, nunca ajamos em sentido negativo, separatista, como é o mal.

Tudo o que é agressividade é satânico; O Evangelho não o é nunca.

Seja nossa obra todo um amplexo ao mundo e, unicamente, um amplexo de amor.

Guerra, jamais, a ninguém, por nenhuma razão. A vitória estável e verdadeira obtém-se apenas com a bondade, o amor, o exemplo, a convicção.

Que o Evangelho, tão pouco vivido até hoje, se transforme na forma de vida do homem novo, num novo método de viver, que penetre cada ato nosso, demonstre que somos evolidos e se manifeste com nosso exemplo a cada momento.

Que no terreno filosófico, político, religioso, isso signifique tolerância. Não, porém, uma tolerância raivosa, na atitude de quem suporta com desdém o erro alheio; ao contrário, uma tolerância que busca os pontos de contato, os pontos comuns, e se alegra quando pode dizer: "Mas, então, concordamos em muitas coisas! Não estamos, pois, tão distanciados quanto nos parecia. Podemos entender-nos um pouco e não há necessidade de contenda".

Em sua saudação repetida em quase todas as conferências no Brasil, o signatário afirmou seus dois princípios fundamentais: **universalidade** e **imparcialidade**.

Que significam eles?

São o emblema do homem novo.

Sua Voz, já na primeira Mensagem do Natal, em 1931, estabelecia estes princípios fundamentais que são, depois, desenvolvidos em toda a obra:

"Falo hoje a todos os justos da terra e os chamo de todas as partes do mundo a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos... Minha palavra é universal... Uma grande transformação se aproxima para a vida do mundo..."

Brevemente o mundo se organizará sobre um princípio novo que não será dado por um imperialismo religioso, isto é, pela vitória de uma religião que, por absolutismo, se imponha a todas as outras. Não é por este caminho que se chegará a unidade, a saber, um só rebanho e um só pastor.

O único pastor será Cristo e o único rebanho será formado por uma humanidade em que as várias religiões não se combatam e não se condenem mais reciprocamente; ao contrário, se compreendam e coordenem, fazendo dos homens todos filhos diante de um único Deus, um só Deus, pai de todos.

Esta compreensão e coordenação é a primeira forma em que se revelará o amor, em sua era

que está para surgir — a nova civilização, o reino de Deus.

Como aplicaremos este princípio? Fraternalizando. Se os outros condenam, perdoemos e amemos.

Como respondeu Cristo aos agressores? O seu método seja o nosso método. Aos ataques, às polêmicas, as condenações, respondamos com o exemplo da compreensão. Demonstremos com os fatos que o homem novo possui um novo método de vida e abandonemos o velho método ao homem do tipo do passado.

Este vive mais no exterior que no interior. Suas inclinações se dirigem, de preferência, às manifestações exteriores da fé: seguir determinada escola, igreja ou grupo, dar-se a certas práticas visíveis.

Aquele que compreende e tem a força de renunciar às manifestações, indispensáveis aos primitivos, recolha-se o mais que puder na religião de substância, que é interior, sozinho quando for necessário, para eliminar ataques e dissídios da religião de forma que é exterior.

A maioria não sabe pensar senão fisicamente, com movimentos do corpo e da boca. O evolvido, porém, sabe que a religião de substância, mãe de todas as religiões, está acima da forma e de toda manifestação sensória: é uma religião mais profunda, sentida e vivida, feita de alma e de ação, não de práticas materiais, na qual todas as religiões encontram lugar.

Esta, verdadeiramente, é a religião.

As religiões tem três fases. A primeira, a mais antiga, é a **terrorística**, feita de um Deus vingativo que se faz obedecer inexoravelmente, punindo com a lei de talião. A segunda, mais recente, é a **ético-jurídica**, feita de uma codificação de normas de vida.

É o evolver da natureza humana inferior que pode permitir uma manifestação de Deus, a fazer transparecer cada vez mais Sua Bondade.

Somente hoje a maturação humana pode permitir que, sem o perigo de abusos, antes temíveis, se possa passar a terceira fase, da **compreensão**, na qual as religiões são livres e convictas, cada vez mais transformadas da forma, em que lutam os interesses, em substância, que é amor.

Elas se sucedem, não porque sejam sancionadas por penalidades (inferno), mas porque se compreende que significam o nosso bem.

Nesta fase cai e perde a significação o terror de um Deus vingativo.

Assim, por evolução, do conceito de um Deus todo força, o senhor com o azorrague, como era o homem com seus escravos, árbitro absoluto de tudo conforme seu capricho, passa-se ao Deus justo que respeita completamente a Lei que Ele estabeleceu, como o homem moderno que deve respeitar as leis que ele cria para si mesmo no Estado.

Desse modo, por evolução, passa-se agora ao conceito de um Deus não só justo, mas também bom, que nos ama para a nossa felicidade, como o homem civilizado e compreensivo de amanhã amará seu próximo, nas grandes unidades sociais do futuro. Assim, por lento transformismo, o terror, na progressiva reabsorção do mal, operada pela evolução, desfaz-se na justiça e esta se aperfeiçoa e se enriquece no amor.

Hoje se passa da segunda a terceira fase. Ainda se funde e se confunde o útil com a

verdade. O interesse predomina, porque predomina a forma. O rebanho para ser apascentado, a que tanto aspiram as religiões, tem-se transformado muitas vezes em rebanho para mungir, propriedade do pastor.

Pelo princípio das grandes unidades, a evolução leva à unificação e guia hoje o mundo em todos os campos, logo, também no religioso, a fase orgânica, em que não há luta de rivais, mas colaboração de irmãos. Penetra-se na fase do amor. O mundo se distancia cada vez mais da primitiva fase caótica e a ordem se faz sempre mais compreendida, convincente, espontânea.

O Brasil, dentre suas qualidades, tem, sobretudo, a da tolerância recíproca: ausência de intransigência de absolutismos, de racismo. É, pois, acima de tudo, a terra do amor, ainda que este esteja, muitas vezes, apenas em suas manifestações mais elementares. Já é, contudo, amor e pode subir.

Como representa a fusão das raças, também representa a capacidade de fusão de idéias. Esta capacidade do Brasil, de amar em todos os níveis, se for desenvolvida em direção ao espírito, poderá amanhã fazer do Brasil a Nação mais capaz de compreender, representar e divulgar no mundo aquela que aqui chamamos a religião, isto é, religião de substância, que é a religião do exemplo, da bondade e do amor.

A VERDADEIRA RELIGIÃO

(1952)

Encontrei-me, viajando pelo mundo, em todos os ambientes.

Achei-me entre católicos e os observei. Muitos deles eram sinceros e convictos e viviam aplicando, realmente, os princípios de sua religião. Sua verdadeira fé me encheu de admiração. Outros deles, porém, embora verbalmente se confessassem e nas práticas religiosas se manifestassem perfeitamente ortodoxos, não viviam inteiramente seus princípios, demonstrando com fatos que, em realidade, neles não acreditavam de modo absoluto. Isso me encheu de tristeza.

Achei-me, depois, entre os protestantes e os observei. Muitos deles eram sinceros e convictos e viviam aplicando, realmente, os princípios de sua religião. Sua verdadeira fé me encheu de admiração. Outros deles, porém, embora verbalmente se confessassem e nas práticas religiosas se manifestassem perfeitamente ortodoxos, não viviam inteiramente seus princípios, demonstrando com fatos que, em realidade, neles não acreditavam de modo absoluto. Isso me encheu de tristeza.

Achei-me, também, entre os espíritistas e os observei. Muitos deles eram sinceros e convictos e viviam aplicando, realmente, os princípios de sua doutrina. Sua verdadeira fé me encheu de admiração. Outros deles, porém, embora verbalmente se confessassem e nas práticas formais se manifestassem aderentes à sua doutrina, não viviam inteiramente seus princípios, demonstrando com fatos que, em realidade, neles não acreditavam de modo absoluto. Isso me encheu de tristeza.

Achei-me, depois, entre os teosofistas, os maçons, os maometanos, os budistas etc. e observei o mesmo fenômeno.

Encontrei-me até entre ateus, materialistas convictos. Não obstante, entre eles encontrei os

que procuravam viver segundo superiores princípios de retidão. Senti respeito por eles. Qualquer convicção vivida com retida o merece respeito. O que me encheu de tristeza foi ver o ateu, materialista animallescamente envolvido, somente animado de instintos egoístas para prejudicar o próximo.

* * *

Observando-os todos, perguntei a mim mesmo, então: a divisão real, verdadeira, entre os homens, é a de uma religião, doutrina ou crença, ou é, antes, entre o homem sincero e honesto e o homem falso e desonesto, que se encontram no seio de todas as religiões, doutrinas e crenças? Embora as várias divisões humanas, em cada uma delas sempre encontrei esta outra divisão universal de bons e maus.

Perguntemos a nós mesmos, então: não será esta a verdadeira distinção, muito mais real que a outra em que tanto se insiste? Pertencer ao primeiro tipo de homem, antes que ao segundo, não será muito mais importante e decisivo do que pertencer a um determinado agrupamento religioso? Que importa pertencer a esta ou aquela religião, quando não se é sincero nem honesto? Não é o fundamental em qualquer campo? E não é, então, esta a mais importante entre todas as divisões humanas, muito mais do que a atualmente aceita? Não será essa a divisão que Deus mais assinala, de preferência a outra, que se refere, mais que a bondade do homem, aos interesses humanos que em torno dela se agrupam?

Qual é o fato mais decisivo para a edificação do homem (isso constitui o objetivo de todas as crenças) — os pormenores dogmáticos e doutrinários, a ortodoxia da letra ou o haver compreendido o simplicíssimo princípio do bem e do mal, princípio universal, existente em todas as religiões, inscrito no espírito humano e, sobretudo, viver esse princípio?

A verdadeira distinção, nesse caso, não é a atualmente vigente em nosso mundo católicos, protestantes, espiritistas, teosofistas, maçons, maometanos, budistas etc. — mas, sim, o justo e o injusto. Esta é a distinção substancial, a que tem valor diante de Deus, muito mais importante que a outra, que pode ser apenas formal. Na segunda se pode mentir e ela, então, é fictícia; nunca na primeira, que é real.

Por que, então, tantas lutas religiosas e doutrinárias? Não têm elas outro valor senão o de defender o patrimônio conceptual do grupo e os interesses que dele dependem. Por que, então, não reduzir todas as crenças a esse seu denominador comum, que é a sua substância, em que todas se encontram, além de todas as divisões? E por que não achar nessa substância a ponte que as une todas numa característica comum, em lugar de procurar em especulações sutis que pode dividi-las? Por que não parar e insistir no que importa acima de tudo; a bondade e a evolução do homem?

Tudo isso é importantíssimo para a fusão das almas no caminho da unificação, que é o futuro do mundo em todos os campos. Daí nasceria um grande respeito recíproco, uma nova possibilidade de compreensão, um superior espírito de fraternidade. O cioso amor à ortodoxia, justificável em outros tempos, excitado até o ponto de preferir a letra ao espírito, pode significar uma satânica falsificação da fé na psicologia farisaica, enfermidade de todos os tempos e de todas as religiões. Pode, então, acontecer que se faça da religião o que sempre se tem feito do amor a pátria que, embora santo em si, se transforma em agressividade e guerras contra outras pátrias. Ora, como esse tipo de amor nacional está hoje em vias de desaparecimento, superado pela vida que caminha para a unificação social, do mesmo modo a vida superará o espírito de absolutismo e intransigência, pois ela se dirige para a unificação religiosa.

É necessário, assim, abandonar o espírito separatista de domínio, em nome de absolutismos, numa verdade que na Terra, para o homem, não pode deixar de ser relativa e

progressiva, isto é, em função de sua capacidade evolutiva.

A vida hoje caminha para a colaboração por compreensão em todos os campos e os imperialismos, políticos ou religiosos, pertencem a fases que esta o sendo superadas. Os imperialismos espirituais retardam a unificação, que se situa justamente no campo das convicções e das consciências e que não se pode obter com o espírito de absolutismo e de domínio.

* * *

Qual é, pois, a religião de substância em que poderão pacificar-se todas as distinções humanas, encontrando-se em seu denominador comum?

A religião de substância é somente uma. A ela pertencem todos os honestos que crêem sinceramente e vivem suas crenças, sejam católicos, protestantes, espiritistas, teosofistas, maçons, maometanos, budistas etc..

Estão, ao contrário, fora da religião, todos os falsos, os injustos, os que interiormente não crêem (embora formalmente em seus lugares), os que não vivem suas crenças, sejam católicos, protestantes, espiritistas, teosofistas, maçons, maometanos, budistas etc. Estes se igualam no representar a traição a idéia que professam.

Na "Mensagem de Natal" de 1931, diz **Sua Voz**: “...**não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos.**” Na Terra, em todos os campos, existem sempre dois tipos humanos: o evolvido e o involvido. Encontram-se em todas as filosofias, governos, religiões, hierarquias e povos.

O involvido vive sempre no nível animal, é animado pelo espírito de dominação e, por isso, intransigente e agressivo; fecha-se na forma, desprezando a substância; é mais ligado a terra que ao céu. julga-se, em todos os campos, sempre com a posse da verdade e da parte de Deus, julgando todos os outros como situados no erro e da parte de Satanás. Tende a egocêntrica monopolização da Divindade.

O evolvido tem características opostas. Vivendo num nível mais alto, é animado pelo espírito de fraternal compreensão; tolera e auxilia; fala com o exemplo, dando e não dominando; é mais aderente à substância que à forma, mais unido ao céu que à terra. Não julga nem condena. Tende a anular seu eu em Deus e no amor ao próximo. Não se faz paladino da verdade para exigir virtude dos outros, mas começa por praticá-la, ele mesmo: ilumina, não impõe, pois respeita as consciências. Não pretende ser o único que tem Deus consigo. Não identifica com o mal tudo que está fora de seu eu, do seu grupo ou hierarquia nem o condena em defesa própria. Não se faz representante de Deus para dominar com sua personalidade, mas reconhece em Deus o Pai de todos.

O homem está evoluindo e a religião dos justos será a religião unitária que a todos entrelaçará. O estado vigente até hoje corresponde à fase caótica do mundo. Ele caminha, porém, para a fase orgânica na qual, em todos os campos, os relativos pontos de vista se coordenará o numa verdade universal.

A religião una será a substancial, a religião do bem e dos bons, que se compreenderão, por serem evolvidos. Para essa compreensão os insolidos ainda não estão maduros, pois só podem crer que a salvação depende apenas da filiação a esta ou aquela forma da verdade, sem cuidar da substância, que pode estar em todas as formas. Tudo isso, porém, será fatalmente superado.

É lei de evolução que o dualismo, em que se dividiu nosso universo, gradativamente, em todos os campos se vá reconstituindo em sua originária unidade de que o espírito caiu na cisão, na forma, na matéria. É fatal lei de evolução que chegou finalmente à Terra a tão esperada realização

do Reino de Deus.

CARTA ABERTA A TODOS

(1933)

Completam-se, hoje, dois anos desde que **Sua Voz** começou a falar. É Noite de Natal e eu me afasto por um momento da reunião familiar para meditar e escrever.

Este é um exame público de consciência que efetuo na hora solene em que se aguarda, para comemorar, uma vez mais, o nascimento do Salvador do Mundo.

Não sei qual imenso espanto me invade nesta hora solene, na qual o homem é vencido pela maravilhosa Voz de Cristo. Extasio-me na visão de um mundo regenerado por Essa Voz e detenho-me, nela buscando descanso. É a noite encantada na qual o grande signo do amor adquire realidade também sobre a Terra. Cristo está aqui conosco, esta noite, para nossa paz.

Amanhã terei que volver a empreender a caminhada, sozinho, exausto, com uma imensa visão na alma, uma febre incessante no coração, um estalido de paixão em cada pensamento. Sinto-me oprimido pela minha debilidade e pela imensidade do programa. Quem sou eu para atrever-me a tais tarefas? Haverá alguém mais aterrorizado e mais aniquilado do que eu? Cumprirei totalmente com o meu dever e hei de cumpri-lo no futuro? Terei forças bastantes para fazê-lo? Vou mendigando um consolo a todas as almas boas para que me sirvam de apoio a minha debilidade. Se **Sua Voz** me abandonasse, eu me sentiria completamente arruinado.

Entretanto, hoje se completam dois anos que Essa Voz retumba no mundo e o mundo a escuta. Nada me havia causado jamais tanto assombro como esta afirmação decisiva, sem preparação alguma de minha parte, nem vontade, num mundo onde, com freqüência, as coisas mais sabiamente preparados e mais intensamente queridas não obtém êxito.

Como pode avançar tudo isso com a abstração da minha debilidade e hesitação? Como pode produzir efeito e arrastar meu pensamento, que deveria ser sua causa? Que força convincente reside naquelas palavras escritas improvisadamente, sem que delas eu me desse conta, para conseguir o assentimento de tantos? Que sensação de infinito despertam e abalam os espíritos?

Tremo e, entretanto, avanço. Quisera resistir por um instinto de objetividade, e vejo-me arrastado. Quem é, então, que me guia? E quem, por mim, conhece a estrada e o futuro? Sofro desalentos terríveis e, apesar disso, tudo prossegue do mesmo modo. Que sou eu diante do imenso torvelinho de forças que me rodeiam? Que outro grande mundo existe além deste que todos vêem e crêem ser o único?

Parece indubitável que meu trabalho faça parte de um grande programa de renovação mundial que ignoro e que não pode deter-se. Rebelar-me ou vacilar seria em vão. Isto já é toda a minha vida. Não conheço o futuro, mas sei muito bem que todo movimento iniciado não se poderá deter, a menos que tenha completado sua trajetória.

Nesta Noite de Natal, todos vós, homens de boa vontade, que sentis uma fé viva, uma paixão de bondade, uma alma aberta às palavras de Cristo — não importa como a sintais e a manifesteis, desde que essa paixão arda dentro de vós em substancia — ajudai-me a orar junto ao Berço para que o Santo Menino nos faça compreender esta sublime maravilha, que desceu do céu

sobre a Terra e que é o **amor fraternal**.

Parece-me ver o Grande Rei, que veio à Terra por amor, ir mendigando de porta em porta, por este nosso triste mundo, implorando-nos por caridade, pelo amor de Deus, um pensamento de bondade para os nossos semelhantes.

Perusa (Perugia, Itália). Vigília do Natal de 1933

Segunda Parte

EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

(1932)

(PREMISSA)

Tratarei, nesta monografia, da evolução espiritual. Fá-lo-ei em forma de trilogia, com o objetivo de dar equilíbrio e proporção à estrutura conceptual e nexos lógicos ao desenvolvimento do tema, tratando: **I Conceção; II - Os meios; III A Realização da Evolução Espiritual.**

A necessidade de tratar numa única monografia um argumento tão vasto, que não poderia esgotar-se em muitos volumes, impôs-me uma síntese que concluirá sem poder se deter nas intermináveis particularidades de uma análise, sem poder completar-se com o desenvolvimento de questões colaterais, ao que tive de renunciar inexoravelmente.

Não obstante este contínuo esforço de condensação de pensamento, a vastidão do tema nos fará percorrer os campos mais diversos dos conhecimentos humanos, desde as concepções da ciência moderna à história comparada das religiões; desde o conteúdo espiritual destas e desde o pensamento dos grandes campeões da humanidade, até o estudo psicológico da introspecção, que nos levará às misteriosas profundidades do espírito. De maneira que mesmo quando se queira considerar este escrito somente sob ponto de vista cultural, não duvido que possa interessar às mentalidades maduras, convidando-as ao exame de argumentos, ultramodernos, interessantes e importantes, porquanto constituem o campo inexplorado ao redor do qual trabalham a filosofia, as religiões, a ciência e as artes: o campo dos futuros descobrimentos e das criações intelectuais e morais.

Este escrito, porém, não é tão-somente um ato de estudo e investigação; não é somente um

trabalho mental, senão também um trabalho de sentimento e de paixão. Nele reside sua maior importância. Não se trata da mentira literária de costume, com que freqüentemente um escritor prefere mascarar mais do que revelar seu próprio espírito. É coisa bem rara, especialmente hoje um ato de grande sinceridade.

Os conceitos que exporei, buscados ansiosamente durante vinte anos de estudo (pois que a vida não deve interessar tão-somente a solução dos problemas econômicos, senão também o intelectual e moral) foram captados e não extraídos dos trabalhos de outrem, no ambiente, nas correntes espirituais da humanidade passada e presente. Achei-os e reconheci-os — qual uma estranha recordação — nos arcanos insondáveis de meu espírito — São, para mim, a revelação de uma recôndita personalidade própria; diria, quase, de um oculto **eu** interior que vive e obra além dos limites da vida e da morte.

Estes conceitos se me manifestaram gradualmente como por uma interna revelação que, a cada choque da vida, a cada recôndita dor da experiência, se tornou mais clara. Assim foi aumentando, completando-se num organismo ideológico, solidificando-se sob o fogo das provas. Depois do largo aprendizado na escola da experiência, em contato com a realidade, invadiram minha psique racional e humana, e agora, depois da total assimilação, dominam-na conferindo-lhe — ante os mais graves e intrincados problemas do pensamento humano — a segurança que somente pode outorgar a visão direta. Não mais pois, vãs ideologias, porém, sim, a sabedoria expressa pela luta e pela dor; a experiência provada e concluída com objetividade, mesmo quando pessoal, controlada e direta; não mais uma abstração, senão — o que é mais interessante — um caso vivido.

O leitor se encontrará, portanto, diante da realidade de um drama, e senti-lo-á, se lograr ler profundamente, ultrapassando o sentido superficial, lógico e racional que precisei escolher para a demonstração e o desenvolvimento da tese. Um drama sobretudo, verdadeiro; um drama que, sem dúvida, existiu também em muitos espíritos, perdurando ainda em muitos outros, se bem que encoberto pelo silêncio. Um drama que talvez seja o maior que a humanidade conheça, porém que poucos o vivem intensamente e percebem com clareza. Um drama que deverá ser desenvolvido pela nova filosofia, pelas novas religiões, pela nova ciência, pela nova arte do futuro, e que poderá ser expresso por uma série de argumentações racionais com a magnificência do simbolismo e do rito, ou com a concatenação de fórmulas matemáticas e em expressão pictórica ou poética das sensações do subconsciente — aí onde está o futuro da alma e da arte — ou com a orquestração sinfônica, tal como foi concebida por Wagner.

Wagner vinculou estas concepções ao pensamento coletivo, demonstrando-me a universalidade das mesmas; concedeu-lhes uma importância que excede a minha contribuição pessoal.

Publico-as induzido por um misterioso, indefinível mandato interior, sob a atração das correntes psíquicas coletivas em via de rápida condensação, ou sob a sensação da maturidade dos tempos que invocam e reclamam intérpretes. Só o percebe a alma que se preparou no silêncio e na solidão, sozinha num mundo espiritualmente ausente e alucinado por outras miragens. Grandes tempestades íntimas, filhas do mistério, junto ao umbral do infinito, desenrolaram-se silenciosamente sob a forma exterior da indiferença, em meio de um mundo superficial e absolutamente incapaz de admiti-las e compreendê-las e que, sem embargo, representam um esforço enorme. Uma luta agônica na qual o homem se encontra sozinho frente a frente aos maiores mistérios!

Tudo isto, se reduz o indivíduo a uma vida aparentemente insignificante, pois o afasta de toda a afirmação exterior; se absorve suas melhores energias, privando-o das vitórias que os outros podem alcançar, termina, contudo, por acumular nele tanto caudal de força moral que um dia lhe criará uma vida nova, iluminada numa explosão de luz, como uma ressurreição.

Assim, esta monografia poderá interessar, também, como estudo de um caso psicológico e de um determinado tipo de personalidade humana.

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

1 - A Evolução Espiritual na Ciência e nas Religiões

Sintetizo alguns conceitos fundamentais a fim de enquadrar o argumento em minha concepção cosmogônica. Não é agora a oportunidade de entrar em explicações, nem muito menos em demonstrações, que nos poderiam levar muito longe.

Tudo quanto podemos perceber no Universo resume-se a três elementos fundamentais: **Matéria**, que é a sua estrutura esquelética, o Universo físico e o dinamismo mecânico que o sustém; **Vida**, um dinamismo mais complexo, concebida, porém, num sentido imensamente mais vasto, desde o mineral ao homem, existente também em outros corpos celestes; **Pensamento**, um dinamismo ainda mais elevado, representado pelo psiquismo humano, através dos nervos, cérebro e espírito.

É difícil separar um elemento do outro, pois a passagem se efetua por evolução, sem solução de continuidade. No fundo, trata-se de uma mesma substância, cuja maneira de existir é o transformismo evolutivo contínuo, e que, portanto, se nos manifesta sob forma distinta. Se a consideramos em uma primeira fase, que vai da nebulosa a origem da vida, concebemos-la como **matéria**; na segunda fase, que parte do início da vida ao nascimento do psiquismo humano, chamá-la-emos **vida**; no terceiro período, no qual este psiquismo se torna autônomo e cria um novo ser e uma nova vida, teremos o **pensamento**.

O Universo se nos manifesta, desta maneira, uno, ao mesmo tempo composto: três universos concêntricos que se compenetraram e se encontram intimamente ligados uns aos outros, pois se sustentam mutuamente para elevar-se um sobre o outro — a vida sobre a matéria, o espírito sobre a vida; encontram-se em relação de filiação ou gênese sucessiva, por evolução.

O Universo assim concebido pode definir-se como um **físio-dínamo-psiquismo**. Se indicarmos com **M**, matéria, com **V**, vida, com **P**, pensamento e com **S**, substância, poderemos explicar-nos também com esta equação:

$$(M=V=P)=S.$$

ou seja, para significar que estes três elementos, transformando-se por evolução um em outro, equivalem-se como formas sucessivas na mesma e única substância

Sem nos determos em convalidar este conceito com argumentações científicas, comparando-o com a idéia de "Trindade-Una" que se encontra em muitas religiões, interessa-nos agora destacar esta circunstância fundamental: que a forma de existência única, indestrutível é, e não pode ser outra, a de um incessante transformismo progressivo, quase uma irresistível necessidade inerente à natureza mesma.

Chegamos assim ao conceito de evolução: evolução da matéria, evolução da vida, evolução do espírito. Eis-nos aqui ante a evolução espiritual, que é o nosso tema.

Observemo-la agora mais de perto, relacionando-a com a evolução orgânica tal como foi exposta por Darwin, de que ia se falou bastante. O conceito, lançado por Darwin, da evolução da vida, foi, logo, ampliado, concebendo-se uma evolução (cós mica, geológica, química) da matéria. Não necessitamos voltar a estes conceitos, já aceitos pela ciência, os quais nos servirão de ponto de partida para proceder ao exame de uma nova evolução — a espiritual — ignorada em grande parte pela ciência, ou — quando menos — ainda não admitida oficialmente por esta.

O fenômeno da evolução espiritual somente se manifesta no último escalão do reino animal que, no conjunto, se encontra muito distante dela, observando-se unicamente no homem. Se o homem, como um microcosmo, reflete em si a construção do Universo e é **uno** em sua personalidade num organismo tríplice, composto de uma estrutura óssea (matéria), de um conjunto muscular (organismo, vida), e de um sistema nervoso-cerebral (organismo psíquico), três partes que se sustentam e se erguem uma sobre a outra, interessa-nos não tanto pelo que representa seu passado, mas porque, encontrando-se no alto da escala de evolução, deixou de construir-se como matéria e como vida, e na sua fase atual obra e cria no campo da evolução espiritual.

Com efeito, a evolução orgânica no nosso planeta superou o período de maior impulso e de novas criações, permanece estável, tal como, já anteriormente, se havia estabilizado a evolução geológica. Estabilizar-se significa equilibrar-se em formas definitivas ou quase, que não tendem a novas transformações radicais, por ter alcançado forma de maior rendimento. Assim como um dia se detiveram os grandes movimentos da massa terrestre e a crosta do planeta se solidificou em forma quase definitiva, cristalizando-se os organismos na individualidade alcançada, tal como hoje os vemos. A evolução orgânica, tendo cumprido seu enorme trabalho para chegar ao homem, deteve-se. Deteve-se? Porém, o transformismo ascensional é inerente à existência mesma. Os seres continuaram e continuam existindo. Existir significa progredir. Onde? Se não é possível que a evolução se detenha, qual a nova forma a assumir, especialmente para o homem, que se encontra no ponto mais elevado da escala?

Darwin demonstrou ao mundo científico a evolução orgânica do mundo animal até o homem. Com isso, ilustrou todo o passado, toda a história do organismo humano. Porém, depois?... Atingido o homem, Darwin calou-se, não se atrevendo a olhar o futuro, não sentindo e nem intuindo nada mais além da evolução orgânica já cumprida pelo homem.

Sem embargo, se existe um caminho ascensional já empreendido e que não pode deter-se, é lícito inquirir qual forma tenha de assumir a continuação deste caminho, este incoercível e progressivo transformismo ascensional que é a evolução; sobre que parte do organismo humano há de intensificar preferentemente sua ação evolutiva, esta grande elaboradora de formas que é a Vida?

A ciência moderna já considerou como insuficiente o sistema darwiniano de matar a vida para estudá-la, ou seja de examinar nos animais, anatomicamente, as partes de um organismo morto, não como cadáveres dissecados, porém como seres vivos e em função, com o propósito de observá-los sob outro ponto de vista, analisá-los mais profundamente, descobrir seus instintos, penetrar no mecanismo quase psíquico que os anima e os vivifica, intuindo que tudo isso constitui uma forma de vida muito mais importante do que a orgânica.

Se esta mudança de observação foi necessária para com os animais inferiores, que devemos inferir para com os homens que os supera a todos? Para o homem, o estudo anatômico dos órgãos poderá revelar-nos seu passado, mas não sua verdadeira natureza e o segredo do seu futuro. Sua natureza e seu futuro são um psiquismo cada vez em maior desenvolvimento e que tende a libertar-se cada vez mais de todo o suporte orgânico.

Se o sistema nervoso e cerebral é ainda seu órgão principal, este é levado pelas condições da vida moderna, tão distinta da primitiva, a funcionar com tal prevalência sobre todos os órgãos e

portanto a elaborar-se com tal rapidez que mui prontamente há de invadir todo o campo da vida. Resultará daí um psiquismo tão intenso e preponderante, que em breve dominará todo o ser, revestindo e definindo toda a sua individualidade, constituindo-lhe uma forma de existência nova, refazendo-o e transformando-o em um ser diferente. Tal como se fosse uma nova potência espiritual que exista e evolucione, separada independentemente de seu último sustentáculo material, o sistema nervoso e cerebral. Este psiquismo, pois, se por um lado terá como base um sistema que é, por sua vez, o produto mais, alto de toda a anterior evolução orgânica, tenderá, por outro, a separar-se cada vez mais do mesmo, iniciando uma nova evolução autônoma e típica: a evolução espiritual.

Se queremos, pois, buscar no futuro a continuação da evolução orgânica cumprida no passado, se queremos definir a forma da futura evolução humana, devemos dizer que esta, logicamente, não poderá ser senão psíquica: evolução espiritual, continuação lógica da evolução orgânica.

A vida do homem moderno já não tende mais, através da luta e da experiência, a construir órgãos físicos. Com a sensibilidade nervosa e psíquica, assimilará novas idéias que, depois, serão inatas, novos hábitos que hão de transformar-se em atitudes morais, elaborando este novo organismo psíquico humano, que é a personalidade. Será ainda possível, sem dúvida, uma transformação orgânica, não mais, porém, como fenômeno principal que somente intente algum primeiro esboço de psiquismo, senão como fenômeno subordinado, com efeito de caráter secundário dependente da evolução psíquica e que o há de guiar como dona, considerando-o como meio para seus fins.

Deste modo, o homem atende, vivendo, a construção de sua alma, ou seja, de uma alma sempre mais complexa e potente; e em tal sentido a alma pode dizer-se um produto da vida. Um organismo novo tende a adquirir uma autonomia cada vez maior, que se cria continuamente e cada dia aumenta, enriquecendo-se com todas as experiências pelas quais atravessa. Certamente, é o mais alto produto da vida, o que representa o futuro da raça humana.

Temos chegado, assim, ao conceito da evolução espiritual, e o temos delineado. Observemo-lo ainda mais de perto em suas características.

Pouco ou nada se tem falado no passado com referência á evolução espiritual, porque o homem ignorou e nunca, anteriormente, viveu coletivamente em vasta escala este fenômeno. O passado não registra movimentos espirituais de massa que possam ser comparados com os atuais; não conheceu senão casos esporádicos de seres intelectual e moralmente adiantados, pioneiros do futuro que viveram isolados, e apenas muito tarde, e incompletamente, foram compreendidos. Somente os tempos presentes conhecem o despertar em massa da alma humana, e isto é justamente sua característica principal. Por isso a evolução espiritual pode considerar-se como fenômeno eminentemente moderno e, indubitavelmente, o fenômeno do futuro.

Tenho a mais viva sensação de que a humanidade está hoje ensaiando os primeiros esboços de novas formas do ser; formas de personalidade que serão as individualidades espirituais do futuro. E que se voltou com ardor e firmeza à elaboração de organismos novos de uma constituição totalmente distinta, obediente à mesma lei que forçou a natureza a ir buscar, através de repetidos ensaios, nos albos da vida, as primeiras formas orgânicas, hoje desaparecidas, reveladas pela Paleontologia Pelicossauros (Permiano), Pterossauros (Jurássico, Cretáceo), Plesiosauros, Ictiosauros, Dinossauros, os mais gigantescos, entre eles o famoso **Brontossaurus**.

Eram formas estranhas, mastodônticas, incompletas, destinadas a desaparecer logo através da luta pela seleção, estabilizando-se outras formas em novos equilíbrios. Presentemente, tenho a sensação de uma igual efervescência de luta, de um mesmo fervor de criação, de uma mesma rapidez na aparição e na desaparecimento das formas intentadas: monstruosidades grotescas, organismos espirituais anormais, almas estranhas, rapidamente eliminadas pela seleção.

Sem dúvida, a evolução humana passa hoje por um período crítico. A evolução (em sua primeira forma de evolução da matéria, seja cósmica — na história do sistema solar, seja geológica — na história do planeta, seja evolução das espécies químicas, — na estequiogênese) completou-se: vale dizer que alcançou seus graus máximos. A evolução orgânica ato fundamental na história da vida sobre nosso planeta — também se completou, ou quase, e deteve-se. Em sua forma espiritual, a evolução inicia hoje um novo caminho com a criação de novas espécies psíquicas, ou seja individualizadas e distintas pelas características morfológicas de natureza prevalentemente psíquica. Este representa o fato fundamental na história da humanidade.

Classificá-lo-emos — num sentido mui lato — um fenômeno biológico, porquanto a evolução espiritual, não sendo senão a continuação da orgânica, é sempre vida, se bem que em forma diferente. Este fenômeno aguarda hoje um homem de ciência e de fé que o divulgue e o demonstre, assim como fizera Darwin com a evolução orgânica; aguarda o apóstolo que o defenda, e o gênio que o revele, não já com os métodos da intuição, patrimônio de alguns eleitos, senão com métodos racionais da ciência moderna, acessíveis a todos.

É indubitável que a alma humana, que começou a despertar-se, depois de um sono de quase vinte séculos, apenas consolidadas hoje as suas primeiras conquistas das grandes unidades nacionais, posta em contato com uma nova realidade criada pelos assombrosos descobrimentos da ciência moderna, está a ponto de afirmar-se definitivamente como organismo autônomo. Esta, que podemos chamar a gênese do psiquismo, representa um acontecimento novo na história do nosso planeta e da vida; um fato que recorda, em sua grandiosidade, o primeiro condensamento da matéria nas formas planetárias e o aparecimento das primeiras individualidades orgânicas da vida.

Trata-se de uma grande revolução da ordem, daquelas que explodem na natureza quando um fenômeno alcançou sua madureza, depois de um lento período de incubação silenciosa. Trata-se de uma revolução biológica, ou seja, da criação, por evolução, de um novo ser, de uma superelevação da vida, da formação em massa de seres mais evoluídos, até constituir uma nova super-humanidade do futuro.

O homem não foi no passado — espiritualmente falando — senão uma criança em sua grande maioria, e demonstra-o o fato de que a humanidade, até agora, nunca encarou a solução dos grandes problemas do conhecimento de forma racional, porém, acreditou no que os grandes, isolados e mais adiantados, haviam visto por si sós e revelado. Somente hoje a alma humana ousou caminhar sozinha, coordenando os esforços de todos, com métodos externos acessíveis a todos, e não revelados nos arcanos misteriosos dos templos: em uma palavra, elevando-se em massa para uma vida autônoma e constituindo-se em coletividade consciente e independente.

Estas últimas observações nos revelam um novo aspecto da evolução espiritual. Depois de tê-la estudado como evolução de órgãos e capacidades psíquicas, apercebo-me que a posso considerar também sob um ponto de vista distinto ou seja como a evolução de pensamentos e ideais. Tratando-se de um fenômeno sumamente interessante, e sobretudo de igual maturação, iminente no atual momento histórico, é mister não descuidá-lo para chegar ao fundo da questão.

Suspendamos, pois, por um momento — voltaremos a este tópico, mais adiante, na segunda parte (Métodos de Realização) — o estudo da evolução espiritual, considerada como superação biológica e gênese do psiquismo, e observemo-la sob outro ponto de vista, ou seja como desenvolvimento do pensamento coletivo da humanidade.

Chegamos assim às portas de uma nova ordem de conceitos que nos transferirá para um campo totalmente diverso: o estudo comparado das religiões. Com efeito, o pensamento coletivo do passado está contido, em grande parte, nas religiões. Para traçar a evolução espiritual, sob seu aspecto de "evolução de pensamento", é mister seguir a evolução das religiões. Encontraremos

relações tais entre estas, concatenadas quanto ao mesmo fim no seu desenvolvimento que nos será dado ver e reconstruir a evolução de um conceito único e constante, que permanece fundamentalmente idêntico, ainda quando cresce e se aperfeiçoa continuamente até alcançar, nos tempos modernos, uma madureza de grandes proporções.

Poderemos, desta maneira, observar os antecedentes históricos que prepararam a atual maturidade espiritual, até o triunfo da ciência de nossos dias. Se ligamos este estudo a outro anterior e paralelo, o conceito de evolução espiritual, esclarecidos sob seus distintos e vários aspectos, parecer-nos-á mais completo e porá termo à primeira parte. Na segunda, voltaremos ao ponto de vista anterior, para desenvolvê-lo ainda mais e tratá-lo mais miudamente: falaremos assim dos métodos para realizar e acelerar este novíssimo fenômeno da época moderna que é a transformação do homem em super-homem, e a passagem para uma ordem de vida e de leis superiores.

A importância das religiões, como expoentes do pensamento coletivo, não pode ser posta em dúvida. As religiões são as grandes filosofias coletivas, as únicas nas quais tomaram parte as massas humanas, e se dão as mãos e se unem como se fossem a ciência progressiva da humanidade. O pensamento delas se enriquece, adquirindo potência e profundidade, à medida que, com a evolução, aumentam a capacidade e o poder da alma humana. Intuições progressivas da verdade em forma sempre mais vasta e completa, relações de homens com o divino por obra de alguns eleitos e clarividentes, foram comunicadas, reveladas a uma humanidade que compreendeu e pôs em prática o que pôde, e que, absolutamente ignorava em relação às concepções supranormais do subconsciente, aceitou-as na forma psicologicamente passiva da fé cega, a única possível, dado o nível espiritual da coletividade.

Sigamos, através da história das religiões, o desenvolvimento deste conceito único e fundamental, e encontraremos uma religião muito mais vasta, única e universal, e seguiremos sua evolução, que é a evolução do pensamento humano. Religião que vai desde o Vedantismo ao Bramanismo, a Buda, se difunde pelo Egito, chega ao Mosaísmo, para dilatar-se no Cristianismo até à ciência moderna. Avança em vagalhões, como um oceano em tempestade, agitado e impelido pelo sopro do Eterno. Sobre esta crista espumosa das ondas relampejam pensadores, mártires, profetas de todos os tempos e de todos os povos. Cada uma de suas formas é um esforço do pensamento humano para evoluir; é uma aproximação maior da verdade; é uma tentativa da alma humana para erigir-se em tipo de espiritualidade cada vez mais perfeita. Não é possível, neste escrito, seguir detalhadamente a história de todas as religiões da humanidade, será mister fazê-lo sinteticamente, limitando-nos às principais.

A evolução espiritual da humanidade pode dividir-se em três grandes etapas: o Budismo, o Cristianismo e a ciência moderna.

Na antiquíssima Índia, o Bramanismo, filho da sabedoria védica, havia realizado — ainda quando pelo sistema de iniciação secreta — a ciência do espírito, a que seguia com métodos de meditação e de disciplina ascética, chamados Ioga. Nas profundidades do mundo interior descobrira alguns grandes conceitos, com os quais havia resolvido os mais vastos problemas do conhecimento. Tudo isto, porém, em uma humanidade ignorante, havia quedado necessariamente como privilégio de uma casta e segredo de poucos iniciados. Somente com Buda — última flor do gênio hindu, surgido quando a civilização bramânica, esmagada sob o peso de seu passado, começava a cansar-se e a declinar — realizou-se publicamente o que o Bramanismo havia realizado em segredo, e lançou ao mundo — fazendo-a pela primeira vez patrimônio de todos — a mais profunda filosofia da vida. Foi este o primeiro passo.

O Budismo divulgou dois grandes conceitos: tão grandes que ainda hoje não se extinguiu o seu eco na moderna Europa. Estes conceitos são: **reencarnação e carma**: **Reencarnação** significa uma série de vidas humanas sucessivas para a mesma personalidade espiritual. **Carma** significa encadeamento, sucessão lógica dessas vidas, seu desenvolvimento no

tempo de acordo com uma lei de causalidade que, com perfeita justiça, cria o destino individual. Foi assim, através do Budismo, que esta grande idéia da evolução espiritual começou a formar-se na consciência coletiva.

Afirmada a existência desta evolução com os conceitos de **reencarnação e carma**, o Budismo começou a realizá-la seja com a renúncia, como meio de libertação e ascensão, seja com os métodos de introspecção e análise por intuição. Conduzindo a novas formas de visão psíquica e percepção espiritual, revelando e aperfeiçoando os misteriosos poderes do espírito — que ainda hoje permanecem vivos e vitais, em um mundo tão diferente — volvem a influir até entre os pregadores do materialismo científico, causando perplexidade ao homem moderno, acostumado a perceber tão-somente com os sentidos e a investigar, exclusivamente, com a observação e a experimentação.

O Cristianismo dá um passo ainda mais gigantesco. Se o Budismo viu, na evolução espiritual, a fase da destruição da animalidade (supressão do desejo, renúncia), o Cristianismo observou a sua fase sucessiva, a reconstrução do super-homem; se Buda disse: "a evolução espiritual existe (reencarnação, carma); buscai-a em vós mesmos" (introspecção), somente Cristo traçou no campo desta evolução a realização completa de nosso progresso. Porém, a distância que separa o Cristianismo do Budismo se evidencia toda no problema da dor. As religiões, realizando a evolução, não são mais do que formas de luta contra esta grande inimiga, já que a missão da evolução é suprimi-la, embora ela signifique instrumento de felicidade, progresso e até bem-estar.

No fundo, Buda e Cristo partiram da observação desta lei atroz e própria da animalidade, da qual não está isento o homem, e que foi definida por Darwin "a luta pela seleção do mais forte"; luta que não conhece piedade, necessidade inevitável no nível das formas inferiores de vida, e que engendra, como mal irreparável, a dor. Buda, movido por uma imensa piedade, foi o primeiro que expôs o problema de sua supressão e buscou um sistema que cortaria o mal pela raiz, no afogamento do desejo na aniquilação a vida. Por último, numa renúncia completa que culmina no Nirvana, na paz absoluta da libertação. Uma fuga da vida, para libertar-se dos males que lhe são próprios; uma negação global das dores e prazeres, no estacionamento sublime da imobilidade.

Assim a luta, que é a causa da dor, é atacada no desejo, sua primeira raiz posta no coração do homem. Sem dúvida, com ele o problema da dor é enfrentado com toda a energia.

O Cristianismo, mesmo quando segue e completa o mesmo conceito, chega muito mais longe: o problema é exposto e resolvido em forma distinta e mais radical. Se o Budismo, para destruir a causa da dor, se conforma — mediante a supressão do desejo — com o aniquilar a natureza inferior no homem, o Cristianismo — conduzindo-o de todo a outro nível biológico — fá-lo ressurgir em um mundo novo onde a lei atroz da luta pela seleção do mais forte — lei bestial da injustiça e da força — é superada, e com esta a dor acaba definitivamente vencida. Se o Budismo se limita a explicá-la, e justificá-la, chegando, através da introspecção, aos conceitos de **reencarnação e carma**, e ensina, pela renúncia, o modo de evitá-la, o Cristianismo, dizendo **paixão, redenção e ressurreição**, ensina a utilizá-la e amá-la como um precioso instrumento que serve de alavanca para evoluir e edificar-se em uma vida mais elevada.

No Cristianismo, a dor já não é a ameaça e o terror do homem, o inimigo contra o qual se luta; até que seja — por assim dizer — domesticada e se converta em força amiga e útil para realizar a evolução espiritual, ou uma aproximação cada vez maior da felicidade. Ao inimigo do homem não se pode vibrar golpe mais rude.

A transformação da dor, de instrumento de pena em um meio de felicidade, não só é concepção nova na história do pensamento humano, senão também uma estrepitosa vitória, a maior revolução moral que jamais haja existido. Tudo isto não é senão a **boa nova** predicada por Cristo. Nesta valorização da dor reside o significado do Cristianismo: este é a apoteose da dor e baseia-se

sobre a vida do Cristo, que foi o poema da paixão. Buda não teve paixão: ele adormeceu tranqüilamente no Nirvana. Eis aqui o profundo significado do drama da cruz: elevação, até os mais altos graus dos valores humanos, de tudo o que havia de mais abominável — a dor; cruz que se converte em símbolo de uma religião, santificando o que o homem havia temido e odiado.

Vencer a dor, abraçando-a e amando-a, e ao mesmo tempo utilizá-la como o mais ativo fator de evolução, como um meio sempre ao alcance da mão para fazer do homem um ser novo que vive uma vida mais elevada, mais santa, mais feliz: este é o significado da redenção e da ressurreição cristã. O Budismo, embora o largo caminho já percorrido, não pudera de nenhum modo chegar a uma tão profunda interpretação da vida: movera todas as forças da inteligência, porém somente o Cristianismo movimentou todas as forças do coração. Somente o Cristo ressurge. O Cristianismo é uma elevação imensa e cálida para a vida, entendida em uma forma mais digna. As paixões humanas não são destruídas senão em sua forma inferior, e subsistem e se levantam para um nível mais alto; o paraíso cristão não é somente o descanso que deriva da negação da dor e do mal, mas é uma nova forma de vida da qual o homem se expande depois de sua reconstrução espiritual, que é a sua ressurreição e sua redenção.

Não devemos, por isso, conceber um antagonismo entre Budismo e Cristianismo. Haverá, no máximo, contradição nas formas e exteriormente, porém na realidade não se trata de uma verdade colocada à frente de um erro. Nenhuma religião constitui um erro, se ocupa o seu lugar. O Cristianismo é, simplesmente, mais evoluído e mais completo do que o Budismo, é sua continuação lógica, a evolução de um mesmo conceito que, uma vez iniciado avança consegue uma perfeição maior. Relação entre o menos, que prepara o mais, e o mais que pressupõe o menos; uma complementação recíproca de elementos, indispensável para formar uma religião completa; um Cristianismo explicado pelo Budismo naquelas partes (reencarnação e carma) que o Cristianismo esqueceu em seu caminho; um Budismo completado pelo Cristianismo (redenção através da dor). Duas concepções não contrárias entre si, pois a maior compreende a menor em seu seio; dois métodos, sendo o segundo mais completo do que o primeiro; duas filosofias progressivas que marcam duas etapas no caminho da evolução espiritual da humanidade; dois graus na mesma escala do progresso humano; duas revelações aparecidas em distintos momentos históricos nos quais a humanidade se encontrava em diferentes graus de madureza; dois ideais de diferente potencialidade que se subseguem no mesmo caminho.

Deixei de mencionar, por brevidade, as outras religiões do passado, que podem vincular-se a estes dois troncos principais, como ramos laterais de uma mesma árvore: seja a egípcia, que possui muita afinidade, em suas concepções da vida, com a antiga civilização da Índia. A religião de Israel não é senão a preparação do terreno em que devia nascer o Cristianismo. Estas religiões se auxiliaram e se sustentaram mutuamente, confiando-se a custódia dos grandes conceitos que se deviam conservar, maturar e assimilar, transmitindo-os para que fossem aperfeiçoados ainda mais, uma vez cumprida sua própria função histórica. Assim, profetas e povos foram elaborando, pouco a pouco — como a construção de um grande edifício — a trama de uma religião mais vasta, que se levanta sobre os alicerces de uma verdade única, que se mantiveram constantes através das formas mais diferentes dos tempos e lugares, manifestando-se cada vez mais luminosamente.

Não falo da antiga Grécia fenômeno espiritual mais complexo, que, se por um lado contém e transmite os germes conceptuais do Oriente ao Ocidente, por outro pode ser considerado — na perfeita realização conseguida do divino no humano, na mais harmônica fusão alcançada entre o espírito e a matéria — como um descenso daquele nesta e uma pausa no caminho da evolução espiritual. Especialmente se vinculamos o Helenismo à antiga Roma (que careceu de conceitos espirituais, pois não podia possuí-los o ideal do domínio material do mundo conseguido pelo sistema da organização da força) encontraremos nele a elaboração de um conceito distinto: aquele ao qual, mais tarde, devia nascer o materialismo utilitarista moderno. Trata-se de um materialismo primeiramente helênico, depois romano, e em seguida moderno: uma concepção pagã da vida que difere das concepções religiosas do ciclo examinado na evolução espiritual, porquanto não se

propõe — como aquelas — realizar a felicidade no mundo interno, não desenvolvendo, mas dominando o mundo e a natureza com a inteligência e a força. Estes são os dois extremos do pensamento humano: espírito e matéria, paganismo e Cristianismo. Ocidente e Oriente — o Oriente permanece indiferente ante o mundo exterior, esquivando-se ao seu contato para dedicar exclusivamente no aperfeiçoamento da personalidade humana, e o Ocidente que triunfa hoje na moderna civilização européia-americana, segue o ideal oposto. As duas concepções, no Oriente e no Ocidente, também hoje se encontram frente a frente: o alcance da felicidade, através da evolução do mundo exterior, apegando-se cada vez mais a este. Em outros termos, dois métodos — renúncia e conquista, dor e trabalho; dois adversários que se excluem, destinados, porém, quem sabe, a unir-se e a colaborar. Levar-nos-ia muito longe, porém, a explicação das complexas funções destas forças colaterais que atuam nestas civilizações de tipo distinto. Não nos cabe falar das ramificações mais recentes que se diferenciam do Cristianismo tão-somente em pormenores; volvamos, pois, ao argumento interrompido.

O Cristianismo não se detém no caminho da evolução espiritual. A idéia de Cristo sobre a redenção do homem apenas se lançou na história do mundo. Em dois mil anos a humanidade assimilou somente uma pequena parte, permanecendo pagã e politeísta como antes. Fixaram-se apenas, — e nem sempre em forma estável — alguns conceitos nas instituições que hoje constituem o patrimônio da civilização moderna, que é a civilização cristã. Estamos ainda longe da realização completa da idéia de Cristo, aquela que os Evangelhos chamam a **“vinda do Reino dos Céus”**. Para realizá-la, importaria que a moral de Cristo saturasse totalmente as instituições, que se formasse uma humanidade organizada sobre bases distintas e radicalmente diferente sobretudo nos instintos, nas normas de vida, na fé dos indivíduos. A evolução espiritual tem, pois, largo caminho a percorrer..

Entretanto, um fato novo surgiu neste último século: a ciência. A ciência representa, depois do Budismo e do Cristianismo, um novo grande passo a frente no caminho da evolução espiritual. A ciência moderna, se bem que tenha começado excedendo-se, no afã de concluir, arrastada pelo entusiasmo de seu primeiro aparecimento e também por uma natural reação corretiva do abuso que as religiões praticaram; se bem, apenas nascida, fundira-se no materialismo, infectando o mundo de utilitarismo, fazendo retrogradar o homem àquela animalidade na qual somente o havia estudado, e produzindo — como última repercussão — desastres coletivos dos quais a Europa ainda demorar-se-á para se refazer, apesar de tudo — dizia — a ciência moderna constitui um acontecimento novo na história da alma humana. Se a necessidade de se afirmar levou-a a exagerar desde o princípio, e engendrou a atual civilização utilitária, necessariamente truncada e unilateral, entretanto este esforço de pensar por si, com que a humanidade demonstra ter ultrapassado para sempre a idade menor da fé na revelação, é maravilhoso. Até então a verdade — como já disse antes — era oferecida, já plasmada, pelos grandes solitários, os quais, tendo-a intuído com meios próprios e excepcionais, comunicavam-na em seguida a uma humanidade que, sendo incapaz de encontrá-la por suas próprias forças, aceitava-a passivamente. A humanidade, hoje; rechaça esta forma primitiva de conhecimento, ousando olhar de frente, unicamente com suas próprias forças, o mistério. É uma humanidade em marcha para a sua idade adulta e que deseja olhar o mundo com seus próprios olhos. Eis o grande passo para a frente que a humanidade realiza hoje no caminho da evolução espiritual: progresso, porquanto, todos são admitidos na investigação e colaboram na mesma com métodos novos: a observação e a experimentação. Todos aqueles que desejam e sabem, podem conduzir o seu grão de areia na construção do grande edifício da verdade, e os resultados são acessíveis a todos, através das formas de vulgarização do saber e a democratização dos conhecimentos anteriormente ignorados.

Isto há de conduzir a humanidade para a sua madureza intelectual, a fim de seguir, sem antagonismo, o caminho empreendido pelo Budismo e pelo Cristianismo. Sem antagonismo e, se os teve e todavia os possui, são transitórios e relativos. O objetivo fundamental da verdadeira ciência é o mesmo que o das religiões: a busca da verdade; e à força de a buscar, esta ciência terá de chegar necessariamente onde nunca tivera suspeitado chegar: a demonstração da idéia de Cristo. É natural

que se encontrem na meta, que é a mesma, porquanto são somente distintas as rotas seguidas para alcançá-las: por uma parte a revelação, por outra a observação. A verdade, que é una, não pode variar pelo fato de ser alcançada por vias diferentes. Esta é, justamente, a função histórica da ciência moderna, e não mais a utilitária, que apenas possui como fim a realização de uma felicidade material. Este é seu significado como nova etapa na estrada da evolução espiritual do homem: a demonstração das verdades, até então somente conhecidas por revelação, contidas nas religiões.

Estas perderão seu aspecto misterioso e inacessível que tanto fatiga a mentalidade moderna. Preencherão suas lacunas, desaparecerão seus antagonismos exteriores e aparentes e suas discrepâncias com várias filosofias. Adquirirão, com a demonstração científica, a evidência, a tangibilidade que hoje atormentam e as imporão — por assim dizê-lo — a todo ser racional. Assim, a ciência moderna, seguindo a estrada e completando a obra do Budismo e do Cristianismo, assinalará a chegada do **Reino dos Céus**, ou melhor, oferecer-nos-á o super-homem espiritualizado do futuro e realizará uma fase ainda mais avançada da evolução espiritual.

Resumindo: o mérito de haver primeiramente afirmado a existência da evolução espiritual corresponde ao Budismo; ao Cristianismo o de haver ensinado os meios para realizá-la. Corresponderá à Ciência o de demonstrá-la, divulgá-la e, em seguida, realizá-la.

Observamos, realmente, em nosso mundo civil, um fato sintomático de primordial importância para a história da evolução espiritual. Na Europa moderna, cadinho das idéias do mundo, em um período febril que quase raia ao neurótico, em um momento espiritualmente crítico como o atual, no qual parecem agitar-se as grandes idéias da História e das correntes espirituais da humanidade, nesta Europa — dizia encontramos reunidas as três grandes formas do pensamento humano: o Budismo, o Cristianismo, a Ciência. O Budismo antigo, ressurgido no moderno movimento teosófico, representa a idéia de reencarnação e carma, o conhecimento de métodos para encontrar uma consciência interior através das escolas do pensamento, e uma primeira forma de purificação espiritual por intermédio da renúncia. Estes conceitos profundos da antiga sabedoria hindu são necessários para explicar e completar a filosofia cristã que, com o correr dos séculos, os ia perdendo. A teosofia neobudista está, desta maneira, confiada uma grande missão na reconstrução espiritual da Europa moderna. O Cristianismo, nas formas de Catolicismo, Protestantismo e outras afins, representa a idéia da função criadora da dor no mundo espiritual, o conhecimento dos métodos de evolução das paixões e dos instintos, métodos tendentes a realizar a transformação biológica do homem no super-homem, isto é, o aparecimento do novo homem espiritual: missão de reconstruir a humanidade, reconstruindo o indivíduo. A ciência, em suas infinitas ramificações, representa a função da demonstração racional das verdades reveladas, e, com isto, a obra de divulgar as idéias contidas nas religiões e de realizar na vida os postulados das mesmas: fecundação das idéias dos grandes solitários mediante o esforço da série infinita dos indivíduos, missão de realizar a evolução espiritual.

Se, porém, cada uma destas três grandes forças espirituais representa uma idéia, uma tarefa, um trabalho próprio, as três juntas tendem a um fim muito maior que é o de conseguir a fusão de todas as concepções em uma concepção única e mais ampla, fusão que será a unificação espiritual de religiões, filosofias e ciência, síntese de todo pensamento humano, nova religião do futuro, na qual todas as sucessivas e diversas aproximações da verdade, conquistada paulatinamente pelo homem, encontrarão seu lugar, completando-se e fundindo-se numa só verdade universal.

Temos notado, através do desenvolvimento da idéia religiosa da humanidade, a presença de um pensamento constante, mesmo quando se vai transformando no tempo, em um conceito único e universal, se bem que plasmado diferentemente pelos distintos temperamentos dos povos. Existe, pois, apesar das distâncias de tempo e espaço — uma concordância de princípios fundamentais, uma relação de partes, um aumento contínuo e do mesmo núcleo primitivo que não deixam lugar a nenhuma dúvida.

Não devemos alar-mar-nos pelas aparências, isto é, se aparentemente estas três grandes forças espirituais se encontrem em conflito, se tendem a excluir-se, se estão continuamente em luta. Lutam pela necessidade mais urgente, que é a de afirmar-se a si mesmas, se bem que separadamente, ou seja, de defender antes de tudo a sua própria existência. Sentindo-se cada uma delas um elemento vital, indispensável ao futuro do pensamento humano, defendem-se desesperadamente, como se tivessem o terrível pressentimento de que seu próprio fim poderá prejudicar a reorganização futura dos mais altos destinos do espírito humano. Este instinto de conservação individual é natural e providencial. Todavia, no fundo, se as três forças se chocam entre si, é também para que se conheçam melhor, é porque, na realidade, buscam-se para tocar-se, para sentir-se, para encontrar um encaixe que lhes permita, algum dia, a fusão. Se a preocupação pela própria integridade e conservação é, como no indivíduo, a mais pertinaz, não é menos viva, se bem que menos visível, a de poder achar um meio de uma fusão futura. Estes três princípios, o Budismo, o Cristianismo e a Ciência, acabarão por fundir-se na Europa moderna, transbordante de idéias, que continua sendo o cérebro do mundo, se bem que esteja bastante cansada pelo muito que lutou e viveu.

Nesta Europa ultramadura, a civilização fartamente avançada, para que não deva iniciar sua regressão, antes de extinguir-se, deseja brindar ao mundo a maior criação do pensamento humano: a religião sintética do futuro. Outros povos do Ocidente americano, mais jovens e mais aptos para a luta, herdarão — como já vêm herdando toda a nossa civilização — a nova grande fé, e viverão para levá-la mais adiante. Todavia, mesmo que a Europa tivesse vivido tão-somente para realizar esta criação, não teria vivido inutilmente.

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

II - Os Caminhos da Libertação

Delineamos, na primeira parte deste estudo, a existência de uma evolução espiritual, que se manifesta especialmente no atual momento histórico, como resultado de dois fenômenos; a madureza psíquica do organismo humano que conduz à superação da animalidade, a transformação biológica do homem em super-homem; a maturidade do pensamento coletivo da humanidade, que ascende, através da evolução das religiões, para uma consciência universal.

Duas madurezas: madureza de órgãos psíquicos, que determina a capacidade de concepções, e madureza de produtos conceptuais do pensamento coletivo. Duas madurezas que se pressupõem reciprocamente, se ajustam e se sustentam mutuamente para levantar a humanidade ao plano da linha de evolução espiritual, conduzindo-a a um estado de consciência nova e mais elevada. Na terceira e última parte deste escrito veremos qual é esta consciência. Antes de chegar a este ponto, observemos, nesta segunda parte, quais são os caminhos que conduzem à realização da evolução espiritual.

Denominei-os, **ex-professo**⁴, “caminho da libertação”, para indicar de quantas qualidades humanas e subumanas devemos — como almas em expiação libertar-nos antes de alcançarmos o reino do super-homem. Grandiosa ascensão humana que, partindo do inferno da animalidade (o mundo da besta), atravessa o purgatório da dor que redime (o mundo humano), para chegar ao paraíso da realização do divino (o mundo super-humano). A lembrança da trilogia dantesca e da fé — que não pertence somente ao Poeta, mas a toda a Idade Média e à maior religião do Ocidente —

⁴ Como quem conhece a fundo a matéria ou assunto; magistralmente.

na ascensão espiritual — nos fará uma boa companhia neste estudo que pretende ser uma demonstração racional do espiritualismo. Demonstração daquela mesma fé, porém de acordo com os conceitos da ciência e da psicologia modernas; uma solidificação dos fundamentos desta eterna e imprecisa aspiração da alma para o Alto, batendo-a sobre a bigorna da observação objetiva; elevação, ao mesmo tempo, do materialismo para o espiritualismo, continuando e completando o primeiro, justificando racionalmente o segundo. Não mais ecletismo, mas fusão entre estes dois extremos do pensamento humano, inconciliáveis tão-somente na aparência e transitoriamente; e, mais do que fusão, fecundação, já que de sua união nasce uma criatura nova, um espiritualismo científico, que é a verdade mais completa do futuro. Não sendo materialismo e nem espiritualismo, os partidários de ambas as escolas ficarão insatisfeitos, porém não importa. Entretanto, projeta-se uma luz nova sobre os eternos problemas, agrega-se algo às filosofias do passado. Uma fé viva, que não está fossilizada nas mentiras convencionais a que hoje ficaram reduzidas as mais altas idealidades, uma fé mais próxima da nova psicologia dos tempos, exerce forte pressão, e aquele que — como eu — possui uma fé, é mister que dê o testemunho da mesma.

Volvamos aos conceitos com que iniciamos este estudo, e que deixamos no meio da primeira parte para estudar a evolução das religiões. A minha insistência sobre esta ordem de idéias poderia fazer-me taxar de materialista. Fi-lo assim deliberadamente, entretanto, porque o julguei necessário para lançar bases mais sólidas ao edifício do espírito, e, daí, libertar-me num impetuoso vôo para as mais altas ascensões humanas.

Delinearei, desta maneira, novos aspectos da evolução espiritual.

Existe na Terra sem ir buscá-lo em outras partes — um inferno constituído pelo mundo animal e subumano no qual tomam parte a besta, o homem de raça inferior e amiúde também o chamado civilizado. Este mundo possui a sua lei e os instintos ferozes destes seres são os artigos escritos nas formas de vida daquela lei. Aí reina, como valor supremo, a força. Cada ser é uma arma, um assalto contínuo, ameaça incessante para todos os demais seres. Cada vida não pode aí existir se não se impõe a todas as demais pela força, como uma extorsão. O indivíduo, para afirmar-se, deve semear a destruição ao seu redor. Para viver, deve matar. Resulta disso um estado de agressividade e violência, de incerteza e de luta sem descanso. a fase involuída na história da vida, na qual as distintas formas, todavia, não se organizaram em simbiose, e lançam-se desordenadamente à conquista do predomínio. Se o homem mesmo, desde há muito tempo, empreendeu esta luta, vencendo-a, como vencedor, corresponde-lhe organizar em nosso planeta uma forma de vida diferente, sobre a base de coordenação e não de agressão. Contudo, é muito recente a recordação e ainda muito fortes os baixos instintos, de modo que ele vive, geralmente, naquele mundo selvagem que desejaria apagar. Submerso em seu próprio egoísmo, não enxerga mais além do que o espaço que ocupa e sua miopia psíquica o faz crer possível a separação do bem-estar próprio do bem-estar coletivo. Tão-somente o interesse desperte seu desejo, dispõe-se à ação; a miragem do lucro o impulsiona, lançando-o à conquista. Deste modo ele projeta, ensaia, exercita e tempera suas forças, progredindo, se vence, e sucumbindo, se perde. E o sistema da seleção que premia o mais forte, graduando a recompensa em proporção à força. Existe uma justiça também nos mundos inferiores e, mesmo quando seja por meios ferozes, dignos por certo de quem os escolhe — também os ínfimos podem realizar um progresso.

Há, pois, uma lei, e nesta lei uma série de princípios: da involução deriva a ignorância, desta o egoísmo; do egoísmo, o sistema da força; desta a seleção e o progresso de um lado, e o mal e a dor, do outro.

Este mundo de leis naturais não conhece a justiça, que é conceito novo de um mundo mais elevado. A força, defronte à lei moral, é violação e injustiça. Entretanto, esta injustiça que parece não possuir limites porquanto a força pode tudo e tudo poderia destruir e usurpar, impondo-se desmedidamente — tem um freio em sua mesma lei: a força que se desencadeia dos egoísmos limítrofes, uma tentativa de equilíbrio, um rudimento de justiça que — mesmo tomando por unidade

de medida a injustiça da força — garante a cada ser o que lhe corresponde, e através do equilíbrio de tantas injustiças, consegue uma espécie de justiça primitiva, o máximo que é possível conceber naquele nível de vida.

Poderá parecer difícil o perguntar-se como num mundo — no qual o devorar-se reciprocamente é uma necessidade primordialmente orgânica, e os vários graus de evolução uma necessidade lógica — como conseguiu — dizíamos — nascer e afirmar-se o conceito de altruísmo, bondade e justiça, tão prejudicial para o **eu**, tão antivital, porquanto se estriba no abandono de todas as ofensas e defesas. Um conceito de vida que revoluciona todos valores anteriores, e que significa uma negação tão completa de tudo quanto pode ardentemente apetecer a natureza. O que este conceito representa na economia da vida até pareceria absurdo.

Há um meio-termo — o reinado do Direito — onde se acha a verdade. Em seu nome, alguns homens se atreveram a rebelar-se contra tudo o que signifique vida em nosso planeta, vivendo fora das leis da animalidade, sem sucumbir mesmo quando se haviam despojado das armas de ataque e defesa, antes triunfando, já que eles foram gênios e santos. Qual era, pois, essa força que os sustentava? Existe, então, uma ainda mais sutil e mais potente, uma força mais "forte" do que aquela indispensável para a vida, capaz de impor-se a todos, mesmo renunciando à luta?

Normalmente, de acordo com a lei da força que domina a Terra, o sistema de altruísmo, bondade e justiça vale menos do que um escrúpulo inútil. É verdadeira passividade, é gravame que trava, e — pior ainda — é sinal de debilidade que preludia a derrota. Aquele que renuncia agredir e defender-se, aquele que oferece a outra face as ofensas — como quer o Evangelho — aquele que se recusa a afundar suas garras na carne alheia para alcançar uma vantagem e, por princípio, não quer obter pela força todos os infinitos prazeres da vida, é derrotado, reduzindo-se a uma existência de dor por expansão ilimitada, é um vencido à margem da lei, um desterrado do mundo, uma nulidade que se destrói. Aquele que segue os ideais superiores, observado pelo reino da força e com a psicologia da força, parece inerte, indefeso, ridículo. Aquela o assalta facilmente, aniquila-o sem esforço, quase por gracejo. E, entretanto, o vencedor, nesse mesmo instante, assim como os que crucificaram Cristo, sente naquela derrota, naquela debilidade, o mistério de uma força maior, que surge de longe como um estrondo de trovão, despertando um eco terrível nas profundidades do espírito. Um relâmpago arroja um fecho de luz em sua alma cheia de trevas, revelando o ignoto, e ele pressente a realização de vidas mais vastas, intui o que é justo. Assim, o vencedor, no mesmo instante de sua vitória, experimenta a sensação da derrota. Então, num calafrio de espanto, treme e foge, ou melhor, permanece e venera. O vencido olha do alto como um vencedor, e tal o é, pois descobriu e revelou uma forma de vida mais elevada e nela triunfa.

As forças naturais emudecem, desconcertadas, ante este estranho ser sem armas, que proclama uma assombrosa lei nova e parece pertencer a outro mundo. Qual é esta força, tão inexorável, esta nova lei ante a qual o mundo natural treme e se dobra? Existem, por acaso, dois sistemas de vida possíveis, duas leis, dois mundos, próximos e em luta, entre os quais oscila a vida do homem?

O querer concluir desconhecendo a importância da força na economia da vida seria, quando menos, apressado. Foi a força bruta quem realizou e segue realizando a seleção no reino animal. Este é também um modo de progredir, um tipo de técnica evolutiva, mesmo quando implique a gênese da dor, um aspecto da grande lei de ascensão, se bem que nos graus mais baixos. A justiça divina — equilíbrio universal — também se manifesta nela, já que no choque de forças inimigas em processo de contínua agressão, a ação e a reação se neutralizam. O desequilíbrio do pormenor se equilibra no conjunto e de uma soma de injustiças resulta — como dissemos antes — uma primeira forma de justiça. Nele a força encontra dentro de si mesma uma primeira limitação. Ademais, foi a força bruta que cumpriu a grande função, na história do homem, de levá-lo a afirmar-se como primeiro campeão do reino animal. Foi a prepotência — carência de escrúpulos e de piedade — que criou os povos dominadores e vitoriosos. A força, pelo menos nas circunstâncias

em que se encontravam em seu primeiro período de desenvolvimento, era-lhes necessária, e, muito, sem dúvida, criou. Observamo-lo na antiga Roma e na América de nossos dias, seleção dos indivíduos mais ousados, mesmo quando menos escrupulosos, mais ricos de energias ativas e construtivas do que da perfeição moral tão ambicionada pelas velhas civilizações. Porém, se a força criou muito, também destruiu muito, e um mundo que se fundasse somente na força, acabaria por se destruir a si mesmo. Junto a todo vencedor há sempre um vencido que lembra, melhor do que aquele, esta destruição. Todas as experiências da vida se gravam na alma humana. As impressões voltam na raça, o instinto recorda, formando-se, assim, a par com o sentimento de admiração e respeito pela força, também um sentimento de repugnância e de ódio, porquanto no vórtice humano que se renova incessantemente, o vencedor se transformou, amiúde, no vencido, e todos experimentaram quantas dores acarretou a força quando utilizada em sua própria vantagem.

São assim as raças velhas que, por terem vivido muito, cansaram-se da luta até a neurose; são elas que mais detestam e querem eliminar o uso da força. Este ódio, este desejo de suprimi-la, nasce da necessidade e do interesse que cada qual possui em destruir o exercício daquela por parte dos demais, para conservá-lo tão-somente para si. Sendo de todos em particular, converte-se em desejo da coletividade e a repressão da força se generaliza a tal ponto que se torna hábito, converte-se primeiro em lei religiosa e depois civil dos povos. A humanidade cumpre, desta maneira, uma espécie de rodeio a fim de expulsar de seu seio aquela audácia, à qual ela deve tanto e que é o sangue de seu sangue, para, entretanto, ir afastando-a paulatinamente, circunscrevendo-a cada vez mais e contendo-a por todos os meios ao seu alcance. É deste modo que assistimos a um espetáculo bem estranho: a força que, através do uso, tende a eliminar-se a si mesma. Ela, a medida que a civilização organiza a sociedade humana, tornando-a mais homogênea, vai perdendo cada vez mais sua importância, manifestando-se somente nos indivíduos atrasados, o que é sinal de regressão, como o seu desaparecimento o é de maturidade. Tudo tende a excluí-la. Os ideais de justiça e liberdade se fazem sempre mais necessários. A diferenciação dos tipos humanos, produto da evolução da vida, a especialização para as aptidões psíquicas, outorgadas por acumulação de experiências, traria o afastamento dos vínculos e a desagregação social, se não os aproximara outra necessidade, e outra força não reorganizara estes especializados em um organismo coletivo mais vasto, onde a atividade de cada um segue as linhas de maior rendimento, dado pelo trabalho no campo das faculdades adquiridas. Estas forças são os ideais que, em oposição à violência, constituem o cimento precioso que amalgama os instintos egocêntricos e exclusivistas em um organismo coletivo maior e mais potente. É assim que os ideais — enquanto satisfazem uma necessidade e alcançam um benefício — abrem passagem e traduzem-se em realidade. Eis aqui uma segunda restrição que a força encontra em si mesma. Ela é um fator de evolução que se manifesta para destruir-se, ou, em outros termos, é um fator transitório na grande rota da libertação. Se a força possui um valor imenso em determinadas circunstâncias de vida e ambiente, conserva seu domínio até que o exijam as supremas necessidades do progresso. A série dos abusos e das violações tende, através de um mecanismo de reações e choques, a alcançar um estado de equilíbrio mais firme e mais perfeito, e, por evolução, se cumpre o milagre da transformação da força em justiça. Prova evidente da relatividade e da mobilidade continua de todas as posições da vida. Prova de um transformismo ascensional de tudo e de todos. Prova de que a vida é possível em formas e em níveis distintos, a cada um dos quais correspondendo um organismo de leis e todo um mundo. Um mundo que se transforma em outro sem destruir-se, e do qual o ser vem tomar parte à medida que afloram nele as aptidões para saber viver nele e as faculdades de sabê-lo sentir.

Tudo isto demonstra a contemporânea existência de dois mundos distintos, de duas leis, a força e a justiça, o reino da besta e o reino do super-homem, entre os quais o homem oscila e se debate, cumprindo um passo que significa transformação e criação biológica.

A fim de não me estender demasiadamente, delinee as duas leis sob o aspecto de força e justiça, que constituem sua característica essencial. Em um sentido mais vasto, a primeira compreende o mal, o vício, a violência, tudo o que na evolução significa atraso e no homem recorda a besta; a segunda compreende todo o edifício das virtudes que as religiões e as leis se esforçam por

inculcar no coração do homem. As duas leis são o bem e o mal. O mal é o passado, e o bem é o futuro. A passagem cumpre-se por evolução e dela nasce o conflito, que é contínuo, entre as duas formas. Portanto, o mal e o bem são relativos ao indivíduo, à raça, ao grau de evolução. Isto anula o conceito de culpa, a menos que por culpa se entenda a ignorância que nos faz preferir a desvantagem de retroceder ou retardar a evolução, ou seja buscar uma forma mais completa de felicidade. Estes conceitos éticos sobre bases racionais e científicas se afastam muito das normas dos códigos penais religiosos e civis, os quais, se resultam explicáveis em sua gênese como reação e como defesa, carecem de significado no mundo superior da justiça e devem ser relegados ao do egoísmo e da força.

Quantas vezes, observando a alma humana, perguntei a mim mesmo como é possível a existência contemporânea de duas normas de vida tão diferentes, como podem estas pretender impor-se simultaneamente, e o porquê deste conflito, desta coexistência de afirmações opostas, desta contradição no coração mesmo do homem... Eu sentia seu duplo imperativo em cada ato, e em cada ato havia uma luta. De um lado, o sonho do ideal, tão belo, tão puro, tão perfeito, e, do outro, o proveito imediato do utilitarismo. De uma parte, a equidade consagrada oficialmente por todas as leis religiosas e civis, e da outra, coroada pelo êxito e apreciada incondicionalmente em privado, a força, como tal, sem escrúpulos. Na prática (o que é escusável, às vezes, se se tem em conta a opressão das necessidades materiais, as exigências da vida e a miragem de uma utilidade mais tangível por estar mais ao nosso alcance) eu via que os ideais, os princípios, a utilidade maior, porém, mais remota, eram tidos em menor conta, como uma realidade desagregável que se desvanece no mundo dos sonhos. Via, as vezes, acender-se a luta, e não sempre para optar pelo útil, relegando o ideal entre as belas formas de retórica, entre as indiscutíveis verdades, julgadas como mentiras convencionais, um vínculo do qual, na prática, é mister desligar-se como de uma posição desvantajosa. Via o anjo alado, de fronte radiante, sempre em luta com a fera audaz e selvagem. Em cada ato, dois caminhos opostos, uma teoria e uma prática, um modo de dizer e outro de agir, uma mentira muito cômoda e uma realidade muito árdua para seguir. Não compreendia como era possível, para o mesmo indivíduo, existir contemporaneamente em dois mundos opostos e cumprir duas leis contrárias. A explicação do absurdo somente me poderia oferecer a teoria evolucionista: uma duplicidade contemporânea de leis somente é possível num regime de evolução, como trânsito de uma para outra fase. Somente o ocaso de um período e o alvorecer de outro podem produzir tais contrastes. Somente o homem os conhece, não mais a animalidade inferior que descansa satisfeita na plenitude de sua fase.

O homem vive, pois, em formas de transição, em níveis distintos segundo os casos, que vão da besta ao super-homem. Vive em parte no passado, e em parte se projeta para o futuro, ensaiando e explorando o passo para formas mais elevadas.

Restaram de tudo isto vestígio nas oscilações seculares das religiões, das filosofias, das leis, das instituições, oscilações que poderiam parecer incertezas, mas que são evolução. Normas e imperativos que queriam ser absolutos e perfeitos, mas que são aproximações progressivas de perfeições cada vez maiores. Este passo é uma superação biológica, a transformação do homem no super-homem, o maior acontecimento da época moderna. Realizar esta marcha é a necessidade mais viva, o objetivo supremo da vida individual e coletiva. Apressá-la, se fosse possível, para alcançar uma felicidade mais estável e completa, é a mais profunda aspiração da alma humana.

A busca dos meios para realizar e acelerar esta passagem constitui o objetivo deste capítulo.

Temos estudado a evolução espiritual, primeiro no homem como evolução de seu organismo psíquico, em seguida como desenvolvimento de concepções na evolução dos ideais. Observamo-la agora em seu aspecto mais universal e grandioso, como uma sucessão de mundos e organismos de leis, onde o homem vive sucessivamente a sua gloriosa ascensão.

Esta marcha, da qual queremos estudar os aspectos, as leis e os resultados, é um fenômeno susceptível de um estudo positivo, porquanto admite a observação e a experimentação. É um fenômeno natural no sentido de que se realiza por si só, em forma espontânea, diria quase automaticamente, por um jogo de forças irresistíveis e fatais, porque é a vontade das grandes leis e a necessidade mais potente do ser; porque o mover-se, e mover-se ascendendo, está na essência íntima do Universo.

Pode, porém, produzir-se também racionalmente, ou seja, primeiramente compreendido e depois desejado e conduzido pela inteligência humana, sem que tenhamos de estranhar esta intervenção do homem na conduta e na utilização das leis naturais. A inteligência humana é por si mesma uma força criadora e das mais poderosas. Pode, portanto, não somente entrar em combinação fecunda com as outras forças, senão também até certo ponto, assumir sua direção. Movem-se tais forças de acordo com leis que, embora sejam algo adiantadas, não alcançaram totalmente a perfeição; acham-se sujeitas ao esforço do ensaio e ao perigo do erro, mesmo quando corrigido e compensado. Se o equilíbrio se restabelece de pronto e o progresso se manifesta em seguida, a prova contém sempre um desgaste que a inteligência pode evitar, estudando o mecanismo das leis que tudo regem com precisão matemática, orientando as energias e dirigindo o esforço para obter um rendimento maior. Deste modo o homem pode progredir no saber, se conduzir o grande oceano de forças, que é o Universo, para conseguir, em vez de dano, vantagem. O ignorante, por não saber mover-se no meio delas, por desconhecer o efeito de seus próprios atos, pedindo o que o equilíbrio universal não pode e nem quer absolutamente dar, choca-se de contínuo contra reações dolorosas, crendo possível, pela violência, forçar as leis para iludi-las. Tenta substituí-las pelo impulso insignificante de sua própria vontade, rebela-se contra a corrente de todo funcionamento orgânico do Universo, e a corrente o arrasta. O sábio, ao contrário, pede harmonicamente só aquilo que é lícito pedir, e o obtém. Deste modo, se pode realizar racionalmente, com o máximo rendimento e a maior aceleração possível, a ascensão de um mundo a outro.

É bem certo que, por outro lado, estas coisas são tão velhas como o homem. Repito-as numa forma nova de objetividade analítica, mais verdadeira e mais palpitante, para que recuperem a vida da qual pareciam haver se afastado. As religiões e as filosofias, e todo o pensamento humano acumulado no passado, concordam com a crença moderna mais evoluída. As maiores inteligências, assim como a alma amorfa das grandes massas humanas, elaboraram-nas, buscando e experimentando todos os dias, através de vários sistemas, em todos os lugares da Terra, com todas as aproximações e resultados possíveis.

É mister explicar e afirmar aqui a existência de um organismo de leis; movem-se de acordo com elas, jamais ao acaso, todas as forças do Universo, leis que são uma vontade e um conceito que é como a alma da criação. Seu imperativo expressa-se sempre nas coisas reais da vida, é sempre um fenômeno em ação, e encontramos-lo invariavelmente no fenômeno, ligado à matéria, como a alma ao corpo. O conceito existe detrás das coisas, oculto na profundidade do mistério, manifestado tão-somente em suas conseqüências últimas, e é por sua vez também vontade e ação, assumindo a personalidade do eu que pensa, quer e age, divindade invisível, porém onipotente e onipresente. Esta concepção naturalista não diminui e nem anula, senão agiganta o conceito da Divindade. Poder-se-ia traduzir, com as mesmas palavras da Gênese bíblica, o conceito antropomórfico: "o homem criou Deus à sua imagem e semelhança". É natural que, com o progresso da sabedoria humana, este conceito se engrandeça. Cada profeta, cada fundador de religiões, já nos proporcionou uma, aproximação maior. Logo, com a evolução da ciência que continua a evolução das religiões, a alma humana vai cada dia, sondando e decifrando um novo artigo da lei, cumprindo relativamente a si mesma uma contínua e progressiva revelação da divindade. A evolução, a elevação desde o âmbito de uma lei a outro mais alto, cumpre cada dia no ser uma progressiva realização da divindade.

Encontramo-nos, pois, perante uma grande transformação que o homem pode executar em si mesmo. Dirigindo-a racionalmente em harmonia com todo o funcionamento orgânico do

Universo. O trabalho de compreender e o ainda maior de realizar o complicado fenômeno tendem, por certo, a uma utilidade final, obrigando-nos a perguntar qual pode ser esta. Falei de utilidade que justifique o esforço, o compense e nos faça decidir a intentar a difícil prova, porquanto sei por experiência que o prêmio e o objetivo final de tudo isto não é uma quimérica idealidade, um vão espiritualismo, senão uma vantagem de poder alcançar a mais completa felicidade. É um eterno problema que nós outros vamos encarando, problema real, fascinante, que emana de uma necessidade imperiosa do espírito, de um instinto misterioso que outorga ao homem o direito de pretender e a certeza de obter, em um futuro mesmo que distante, uma satisfação absoluta. Este problema que estamos estudando, se bem que o mais difícil, é também o mais radical e o mais positivo para alcançar a meta desejada, já que não se estriba no sobrepor exteriormente a si mesmo todos os possíveis domínios e possessões transitórios e ilusórios, senão na transformação da maneira de ser numa profunda e definitiva renovação do eu. Trata-se de uma transformação da lei, da fuga de um mundo inferior, da libertação, enfim, de todas as dores que o povoam. Se aquele que vive no nível da lei subumana permanece isolado em seu egoísmo e deve lutar sem descanso contra todos, quando ascende no âmbito da lei super-humana já não necessita lutar e nem esforçar-se, e poderá, coisa absurda no mundo inferior, depor evangelicamente as armas de ataque e defesa e, com estas, a angústia da incerteza e da derrota, porque existe uma força mais poderosa sob cuja proteção se colocou e que espontaneamente o protege. Ele se encontra no meio da corrente e a corrente o leva. Sua lei é a grande lei, sua vontade é a grande vontade. Já não lhe é mister o esforço para impor-se como exceção, pois vive harmonicamente com a vida universal. Sua sorte converte-se num equilíbrio estável, que tende a permanecer estável em forma espontânea, porquanto não é produto da força, precário e combatido. Desce uma paz imensa sobre todo o ser, um gozo difícil de compreender e de expressar, que é, porém, o mais profundo que o homem conhece. A alma humana, invadida pela febre atual do trabalho e da riqueza, exige resultados menos efêmeros, necessita, para satisfazer-se, de valores indestrutíveis, algo que através do tempo não mude e nem se desvança como uma ilusão. Dada a transitoriedade de todas as coisas humanas, somente a evolução, no vórtice de um incessante transformismo pulsante de vida e de morte, constitui o que jamais será destruído. O tempo mede, porém não toca este transformismo, que se muda na forma, se renova sempre sem perder nada na substância que vibra no ritmo grandioso de sua ascensão. Esse movimento incessante, que no mundo inferior é destruição e tormento, é deste modo guiado para a felicidade e se converte em meio de conquista de afirmações eternas.

Se os resultados são esplêndidos, o atalho é áspero, difícil de achar e demanda enorme esforço. Porém, não há conquistas grandes sem grandes esforços. Aqui o homem deve medir-se em uma luta titânica, não já contra os seus semelhantes, senão contra as leis naturais poderosas, invisíveis, tenazes, que estão dentro dele, e são a sua própria personalidade que ele deve, por sua vez, destruir e reedificar, matar e ressuscitar. Esta destruição de si mesmo é o primeiro sofrimento que lhe incumbe enfrentar. Não discerne, de imediato, o verdadeiro caminho, seu impulso para a felicidade é, em geral, cego e recai sobre si mesmo inutilmente. Acredita poder agarrá-la em forma estável, usurpando-a com uma violação de equilíbrio, crê possível o absurdo no mundo de leis naturais e que possa se obter o que não se tenha merecido. A força é um atalho cômodo que produz efeitos imediatos, mas também equilíbrios instáveis que prontamente cedem à reação natural. Daí o acervo das desilusões humanas, riquezas de energias, porém grande miopia. Estimulada pela sede dos gozos — enquanto que a minoria preferiu a estrada mais longa e escabrosa, porém mais segura — a maioria se consome e se revolve na lama a fim de pedir aos prazeres do mundo subumano um pouco mais de felicidade, numa luta encarniçada em redor de resíduos mesquinhos. Não só insatisfação, mas sempre novas derrotas na inexorável balança da justiça. Quem, em troca, trabalha na senda do bem, vai acumulando créditos; um dia, daquela mesma lei, lhe manará espontaneamente a felicidade. Não se atendendo a este equilíbrio, nem à voz misteriosa da consciência que nos admoesta, nem ao furacão de reações que as forças das leis podem desencadear, algo se vai sacrificando cada vez mais ao destino inexorável. A cadeia transmite-se de geração a geração e o **déficit** acumula-se até esmagar-nos. Então, no fundo de um céu tempestuoso, aparecem os profetas bíblicos que convocam à penitência. Estalam cataclismos que são como banhos de dor, e a humanidade sai purificada como se somente na dor readquirisse seus direitos e

somente atrás de um salto tão terrível volvesse a encontrar a possibilidade de retornar ao caminho interrompido de sua evolução.

Eis aqui a função da dor. Ela, no Carma, destino inexorável, provê a quem saldou as dívidas do passado, individuais e coletivas, dívidas que é mister haver expiado antes de poder iniciar a ascensão para uma felicidade maior. A dor, pois, não é somente um fenômeno de reação orgânica e psíquica, senão que responde a uma lei de equilíbrio moral. Promovida de expiação a renúncia, é um meio para a conquista da felicidade, é o instrumento da grande transformação, o caminho da libertação que nos conduz ao mundo super-humano. Eis a reabilitação pela dor que purifica e equilibra, que eleva e avança, que cria acima do instante fugaz.

Observamos as condições de vida nos baixos níveis de evolução para encontrar aí a origem da dor. Este é o último elo da cadeia — involução, ignorância, egoísmo, força, luta, seleção — cadeia que, se por um lado termina na dor, representa também um lento caminho ascendente; este transforma o homem em super-homem, a força em justiça, o mal em bem; realizando a evolução, destrói as condições de vida inferior onde nascia a dor. Em outros termos, transmuda também a dor em felicidade. Assim como, com o uso, a força tende a uma auto-eliminação e desaparece, quase reabsorvida em si mesma, mudando-se em justiça, desta maneira a dor, com a evolução, tende a desvanecer-se, porquanto também ela, como o regime da força, é um fator transitório, inerente a uma fase de evolução, destinada a ser vencida. As leis de um Universo, no qual a dor e a maldade fossem incondicionais e definitivas, não poderiam ser havidas como correspondentes a um conceito de equilíbrio e justiça. A existência seria um delito se não encerrasse, junto com aquelas, uma força para destruí-las. Esta força é a maior de todas: a evolução, destinada a transformar o mal e a dor que não são senão involução, em bem e felicidade. Processo espontâneo e inexorável, porém lento, se efetuado com a técnica defeituosa da tentativa, do erro e da emenda. Rápido, ao contrário, se, conscientes da rota e das forças, tratamos de acelerá-lo, guiando-o.

A dor nasce do regime de força e de luta necessário para a seleção e o progresso nos mundos inferiores. Não esperemos até ver-nos compelidos por esses estímulos, mas esforcemo-nos para progredir até onde nos seja possível; anulemos, impondo-nos formas mais elevadas de vida, a fase subumana e humana, e teremos eliminado a dor.

O valor prático e tangível da evolução, o significado deste conceito de evolução que temos elaborado até agora, reside todo nesta anulação. Estas superações de formas de vida, de fases de progresso, são vitórias sobre a dor. O problema da evolução converte-se desde este momento em problema de felicidade, e assim o temos de conceber. Nossa meta será a destruição da dor. Todos os meios que realizam a evolução conseguirão esta destruição que significa libertação. Na evolução está, portanto, a libertação; em tudo o que represente um meio de evolução temos de ver um caminho para a libertação.

Os caminhos da libertação são múltiplos; estudemo-los rapidamente.

É mister, em primeiro lugar, uniformizar-se à lei do mundo superior que se deseja alcançar: portanto, retidão em todos os atos, como princípio, para alcançar a nobre finalidade da vida; para acelerar, mediante o esforço da vontade, a realização em si mesmo de uma lei mais elevada. É necessária a inteligência para a compreensão da vida, da missão e do trabalho que nos corresponde. É necessária a vontade para seguir o que a mente viu e não o que o interesse e o prazer quiseram. Não se requerem grandes heroísmos, senão a disputa lenta, constante e quiçá mais heróica das provas cotidianas, aquelas que vão cavando na alma o sulco de novos hábitos. Uma vez assimilados no instinto, formarão uma nova personalidade. É necessário o esforço, o trabalho da evolução, especialmente no princípio, para passar do mal-estar à adaptação e desta à necessidade, por costume, do novo estado. Desta maneira eliminam-se a tentativa e o erro que engendram a inacabável série das decepções humanas. Constituem o sofrimento maior e mais penoso com que a lei, em sua reação, impõe o progresso. Queira-se ou não, a evolução é a lei, dura, porém justa, e é mister

cumpri-la. Esta é a corrente da vida que arrasta a todos e arrebatava os rebeldes. Esta é a vontade suprema. A lei reage contra aquele que resiste, infligindo-lhe a dor como castigo e acicate. Para quem a observa, lutando e vencendo, a dor vai desaparecendo gradualmente. A felicidade, se é uma necessidade absoluta e um direito sagrado de todos, tem de ser conquistada com trabalho e este trabalho é uma ordem. As leis da vida não admitem ócios, usurpações e nem arrivismos, e dão a cada um o seu justo salário. Mais vale aceitar com satisfação a sua parte proporcional de trabalho do que aguardar que nos seja imposto duramente. A evolução é um trabalho tremendo, mas cria, em troca, os maiores valores, o somem e a sua felicidade, conseguindo o incrível, a destruição da dor desde que se trabalhe adequadamente. É necessário realizar a justiça com a retidão, e a justiça somente pode ser criada com o esforço humano. Não pode ser reforma social se antes não foi reforma pessoal e íntima.

A renúncia é outro meio de evolução e outro caminho de libertação. Se a retidão é a afirmação da nova forma de vida, a renúncia significa o abandono da velha forma que se deseja vencer. Para esta antecipação de nova vida, o nascimento do super-homem, é mister que se acabe a natureza inferior, que pereça o homem com tudo quanto de baixa animalidade haja nele. Transe laborioso, luta tremenda do espírito para separar-se da matéria e elevar-se à vida autônoma. Não é um conceito novo, este da renúncia, já existente nas religiões que altamente o proclamaram, sem conter, aliás, aquela explicação que a moderna psicologia científica requer e que tratamos de dar. A renúncia pela renúncia é um aniquilamento insensato da personalidade, não se justifica como meio de evolução tendente à destruição da dor e ao ressurgimento da felicidade. É melhor, entretanto, deixarmos o desenvolvimento destes conceitos na Parte III, quando estudarmos o ingresso do homem no reino super-humano, onde a dor desapareceu e cumpriu-se a criação do novo ser.

A libertação da dor pode ser obtida também em uma forma que parecerá impossível à maioria, por falta da penetração intelectual das causas primeiras, que não ultrapassa o cego instinto de evitar aquilo que desagrada. A dor vence-se por meio da dor; destrói-se pela aceitação, assim como se dobra um inimigo, abraçando-o. Por uma lei universal de equilíbrio, de ação e reação, em um mundo onde nada se cria nem nada se destrói, também no campo das sutis qualidades morais não se neutraliza um efeito senão reconduzindo-o à causa para que aí encontre a sua compensação. Não se anula uma qualidade se não for reabsorvida pela vida. A dor pode desaparecer com a única condição de ser saldado o débito à eterna lei de justiça; no campo moral, social, histórico, econômico, físico e químico, é sempre a mesma lei, a mesma vontade, o mesmo Deus. Somente a ignorância pode pretender o absurdo de enganá-la, esquivando-se à sua reação. Não se defrauda a lei, e quando se pecou mais vale neutralizar o mais depressa possível a reação, sofrendo e pagando, pois, mesmo que fujamos, aquela nos alcançará sempre e onde queira. A fim de não agravar o desequilíbrio, nunca devemos rebelar-nos para não excitar a assim chamada **ira divina**, ou seja, o mais rude contragolpe, pois a elasticidade da lei (a **divina misericórdia**) por ser tão grande que contém todo o livre arbítrio humano, acabaria por nos vencer, como um destino inexorável.

A dor, pois, eliminando a reação, saldando a dívida, obra a progressiva harmonização e efetivação da lei no **eu**, ou seja, determina a evolução. Vimos também que existe nos estados inferiores como conseqüência do regime de luta e de força; pode ser eliminada, superando aqueles estados. A evolução elimina-a. Paralelismo de ações e reações, de cuja mútua penetração surge a criação de uma forma mais elevada de vida, baseada na destruição da dor por meio da própria dor. Eis aqui como é possível considerá-la como um dos principais meios de libertação. Eis aqui o progresso e a dor estreitamente ligados. Eis aqui explicada a utopia do sacrifício e do martírio. Cristo que morre na cruz, redimindo com a sua paixão a humanidade, é o símbolo grandioso que resume este conceito.

Sem este conceito da evolução espiritual, a dor é um crime, como no pessimista caos schopenhauriano. Enquadrado neste conceito eleva-se a instrumento de criação e de redenção, como na visão de **Os Miseráveis**, de Vítor Hugo.

Concebo a dor como a reação de uma lei que tende a restabelecer o equilíbrio perturbado pelo erro, uma lei que, respondendo a um supremo conceito de justiça, possui a função, por meio de reações, de ensinar ao homem, se bem que respeitando a sua liberdade, os verdadeiros caminhos da vida. O homem possui um instinto seguro que o guia para a felicidade e que é o indicador de sua meta. Ele ensaia todos os caminhos, primeiro os mais absurdos, os que conduzem ao gozo imediato e não ganho, os da força e da violação, e encontra-os todos cerrados pela reação natural da dor que lhe inibe o passo. Até que o destino o obrigue, por trás de infinitas tentativas e erros, a tomar o único atalho possível, o do próprio progresso. Em outros termos, é necessário harmonizar-se com a lei para eliminar cada vez mais a reação constituída pela dor, até que nos graus superiores ela se transforme em renúncia voluntária, ou seja, na aceitação livre do trabalho a que a evolução nos obriga.

Quando a unificação do **eu** com a lei é perfeita, desaparece toda a possibilidade de reações e a dor é vencida. Concebo a dor como um mal transitório que se esgota em sua função, que existe para devorar-se a si mesma, assim como um desacordo é um instrumento para conseguir a harmonia, um meio educativo; um acelerador da evolução, um sábio mecanismo pelo qual a liberdade do ser se vê forçada a integrar-se no progresso.

Assim entendida, não é uma abjuração, mas pode ser um grande triunfo, máxime se soubermos utilizá-la como instrumento de ascensão. Mesmo em suas formas materiais, onde com maior evidência parece uma derrota, como no mundo orgânico, a dor pode desempenhar função criativa, como é lógico em um Universo em que tudo possui um significado e um valor para alcançar o bem. Um mal físico tem função criativa no mundo moral porque se transforma, destilado, em instrumento de renúncia e de ascensão. É a insuspeita função biológica do patológico

Eu digo aos que sofrem: Valor! Porque o vencido da vida é amiúde um grande batalhador. As horas mais dignas e mais fecundas são as da dor; em todos os seus graus revela o máximo esforço do ser humano. Eleva-o, ilumina-o e outorga-lhe o direito de olhar a face de Deus.

Eis a minha concepção da dor, em oposição à negativa subtração da vida que é o Nirvana budista, em oposição, sobretudo, a essa fuga vergonhosa que significa a concepção utilitarista moderna. A dor é energia, luta e criação; tudo aceita para ressurgir numa felicidade maior.

O conceito que nos dá o moderno materialismo científico, que é a base psicológica de nossa civilização, é muito diferente. No materialismo a dor não pode possuir funções superiores; é um inimigo e um mal, contra os quais só uma posição é possível, a de defesa. Esta defesa está habilmente organizada pela ciência e pelo trabalho, armas poderosas, mas de concepção unilateral e insuficiente. Não obstante a luta contra a dor seja levada a uma tensão limítrofe do terror, a sua ameaça é incessante e está oculta atrás das grandezas do nosso progresso. A espantosa série de todos os experimentos sociais e econômicos a nada conduz; o homem, ante a desapareção fatal e angustiada de todas as suas aspirações e ilusões, conserva em seu olhar o sonho vão da felicidade jamais alcançada que se esconde em uma realidade mais profunda e que ele não vê.

Entretanto, nunca foi mais ardente a ânsia de viver do que agora. A ciência faz-nos entrever a possibilidade de um paraíso sobre a Terra. Nunca houve tensão coletiva mais frenética para o prazer. O homem que invoca e ensaia todas as liberdades ignora os caminhos da libertação. Busca a felicidade, em baixo, aumentando seus atributos exteriores, e não as qualidades interiores. Não. A dor não é um acontecimento acidental, efeito de causas próximas e suprimível com estas, mas possui raízes profundas em um mundo onde a ciência ainda não chegou, e responde a funções fundamentais de equilíbrio na economia da vida.

Sendo base do progresso humano, está enxertada na vida como um fator de importância excepcional. É o trabalho necessário da evolução que é a essência e a razão de ser da existência. No equilíbrio exato das leis a dor é indispensável à vida do Universo. A mentalidade moderna,

absolutamente ignorante de tudo isto, faz o irrisório jogo da supressão das causas próximas da dor. Homens, classes sociais e nações barganham entre si este lastro pesado que dá volta entre eles e permanece sempre igual, porque ninguém o absorve. Tal um cogumelo maléfico, a dor volta sempre a brotar sob novas formas, apesar de tanta riqueza, de tanta civilização e tanto progresso.

É mister um jogo mais complexo para suprimir a dor e conquistar a felicidade. É necessário subir com Cristo à cruz e refazer sobre outras bases a vida individual e coletiva. É preciso encontrar na dor uma força amiga cuja função se compreenda e se utilize para a sua própria ascensão. O que interessa não é acumular poderes, mas fazer o homem. É inútil predicar, ou pretender forçar a história e a evolução; é inútil pedir à alma coletiva uma consciência imediata e provisória, que somente poderá fazer amadurecer provas e as grandes dores, tão-somente quando este nosso sistema nervoso, que é o substrato do organismo mais profundo — a alma — desenvolver-se tanto que a máquina animal, para cujo serviço se lhe converta em cárcere, a tal ponto que terá franqueado as suas barreiras, somente então o homem "perceberá" também as leis morais, assim como hoje, com suas descobertas, começa a vislumbrar as leis da matéria. As leis morais existem, mas estão ainda a espera de seu Newton que as demonstre. Um dia a vida do justo ser uma necessidade universal, porque consequência de uma lei demonstrada e palpável, com suas sanções comprovadas, com seus efeitos insuprimíveis, e que, como tal, governará na realidade a vida imposta como uma obrigação a todo ser racional. Então, ter-se-á completado a educação da besta humana. Não será mais necessário este pobre e único meio de que hoje se dispõe para domar o homem inferior, que é o terror do sobrenatural e do mistério, a idéia de uma divindade que se vingue e castiga, divindade que os fortes se atrevem a desafiar e a que os débeis se curvam por medo, enganando-a com os subterfúgios de uma consciência acomodaticia. Então se verá claramente a lei sábia e terrível, mais inexorável porque despojada dos véus e do mistério; um Deus novo, mais próximo e real, porque estará dentro de nós mesmos, em todas as causas, contra o qual não é possível a rebelião e nem a felonía.

Na civilização moderna, contudo, já se está levando a cabo um intenso trabalho de progresso, ainda que com orientação e concepção da vida de todo diferente. Estes são: a ciência e o trabalho, instrumentos de evolução que também devem ser incluídos no rol dos caminhos de libertação.

Que valor possui o frenético bulício da vida, palpitante de problemas e de lutas, ansioso de conquistas, triunfante com suas descobertas científicas, transbordante de energia tão juvenil e de uma fé tão diversa, sem dúvida cheio de beleza, ainda que primitiva e brutal? Ao som deste grito a alma, já farta de tudo isto e madura, não sente ter encontrado a vida em outras partes?

O leitor perdoará se corto e abrevio porque me impus ser conciso.

Encontramo-nos diante de dois conceitos opostos: o primeiro se detém nesta vida e neste mundo, onde pretende realizar um paraíso que é sua única meta. Com a ciência estuda detidamente os meios, e com o trabalho os põe em prática. É todo um fervor de investigações e de ação, um assalto da inteligência às leis ignoradas da criação para submetê-las ao seu próprio gozo e ao seu próprio egoísmo. Um esforço de vontade para dominar o mundo exterior e convertê-lo em um meio para o seu bem-estar. Este conceito tende a plasmar o ambiente de acordo com uma idéia e efetivamente o transforma de maneira assombrosa para fazê-lo a morada imperial do homem. Porém, se transforma a Terra, não transforma o homem. Se faz progredir tudo, descuida o valor maior que permanece ignorado, ou melhor, permanece subjugado ao progresso material que, de meio, trocou-se em fim. O espírito triunfa sobre a matéria. Há, porém no perfeito equilíbrio das leis, uma espécie de desforra daquele que, mesmo cedendo o seu poder, absorve toda a atividade do espírito e escraviza-o, pois o prazer que experimenta para a satisfação dos desejos é efêmero, desvaloriza-se com o hábito e consegue somente aumentar as necessidades que converteram o homem em máquina de trabalho. O bem-estar material é uma arma de dois gumes que, se facilita a vida, é também uma cadeia que a oprime. Depois de haver pedido o sacrifício da mais alta atividade que cria os valores

morais, tão indispensáveis para a vida, deixa o espírito no vácuo, desorientado, pois carece da paz interior que só deriva da consciência de um fim. E sobretudo não destrói a dor cuja ameaça permanece mais perceptível do que antes.

O progresso material pode, pois, ter o seu valor, porém somente quando considerado como necessário ao progresso espiritual. Do contrário, os caminhos da libertação se tornam caminhos da escravidão.

O outro conceito, inconciliavelmente hostil à vida presente e ao mundo exterior, aparta-se deles como de um mal irremediável, que se toma em consideração para ser evitado. Descuida do ambiente exterior, não se preocupa em melhorá-lo, considerando-o não mais a realização de um desejo próprio, mas apenas uma necessidade para harmonia universal. Alheia-se, assim, da exterioridade do mundo, sonhando com uma vida diferente e distante, numa aparência de passividade. Sua alma vigilante percebe e sente uma realidade e nesta encontra novos poderes, mais vasta percepção; domina forças sutis e maiores, cria os valores morais que regem o mundo, realiza uma expansão e uma afirmação, perante a qual todas as afirmações exteriores resultam irrisórias.

Dois concepções diferentes que correspondem a duas evoluções, a da matéria e a do espírito. A primeira e conquista científica, conquista econômica, o aperfeiçoamento das relações sociais, o progresso lento da coletividade, um trabalho grandioso de organização e de cooperação cuja importância seria néscio negar. A outra é conquista interior que aperfeiçoa um único valor, a consciência humana, sistema radical para quitar os males da vida; sistema árduo reservado a poucos espíritos de vanguarda.

Dois riquezas e duas misérias: miséria econômica que pode ser largamente compensada por uma grande riqueza; ou miséria moral que riqueza alguma conseguira remediar.

Seria exclusivismo o querer valorizar mais uma coisa do que outra, detestando o progresso econômico que pode, por sua vez, constituir o primeiro passo para o espiritual. Seria visão incompleta apreciar o lento e complicado progredir da grande alma coletiva que se projeta mais para o exterior do que para o interior do indivíduo. Cada um, por si, é elemento insuficiente para o conjunto da vida. São elementos complementares. Duas formas de evolução, o progresso material e o espiritual que se complementam e se condicionam, tendendo a duas criações distintas: uma exterior e outra interior, que se valorizam mutuamente, quase sustentando-se para ascender juntas.

A hipertrofia, de um e a atrofia de outro, como acontece na sociedade presente, são o mesmo índice de desequilíbrio.

Se os dois conceitos parecem excluir-se por um inconciliável antagonismo devido à inversão dos valores, na realidade eles não são mais do que duas metades de um mesmo conceito. Dois pólos do pensamento humano, como quem dissesse a alma **masculina** — concepção ativa e positiva da vida — e a alma **feminina** do Universo — concepção passiva e negativa — destinadas a uma completação fecunda. A própria humanidade parece distribuída como em um equilíbrio de partes, segundo as duas metades deste pensamento. Possuímos no mundo dois tipos de civilizações: a ocidental e a oriental. Possuímos presentemente o moderno Ocidente europeu-americano, ativo, rico, poderoso e oco espiritualmente, e o antigo Oriente asiático, inerte e pobre, mas forjador de religiões, de filosofias e de crenças: a luz do mundo.

Dir-se-ia que a humanidade tivesse querido olhar contemporaneamente a vida em duas direções opostas, seja para realizar tudo no presente, ignorando o **mais além**, seja adiando toda a realização de felicidade para o futuro. Existe em todo caso, um trabalho, pois segundo a lei, todo progresso e todo bem-estar tem de ser ganho mediante um esforço adequado. Para que a matéria evolua é necessário o trabalho. Para que o espírito evolua é mister a dor que, no fundo, não é mais que um trabalho diferente, assim como o trabalho não é senão uma espécie de dor. O deus utilitário

da Civilização Ocidental o impõe diariamente, assim como o deus espiritual do Oriente impõe todos os dias uma renúncia.

A verdade parece dividida em dois aspectos que são duas metades da Terra; nenhum deles esgota todo o pensamento nem satisfaz a todas as necessidades humanas. Unificados, porém, são uma só aspiração, a ascensão para a felicidade. O Oriente já não vive mais aqui em baixo, mas aguarda e prepara-se. A par de um enorme tentáculo projetado no mistério do **mais além**, respira, ébrio de sonho, outra vida mais distante. Esta idéia da função evolutiva da dor, da criação espiritual através do isolamento, não parece brotar senão nos povos maduros. A última flor, talvez, e a mais bela da vida... Quando se atingiu uma certa altura, parece que o ambiente terrestre já não pode mais responder ao grau alcançado; da impossibilidade de adaptação nasce um desdém pela vida presente, uma necessidade de superação e de elevação para encontrar no outro lado uma vida mais pura. A iminência de uma realização maior sugere, então, o pressentimento da vida nova, invisível; para os demais. Declinando e desaparecendo neste mundo, a alma lança o grito de sua ressurreição. Uma vida maior, convivência com distintos organismos em ambiente extraterrestre, cuja existência a astronomia começa a vislumbrar, talvez no mistério da subconsciência e do supranormal. Nossa civilização ocidental, com suas máquinas, suas riquezas e sua matéria moral, choca-se com as velhas civilizações asiáticas, sem compreender. Estas cansaram-se de todas as experiências a ponto de ter já perdido a esperança de uma felicidade terrena. Aquela, transbordante de dinamismo e de ingênua fé. Esta incompreensão de ideais de raça provocará choques formidáveis, e destes brotarão a compreensão e a unificação que compendiarão todo o progresso humano.

Resumindo, os caminhos da libertação são, antes de tudo, de ordem moral: a retidão que conduz à justiça, a renúncia que leva ao isolamento e à superação, a dor que, expiando, neutraliza a reação da lei e conduz à felicidade; secundariamente, são de ordem material a ciência e o trabalho, que tendem ao domínio material do mundo.

Estes são os meios da evolução espiritual.

Este artigo — um desabafo de paixão ajustado a um desenvolvimento racional — aproxima-se de seu fim. Desentranhando conceitos em contínua transformação, da exposição preliminar dos princípios gerais nos acercamos das conclusões. Seguimos o fenômeno da evolução espiritual como um imenso drama através do qual a humanidade ascende desde a força à justiça, desde a dor à felicidade, desde o mal ao bem, desde a matéria ao espírito, desde o ódio ao amor, desde o inferno ao céu. Assistimos às cenas finais. Está por se resolver o grande fenômeno espiritual. Atravessa-se o momento crítico da superação biológica, pela qual o homem entrará em uma nova vida. Quem sabe ler mais profundamente perceberá neste escrito, junto às argumentações que se coordenam, uma tese, algo mais, como seja, uma declaração de fé, uma confissão, porventura um testamento espiritual. É o relato de outro drama tempestuoso e vivido, que culminasse na morte, onde tudo o que é humano se funde. Minha alma aflora, sangrando, porém, ágil e madura parte ao próximo impulso a que chamo "Ressurreição".

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

III - O Reinado do Super-Homem

Ressurreição! O homem, libertado, ressurge. A evolução espiritual se cumpre. A grande lei da vida triunfa. Percebo o rugido da maré que avança dos mais profundos abismos e impele os seres

a uma corrida desenfreada de ascensão, e que é o hálito da vida. Sinto a grande lei, princípio e força que anima o Universo, apressar, com o movimento lento e fatal de todo o seu complexo organismo de formas e de conceitos, este momento supremo para onde converge todo o transformismo fenomênico, para este ponto culminante que é a superação biológica, a transfiguração no superhumano. Toda a vida se acha empenhada no esforço de forjar seu produto mais elevado no grande trabalho da última síntese. De um mundo de luta e de dor a alma renasce em luz nova e respira a atmosfera rarefeita das grandes alturas.

Antes de empreender o grande vôo, há um ponto no qual a alma se retarda em vacilação e incerteza, o ponto neutro do transformismo. A vida se desenvolve, então, como um canto cheio de nostálgica tristeza, formada por todos os sonhos dispersos no vazio do nada, e, como folhas murchas do outono, caem uma após outra as ilusões e as miragens. O canto morre em nostalgia sem nome, apaga-se quase em calafrio mortal. Extraviada em deserto desolado e sem fim, a voz retumbante do eu se desvanece em canção lamuriante de sonho. Com a entonação doce e triste da recordação, a alma canta desconsoladamente. Seu canto é triste como um suspiro; gemendo, afasta-se da Terra. O eco distante dos amores perdidos ainda vibra no ar solitário, música doce dos sentidos que se extinguíram para sempre. Recordação dolorosa. Numa angústia mais profunda, que transborda do mistério, o último adeus à vida flutua largamente como que suspenso no vazio; em seguida, lentamente, desce para desvanecer-se num aniquilamento, que já não possui voz, mas tão-somente um latejo de vibração interna. A vida humana dissolveu-se instantaneamente: eis o nada. Algo delinea-se naquele vazio, como uma nebulosa, e se vai dilatando e transbordando em outro esplendor. Uma estranha vida renasce nas profundezas; uma sensibilidade anímica, novo meio de percepção, abre de par a par as portas ao **eu** esmagado que vislumbra uma visão semelhante a um sonho. Eis aqui o supranormal inexplorado, em cujo umbral a alma assoma estupefata, e sobre o qual se manifestam as pseudo-neuroses incompreendidas do gênio e do santo. Eis aqui o superhomem solitário e sofredor, enfastiado dos ídolos das multidões, aturdido pelo bulício da vida, abstraído e inepto porque seu espírito nada faz senão escutar atentamente uma canção sem fim que se levanta de seu interior e sobe de encontro ao infinito. Na sua hipersensibilidade torturante refletese o tormento sagrado da criação, em que se desnuda a beleza luminosa da alma. Estranho sonhador, absorto nos ócios fecundos que amadurecem sua ânsia interna invisível, padece uma paixão que não se endereça mais ao homem, porém ao universo. É heróico arcar com o peso de uma idéia grande. Este peso, que esmaga, assusta e oprime com uma sensação de desproporção e de miséria.

Como se poderia calcular o custo destas conquistas, como descrever o drama terrível que vivem estes espíritos doridos que levam dentro de si a ânsia de criação? Enquanto nós outros gozamos os frutos humanos que aplacam e dispersam as forças do espírito, eles se reconcentram para intentar o esforço sobre-humano, vivem de coisas imensas, de esperanças e desalentos inconcebíveis, empenhados em lutas titânicas contra forças titânicas; pedem à vida aquele quase impossível que é a realização do ideal, sem descansar em prazeres fáceis, sem possibilidade de jamais se conformar com a mediocridade, empurrados como num turbilhão, por um trabalho incessante de evolução. Como descrever o terror de quem se assoma sozinho ao abismo dos grandes mistérios e percebe, sobre o limiar do supranormal, a visão de novas realidades sem limites? Como conceber a sensação de vertigem que dão certas alturas à natureza humana e a triste solidão da alma diante da desmesurada inconsciência das massas, mercê da insuficiência de um mecanismo sensorial e cerebral que não consegue agarrar a parte mais verdadeira e mais profunda da vida? Depois, a luta para ascender sozinho, a desvinculação atroz dos laços da animalidade que com freqüência constituem integralmente a vida; o esforço, às vezes perigoso e malogrado, para forçar a aceleração do processo evolutivo. Atrás de cada vitória, a vertigem de uma altura maior, até que apareça um novo mundo de grandiosidade arrebatadora. Dores e angústias recompensadas não mais pela humanidade, mas pelas forças biológicas. Dores necessárias para a criação de valores maiores, os espirituais.

Depois do exame da evolução espiritual como conceito, desde o ponto de vista científico até o religioso; depois do estudo dos meios para realizá-la, sob o ponto de vista social e espiritual, consideremo-la, agora, com um ritmo mais rápido e vibrante, como um impulso de paixão, na plenitude de sua realização. Completaremos, desta maneira, mudando continuamente de perspectiva, o quadro desta concepção que é uma filosofia universal e completa da vida.

Vimos que os caminhos da libertação nos conduzem ao reino do super-homem, a cujos umbrais chegamos, onde se efetua a superação biológica. O nascimento do super-homem pressupõe a morte do homem, ou seja, um isolamento e uma luta. É o isolamento do mundo inferior, é a luta entre o espírito e a matéria, entre o ser novo que se liberta e ressurge e a animalidade que não deseja e, entretanto, deve morrer. Na desvinculação entre espírito e matéria, na libertação deste novo ser que, impulsionado pela lenta maturação do tempo, surge estranhamente num mundo novo com novos sentidos, instintos e conceitos. Aí existe todo um esforço de ascensão, laboriosidade do parto, ânsia de criação, isso depois de uma incubação milenária, a força de acumular experiências e aptidões, crescendo e aperfeiçoando-se com o trabalho da vida. Há algo que recorda, se bem que muito longinquamente, o glorioso nascimento da vida no mundo orgânico — uma grande conquista depois de enorme trabalho e prolongado esforço.

O homem, já chegado ao máximo da evolução terrestre, avança ainda mais além, apartando-se da animalidade que lhe era própria, superando-a totalmente com novas e mais vastas aptidões, até revolucionar a vida.

O espírito, aprisionado pela matéria, já antes de nascer, no período penoso do ensaio, se debate dentro do organismo corpóreo insuficiente e preguiçoso como entre paredes de um cárcere. Urge-lhe crescer, e o mecanismo sensorial já não responde mais a crescente vontade de perceber e de viver. Este novo organismo, que é a alma, deseja romper a carcassa para expandir-se na luz do Sol; deseja superar o passado e abrir-se nas rotas da vida ressurgindo no júbilo de uma renovada juventude. Este é o significado íntimo dos fenômenos metapsíquicos, que tendem a normalizar-se e das manifestações cada vez mais claras do subconsciente na realidade cotidiana. Existe dentro de nós mesmos, e se vai definindo cada vez mais, uma personalidade ansiosa de vida própria. Grita sempre mais forte e golpeia desesperadamente o nosso interior, como se fora porta cerrada de um cárcere. Cada dia é mais castigada pela estreiteza dos limites do mecanismo sensorial. Quanto mais naturalmente se dilata, busca lançar-se fora nas realidades novas e mais vastas, para a conquista de uma vida independente.

Encontramos descrita perfeitamente esta luta e este esforço em muitas passagens psicológicas da literatura mística, como por exemplo, no sonho relatado no Capítulo XXV de **I Fioretti**, de São Francisco, para demonstração de que os "santos", seres biologicamente "adiantados", viveram realmente este drama íntimo: o espírito ensaia vôos e cai. Depois se purifica, cobra forças através de outras provas para volver a reiteradas tentativas. Caindo e ensaiando de novo, consegue, finalmente, o vôo vitorioso.

O espírito sofre na longa espera, mas o futuro lhe pertence. A matéria é tenaz em sua opressão, mas como filha do passado fenece com este.

O homem atual oscila entre as duas fases contíguas, num dualismo de formas de vida que evidencia o transformismo ascendente, dualismo que observamos em todos os valores humanos e que agora volvemos a encontrar no homem. Apresenta-se-nos, assim, uma duplicidade de organismos em um único ser, conexos e distintos ao mesmo tempo, juntos mas não fundidos, distanciados por uma rivalidade que é uma guerra sem quartel para conquistar todo o campo da vida; corpo e alma, matéria e espírito, os quais, assim como a força e a justiça, a dor e o prazer, o mal e o bem, somente representam, no caminho da evolução, o passado e o futuro. Nada importa se a existência do espírito, essência destilada de todas as experiências da vida, que tudo compendia e conserva eternamente, por ser uma entidade sutil e impalpável, foi negada. Não importa tampouco

se, em muitos casos, a alma silencia, pois o seu componente físico é débil. Para outros, ela é uma realidade contínua, evidente, indiscutível; se não é ainda possível, para a sua demonstração, executar uma exata anatomia espiritual, é devido tão-somente a falta de meios sutis de investigação. Quem busca provas racionais para encontrar a alma atesta a sua própria involução. A alma, como Deus, não se demonstra; é sentida e é alcançada dentro de nós mesmos por intuição e não por um esforço exterior de raciocínio.

Em alguns seres avançados, nos quais o espírito se sente maduro para uma vida própria e reclama a sua afirmação em contraste com um organismo que não quer ceder seu campo e perecer, a luta pode chegar a ser terrível. Aquele organismo, se está destinado a eliminação para ser inexoravelmente vencido com o tempo, resume toda a animalidade e é a cristalização de um passado que representa, pela sua massa, uma força e um impulso imensos. À chama ardente do espírito a matéria opõe a inércia das grandes massas, agarra-se, como pesado lastro, ao anjo alado que se atrasa na impaciência do vôo. Podemos imaginar a vida não mais como um ponto, mas como um rasto que vai crescendo até cobrir um bom trecho do caminho da evolução.

O espírito é o seu limite extremo avançado, a locomotiva em marcha que devora distancias, ou ainda, o chefe que vê, guia e manobra. A matéria é massa que, se gravita por inércia, garante a estabilidade, é um corpo que, mesmo dificultando, também assimila, fixa e conserva as conquistas realizadas ainda quando se estenda ao limite oposto do qual a vida se vai afastando cada vez mais. O espírito, que marcha a frente, em processo de contínua e progressiva criação, ansioso por viver "mais além", tem a seu cargo todo o trabalho da marcha e é o inimigo natural de tudo quanto vem atraindo atrás de si. A matéria, em compensação, é um organismo animal feito para abastecer-se a si mesmo e não as criações espirituais, um organismo cujas células estão construídas para as trocas comuns e não para suportar as tempestades do espírito. Este organismo é o inimigo natural do espírito que, para afirmar-se a todo o transe, lhe impõe um trabalho pesado e até o agride, como para matá-lo, a fim de libertar-se dele. Daí esse desequilíbrio que se quis incluir no patológico e que somente é um deslocamento de centro de vida, a aparência exterior de um intenso trabalho de criação. Dentro da vida se encontram o enorme trabalho do renascimento e a dor da morte. O espírito é organismo em crescimento contínuo que no seu incessante renovar-se vai matando cada vez mais a besta no homem. Cada segundo é fração de transformismo evolutivo, no qual uma parte do ser morre e volve a nascer; desloca a vida para dá-la ao espírito, subtraindo-a a matéria. Nenhuma criação é possível sem trabalho e sem dor. Uma parte de nós outros, dada a autoridade da lei que é um impulso irresistível de evolução, deve separar-se para ser abandonada e substituída de outro modo. A natureza inferior está obrigada a este trabalho típico de reparação do mundo de hábitos e instintos que foi seu e que deve extinguir-se. Isto não quer dizer que ela, sentindo-se desfazer pelo ímpeto da borrasca, não resista por instinto de conservação e não se rebele para não perecer. Apertada em engrenagem que a vai esmagando cada vez mais, presa por uma sensação de asfixia e de terror da morte, luta desesperadamente. Daí essa batalha interior, verdadeiramente épica, e que é a maior de todas as glórias humanas. Drama laborioso e fecundo através do qual resplandece a função evolutiva da dor.

Existe um duplo trabalho: o florescimento do espírito, órgão novo que intenta alcançar cada vez mais solidamente as futuras formas; o sofrimento e a morte de um organismo que se sente limitado em suas expansões máximas, formado e afirmado solidamente nos séculos vividos, sob a presidência da mesma lei que agora o mata. Esta morte daquela parte de nós mesmos, que em geral é a mais sólida, pois data da herança dos instintos mais antigos, é o maior tormento. É o justo preço da conquista da evolução.

É bem certo que o caminho da superação, por ser feito de renúncia, é o caminho da tristeza e causa horror, encerrando, todavia, uma alegria que compensa. Não sofre o ser em sua totalidade tais restrições, mas somente o organismo inferior, o único que grita, enquanto a parte mais nobre do **eu** goza e se alegra ao vislumbrar nova e ilimitada expansão.

Encontramo-nos também aqui na frente de dois conceitos inversos e complementares: a função da dor, que no mundo animal é destrutiva e se inverte no mundo espiritual em função criadora. O que para os instintos inferiores significa terror e morte, para o espírito é gozo e vida, e ao contrário. A evolução impõe-se sempre dentro de perfeito equilíbrio de justiça; não é possível se esquivar a um sofrimento, assim como não se pode recusar uma alegria. Quem se entrega aos gozos do espírito deve sofrer o tormento da carne; e quem se entrega aos da matéria sofre um contínuo desassossego, o remorso da consciência, que não é possível abafar, pois despertará quando cair a ilusão. Parece impossível uma posição de ócio, porque a evolução é lei inexorável que nos impõe a conquista de nossa felicidade.

Espírito e matéria representam duas formas de vida tão diferentes que o ser não pode contê-los ao mesmo tempo sem dar a um deles a primazia com menoscabo do outro. Dois amos, dizia Cristo, aos quais não se pode servir ao mesmo tempo Deus e o Diabo.

A natureza do espírito é positiva, ativa, criadora. Sua necessidade suprema é dar e doar-se. Seu gozo é o altruísmo, o sacrifício.

A matéria, ao revés, é negativa, passiva, inerte; para sustentar-se necessita receber, absorver continuamente do mundo exterior; o acumular constitui seu gozo primordial. Cega e muda por natureza, não pode viver se não for fecundada e plasmada pela potência do espírito e reanimada incessantemente por seu abraço vivificador. Daí o egoísmo, a avidez de sua pobre vida reflexa, o insaciável desejo de posse e de domínio. Se o espírito é tão inesgotavelmente rico que pode dar sempre sem se acabar jamais, a matéria é tão pobre que nada pode dar sem sentir-se morrer. Sempre sedenta e famélica, ela é toda garras para pegar, feita para agarrar e entesourar, pois nos mundos inferiores o dar importa em diminuição e autodestruição.

Disto nasce a sua atitude contraditória. O que para o espírito representa a separação dos vínculos de um mundo inferior e a libertação, para a matéria é a desesperação da morte. Agarra-se ao espírito, disputando-lhe qualquer ascensão e tentando melhor sujeita-lo aos seus fins. Estabelece-se desta maneira entre os dois uma luta pela vida, luta que será tanto mais árdua quanto mais forte e atrasado for o nosso **eu** inferior.

Não atendamos à sua voz desesperada. Deixemo-lo, heroicamente, gritar e perecer, vencendo a resistência que aperta cada vez mais as cadeias de nossa escravidão. Se soubermos superar o primeiro esforço, que é sempre o mais penoso, experimentamos no espírito, de imediato, uma sensação de bem-estar, uma alegria em nossa consciência que irá aumentando à medida que avançamos para o progresso, até que se forme em nós o hábito do mando. A cada vitória, a matéria mais debilitada afrouxara o seu apertão e o sofrimento perderá cada vez mais algo de sua intensidade. Se é doloroso matar a natureza inferior, este é o único meio para matar também a dor que, como vimos, desaparece com a libertação, pois a pena da separação deriva totalmente da natureza inferior e não existe para o espírito que se tenha liberto da mesma. O sofrimento reside todo na imperfeição, na impotência, nas limitações que são inerentes à matéria enquanto que, para o espírito, esta é a rota radiante da redenção e da vida.

O fenômeno da superação biológica que nos conduz ao reinado do super-homem assume, pois, a forma de uma luta entre o futuro e o passado, entre o espírito e a matéria, e efetua-se mediante a renúncia, que poderíamos já definir como o processo de realização do transformismo evolutivo. O problema transfigura-se de superação em luta, de luta em renúncia. A renúncia manifesta-se-nos sob dois aspectos distintos. Para o ser ignorante e passivo, que não se move senão sob o empuxo da lei, há uma renúncia forçada, imposta pela evolução, inexoravelmente — a dor — o caminho das grandes massas inconscientes, lento mas inevitável, o caminho de libertação que já examinamos. Existe a renúncia voluntária, caminho rápido, consciente e livre, reservado para aquele que sabe e se lança espontaneamente, sem aguardar imposições, na corrente da evolução e segue-a ativamente, acelera o seu curso, buscando-a e utilizando-a como um instrumento no

caminho da libertação a que aludimos e que estudaremos aqui. Duas escolas diferentes de progresso, igualmente necessárias, das quais não se escapa a não ser para sair de uma para a outra. Ou a dor ou a renúncia. Eis a exigência da evolução e a evolução é a vida.

Dor e renúncia não são, pois, senão duas fases desta operação. Tocam-se como fenômenos contíguos que tendem, de pontos diferentes, a um mesmo fim, — a libertação. Volvamos ao problema da dor para ver como esta se transforma gradualmente até resolver-se no problema da renúncia. Chegaremos assim a explicar-nos o significado deste conceito da renúncia, absurdo e inadmissível, se o separarmos do da evolução que o utiliza como instrumento de superação e ascensão. Estudaremos uma questão mencionada anteriormente, a da renúncia como meio de libertação; veremos como deve ser usado este meio, qual é o dinamismo de seu funcionamento que nos conduz ao reinado do super-homem, onde, finalmente, se realiza a evolução espiritual tão amplamente preparada.

Deixei de enumerar entre os caminhos da libertação os sistemas de Ioga, escola de pensamento e desenvolvimento espiritual, a ciência oriental da evolução, não só porque este estudo nos levaria demasiado longe senão também porque estes sistemas são adequados especialmente aos que podem viver em isolamento monástico. Limitamo-nos, deliberadamente, a uma ordem de idéias ocidentais e científicas e chegaremos à realização da Ioga com os meios da nossa própria psicologia.

A dor, contra a qual de nada valem a riqueza, a ciência e o poder, entra inexoravelmente em todos os lugares e sabe fazer-se sentir também naqueles que ignoram sua função evolutiva, impondo-se incondicionalmente a todos. Em contato com ela, o **eu**, saturado do mundo exterior, sente-se sacudir em suas fibras mais íntimas, por uma sensação estranha. A dor oprime, cerra todas as vias de expansão para o exterior, obriga o impulso da vida a retirar-se em ordem sobre si mesmo para buscar novos refúgios em outras direções, usando rumos inexplorados. As forças, que de outro modo se dispersariam se se lançassem para o exterior, acumulam-se e concentram-se para dilatar-se, em compensação, interiormente, numa expansão diferente. O progresso e a conquista de bens são os primeiros instintos da vida e a felicidade de que o homem necessita. Tudo que os limita lhe causa pena, pois toda a diminuição de si mesmo é dor. O **eu** que se encontra rodeado pela dor, sofrendo-a, agita-se freneticamente sob o apertão que o sufoca, preso de desespero pela necessidade insatisfeita. Vê-se induzido a intentar outros meios para realizar aquela expansão que é a sua própria vida. Se está maduro pelo sofrimento e pelo conhecimento, ao defrontar a barreira inexorável que o destino opõe ao seu fácil crescimento externo, com um supremo esforço se rebela contra tudo o que é do mundo exterior, buscando outro caminho em si mesmo. O impulso da vida toma assim outra direção, para o interior. A expansão encontra a maneira de igualmente realizar-se, mas para uma realidade de outra ordem, saltando por cima das várias lisonjas e gozos. Deste modo, o sofrimento da dor se modifica em um mal benfeitor, porquanto sem o seu aguilhão não teríamos buscado o novo caminho. Uma vez orientada neste rumo, a personalidade traça, então, novo itinerário. Avançando gradualmente descobre que a vida humana não é a vida integral, e vislumbra, mais além da mesma, um mundo imenso. Ocorre um fato estranho: a cada golpe que parece acarretar a ruína, algo ferve e emerge do mais fundo do **eu**. Cada vez que a dor aperta e parece reduzir a vida, algo se reconquista numa forma diferente que, em compensação, a engrandece. Percebemos que a dor nos separa e nos livra de um invólucro denso de apetites e sensações; que a alma se levanta para um mundo maior, à medida que nos vamos despojando da animalidade; que se dilata numa potência mais vasta de percepção, numa forma de vida mais intensa, numa realidade cada vez mais profunda. Do mistério do ser afloram novas faculdades na consciência. Eis porque uma vida de provas pode conter grandes compensações no mundo do espírito, e, como recompensa, estimular essas grandes criações interiores que, na arte, na fé, na ciência, nascem sempre de uma grande dor. Seu valor como instrumento de evolução provém deste seu poder de penetrar e revolucionar, de provocar uma reação. A dor é, desta maneira, um grande estimulador e excitador de rebeliões nas quais a vida espiritual se revela.

No mundo subumano, ali onde a dor é derrota sem piedade, o ser sofre na sombra, cheio de ira. em estado de absoluta miséria de consolo, de luz e de vida. E a dor do condenado sem esperança. O homem é sempre livre para usar, com responsabilidade própria, as forças naturais, podendo retroceder até o abismo se não quiser esforçar-se pessoalmente para realizar sua libertação. Somente no mundo humano o **eu** se reconcentra em si mesmo e pondera.

As experiências se acumulam; o instinto registra; assimilam-se melhores hábitos; criam-se aptidões e capacidades espirituais; a alma começa a sua expansão. No mundo humano o espírito pressente uma recompensa e uma liberação e leva consigo um raio de esperança. É a dor tranqüila de quem expia e sabe. Mesmo quando a alma conserva uma aspereza exterior, encontrou uma rocha onde aquela não chega, outro mundo onde se refugiar. Arte de saber sofrer conscientemente, vencendo a vida. Deste modo a dor recebe um valor totalmente novo, porque a mente a analisou, descobriu as suas causas e estudou as suas leis. Consciente de sua função evolutiva, achou-a justa; num ato livre e voluntário, em vez de evitá-la, aceita-a. Conhece a sua finalidade e utiliza-a. Sabe que não é senão um trabalho mais intenso e fecundo, convertendo-a em instrumento de redenção. Estamos num mundo novo onde as leis biológicas se transformaram e a dor, o terrível inimigo, perdeu muito da sua virulência.

Passamos, assim, ao mundo super-humano onde a dor, de fator negativo e maléfico, se transforma em prazer de criar, em amiga querida dos grandes, em alavanca poderosa que regenera o mundo, em uma corrida para a vida. Soa o hino da redenção. **Felizes os que choram.** Aqui a dor não é mais dor. A lei permanece, mas é a lei santa do sacrifício. O conceito de "dor-mal" e "dor-dano" se transforma no de "dor-redenção", "dor-trabalho", "dor-útil", "dor-gozo", "dor-bem", "dor-paixão", "dor-amor", por graduações sucessivas numa contínua ascensão, até o absurdo aparente do martírio, até uma Santa Teresa, um São Francisco, um Cristo. A dor, então, transfigura-se. Parece esfumar-se na mais profunda sensação da lei, como um eco de mundos inferiores que aí em cima, na glória da alma, não pode chegar.

O milagre da superação da dor, através da evolução, realizou-se. O **eu** e a lei uniram-se em harmonia perfeita, sem possibilidades de violações, de reações e de dor. Esta já não existe aqui como mal ou expiação, mas somente como trabalho livre e consciente, transbordante de prazer de criar valor maior: o homem e sua felicidade.

É neste ponto que a dor se torna renúncia, a fase mais elevada da superação. Agora poderemos compreender o significado deste conceito do qual esta cheia a vida dos "santos". Aqui esta como a renúncia deve ser incluída no número dos caminhos da libertação, porquanto significa isolamento da vida inferior, sendo desta maneira uma condição para ascender até um mundo melhor.

Como tudo se transforma subindo a escala da vida! Como sofrem diferentemente os seres nos mais variados graus de evolução, cada um sua maneira: este, maldizendo; aquele, expiando; esse outro, bendizendo e criando!

Depende de nós o saber ascender para vencer a dor, o saber sofrer reagindo na forma mais elevada, extraindo do tormento da vida o proveito máximo do espírito. Saber reagir, aí esta o segredo. Certamente é mais fácil afirmar-se e vencer o mundo mediante uma reação de força e de ódio, mas só a justiça e o amor são as reações dos grandes. Se o ser inferior não sabe rebelar-se senão manifestando a sua baixeza, quem possui uma alma responde com uma rebelião que é um impulso que o levará mais além dos confins da vida Só, contra todos, mas grande.

É uma experiência — que é a eterna filosofia da vida — a que nos ensina a vencer a dor seguindo a evolução, superando as formas inferiores, afastando-se daquele centro de atração de todos os nossos desejos e paixões que é o mundo exterior, ao qual inexorável transformismo evolutivo se opõe como um furacão, convertendo-o em abdicação de formas transitórias e efêmeras

para enriquecer o próprio eu de realidade mais profunda, mais concreta, mais estável. A criação dos valores será definitiva, o resultado intangível e invulnerável. Conquista-se uma fortaleza dentro do próprio ser, refúgio supremo para as dores da vida, onde tudo, finalmente, se encontre na paz. Tudo isto é uma atrevida exploração no mundo ignoto das forças mais profundas do ser humano. Não é fácil aventura espiritual, mas transformação de consciência, transportada com medo mais além da vida, no supranormal. Pode parecer fuga e destruição, e o é. com efeito, mas fuga para subir mais acima, destruição para reconstruir melhor. Pode parecer uma espécie de mutilação de aspirações e de vontade, uma supressão de sadias energias ativas num estado de passividade vazia do fecundo fermento da paixão, tal como o é na, atormentada degeneração neurótica de algumas religiões do Oriente. Mas é sublimação da vida numa forma de ação mais enérgica e mais viril do que o desgaste inútil da comum agressividade desorganizadora, numa forma de ação mais ativa porque consciente das forças naturais no meio das quais opera.

Meu ideal humano não é o super-homem de Nietzsche, figura primitiva do herói da força, mas o super-homem em quem a vontade do dominador, a inteligência do gênio, a hipersensibilidade do artista, e, sobretudo, a bondade do santo, se tocam e se fundem. O lutador sobre-humano que se digna lutar tão-somente com as forças biológicas e as vence. Um ser que é quase de uma raça nova. É o lutador da justiça, o senhor de todas as forças de sua própria personalidade com o auxílio das quais sabe lutar conscientemente para o bem individual e coletivo.

Existe no mundo um ideal: sacrifício, dor voluntária e jucunda, aceitos como instrumento de grandes criações espirituais, ideal formidável que relampeja no Budismo e no Cristianismo acima do árido conglomerado de dogmas e catalogamento de atos que, se para o vulgo são uma necessidade, para quem se eleva são cárcere da consciência. Este ideal me diz: sofre para criar, morre na matéria para renascer em espírito, sozinho e grande, age preso de uma sagrada paixão de evoluir, divino dom, raro entre os homens. É o conceito da felicidade perfeita exposto em **I Fioretti** de S. Francisco, repetido como máxima das mais profundas filosofias, desde Cristo para cá, em todas as formas e que incompreensível para a mentalidade moderna — intentei repeti-la usando os termos do positivismo materialista.

Tenho a confirmação daquele fato indiscutível que é a experiência vivida, com poderosa fé, por esses homens de vanguarda que são os santos, os quais seguiram este método para realizar sua ascensão, glorificada pelo assentimento dos povos e a veneração dos séculos. Se tudo isto é uma utopia, se a santidade é uma aberração, se a humanidade não está louca, e se desejamos, para venerar, antes de tudo compreender, esta concepção sintética é indispensável. A santidade pode existir também no mundo moderno. Se esta chama de vida espiritual assumiu, nos séculos passados, a forma religiosa monástica, à base de isolamento e contemplação, nas ferozes condições da época que faziam necessárias essas fugas; se hoje para a nossa mente aquela santidade se nos afigura uma utopia por estar cristalizada em formas que já não se usam, ela, entretanto, não morreu. Coma eterno fenômeno indestrutível terá que subsistir, invariável em sua substância, mesmo quando mude de formas, de acordo com o progresso e mentalidade moderna. Uma santidade nova, culta, consciente, direi quase científica, uma santidade que, liberta das estreitas fórmulas medievais, surja à luz do dia no meio de nossa turbulenta sociedade. Um santo novo é necessário no mundo moderno, o super-homem, síntese viva dos mais elevados conceitos, surgido do Budismo, do Cristianismo e da Ciência, consciente de todos os valores morais que compendia; de sua força biológica, de sua função evolutiva; um santo que, superada a forma, liberto do passado, dono do futuro, volte a lutar em nossa vida, com nossa psicologia, “dominador” em perfeito equilíbrio entre tantas forças diferentes; e que suporte heroicamente o choque das almas rebeldes e jovens; Se hoje o emblema é "força", que seja a força superior do espírito, seja a beleza espiritual que se anime a manifestar-se e viva no mundo como um desafio para que o mundo, se não as compreender, se dilacere e, dilacerando-se, aprenda.

Vimos o processo genésico da santidade, o vasto processo de transformação que conduz o homem até os umbrais do reino do super-homem. Existe, na realidade, este momento crítico em

que, depois de uma larga maturação de um novo psiquismo, o ritmo fenomênico se precipita na fase típica da crise espiritual: a conversão. Um **quid** novo, nascido do trabalho profundo do espírito, está pronto. O transformismo evolutivo com a sua marcha inviolável, medida pelo compasso do tempo, chegou. Instante decisivo do deslocamento de equilíbrios, quando a indecisão entre os dois mundos, o humano e o sobre-humano, já não é mais possível. Este momento psicológico, que é o ponto crítico em que se resolve o fenômeno espiritual, não é, por certo, um conceito novo. As escolas do pensamento chamaram-lhe "umbral"; as religiões ocidentais, "a graça". Termos imaginativos para descrever, o primeiro, um ingresso em um novo mundo, ingresso impedido pelas paixões e instintos do passado que, erigidos em vontade autônoma, funcionam, como seres vivos, como guardiões. O segundo, um descenso do sobrenatural no humano para levá-lo, num abraço fecundo, para o alto.

Os estados psicológicos característicos deste momento que preludia o renascimento da superconsciência parecem estranhos. Depois da grande luta, toda a vontade parece ter-se acabado. O ser, presa de um total decaimento, extraviada a razão, destruída a consciência e esgotada toda energia vital num estado de passividade que parece inércia e não é mais do que a receptividade que alcançou o grau do hipersensível, então, o eu mais profundo da superconsciência desperta e se manifesta.

É surpreendente a mudança (tal como uma criança que se converte em homem) verificada nesse tipo de consciência, que, entre as sensações de morte, renasce tão diferentemente. Surpreendente porque contraria todos os cânones da ciência médica: um organismo que parece finar-se, precisamente durante o seu descenso vital, se vitaliza e se sensibiliza, se aguça e se dinamiza perceptivamente, engrandece-se espiritualmente tal como se se nutrisse em mananciais de energia de natureza extra-orgânica. Todo o mundo das sensações reaparece, mas tão fora do habitual e tão incontrolável a princípio, que assume as aparências incertas de sonho. Então, a percepção, antes insegura, incompleta e, às vezes, errônea como no recém-nascido, se vai precisando, fazendo-se mais luminosa e consciente. Período de controle, como de regulação destes novos meios de percepção à realidade externa. Período em que a consciência, ao mesmo tempo que se alegra por sua acrescentada potencialidade, por outra parte se assombra por estranhos extravios, provocados por deslocamentos de sensibilidade, o que constitui o seu maior tormento, pois sente que se perde neles tudo quanto havia conquistado. Vislumbrar por um instante um mundo novo e, em seguida, como cego, não ver mais nada. Sentir possuir novas faculdades perceptivas e de chofre não as saber usar mais. Ter provado o êxtase e senti-lo desvanecer. Tudo isto. é característico desse período de transição e possui toda a incerteza da tentativa e toda a voluptuosidade do desenvolvimento.

Todavia, gradualmente, a percepção anímica se vai estabilizando, e o eu se orienta. A mudança de consciência se afirma e o novo **eu**, dono de novos meios, retorna à direção da vida em forma diferente, já sem forçar a vontade, num estado de sinceridade absoluta, como um **eu**, diferente que já não diz mais **eu** porque se integrou no todo; que não possui órgãos sensoriais e entretanto tudo sente; carece de organismo material, entretanto vive e age; não possui voz, entretanto fala; não raciocina com a lógica humana retardada e analítica, mas conclui instantaneamente com esta faculdade mais rápida, profunda e sintética que é a intuição. Já não se desdobra em um comando de vontade, nem se consome num esforço de energias, mas que "é" imediatamente tudo o que quer. A percepção, então, se realiza totalmente em forma de vozes e visões, por sensações que vêm do interior e que — seja do interior ao invés do exterior, impressionando o nível sensorio dos centros nervosos, seja que se elevem a uma ordem superior e própria jamais alcançada por aqueles meios — sempre dominam a consciência com força tal que as sensações transmitidas pela via fisiológica-nervosa-cerebral do mundo exterior passam, como ofuscadas, à segunda linha. Daí a diminuição da sensibilidade e algumas vezes a invulnerabilidade à dor que muitos acreditam milagrosa; daí o sentido profético, telepático, as visões, os êxtases, que sem dúvida encerram um mistério, que as hipóteses patológicas não explicam suficientemente. Estes estados escapam por certo à análise objetiva, pois somente se chega a eles pela introspecção. Não se trata de um fato exterior por analisar, que se possa dirigir a observação, mas de uma mudança de consciência, ou seja do próprio

instrumento de investigação. Depara-se-nos a falência da psicologia analítica, racional, exterior, que é considerada a arma de compreensão universal. Dir-se-ia que a superconsciência repele a razão para o seu mundo exterior, porquanto já não lhe é mais necessária. Estamos diante de uma forma de consciência, de uma faculdade de juízo que dirige sabiamente a vida, se bem que com meios e sensações diferentes. Sabemos somente que é algo que brota do íntimo mistério da personalidade, uma consciência que é independente do mundo exterior e possui a sensação de sobreviver-lhe como consciência da vida eterna. Vive-se então diante da revelação de realidades insuspeitas, mais profundas, além da forma, em contato com a essência das coisas. É a visão apocalíptica da palingênese.

Superado este momento crítico, crise interna que existe na vida do gênio e do místico e que a moderna psicologia reconstruíra para compreender, o que não pôde fazê-lo a mentalidade de outros tempos, a consciência se estabilizará em novo estado, numa atmosfera de grandeza e de mistério que nos encherá de espanto. Realizando um último esforço, façamos uma mirada audaz na alma do gênio e do santo para penetrar o enigma de sua vida interior, sentir com eles a potência das forças motrizes de atividades não comuns, observar, não mais o lado humano, lânguido e moribundo, mas o lado divino da vida. Veremos a glória dos triunfos interiores, o júbilo das novas expansões, grandezas de conquistas e labaredas de paixões novas. Não mais veremos o aspecto negativo da destruição e da morte, mas o positivo da ressurreição e da afirmação da personalidade. Olharemos com a coragem que nos confere a necessidade de venerar e a fé mesma dos grandes, ainda quando o haver ousado compreender e desejado imitar não nos tenha servido mais do que para tornar a cair, numa vã tentativa de vôo, mais dolorosamente ao solo, para quedar aí, mudos e assombrados, olhando ao longe, com a nostalgia no coração, o cume inacessível do reino do super-homem.

Como descrever os estados de superconsciência, a psicologia do supranormal? A normalidade retrocede com uma sensação de vertigem e de sagrado terror. Como descrever estes estados de contemplação interior, no qual o mistério do universo e o mistério da alma se olham e se compreendem? O olhar aprofunda-se na íntima causalidade fenomênica. O fracionamento da realidade entre os obstáculos de espaço e de tempo é superado durante o supremo estado do espírito que descansa na visão global do todo, êxtase com que o santo é recompensado amplamente da perda de todas as coisas humanas, de todas as dores e renúncias que se impôs a si mesmo para alcançá-lo; arroubo sublime onde o tormentoso torvelinho das ilusões humanas não chega, onde o descanso é absoluto, o poder imenso, a vida, que se multiplica em nova percepção anímica, corre caudalosamente ao encontro do infinito. É completo o gozo do espírito que aceita o beijo divino que se inclina para ele em labareda de amor. Amores incompreensíveis que abalam e quebram a débil tessitura humana, demasiado frágil para suster seu ímpeto. O centro da vida se desloca, seu trono se eleva na hipersensibilidade própria do supranormal e parece nutrir-se nos mananciais exclusivamente espirituais, mediante um intercâmbio que se efetua em meio as forças de uma ordem especial, desconhecidas por nós.

A alma possui a visão da lei, a sensação de seus atos, submerge-se na sua corrente, respira a música que emana das harmonias da criação e se alimenta deste respiro. Que vibrações do Cosmos encontrou, como as absorve, de que modo sintoniza com essas vibrações do infinito?

Os estados supranormais foram descritos diferentemente pelos místicos, justamente porque essas sublimações de personalidade são, como as filosofias, distintas, segundo o tipo de temperamento de cada um. Vem, por evolução, de um longo passado. Existem, entretanto, um fundo comum e linhas gerais que convergem sempre, de qualquer tempo e lugar que elas derivem, e que não deixam motivos a dúvidas. A superconsciência é sempre consequência da dor criativa da renúncia, é sempre o último termo de uma evolução dos instintos, dos desejos e das paixões.

Há uma classe de temperamentos, a dos sensitivos ou psíquicos, a que pertence o místico e na qual se pode incluir o poeta, o artista, o músico, o homem de ciência, o gênio e o santo. Ali onde

as qualidades espirituais humanas se desenvolvam em qualquer forma e a natureza humana alcançou as suas faculdades mais elevadas, ali existe sempre um super-homem. A humanidade compreende e exalta aquela condição do mesmo, que se encontra mais evoluída e posta em maior evidência pela oportunidade ou pelo ambiente, mas todas elas possuem pontos de contato entre si e coexistem mais ou menos latentes no mesmo ser. As qualidades de raciocínio, se bem que não são mais do que luz fria que, mesmo quando clareia o atalho, nada sabe realizar por si só, movem-se amiúde paralelamente, prontas para excitar as do coração, a paixão que obra e cria. Se os intelectuais agem num campo com as forças analíticas da mente, os emotivos e os apaixonados constróem em outro campo com a força intuitiva do sentimento e do amor. Fecundidades distintas, porém necessárias e todas grandes, porque a vida precisa igualmente de luz e de calor.

Freqüentemente o intelecto abre a rota para em seguida arrastar atrás de si o coração. Há quem chegue através do largo caminho da análise; há quem o faça pelo atalho da intuição, mas sempre se alcança a criação de um tipo de super-homem.

Tratemos de delinear as características mais salientes da psicologia do super-homem, entidade de raciocínio e de paixão, qualidades fundamentais da natureza humana, que não se destroem, mas se aperfeiçoam e se equilibram na forma mais seleta.

Antes de tudo, uma racionalidade mais perfeita. A conquista da verdade se completou. A consciência move-se em plena luz. Não mais uma verdade subdividida, fracionada em tantas pequenas verdades particulares, incompletas e em luta, buscando a unificação, mas uma verdade universal que, superando-as, admite todos os pontos de vista dos indivíduos, dos tempos, das crenças e das religiões. Eliminada essa nulidade lógica, a consciência já não nega nada mais porque conhece tudo. Não mais essas zonas obscuras, inexploradas, dentro e fora de si, essas grandes zonas de trevas que são os mistérios. O mistério, necessidade da mente inferior e involuta, desaparece. Faz-se luz até nas coisas íntimas. A lei evidencia-se integralmente, seja em grandes linhas como nos pormenores.

Paralelamente, uma sensibilidade mais profunda. Um feixe de sentimentos novos, que poderíamos chamar "percepção anímica", permite o gozo de sutis belezas, amiúde despercebidas. Junto as harmonias da arte, do homem e da natureza revelam-se as harmonias mais profundas da estética moral, a arte divina que não possui a beleza superficial grega da forma, mas a íntima e mais alta beleza do espírito. Mais do que a contemplação de uma idéia, é a realização em si da perfeição superior e da harmonia universal. É a conquista de valores imperecíveis, é a criação de um organismo espiritual de eterna beleza, ao qual a vida tudo sacrifica — juventude, força, saúde, poder e tudo quanto de transitório a Terra ostenta. A consciência possui a sensação desta beleza interior, síntese de arte superior, e esta sensação constitui um prazer. Uma nova capacidade de penetração psíquica, que poderíamos chamar de intuição, revela, sem sombras, o mistério da alma. O organismo espiritual de todos os seres mostra-se desnudo; espontaneamente se manifesta a causa daquelas misteriosas atrações e repulsões chamadas simpatias ou antipatias, e que são afinidades ou antagonismos, súpula de toda a história da personalidade humana. É bem certo que a alma sempre se reflete no corpo, através do qual se torna transparente, esforçando-se, todavia, para sair dele a fim de se expressar livremente. Mas o homem, com demasiada freqüência pretende construir no corpo uma falsa imagem da alma. A intuição penetra sem esforço através de toda a aparência, demole toda a astúcia. A superconsciência, que não admite mentiras para si, não as tolera nos demais. Se as faculdades anímicas conferem superioridade na luta cotidiana, combatem deste modo da forma mais aristocrática. A vida perderá por certo muitas das doces ilusões, mas, com elas, todos os seus erros e desenganos. A sociedade humana, vista claramente no que é e não no que pretende ser, aparecerá como espetáculo muito triste, mas nem por isso resplandecerá nela, com menos potência, a justiça divina, nem sua harmonia será menos suave e perfeita.

A conseqüência de tudo isto é um conceito diferente da vida, um estado de ânimo novo para com as coisas humanas. O conhecimento das grandes verdades, a solução das últimas

interrogações, confere uma grande calma interior, a paz de quem viu a meta, o último termo a que a alma aspira. Deste conhecimento das verdades universais deriva o da própria verdade espiritual, do próprio destino. O super-homem é consciente de toda a sua personalidade, da origem de cada um dos seus instintos, que descobre no seu passado eterno, na história daquele germe espiritual que, vivendo e tomando a viver, vestido de diferentes organismos, adaptando-se, absorvendo, assimilando, sempre adquire uma nova qualidade em cada prova vencida, conservando eternamente dentro de si os frutos espirituais da vida. O super-homem conhece a sua história, larga história tecida de férrea logicidade, na qual nada se cria e nada se destrói, mas tudo se transforma, e nenhum valor se perde. Sobre estas bases, e pela mesma férrea logicidade do passado e a indestrutibilidade das faculdades morais, antecipa o seu futuro, prepara-o e deseja-o. Daí o domínio de todas as forças do próprio **eu**, o saber comportar-se no meio dos grandes choques da vida com uma visão muito ampla e segura das grandes extensões das coisas cotidianas. Se a superconsciência é, sobretudo, um fato espiritual, como tal repercute e se impõe também na realidade exterior, dominando-a. Encontramos, assim, junto a uma olímpica calma interior, a consciência de um poder dominador.

Nem por isso o furacão das coisas humanas deixa de açoitá-lo, mas se limita à superfície. A consciência não sofre, porque se reconhece autônoma, muito diferente, não mais identificada com o mundo vencido, podendo refugiar-se naquela parte do ser pertencente a vida eterna, fortaleza inexpugnável que guarda com segurança o tesouro de maior valor. Não sofre porque sabe que a tormenta existe somente na aparência, que o caos é contraste transitório e a grande realidade é o equilíbrio que porá fim a toda desordem. Desaparece, com ele, aquela estridente dissonância lógica, o tormento maior do espírito, que é a incompreensão do ambiente, e o pedir sem obter, pois se pede o absurdo. Isola-se, no mar de dissonâncias, um oásis de harmonia, onde a vida é mais linda. A profunda visão das coisas, mostrando também os lados mais vastos e mais distantes do problema humano, oferece em cada caso a sensação da mais exata justiça, a grande fé e o otimismo absoluto, mesmo em frente da dor. Toda posição social, por injusta e penosa que seja, parece sempre a melhor. Antes de inquirir que faltas individuais ou coletivas se está expiando (todos possuímos uma culpa por expiar, como indivíduos, como classe social, como nação e como humanidade) e antes de compreender a dor remontando-se às fontes do mal, reage-se, via de regra, com atos de rebelião, de ira, de inveja e de inútil ferocidade. O homem superior, ao contrário, somente tem uma reação, a de uma caritativa atividade em reparar o mal, a da reconstrução silenciosa e consciente, realizando sozinho, sem transferir a responsabilidade a outrem, o tremendo dever que lhe compete, porque sabe que o sofrimento é trabalho fecundo de conquistas espirituais e porque muda cada pena em trabalho cotidiano, nobre e remunerador, para o êxito. Então, o espírito, vivendo em relação com os mais distantes momentos do grande esquema de seu próprio progresso, se sobrepõe às misérias imediatas; a vida se transforma numa harmonia contínua, um canto de gratidão que é a música mais profunda do espírito. As dores humanas não desaparecem, mas diverso é o choque quando ferem a mente encouraçada, e desprezível a sua força de penetração no espírito defendido pelo conhecimento profundo, possuidor da virtude de se refugiar no paraíso distante aonde não chega a dor. É felicidade difícil e árdua, mas sem dúvida muito grande, a única que resiste á investida das duras provas da vida, surgindo delas ainda mais bela! A harmonia interior, essa paz que provém do sentir-se sempre em relação e de acordo com o funcionamento orgânico do Universo, de achar-se sempre na melhor posição, qualquer que seja ela, o hino do coração da harmoniosa voz da consciência, o viver nessa fé, na lógica e na bondade do todo, nessa luz do espírito como na própria atmosfera vivificadora, é saciedade de alma contente, equilíbrio de compensação psíquica, do qual nasce a ventura superior e invulnerável.

A libertação realiza tudo isso. A personalidade que se formou na vida interior já não é mais arrastada pelo torvelinho de todas as correntes do mundo e tendo conquistado a independência das condições exteriores, converte-se em centro de uma realidade própria e autônoma. O super-homem emerge do mar cuja tempestade já não o envolve. Venceu o mundo, que já não pode mais violar sua liberdade, deter seu trabalho nem alterar a realização da sua vontade. Com isso ele não se ausenta de nossa vida, mas irradia nela a luz nova, demonstrando que existe para todos o meio de remissão e também a possibilidade de ascender. Apesar de todas as desigualdades humanas, há uma igualdade

absoluta emanante da eterna justiça, de que todos somos obreiros no campo da própria diferenciação e sob as formas mais diversas.

Tudo quanto temos dito não basta para circunscrever totalmente o ciclo da personalidade humana que, junto às exigências viris da mente, contém as exigências de ordem feminina, da paixão e do sentimento. A evolução que comete e transfigura a personalidade humana em todas as suas qualidades, transforma, acrisola e enaltece também as paixões, sem destruí-las.

Existe uma evolução do desejo, uma evolução dos instintos, uma evolução das paixões. Seria insensato condenar aprioristicamente e em absoluto a sede de existir, a ânsia da vida, que é o desejo. Ele é a mola de todo progresso, o estímulo necessário para toda conquista, o antecedente daquela exteriorização na qual a alma, experimentando, se engrandece. É a chama da ação, da luta e da prova indispensável à evolução. É mister conduzir o desejo para uma contínua elevação, de modo que todo o organismo dos instintos e a fortaleza das idéias inatas se transformem, conduzindo o homem para as modalidades superiores de vida e de perfeição moral, que são as virtudes, as quais, ao longo do incessante trabalho das civilizações, são concebidas e assimiladas. A vida social, as religiões e as leis possuem a função de educar o homem, ainda selvagem interiormente, penetrando em sua consciência, impondo-lhe a evolução dos instintos e das paixões, que são forças diretrizes da vida.

Observamos uma única paixão, a maior — o amor — o qual, presidindo à conservação, encerra mais profundamente o misoneísmo de raça e parece mais renitente á evolução, para ver como esta paixão se sublima na personalidade humana que estamos delineando.

Se o amor no mundo animal é função quase exclusivamente orgânica, no homem, enriquecido pela evolução de novas faculdades, adquire qualidades de ordem nervosa e psíquica. O fenômeno do amor complica-se; à função animal, que biologicamente foi a principal, se sobrepõe, como um crescimento ou uma incrustação, um feixe de funções novas que transformam todo o fenômeno, tornando a sua estrutura mais completa, e como sempre acontece na evolução, ampliam seu campo de ação. Para maiores poderes, porém, maiores perigos, o que os seres menos evoluídos ignoram. Observando, neste campo, as correntes que a evolução abre dentro da massa humana, vemos hoje a tendência no amor para aperfeiçoar-se e sensibilizar-se, tendência que, aspirando a outra forma de super-amor espiritual, oferece, simultaneamente, o perigo de perder-se em degradação neurótica, em erotismo sexual. A humanidade encontra-se defronte do dilema: ou bem materializar, mais do que elevar, o amor, caindo em formas de prazer nervoso mais intenso, porém de baixo erotismo antivital, ou bem dominar a sua paixão e guiá-la, orientando a evolução para as formas de amor espiritual do super-homem.

Esta característica tendência atual do amor para sublimar-se, revela-se de forma evidente na atitude da psicologia corrente e da literatura em voga. Sem dúvida, em matéria de amor, sabe ser às vezes de um psiquismo refinado, como nunca o fora em épocas passadas. Predomina nela o elemento nervoso e sutil, tudo o que é fascinação, simpatia, graça, arte, música, vibração e estados de alma, tudo o que é poesia e perfume do amor. Encontramo-nos indubitavelmente nos mais altos graus do amor humano, onde se acentua a parte espiritual. A voluptuosidade não é mais a turva orgia dos sentidos e aspira transformar-se em límpido êxtase de alma. Um passo mais e o amor humano será superado. A humanidade está às portas do novo reino e entrará nele, se souber perseverar na tensão do progresso para a nova fase espiritual e realizar um esforço supremo e decisivo de concentração de energias para subir o último degrau, além do qual está o amor místico e divino. Este, assim como os Santos o conceberam, viveram-no e gozaram-no em êxtase supremo, não é a agradável digressão de romântico sentimentalismo, porém a mais tempestuosa das conquistas, na qual há que empenhar todas as forças da vida. É duvidoso que hoje se realize este trabalho, pois toda criação demanda mui áspera luta, na qual o espírito se tempera e se exercita, sem prazer e sem descanso. Dispersam-se as energias. A nova sensibilidade, ao invés de ascender, retrocede; ao invés de espiritualizar-se, torna-se neurótica e decai. De sorte que o amor, na sociedade atual, mesmo

quando alcança os mais elevados graus da finura a ponto de parecer quase chegar à espiritualidade do misticismo, recolhe-se sobre si mesmo e volve a baixar antes de elevar-se do solo, envenenado pela sua própria potencialidade. As novas faculdades psíquico-nervosas, ao contrário de ser utilizadas para progredir, são exploradas para um gozo maior, última conseqüência da ruinosa concepção materialista da vida. O cérebro e o espírito são postos a serviço do prazer. Chega-se, com tais critérios, a fazer misticismo sensualizado e falsificado, enervante e enfermizo, mediante artificiosas complicações de refinadas exteriorizações, enquanto impera no espírito o vazio e a desolação. Uma evolução às avessas, a mais completa substituição da alma.

Observemos, entretanto, na evolução do amor, as sucessivas aproximações do superamento realizado pelo explorador do supranormal. Esta concepção do amor divino como sentimento limítrofe, derivado, por evolução, do amor humano, dá-nos a explicação lógica da sua origem. O fenômeno psicológico, que existiu o pode existir, adquire uma base racional, de outro modo inexistente. O amor divino proveio como em todo o fenômeno — por continuidade, do amor humano, ao qual é afim, e conseguiu, através de sucessivas provas e elevações que somente demoliram a sua parte mais involuta, aperfeiçoar-se e purificar-se, Ascensão de paixão, que faz parte da evolução da personalidade, na qual todas as qualidades se transfiguram numa psicologia de ordem superior. Poderemos, desta maneira, delinear uma gradação das formas de amor. Cada ser, desde o animal é as raças humanas inferiores, desde o homem inculto das classes sociais mais baixas, até ao intelectual, ao ao santo, ama de maneira diferente, segundo a qualidade, a perfeição alcançada. O amor sofre transformações profundas paralelamente ao desenvolvimento desta cadeia de tipos humanos. Sendo a maior força do universo, não pode deixar de achar-se em todo nível de vida. O progresso é assinalado por uma revelação de amor mais ampla. Suas funções, desde as mais simples, nos seres inferiores, multiplicação da espécie — desenvolvem-se com a infinita potencialidade do germe, complicam-se com novas atribuições que se subseguem por evolução, aumentando sempre o seu reino. A fêmea transforma-se em mulher; o macho, em homem. A simples atração sexual cresce no amor maternal, filial, familiar, nacional, humanitário, para chegar à beneficência e ao altruísmo, culminante na abnegação suprema do martírio. A mulher transforma-se em anjo e o homem em santo.

Nesta progressão das formas evolutivas do amor vemos exteriorizar-se, cada vez mais energeticamente, todas as defesas da vida, pois é função do amor criar, conservar e proteger as forças destruidoras do egoísmo são absorvidas e anuladas gradualmente, num crescimento de altruísmo e de sacrifício, pelas forças criadoras do amor. O altruísmo universal que abraça todos os semelhantes nasce, não obstante isto possa parecer hoje uma utopia, do altruísmo familiar, que lhe é um esboço. É a força em evolução que, em tempos melhores, será o cimento indispensável dos organismos sociais progressivamente homogêneos, pois quanto maiores são as concessões que na vida de cada um se outorguem à vida dos demais, ou seja o altruísmo, tanto mais forte é a sociedade, e mais individualizada e consciente a alma coletiva. A absorção do egoísmo no amor, esta inversão de forças, contrárias uma na outra, não é senão um momento do processo de conversão do mal em bem, da dor em felicidade, que já vimos efetuar-se por evolução, e possui assim outras funções além das de defesa da vida. O raio de ação do egoísmo é estreito, constituído de separativismo, tende ao isolamento, possui um campo limitado de penetração e de gozo, não obstante parecer o caminho mais rápido para o prazer, contém, ao invés, uma força de inibição do próprio gozo. Se, em compensação, o amor, espiritualizando-se, transforma-se numa dedicação cada vez mais completa e gratuita, que parece a negação do prazer, tudo o que perde por não ser egoísta ganha-o em profundidade de sensação, em potência de penetração, em castidade de percepção e de ação, e, por último, em realização de felicidade, porquanto a evolução do amor não é senão a revelação gradual de ilimitada capacidade de prazer. Este aumenta e torna-se estável. De satisfação precária, ligada a funções orgânicas sujeitas a cansar-se demasiado rápido, devido ao desgaste, equilibra-se numa satisfação nervosa e psíquica cuja nascente mais imaterial dificilmente se esgota e não se altera. Nos fenômenos da matéria existe algo que se cansa mais rapidamente. A imaterialidade elimina os desgostos que desmoralizam, confere estabilidade a tudo, tornando tudo mais real. Vibra nela não a limitada sensibilidade do corpo, mas a sensibilidade mais ampla e mais profunda da mente e do

coração, órgãos capazes de sensações mais firmes e intensas, independentes das condições físicas do ambiente.

Nesta ampliada capacidade do desfrutar, satisfazem-se também desejos e afirmam-se paixões de outra natureza. O desejo de posse e de domínio, tão humanamente insaciável, será satisfeito quando, por ter renunciado ao egoísmo que nos separa de tudo o que nos rodeia, podemos possuir e dominar o todo, aproximando-nos das coisas sem vontade de tomá-las e conservá-las com o desprendimento do mais completo altruísmo. Deste modo se explica a renúncia e a pobreza daquele grande rico e enamorado que foi São Francisco. Possui-se, então, tudo, riquezas sem limites, quando se sabe amar desta maneira, a todos, com aquele amor perfeito que nada pede.

Estas são as maiores paixões que tanto dilatam a existência, vividas pelo super-homem e pelas humanidades futuras, a seu turno. Para o homem do futuro, certamente, as grandes satisfações serão de ordem espiritual. Ele sentirá por nós, talvez, um asco, tal como o sentimos por um animal, mergulhado nos grosseiros prazeres dos sentidos, semelhante ao que nós experimentamos pelas distantes orgias romanas. Rir-se-á das nossas ânsias de riquezas e das nossas paixões, próprias de homens primitivos, valorizando, ao contrário, as satisfações que proporcionam o pensamento, a arte, e outras mais refinadas que a criação infundiu nas belezas da vida. Entretanto, é a nossa época, e não as passadas; a que sente o afã dos superamentos e está elaborando a sua nova alma. Uma expressão manifesta do multiplicar-se do espírito moderno vemo-la na evolução da música, índice dos sentimentos humanos, música que deseja expressar atitudes interiores cada vez mais complexas e que, fugindo ao cediço argumento do ódio e do amor, deseja elevar-se a descrição de todos os estados da alma humana e da natureza, buscando novos rumos. Não mais a simples melodia que acaricia o ouvido, porém, a harmoniosa arquitetura do canto na orquestração majestosa, tal como na forte concepção wagneriana. Música espiritual que dirige não só aos sentidos, mas à alma, com voz que expressa sensações de ordem superior.

Com esta evolução de sentimentos e paixões, transita-se, assim, do amor humano ao amor divino. Para os que não são sensitivos parece que a paixão que se espiritualiza oculta-se além de toda percepção, no nada, enquanto que ela apenas se desmaterializa. O super-amor do santo é para ele uma satisfação real e elevadíssima, a ponto de recompensar-lhe toda a heróica renúncia. É alegria totalmente interior, e tão diferente das alegrias humanas que, mais do que uma atitude do espírito, é para todo o ser uma transfiguração na qual o super-homem, através da negação de todo o seu **eu** inferior, reafirma-se e ressurge num mundo superior.

Este amor tão diferente é estranho ao nosso sexualismo, aparta-se deste não por ser assexual, mas porque é supersexual, porque não pode encontrar no mundo o termo de complemento, e deve buscá-lo mais além da vida, no seio das grandes forças cósmicas, no isolamento relativo e aparente, prelúdio do regresso ao mundo em forma de amor universal. Na solidão dos silêncios sem fim o santo ama; sua alma hipersensível abre-se a todas as vibrações do infinito, num, arranco impetuoso e frenético para a vida de todas as criaturas irmãs. Embora se nos afigure só, ele está com o Invisível a quem estende os braços no êxtase de um supremo, e vastíssimo abraço. Algo se lhe responde do Inconcebível, algo o inflama e o nutre, num incêndio que reduziria a cinzas qualquer outro ser humano. Crepita o amor que abrasa todo o Universo. Num mistério de sobre-humana paixão, Cristo, sofrendo, abre de, par em par os braços na cruz, e São Francisco, no Alverne, abre seus braços a Cristo.

Estas são as grandes possibilidades da psicologia do super-homem como ser de raciocínio e paixão. Uma observação mais, antes de terminar. O super-homem, que é um tipo psíquico excepcional, e que, julgado segundo o critério do nosso mundo, transborda as unidades de medida comum, foi sumariamente degredado para o anormal. Devido à sua aparente neurose, foi grosseiramente confundido com o patológico. Absolutismo e simplicismo de sabor lombrosiano, demasiado primitivo para identificar e distinguir estas formas de pseudoneurose, nas quais o patológico, se existe, existe transitoriamente, não como uma nota desafinada, mas como aparência

exterior de uma íntima febre de ascensão, como sistema do esforço de superamentos biológicos. Pretende-se incluir no anormal todo aquele que se excetua à maioria dos casos e à mediocridade geral, ao tipo humano mais comum, de valores duvidosos. Este julgamento apressado conduz ao erro de equiparar e confundir, colocando-os por igual fora da lei, o subnormal e o supranormal, ou seja, fenômenos que são sensivelmente opostos.

De acordo com o que fizemos notar, quando delineamos o fenômeno da evolução espiritual, hoje se torna cada vez mais freqüente o desdém por um tipo humano que tende ao supranormal, extremamente nervoso e genial, ainda que de genialidade atormentada. É, por acaso, um enfermo ou um degenerado? Como julgá-lo? A própria ciência, desorientada pelo fato de que os clássicos elementos de juízo não oferecem a explicação deste moderníssimo fenômeno, vislumbrando nele uma enfermidade tão atípica, de uma ordem clínica tão indefinível, que se viu obrigada a considerá-la apenas como uma **forma de personalidade**. Observemos as suas características. Inteligência e atividade, uma nota predominante de intenso psiquismo; ágil mobilidade do espírito, na ânsia de criação incessante; inquietude e fuga de todas as formas de inércia, ou melhor, um desequilíbrio de concepção da vida. Moralmente, uma delicada percepção do verdadeiro, do belo, do bom; uma retidão que demonstra possuir realmente os altos ideais de virtude, honestidade, altruísmo, que são a base da vida social e indício de elevado grau de evolução, conceitos cuja elaboração é o custoso e último produto de toda civilização, o que a mediocridade normal está longe de ter alcançado. Quanto à sensibilidade, o sistema nervoso é levado ao máximo da agudeza e da potência. Organicamente, o tipo é em geral resistente e de longa vida. O aspecto patológico revela-se no esgotamento de energia nervosa, debilitamento da vontade; inconstância no esforço, emotividade por demais acentuada, estados afetivos inexplicáveis e incuráveis. Este é o quadro de muitos casos de neurastenia; enfermidade nova e estranha que, se às vezes é obscura e sem as características comuns, compõe-se nos aristocratas da neurose, da mistura do sofrimento e da inteligência, associação compensadora e inexplicável num organismo que apresenta sintomas de decadência. Que mistério se encerra nestes caprichos do patológico?

Dir-se-á que, na natureza, onde tudo tem a sua razão de ser, esta sensibilização dolorosa o espiritual; não é mais do que o esforço de novas adaptações; a rebelião e o tormento de um organismo ainda não preparado para satisfazer as exigências da alma nova que geme sob o peso de violenta criação biológica. Como fora possível explicar, senão num enfermo, aspectos que compartilham da superioridade? Como explicar, a não ser com hipótese de uma pseudoneurose, sob a qual se esconde um labor incessante de criação, essa intensificação de capacidades nervosas, mentais e morais? Então, como interpretar esta inopinada dilatação de potencialidade anímica senão com a teoria da evolução espiritual?

Som pretender aprofundar a questão, demasiado vasta para este estudo sumário, das relações entre neurastenia e evolução psíquica, a fim de colocar esta como elemento precursor daquela — um sintoma — na realidade nos encontramos ante um tipo de personalidade que representa, por refinamento moral e superior intelectualidade, a assimilação já efetuada dos mais altos valores espirituais, a formação completa do tipo para o qual a humanidade tende em seu desenvolvimento. Encontramos nele todos os sinais de nobreza racial, de aristocracia que encerra o acme de perfeição que a humanidade tenha jamais aspirado conquistar. Em sua própria lassidão e emotividade demasiado intensa, na exaltação do sua inteligência e sensibilidade dolorosa, existe algo ultra-refinado como de uma raça que, por estar excessivamente madura, agonize e morra. Não mais um organismo físico predominante, que impõe necessidades o sensações ao seu sistema nervoso, instrumento de sua vida, mas um organismo nervoso preponderante que absorve tudo para si, condiciona o funcionamento orgânico, e acaba por dominá-lo e transcendê-lo numa quase tentativa de criar-se uma própria forma de vida. A pesquisa no supranormal, o ensaio de novos estados de consciência e a delicada espiritualidade deste tipo humano significam uma antecipação do futuro. Socialmente pode representar, se orientadas suas energias e utilizadas as suas qualidades raras, um precioso fermento de sensibilidade e atividade, um raio de luz no meio da massa trevosa

dos medíocres, dos sãos e dos normais, nos quais, predominam a inércia e as funções animais, pois o seu mais alto ideal é a reprodução e a nutrição.

Existe, indubitavelmente, uma neurose patológica, mas com abundante freqüência pretendeu-se atribuir-lhe uma série de fenômenos que pertencem ao supranormal, desvalorizando-se desta maneira o tipo humano que pode ter uma função na economia da vida social, o cuja multiplicação seria um indício de profunda transformação evolutiva da humanidade, em nossa época. Concebendo muitos casos de neurose como um desequilíbrio transitório, inerente à fase de conquistas biológicas, evitaremos a incompreensão que impede à ciência de cumprir o seu dever; que é estudar e valorizar todas as forças da vida. Uma das conclusões do presente estudo é que a ciência se proponha a alcançar dois objetivos: nos casos de neurose patológica, se não se encontra a verdadeira terapia, que se realize a prevenção profilática mediante a concretização de uma consciência eugenética; nos casos de pseudoneurose, auxiliar o transformismo biológico, aliviar as dores que o acompanham, estendendo a mão piedosa e benévola aos seres que lutam sozinhos, talvez para criar uma raça nova, da maior importância para a progressiva domesticação da besta humana. A ciência deveria compreender que esta tendência a neurose, num mundo de leis que, sem dúvida alguma; obra com inteligência o suprema previsão, pode possuir uma função no equilíbrio da vida. Deveria, portanto, penetrando nas profundidades do subconsciente, anatomizando o supranormal, ajudar a nascer e crescer este novo organismo psíquico, que é a alma humana.

Esta teoria da evolução espiritual pode ser uma ótima hipótese de trabalho. A ciência deveria investigar nesse campo que contém os mais inacessíveis e misteriosos segredos da vida. e promete os mais memoráveis descobrimentos. A ciência deverá um dia, quando tenha compreendido todas as leis da vida, assumir a mais alta missão, que é a de dirigir a seleção humana, fazer-se guia a este imenso fenômeno da evolução. O homem, até hoje, neste campo, está sujeito cegamente, como um bruto, a leis naturais que ignora. Existem na sociedade humana indivíduos indesejáveis pelas suas qualidades anti-sociais. Toda a coletividade sadia deveria cuidar de sua higiene moral, impedindo o nascimento desses seres em seu seio. Considerando a vida como imigração espiritual do além, não se deveria permitir à debilidade mental a vinda ao nosso ambiente pelo mecanismo da reprodução, atraídos por personalidades afins, negando-se-lhes um lugar entre nós. Há existências construídas de forma tal que não constituem mais um prazer, mas um tormento; vidas que longe de serem um dom, são uma condenação, e é um crime renová-las. Somente a nova sensibilidade moral, e a consciência que não existe, baseada na visão de remotíssimas vantagens raciais e compensações individuais de uma vida mais vasta do que a atual, podem realizar, nestes dolorosos casos excepcionais, o necessário ato do abnegação, que não conta com nenhum apoio da opinião pública. Que o homem adquira uma consciência eugenética e finalmente assuma a direção das forças naturais que encerram os preliminares da felicidade do indivíduo e da raça. Seleção principalmente psíquica, seleção de personalidade. Se os remotos antecedentes e obras ou crimes, estão no segredo do Carma individual, as causas próximas e manifestas se acham na herança fisiológica e amadurecem naquele primeiro templo de educação que é o seio materno, onde a alma que está para nascer, em estado de passividade e de máxima receptividade, recebe impressões para logo desenvolvidas com. a intensidade de sugestões pós-hipnóticas, como premissas indiscutíveis da vida.

Pedimos, por último, à ciência que nos dê o conceito científico da virtude. Extintas ou em vias de extinção, as nossas inadequadas virtudes tradicionais e convencionais, pois correspondem a posições espirituais já demasiado afastadas das nossas, pedimos à ciência que nos diga o que devemos elevar ou rebaixar na escala dos valores morais, apontando-nos o que é detestável e punível. Pedimos não mais a demolição, pois é muito fácil demolir, mas a revalorização mais consciente e mais completa das velhas virtudes intuitivas, uma síntese e uma nova fé para a nossa alma. Sentimos a vida em desacordo com os nossos pais, e o eixo do mundo se desloca do antigo

centro ao redor do qual girou durante milênios, completamente modificado nestes últimos vinte anos⁵.

Definimos como racional, passional e pseudoneurótico este tipo complexo de personalidade que é o super-homem. Não obstante tudo quanto temos dito, este poderá ainda parecer um tipo estranho, presa de uma inútil exaltação. Parece incompreensível, mas se é certo que treme, sozinho, no umbral da neurose, de abismos e de terrores, pode, por sua vez, ultrapassando os limites da sensibilidade comum, aventurar-se por esse maravilhoso mundo que encerra todos os êxtases ignorados para a maioria. Se bem que esta se encontre a salvo de alguns terríveis sofrimentos interiores, não pode, entretanto, gozar das satisfações do supranormal, mistério longínquo e fascinante a que a animalidade humana aspira, sem sabê-lo, cheia de desejo e de ansiedade.

Parece estranho que não ponha o dinamismo de sua própria direção psicológica ao serviço do bem-estar material e tangível; emprega as suas próprias capacidades nervoso-cerebrais na defesa da vida, da qual e para a qual nasceram, utilizando-as para uma vantagem imediata, mas converte-se em instrumento antivital, quase de ofensa e de destruição de si mesmo, pois olha por demais longe, vislumbra e deseja uma vida mais vasta. Esta inversão de todos os valores, este deslocamento de aspirações, este sacrifício do real ao irreal, do presente ao futuro, do corpo ao espírito, esta imolação ao hipotético e ao invisível é ato alucado para quem não possui o sentido de certas realidades profundas.

É certo que, também para aquele que vive no mundo superior do espírito e compreende tudo isto, é muito grave sentir em seu próprio centro, não um cérebro aliado e amigo que o ajude na luta árdua contra tudo e todos, um cérebro que nos faz guerra, que, longe de secundar, ataca a vida, transforma todo o trabalho da mesma, complica os obstáculos, aumenta as penas, agrega o peso enorme do drama interior às dificuldades do mundo exterior, já por si suficientes para esmagar um homem. Que terrível problema se tornará uma vida assim, suspensa entre a luta exterior e a interior, ambas sem trégua?

Contudo, a ordem do espírito é irresistível. Se representa um peso, confere por sua vez um sagrado orgulho de si mesmo, uma consciência suprema que outros não possuem. O organismo se gasta e se desfaz, mas não importa. De todos os modos, o fim, para ele, mais ou menos prolongado, é sempre o mesmo e o valor da vida se estriba somente em dar-lhe um conteúdo eterno. O super-homem ressurge em uma nova forma, que é sua e que somente ele, que a adquiriu, poderá gozá-la. Sabe que há uma continuação da vida na eternidade, onde todos os males e todos os delitos se justificam e se compensam. Sente possuir, acima de tudo, uma personalidade e um destino próprios, independente da raça familiar, nacional e humana. O super-homem parecerá um absurdo; mas não o é menos a herança comum de ilusórios e fugazes prazeres, a realidade de trabalhos e dores tenazes, somente para chegar à morte. Foi utopia também todo o progresso; a utopia de hoje poderá ser a verdade de amanhã. É um temperamento de vanguarda que prepara, com risco próprio, as verdades futuras. Se hoje trabalha e sofre, sem ser compreendido, acumula dentro de si faculdades e forças espirituais que um dia o admitirão entre os futuros dominadores do mundo. Aos satisfeitos do presente, desta nossa vida tão horripelantemente mesquinha e imperfeita, aos normais equilibrados no ciclo das funções animais, que gozam e descansam, muito afastados das tormentosas lutas espirituais, caberá, por seleção natural, a função de servos.

Entretanto, não terá sido inútil, queremos esperá-lo, esta excursão pelas terras inexploradas do espírito para descobrir nelas tantas esperanças, esta tentativa de reestruturação por meio da psique e dentro da psique moderna, dos mais altos conceitos éticos, na procura de uma fé mais franca e mais sentida. Tentativa talvez malograda, mas que se justifica por sua sadia intenção. Malograda, talvez, mas que importa? Nenhum mal derivará para quem não persegue finalidades humanas e sente-se recompensado e satisfeito somente por preferir uma verdade já intuída; para

⁵ Considerar que este trabalho foi escrito em 1932. (N. da E.)

aquele que conseguiu perceber as forças do eterno, para aquele que vive de uma chama interna que nenhum sopro humano poderá jamais apagar. Mesmo quando este grito de uma alma se perca no vazio e não encontre nenhuma ressonância nos espíritos, não desistirão a evolução e a lei, que continuarão o seu trabalho, sem se precipitar e sem jamais se deter.

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

IV - Experiências Espirituais

Assim como se experimenta no laboratório científico, pode-se experimentar no campo espiritual e moral. Os elementos de que dispomos aqui para a investigação fenomênica, os fatores que se combinam são fornecidos pela personalidade humana e pelas condições de ambiente. Entre aquela e estes se produzem contatos, choques, reações e combinações não já de caráter molecular, mas moral, com as características de resistência, consumo dinâmico e, sobretudo, de desenvolvimento lógico que obedece a uma lei suprema de equilíbrio, própria do mundo químico. Aqui o fenômeno se eleva a um grau altíssimo e desenvolve-se como se fora um drama guiado por suprema lei de justiça.

Aquele que não vive tão-somente a sua própria existência vegetativa, mas também esta segunda e maior vida, que é a vida do espírito, realiza dentro de si, continuamente, tais experiências espirituais. Seu material de observação é o próprio **eu** que se agita nas infinitas circunstâncias da vida. É difícil observar e experimentar sobre os demais, seja porque quase todos vegetam na superfície e não perquirem a vida no seu verdadeiro significado, seja porque raras vezes é possível penetrar no íntimo da alma alheia. É mister, portanto, a auto-observação. Isto não basta, pois são casos de caráter particular ou relativos a uma pessoa, a determinado tipo de personalidade humana em restrito momento de sua vida e no desenvolvimento de seu destino. A realidade não é nunca uma abstração de caráter geral. Em compensação, o fenômeno é "verdadeiro", ou melhor, existiu e foi vivido. É um fato concreto. Mesmo quando se apresente como um fato "pessoal", pode interessar, como acontecimento susceptível de investigação, a uma determinada ordem de pessoas, podendo-se deduzir do mesmo consequência e conclusões de ordem geral.

Do relativo ao particular podemos alcançar a melhor compreensão das leis universais que tudo regem, pois sempre as veremos resplandecer ainda que sejam nas menores experiências espirituais do mais obscuro entre os homens.

Este prólogo era necessário para explicar que, ao desejar relatar aqui experiências de ordem espiritual, não posso falar com a certeza de quem viu e provou a não ser as minhas experiências pessoais. Trata-se de um caso "vivido" que pode tornar-se extensivo a casos parecidos e afins. O leitor tratará de encontrar nele algo de sua personalidade e compará-lo com as suas próprias realizações espirituais. Poder-se-á, por último, inferir do mesmo uma dedução importante, ou seja, que as coisas mais simples da vida podem assumir um aspecto distinto e um significado muito maior, observadas em profundidade, relacionando-as com os infinitos elementos de que se compõe a vida do espírito, imensamente mais vasta.

Vejamos o fato, nada importante, por certo, se considerado superficial e exteriormente, como em geral se observam as coisas, mas de grande valor se analisado interiormente, tal como eu o vi, e como agora passo a expô-lo.

Aos 43 anos de idade⁵, eu compilava, por fim, como último termo e fecho de um largo período de árdua investigação, a “minha” síntese da vida, a “minha” visão universal, que me brindava com a solução dos grandes problemas filosóficos e com a paz. Tinha de buscar e encontrar a minha verdade, conquistar a minha fé. Sintetizei-a rapidamente num artigo. Era a minha premissa inicial inaceitável para mim sem um conceito, sem um ideal, sem materialização em instintos, interesses, prazeres e ilusões, como o é para muita gente. Para concluir com conhecimento, devia primeiramente investigar e saber tudo e assim o fiz. Foram vinte anos de estudo e de lutas, especialmente de luta e de dor, pois tão-somente a luta e a dor nos proporcionam uma síntese completa. Fruto da vida, nela me reintegrava para viver. Não era uma abstrata construção ideológica. Eu nada havia perdido do juvenil “instante fugitivo” ansiado vãmente por todos os humanos. Nunca tive que me afligir, porquanto aí, onde muitos encontram, na sua madureza, na culminação das realizações sonhadas, no fundo das coisas, a sensação de transitoriedade do resultado e a presunção do esforço, eu, em troca, havia descoberto uma vida que não teme a morte e acumulado valores imperecíveis que nenhum ato de vontade humana e adversidade alguma jamais me poderiam arrebatar.

Uma das conclusões deduzidas dos princípios por mim identificados, a que mais imediatamente correspondia á realidade da vida, era a que o homem que desejasse viver segundo a justiça não podia viver senão do seu próprio trabalho. Este era o meu dever. Na fase de atuação prática, sucessiva à da investigação, surgia bem nítida a impossibilidade de usufruir os bens hereditários para as necessidades da vida, mesmo quando reduzidas às mais indispensáveis, a fim de deixar o maior lugar possível as necessidades do espírito. Aos trabalhos de ordem espiritual, ignorados pela maioria, que justificavam em mim esta satisfação, tinha que acrescentar os que demandavam a necessidade de ganhar a vida, e buscar os meios. Não era loucura. São Francisco tinha ido muito mais além, levando as coisas ao extremo de reduzir-se a mais completa pobreza.

Eu queria demonstrar-me que esta concepção, considerada pelo nosso mundo moderno como absolutamente utópica e irrealizável, era possível pô-la em pratica, pelo menos em parte.

Como Zaratustra, eu baixava do Olimpo dos meus estudos. Seria possível enxertar um ser absolutamente **"self-made"**⁶, ausente da vida concebida pelo mundo, dotado de muitas preciosas qualidades mas praticamente inúteis por não serem comerciais nem lucrativas, seria possível enxertá-lo, dizia, na férrea engrenagem econômica da vida moderna? O problema pode ser exposto em termos mais vastos. Que possibilidades sociais oferece hoje a humanidade civil a um intelectual puro, conhecedor tão-somente dos problemas espirituais, armado para a tremenda luta pela vida somente de bondade e de justiça, ou seja, completamente desarmado por estas?

Nenhuma possibilidade. Eis a resposta.

Suas concepções projetam-se séculos além da psicologia atual, para poder estar em contato com a mesma. A sua hipersensibilidade redundava toda ela em prejuízo. A sociedade moderna somente admite a quem saiba ser uma roda da máquina coletiva. Expulsa do seu seio, colocando-o a margem, junto com os enfermos, os idiotas e os anormais, todo aquele que não dê um rendimento concreto e imediato. A sociedade exige a normalidade; equipara a exceção destoante à insuficiência evolutiva. Vive do presente e os valores de rendimento distante escapam à sua orientação psicológica.

⁵ Em 1929

⁶ "self-made man" - expressão Inglesa que designa aquele que se fez por si mesmo, pessoa que alcançou determinada posição pelo próprio esforço. (N. do T.)

Há indivíduos cujo ambiente espiritual é o supranormal, cuja atividade se dirige para o inexplorado e que sentem estar no mundo somente de passagem para realizar ideais que quase não interessam a ninguém. Percebendo uma vida muito mais vasta, não podem absolutamente tomar a sério os instintos, os interesses e as paixões que hoje agitam o mundo. Hipersensitivos que não vivem de cálculos e de raciocínios, mas de intuição, contendo em si todos os extremos de luz e de trevas, nos quais sofrem e ardem de uma febre de criação contínua, não fazem cálculos e nem tiram proveito de seu próprio trabalho. Estes desafortunados pioneiros de um mundo futuro estão vergados sob o peso de um ideal, sustentam sozinhos, sem que ninguém lhes enxugue uma lágrima, todo o trabalho da sementeira, e passam incompreendidos, presos à visão interna que os espicaça inexoravelmente, que lhes absorve todas as suas energias, tirando-lhes toda recompensa material. Estes desterrados, aos quais cabe na vida missão muito diferente da do **homem-máquina**, estes, a sociedade os põe à margem!

Não são admitidos, como pretenderia a atual sociedade humana, mas ela não é tudo.

O que é esta pequena psicologia humana diante das forças imensas do Universo? Sem que o saiba, é a estas forças que obedece a psique coletiva. O empuxo mais ativo, o que determina os acontecimentos humanos, deriva sempre dos imponderáveis. Estes nascem e desaparecem, não se sabe como. É um erro grave dos assim chamados **homens de ação** o desconhecimento das forças invisíveis e imponderáveis da vida, das quais estão dependentes. Nosso mundo percebe somente as causas próximas; mas as crises e os revezes nascem de causas remotíssimas que correspondem a um maravilhoso mecanismo de leis, ainda ignoradas e não tidas em conta pelo homem. É pueril acreditar na possibilidade de uma preparação imediata e próxima dos sucessos, quer sejam coletivos, quer individuais. Tudo responde a uma lei, a um equilíbrio, a uma justiça. O destino de todas as coisas segue um caminho lógico que não é possível improvisar.

Eis aqui, pois, como este tipo de homem também pode entrar em combinação com o mundo humano, não porque este o admita, mas pela imposição de uma força superior. Aqui intervém um fator novo. O homem verdadeiramente justo e honradamente espiritual, qualquer que seja a sua fé, dispõe para a sua ajuda de forças muito poderosas que pertencem ao mundo invisível, e que invisivelmente penetram e governam tudo. Estas forças podem realizar o milagre de fazer vitoriosa uma vida que é baseada também sobre a luta; mas luta que se utiliza das energias dos indivíduos que não agem humanamente, pois tais energias possuem outro endereço. Tal é o homem justo. Para ele não existem margens, nem atalhos. Estaria destinado freqüentemente ao fracasso, se aquelas forças não intervissem em seu auxílio.

Não há de interessar ao leitor conhecer qual tenha sido a forma exterior da luta sustentada por mim através desse mecânico atarefar-se do corpo e da mente, que hoje se chama **“trabalho”**. Preferirá conhecer minha visão interna, a observação do fenômeno realizada por mim sob ponto de vista bastante insólito, situado nas profundidades do meu **eu** e que penetra as profundidades das coisas. Interessa-lhe o testemunho, que aqui lhe outorgo, da contínua sensação por mim experimentada acerca da presença dessa força e a maneira como ela incessantemente me guiou; a visão claramente percebida da ação desta grande lei de equilíbrio e de justiça, que nunca se me havia manifestado mais patente, que nunca se me afigurara de tamanha missão interventora. O resultado tangível foi, para mim, uma posição econômica conquistada em breve tempo, depois de vencer á grandes dificuldades com meios absolutamente inadequados para a luta. Mas, a imprevisível e de todo inesperada sucessão de acontecimentos tendentes em massa para o resultado obtido, poderia ser um simples caso fortuito. O que me surpreendeu, e não se pode chamar acaso, foram as previsões realizadas, a estrada que me foi constantemente assinalada sob a forma de inspiração e que me orientou no caminho a seguir. A lei que, na ação, se converte em força (aquilo que comumente se chama Deus, Divina Providência etc.), assumia no meu caso a forma de personalidade, ou seja de consciência inteligente e volitiva. Eu percebia a aproximação da mesma, graças a uma espécie de tato psíquico ou espiritual, e sentia a sua presença, não mais ao lado, mas dentro da minha consciência. Nascia em mim a idéia que devia desenvolver — a inspiração. Essa

personalidade me fazia companhia, dava-me valor, muito mais do que qualquer amigo ou pessoa querida deste mundo, com a qual a união espiritual nunca é completa, enquanto que a nossa fusão era íntima e perfeita. Nos momentos decisivos, quando urgiam a ação e a decisão, essa personalidade agia e falava por mim que, abatido e desalentado, comportava-me como um autômato.. Manifestou-se-me, por último, em forma.. de uma voz interior que eu escutava incessantemente e com a qual sustentava colóquios e discussões, uma vez que sempre desejei discutir racionalmente todo ato, sem jamais me abandonar ao fanatismo. Eu discutia. E quando me recusava a obedecer, porque a razão e o bom-senso assim me aconselhavam, então a voz se tornava mais límpida e forte. O conselho se convertia em ordem, a ponto de não me deixar em paz até obedecê-la. Em seguida, os acontecimentos imprevisíveis davam-lhe razão. Como sensação, não era uma voz sonora que impressionasse o ouvido por meio de ondas acústicas, mas voz de pensamento que chega ao espírito por meio de ondas psíquicas. Estas sensações da alma não se percebem segundo nossos sentidos corporais, mas se manifestam numa só palavra: sentir. Como conteúdo, dizia-me: "Atenção Dentro de um ano ocorrerá isto; nesta data te encontrarás em tal situação". Para aquele que, como eu, viu logo realizar-se tudo aquilo que, algumas vezes, parecia impossível como um sonho, este pressentimento do futuro não deixa de ser impressionante. Para os demais, não posso oferecer outra prova que a sinceridade de minhas palavras, a ausência em mim de qualquer outro fim fora da investigação desinteressada e o objetivo de fazer, possivelmente, o bem. A minha própria convicção transluz na franqueza com que redijo este escrito. Ofereço a todos o que prometi: observar a fenômeno refletido na minha consciência.

Examinemos juntos, com a maior intimidade, as características destas manifestações.

Aquela força, concretizada sob a forma de uma personalidade, exteriorizava-se e interferia tão-somente quandourgia uma necessidade suprema e uma finalidade de bem. Portanto, nada de supérfluo ou superficial ou por simples curiosidade de experimentação. Manifestava-se e intervinha em circunstâncias graves na urgência imperiosa, na extrema necessidade. Somente então intervinha, deixando-me, para o demais, livre com as minhas abundantes forças humanas. Devia encontrar-me em perigosa encruzilhada do meu destino; teriam que se decidir, através das minhas pequenas vicissitudes humanas, acontecimentos importantes, concernentes à minha vida maior, (como a temos todos), na eternidade. Era preciso o perigo que, por minha ignorância e debilidade, pudesse comprometer meu futuro nos séculos. Então, na luta titânica entre o bem e o mal, aquela força intervinha para restabelecer o equilíbrio. Nestes momentos de perigo, em que a luta, por ser superior às minhas forças, ameaça esmagar-me, sou libertado delas, e como todos, devo carrear a minha carga de deveres com a mais completa responsabilidade.

Essas forças somente se me manifestaram com finalidades para o bem. A sua intervenção tendeu sempre à prática do bem. Fazem-me o bem e impõem-me, por sua vez, o mesmo procedimento.

Onde existe o mal, ela jamais se encontrará; e quem obra o mal nunca a conhecerá, nem a possuirá.

Por estas características, que a convertem em **algo** estreitamente inerente à vida e suas contingências, vemos que esta força desaparece, e é, desta maneira, impossível observá-la quando nos aproximamos dela com a mentalidade imbuída de puro cientificismo, ou pior ainda, com a curiosidade do "diletantismo". Estes fenômenos são novos; é necessária uma nova ciência que inclua, entre os elementos que geram o fenômeno a observar-se, um fator que hoje é incrível: nada menos do que a pureza de intenções e a elevação moral do investigador. Se essa força se nega a manifestar-se com o objetivo único de experimentação, a não ser nos grandes momentos críticos de algumas vidas, infere-se que resulta ser quase impossível observá-la à vontade. Não se pode prefi-xar, artificialmente, o fenômeno, nas investigações científicas. Trata-se, portanto, de fenômenos susceptíveis de observação, quando se produzem espontaneamente; mas não susceptíveis de experimentação.

A manifestação dessa força corresponde, pois, a um princípio de necessidade; logo, a um princípio de bem. Observemos agora a sua maneira de se conduzir.

A sensação de sua presença nem sempre era nítida em mim. O atordoamento do organismo, a percepção mais viva das coisas mais próximas e imediatas, a preocupação do meu espírito que tomava parte ativa no esforço da luta, tirando-me a tranqüilidade, perturbavam as faculdades receptivas do meu ser, impedindo-me freqüentemente de **sentir**. Então, aos períodos de luz de uma alegria extraordinária, à sensação de força e expansão que me infundia essa nova faculdade sensorial do meu espírito, seguiam-se períodos de ofuscamento, de solidão desconsolada e de abandono às minhas paupérrimas forças humanas, das quais sempre duvidei muito. Naquela ocasião, tudo parecia destruir-se, como se meu espírito não resistisse amplamente ou não pudesse, senão por momentos, manter-se naquele estado de sensibilidade especial. A força, entretanto, não se afastava de mim, pois antes que volvesse a senti-la diretamente, eu percebia a sua presença nos efeitos da sua obra, num acontecimento predisposto, num problema inesperadamente resolvido, numa dificuldade repentinamente vencida, num fato que advogava a meu favor. Em seguida, a voz voltava, às vezes confundida com outras parecidas, que fingiam aconselhar-me, mas que eram frívolas, falsas e malvadas. Desmascaradas por isto, fugiam logo. Somente o bem atrai a voz verdadeira. O bem é necessário à minha consciência, para que esta não perca a sua limpidez, como um estado habitual, uma capacidade de sutis vibrações, indispensáveis para perceber estas coisas. Essa força me deixava sozinho por momentos, não por minha culpa ou incapacidade, mas porque a sua intervenção **devia** limitar-se às ocasiões necessárias. Nunca representou para mim uma ajuda supérflua ou um convite à indolência, e sempre cuidou de nada fazer por mim, se eu podia fazê-lo com minhas próprias forças.

Algumas vezes permaneci como que perdido, sujeito às forças inimigas que pareciam satisfeitas em destruir. Por que essa força que queria salvar-me, conforme me havia assegurado, me abandonava? E por que a sentia então dentro de meu ser dizendo-me: "**Oh! homem de pouca fé!**"? E por que, durante toda a minha vida, tão pronto o perigo era realmente grave e minha barca parecia a ponto de se afundar, aquela força voltava e, como por encanto, a tempestade se acalmava?

Que são, pois, estes tremendos dramas interiores, turbilhões de sensações extremamente invisíveis, estas angústias e estes triunfos no mundo do supra-sensível? E o que desejava de mim essa força?

Desejava não somente o êxito daquele determinado acontecimento, mas, e principalmente, meu esforço, meu esforço todo. Desejava que me acostumassem a dar todo o meu quinhão, tão necessário para temperar meu espírito, plasmá-lo em qualidades mais elevadas, indispensáveis à minha ascensão. Impunha-me luta contínua, sem possibilidades de descanso ou triunfos imerecidos. Eis aqui a vida concebida como uma série de provas, irrealis no mundo exterior, reduzido a um cenário em contínua mutação, mas reais no espírito, onde se gravam eternamente em formas de novas qualidades. Provas que passam, investindo terrivelmente como um furacão, mas que desaparecem espontaneamente tão logo as tenhamos vencido. O segredo está todo em não recusá-las, mas aceitá-las, tratando de aproveitá-las para o nosso progresso espiritual.

Que concepção nova da vida nos proporcionam estas observações, e como se modificam radicalmente as nossas mais costumeiras apreciações das coisas! A própria luta que se encontra em todos os setores e é a nota dominante da vida humana, sofre uma revolução. Freqüentemente ela nos torna malvados, armando-nos uns contra os outros, como lobos famintos, e oprime-nos como maldição. Quando concebermos a vida, fora dos estreitos limites do mundo humano e das nossas realizações humanas, pueris e ferozes, como criações que desafiem o tempo, então as nossas perspectivas serão mais vastas, e, para alcançá-las não será necessário que apelemos para todos os mesquinhos meios da agressividade e da traição, dos quais o homem lança mão para assegurar o

prazer de um dia. Poderemos viver e vencer sem lutar em teor tão baixo, agindo de comum acordo com a grande lei de justiça no caminho do triunfo.

Sei bem que é difícil aceitar uma luta tão áspera. A lei pode parecer, no princípio, um peso oneroso, mas logo será uma força imensa à nossa disposição. A lei de justiça nos ata as mãos, impondo-nos comedimento na vitória, manutenção em equilíbrio constante, que não devemos alterar, animados pela vantagem imediata, mas fazer sempre o melhor uso possível das nossas forças. É uma atadura, uma passividade, Por isso o homem justo, que jamais agride ou atraiçoa, aparece em nosso mundo como um ingênuo, um inerte, destinado a ser rapidamente vencido. O justo é um desarmado, enquanto que o forte sem escrúpulos, aguerrido e agressivo, chega mais rapidamente à meta. Mas este, por abusar da sua liberdade, tende continuamente a ultrapassar os limites da grande lei de equilíbrio; mesmo quando goze das vantagens imediatas está usurpando, porque lança mão, antecipadamente, de seu futuro. Os adiantamentos somam-se no **Deve** que cada dia vai aumentando, mas que inexoravelmente terá que ser saldado. Ante a lei de justiça, o mal é um peso moral que gravita sobre a personalidade, dificultando a ascensão do espírito para o Alto, onde se encontram a libertação e a paz. Em compensação, o justo sustenta, tolera, sofre. Praticando o bem todos os dias, vai acumulando em seu **Haver**, atraindo para si as forças do bem que irresistivelmente o elevarão, assim como retrogradará aquele que é dominado pelo mal. Por uma lei inviolável e fatal, o bem recai sempre como chuva de bênçãos sobre aquele que o praticou, enquanto que o mal cai sobre o seu autor como chuva de maldições. São créditos e débitos que a grande lei de justiça, que é Deus, não pode deixar de conferir. E **deve** fazê-lo para não se contradizer a si mesma: não violar o equilíbrio que é a sua essência, nem desviar a corrente, de acordo com a qual, todo o Universo se move. **"Humilha-te e serás exaltado". "Os primeiros serão os últimos"**. Cristo mesmo enunciou a lei de equilíbrio. Praticai o bem! Isto será o único seguro, a melhor inversão dos nossos capitais humanos. A força tremenda do justo inofensivo será somente esta, a sua justiça. Sutil na sua elevadíssima potencialidade, que esmagará um Napoleão e fará de Cristo um deus nos séculos. Esta é a força que pode realizar o inacreditável, o absurdo social, em nosso mundo de violências e abusos, ou melhor, que vencerá aquele que não luta no sentido humano. Esta é a força que nos pode auxiliar a realizar o milagre da supressão da luta brutal, ou seja o milagre do superamento da animalidade, o milagre da redenção. Se o homem pudesse compreender que peso tremendo exercem sobre a realização dos acontecimentos humanos estes impulsos que vêm do invisível, ao que em geral não leva em conta, por certo tremeria. Impulsos invisíveis, mas tão poderosos que, irresistivelmente, dobram indivíduos e forçam acontecimentos. Podem penetrar, porque são invisíveis; fazem curvar, como se fossem palhas, os chamados **"fortes"** da vida.

De tudo isto podemos obter esta importante conclusão: a luta pela vida, na forma brutal usada pela sociedade civil moderna, não é de nenhum modo uma lei inflexível da natureza. As guerras, as rivalidades comerciais, a competição individual e coletiva de todas as espécies não são mais do que a consequência da baixa lei animal, preferida sempre pelo homem, dada a sua psicologia.

Não é certo seja necessário que toda a coletividade compreenda e siga uma lei mais elevada para que resulte possível a cada indivíduo realizá-la. A lei sempre existirá, e mesmo quando apenas um a siga, ela está sempre pronta a se lhe manifestar, ainda que toda a humanidade a ignore.

A observação destas minhas experiências espirituais proporciona-me outra consideração. Quando penso de que intrincadas séries de fatos, contingências e fatores os mais imprevisíveis e imponderáveis, como são os psíquicos, surge um acontecimento humano, não posso crer que a nossa vontade, por mais forte que seja, nem que a nossa inteligência, mesmo quando agudíssima, possam ter uma participação preponderante e decisiva em sua preparação. Não! Nos sucessos humanos, em todas as contingências da vida, existe um imenso **"imponderável"** que cobre três quartas partes do problema e que se nos escapa quase por completo. E este **"imponderável"** não é o acaso e nem o caos, nem a desordem, mas um novo e mais profundo equilíbrio que eu percebo e que

possui suas nascentes distantes na estrutura do nosso próprio destino, tal como nós o forjamos com as nossas obras. É este o maior drama que vi através desta minha última experiência espiritual. Esta a visão que se me revelou durante a minha luta. Minha vida — um momento do meu destino — é consciente em relação com a eternidade em que estou vivendo, dando-me conta de todo o seu significado. Das minhas observações não se deduz a importância do meu destino, mas a possibilidade, por mim entrevista, de contemplar a estrutura de qualquer destino no tempo, ou seja, de prever o futuro.

Quando digo "**prever o futuro**", refiro-me não a um futuro genérico ou universal, mas ao de um caso determinado, de uma determinada vida ou destino. Estou convencido de que um universo onde tudo é lei, equilíbrio e ordem, e onde cada fenômeno se desenvolve de acordo com uma proporção exata de causas e efeitos, e nada acontece por acaso, tão pouco o destino humano pode estar sujeito à sorte, mas a uma férrea e matemática concatenação de ações e reações, em equilíbrios constante. O fenômeno da vida, com todas as suas alternativas materiais ou espirituais, se desloca sempre, avança, mas mantendo-se em equilíbrio. Nestas condições, o que não ocorre por uma casualidade, mas de acordo com uma lei, pode ser previsto quando se conhece essa lei. O destino está todo contido, tal como o é, no presente, no passado e no futuro; está contido, embrionariamente no estado de causa — no presente. Se soubéssemos observá-lo bem, poderíamos ler neste, rapidamente, todos os elementos de seu próximo desenvolvimento. É aqui, aliás, onde reside a dificuldade. Quem se conhece a si mesmo? Para um estranho resultará muito mais difícil penetrar, de fora, nas profundezas desse "**si mesmo**". Quem conhece a lei do próprio destino, ou seja a sua natureza, a sua tendência dominante, o seu tipo? Cada homem traz consigo, com determinado modelo de personalidade, e uma dada espécie de destino, a tendência para certas provas, perigos, triunfos, alegrias e dores. Mas ignora facilmente tudo quanto para o seu próximo vai cooperar em torturantes problemas. Para conhecer tudo isto, seria necessário tomar em consideração outras causas que hoje o homem, a sua ciência e as religiões ignoram. Como seria possível, conhecer tudo isso, num mundo onde os problemas da personalidade humana apenas começam a ser estudados, onde muitos crêem que a vida termina com a morte física, e muitíssimos ignoram que, antes de seu nascimento físico, tiveram um passado que é justamente o que devem recordar e meditar pois encerra a chave do presente e do futuro? Somente quando tenhamos sob as nossas vistas uma parte considerável da nossa vida maior e pretérita, que se perde na eternidade, tomaremos posse dos elementos que predeterminarão o futuro. Eu o digo a todos, impulsionado pela voz interior da qual vos falei, que estes são os únicos e os verdadeiros problemas do futuro, aqueles aos quais se dirigirá a mente humana nos próximos séculos, e cuja solução redundará no real e no mais autêntico progresso. Muitas outras coisas, que parecem mais importantes, não o são, na realidade. Todos gozamos ou sofremos, felizes ou desgraçados, sem saber por quê. Opomos à dor reações inconscientes. Somos uns pobres míopes, já que nada vemos além da morte, e semeamos a esmo o bem e o mal. No passado eterno, que ignoramos, demoram as causas do presente. Nossos próprios atos semearam as dores que sofremos Pelo bem que praticamos seremos recompensados. Construimos no passado, livres e responsáveis, a nossa personalidade atual, como seus instintos, tendências, aspirações boas ou más. Assim como o caracol constrói a sua carapaça, nós nos construimos um determinado tipo de destino que se nos adere como vestimenta. Este é o "**fado**", nosso fado particular, invencível, tirânico. No lento transcurso dos séculos, repetimos os nossos atos, assimilam-lhes as conseqüências, até que se tornam irresistíveis e fatais. Foram obra nossa; com justiça gravitam hoje em torno de nós mesmos. Nossa obra hoje é lei de divina justiça e não pode ser modificada. Contrastando com o campo de determinismo absoluto criado pela trajetória percorrida e por todos os atos do passado, estão o nosso presente e o nosso futuro — um campo de livre arbítrio absoluto — em que a vontade age, em que é possível a correção contínua, um endireitamento de rota no sentido que livremente desejemos. Da ação combinada de todos os nossos atos do passado, já fixados em nós, e desta contínua retificação que nos é possível fazer, resulta o futuro, e o nosso futuro que é, deste modo, constituído por dois elementos: um fixo, já cristalizado, e outro móvel, devido á nossa vontade que continuamente se sobrepõe àquele, modificando-o. Da influência recíproca destas duas forças, uma passiva e outra ativa, resulta a trajetória do futuro, o

qual, desta maneira, pode ser conhecido, devido também ao fato de que, em parte, poderemos querê-lo e criá-lo.

Porém, quem se rege hoje por esta ordem de idéias? Para poder efetuar investigações introspectivas tão profundas, é necessário uma grande limpidez de espírito e um poder muito forte de visão interior. É mister mover-se numa atmosfera espiritual elevada, ser iluminado por uma luz interior, que se não pode improvisar, nem explicar ou ensinar, porquanto somente a compreende quem a possui. É preciso uma contínua retidão na prática e pureza de consciência, já que somente neste estado os órgãos da percepção anímica se afinam até alcançar a sutileza e a sensibilidade necessárias para perceber certas delicadas sensações interiores. Tesouros imensos, revelações inauditas, faculdades grandiosas encontram-se em nosso espírito. Nada, entretanto, é tão pouco apropriado para no-los mostrar como os sistemas turbulentos, prepotentes e materiais da nossa moderna civilização. Certos fenômenos não se dominam mediante hipóteses engenhosas, habilidades cerebrais, força da mente. Freqüentemente o mistério não abre as suas portas a não ser àquele que humilde e profundamente ama, mas ama no sentido mais alto e espiritual.

Conclusão. Com este escrito deixo o meu testemunho. Tive que obedecer à minha voz interior, sob cujo ditado escrevi, rapidamente, sem refletir, a ponto de que não sei se me compete referendar este artigo com a minha assinatura.

Torno a afirmar a objetividade das minhas observações, a sinceridade das minhas palavras. Sempre concebi a vida como uma experiência espiritual que tende a uma conquista moral. Este conceito, levado agora ao mundo prático da luta pela vida, proporciona-me ótimos resultados. Estas experiências espirituais, que acabo de expor, reafirmaram a minha fé. Sinto que somente as almas puras e justas, onde quer que se encontrem no mundo, poderão compreender-me. A elas, o convite para ensaiar estas maravilhosas experiências espirituais que comprovam o triunfo do bem. Para elas, o augúrio que o seu destino contenha, pelas forças do passado, as mesmas forças que devem elevá-las cada vez mais. Para elas o meu cumprimento fraternal e o voto de que a aquiescência que nelas possa suscitar a palavra de fé que me anima, resulte-lhes em consolo e ajuda no terrível momento da luta e da dor que a todos igualmente nos espera.

Terceira Parte

V I S Õ E S

O CANTO DAS CRIATURAS

(1932)

Caminhava só, em uma hora de férias, pela campina extensa.

Não sabia como fazer-me companhia e por isso atentava nas coisas que me cercavam.

Olhava-as com sentimento de amor e respondiam-me com sentimento de amor. Lentamente o meu olhar se transformava em olhar de sonho e a minha alma, que no silêncio aflorava, reencontrava e sentia a alma das coisas. Além da maravilhosa harmonia da forma eu percebia, na vegetação, a vida.

Oh! a minha alma vê. Cada pequenina planta possui a sua expressão de ser; eu sinto-a viver, vejo-a olhar-me. Maiores, as árvores são fortes e severas; mas todos são seres simples e bons que desconhecem a ferocidade dos animais. Por isto a sua companhia irradia tão grande sentimento de paz.... Mas, eu amo os pequeninos vegetais, as plantinhas tenras e jovens que oferecem a sua frescura, desabrochadas do mistério à luz do sol, com uma dedicação tão completa, com uma tão feliz ignorância de todos os horrores da vida, que eu desejaria abraçá-las como se deseja abraçar a criança ingênua que vem à vida cheia de alegria; desejaria beijá-las como almas irmãs.

Também elas me amam; e confiam-me o segredo de suas vidas: — "Não pedimos senão morrer para que a tua mais alta vida animal floresça. Nós somos as humildes servas da tua superior vida orgânica para nós tão completa e tão complexa. Nossa ambição é sacrificarmo-nos por ti a fim de possibilitar-te esta vida orgânica da qual sabes criar uma atividade ainda mais elevada, tão elevada para nós, a vida do espírito. Apanha-nos e mata-nos. Não lutamos e não nos vingamos. Também nós temos grande missão no equilíbrio da vida. Mesmo o sacrifício e a morte possuem uma grandeza e representam uma vitória".

A ternura invade-me ao olhar esta humilde vida vegetal, plena de tão abundante e alta finalidade que desejaria quase adorá-la.

Sem este traço intermediário que une a vida do mineral (também essa vida mais abaixo eu sinto-a) à vida do homem, como poderia completar-se o ciclo de permutas na superfície terrestre? Quem transformaria o solo, o ar, os minerais em substâncias orgânicas assimiláveis?

Sem toda esta maravilhosa cadeia de transformações e de contatos que do mineral atinge o homem. como seria possível o mais alto fenômeno da vida que é aquele da criação dos eternos valores do espírito?

Pequenina e humilde planta, também tu trabalhas no funcionamento do grande organismo!...

Não o sabes na forma de consciência reflexa que o homem possui, mas o mesmo instinto que pulsa em ti eu o encontro do meu ser, numa idêntica linguagem fundamental, a expressão do pensamento da vida. Como eu, nascas, cresces e morres; como o meu corpo, sentes calor ou frio, umidade ou secura, a vigília ou o sono; e permutamos um respiro inverso. O calor do perfume das tuas flores, que na primavera me invade, conta-me que amas e que amas ardentemente. As tristezas outonais dizem-me que também envelheces e morres. Quantos padecimentos, oh! pequeno e humilde ser, humildemente suportas, obedecendo. Obedeces e amas. A nossa vida é uma só. Sentimo-nos e amamo-nos.

A visão não é da Terra e proporciona ao coração um êxtase que não é da Terra. Toda a criação, plantinhas e árvores, inclusive os escolhos nus e severos cantam-me na sua voz a grandiosa sinfonia da vida.

Escuto e não sei mais onde me encontro, tão mudada está a Terra vista assim na sua essência interior.

Todos os seres me olham, cercam-me e falam-me: "Quem és tu que finalmente vês? Tu, que não és cego entre os homens? Vem, olha, escuta, que nós te falamos".

E cada um levanta a sua voz distinta conforme a sua natureza.

A rocha é severa e brame; a grande voz da Terra é um troar do enorme bramido distante. As velhas árvores em meditação repousam cansadas; as plantas mais jovens cantam nas flores, nos rebentos, nas folhas; as plantinhas sorriem delicadamente, como as crianças, na alegria de viver. E ri a pequenina vida animal, escondida e esparsa em redor, num trinado de felicidade. Também o céu imenso e o mar na sua vastidão distante possuem as suas vozes e sorriem, ou murmuram, ou cantam, ou choram, ou rugem; também o deserto, pleno de vida onde tudo pulsa, vibra e freme. E, com todos, o meu ser sintoniza porque toda vitalidade é a mesma vida.

Vejo agora abrir-se o abismo dos céus, faiscante de vidas. Quantas, ao infinito, no espaço infinito; e, cada uma possuindo uma voz, uma luta, uma esperança, uma meta, um destino, uma dor, uma alegria. E todas me falam: "Oh! tu que me vês, olha e escuta".

A sinfonia é imensa, vasta como o Tempo e o Espaço; é música composta de toda a harmonia do Universo.

É isto Deus? É Deus isto que eu vejo? Porventura está Ele naquela harmoniosa lei que rege toda esta ordem, o grande EU, centro do grande organismo, lampejante de idéia, vontade e ação?

E este EU és TU, SER SUPREMO, que não sou digno de mencionar?

Então me ponho de joelhos e oro Então todas as criaturas irmãs se calam, inclinam-se e rezam. Então de todo o Universo sobe o canto do Amor e tudo é luz e alegria, contentamento e triunfo. E ao canto de amor do Universo um outro canto, supremo, responde: "Volve para mim, oh! criatura que conquistei, para mim que te criei".

TRÍPTICO

(1928)

A NOITE

Condensam-se sobre a terra vapores estranhos, subindo levemente como uma maré. A Lua branca resplandece no céu, criando-nos fantasias.

Do alto de Assis observo a noite — olho com os olhos profundos da alma — olho as estrelas vivas e o seu frêmito puro proporciona-me grande nostalgia.

Vejo a Terra adormecida embaixo; parece também cheia de pureza na noite longa.

Esta inteiramente envolta em diáfanos véus e parece que repousa inocente como na aurora da vida. Parece que aguarda ainda a sua criação; parece que no afluxo ascendente dos vapores estranhos dormem ainda as formas dos seres e tudo se recolhe, quase tremendo, num silêncio sacro, para venerar o grande mistério da vida nascitura.

Distante, na névoa, perdem-se os perfis das coisas e ondulam como formas que lentamente saem do nada.

Parece que vagueia no ar uma até então indecisa forma de existir e, na incerteza do ser ou não ser, afigura-se-nos que as coisas tentam exteriorizar-se.

Sob a luz suave da Lua estranhos fantasmas endireitam a frente das névoas, e depois se dissolvem, aflitos. Formas que se vão.

Formas que se vão, em longa fila, procurando a vida. Nasceram e a evolução, num relance, pôs o dilema e a morte; a evolução acossa sem dar trégua, sempre para mais alto.

Em paz, as estrelas do céu observam o grande apocalipse e sorriem tranqüilas, sem se admirarem, porque, para elas, o espetáculo é velho, tantas vezes visto e revisto.

A eternidade não se perturba mais.

A AURORA

Aproxima-se o amanhecer. Tênuas luzes tremem no oriente enquanto no horizonte oposto desce lentamente a Lua vencida pelo dia nascente. As estrelas puríssimas ainda observam do alto e possuem a cor do céu. Das trevas emergem os coloridos como uma vez o arco-íris se tingiu na aurora da luz.

Desperta a vida lá embaixo na planície extensa e invade-me imensa ternura pelo homem e por seus padecimentos.

Saio de uma noite insone e o amanhecer surpreende-me ainda desperto e decidido a perseguir a idéia.

A meditação profunda não tem a noção de tempo e é intensa como uma dor.

Oh! a vigília do pensamento Benditas sois vós, desejaria gritar, almas rudes, mudas ao misterioso encanto da terra e do céu, benditas porque podeis viver sem saber e sem perguntar.

O mistério me persegue e não me dá trégua.

O que é, no infinito, este meu espírito que não tem paz? Para onde me impele o turbilhão dos séculos? Para onde me leva, para onde nos conduz, esta nunca saciada vontade de viver? Em noite de insônia, num turbilhão, vi, cheio de espanto, a esfinge revelada olhando-me suavemente no rosto para apontar o cume distante

Destruir-me-á o corpo, não importa, mas morrerei contente porque conquistei uma vida ainda maior.

Por que deverão ser extintas as grandes forças biológicas que em milhões de anos plasmaram a forma da vida material?

Não. A evolução sempre surge de baixo e sempre avança em direção às mais altas formas, em movimento incessante; não pode parar e então prossegue em nível mais elevado, o nível humano da psique.

Também em mim a evolução pôs o dilema do ser ou não ser, prosseguir ou findar?

Procurei compreendê-lo e o misterioso turbilhonar dos séculos começou a fermentar dentro do meu espírito.

O meu passado elevava-se como ondas, e surgiam rápidas as lutas e as provas superadas; por fim, eu estava mudado e maduro para a grande revelação.

Vi a minha eternidade: um amadurecimento lento culminando num estrondo como o raio na estrada de Damasco.

Cheguei. Assim transpus o limiar e vivi uma nova forma de vida.

O universo tremeu dentro de mim; no entanto, tudo seguia igualmente calmo e sem perturbação.

Quando a evolução criou a primeira asa ou guiou o primeiro olhar à luz, a eternidade não se alterou.

A vida opera, sem se encher de admiração, grandes milagres de maneira tão natural, com a paz eterna de quem sabe e, sem pressa, alcança.

O DIA

O que é que, lá embaixo, emerge da névoa matutina, estranho monumento voltado para o céu? Ruínas de Tebas antiga ou muros de castelos indianos no vale do Ganges, ou a glória de Paris pelas planícies do Sena? Não! É a linda cúpula de Vignola que surge ao Sol. Desejaria também que a idéia que a criou resplandecesse ao Sol.

São Francisco, a tua bela imagem está tão distante, não mais te compreendemos!

Homem, ergue-te e vive; segue as pegadas dos grandes na grande estrada da libertação; levanta-te e edifica a ti mesmo, plasma em ti o super-homem. Vi o teu futuro reino, durante as vigílias, miragem bela como uma visão. Por que não o conheces? Por que demoras na estrada do teu progresso? Tu que, entre tantos seres, venceste na terra a grande luta da evolução e agora, chegado ao ápice da vida animal, dominas o planeta, por que ainda tardas tanto em prosseguir? A evolução biológica está completa. Aguarda-te a evolução espiritual. Supera o animal do qual ainda és feito; torna-te grande na alma!

Observa quanto a natureza percorreu para produzir em ti a sua obra máxima. Parece que tentou todas as formas para uma única mais excelsa: o homem. Quanto esforço nas tentativas, quanto imenso trabalho de formas abandonas para trás a fim de deixar sobreviver uma única maravilha para o futuro: o homem! Observa nos tipos vegetais e animais, as imagens deixadas no meio da estrada desta nunca saciada vontade de te criar. Elas se inclinam para ti, e parece que te apoiam para te manter no alto.

Por que vacilas ainda em superar a vida? Não sentes fermentar na alma a história dos séculos vividos, não sentes subir a maré das lutas e das provas superadas, não sentes, vinda do túmulo, a voz dos mártires e dos grandes que te chamam para uma espiritualidade mais elevada?

Homem! Também em ti a evolução pôs o dilema do ser ou não ser, avançar ou findar. Não sabes que não se pode jamais parar? Se é da própria Natureza do universo o movimento e o progredir, pretendes tu mesmo, oh! pequenino homem, barrar a grande corrente? Acima da tua vontade seguem decisivas as grandes leis e surge a dor: a sua própria sanção. Qual novo cataclismo

esperas, que novo sofrimento te obrigue a evolver, até que sintas o fulgor do raio da estrada de Damasco, e tu, constringido, transponhas a soleira do reino do super-homem?

Oh minha sede de ascender vertiginosamente, a anelante ânsia de construir minha alma, a luta para vencer e superar a fase das paixões e repousar depois na consciência liberta, tu não a sentes!

Não, tu não desejas o entendimento. Amas viver na brutalidade, amas a terra e satisfazes as tuas paixões para viver. Deixas-te guiar pelo instinto, satisfeito com isto, não tentando compreender aquilo que fazes.

A revelação divina e a ciência humana, dando-se as mãos, entenderam-se e se harmonizaram para os que as quiseram aceitar. Os mártires de todas as religiões deram o exemplo, para os menos inclinados ao entendimento. O homem ainda não entende. Pobre homem!

Falará a dor, último recurso da lei justa e boa para conduzir o cego para sua estrada fatal do seu bem e do seu progresso; a dor abalará a inércia. Pobre homem! Vejo-te desanimado e deprimido.

O meu corpo choca-se contra uma enorme muralha de tantas e tantas mentes iguais, inertes, satisfeitas em viver a sua vida miserável. Eu, só e esgotado. Tu não me escutas.

FECHO

A aurora transformou-se em dia. A planície adormecida, lá embaixo, está fumegaste sob a aurora. Do lento vaguear da névoa, parece que se desperta a voragem do tempo. A manhã está feliz, alegre e cheia de juventude; no ar leve e calmo vibra a promessa de vida.

Mas, dissipa-se com o dia a pureza das horas matutinas; não mais olham para baixo as estrelas sorridentes e calmas. E enquanto morre a última claridade da aurora, dentro de mim um eco me repete: ser ou não ser, evolver ou findar.

E vejo na dor a estrada da evolução.

Somente na dor, livremente amada, vejo a estrada do ser, a única força que torna a alma grande.

E no desejo intenso de prosseguir sem repouso, grande sede me assalta de querer sofrer. Eu apelo para a dor com os braços abertos e o eco repete-me ainda: "**ou sofrer ou morrer**".

CÂNTICO DA DOR E DO PERDÃO

(1933)

No silêncio da noite imensa eu escuto o cântico de minha alma: um cântico que vem de muito longe e traz Consigo o sabor do infinito.

As coisas dormem e a voz canta.

Estou desperto e escuto; parece que a noite escuta comigo.

O mistério que está em mim é o mistério das coisas: dois infinitos olham-se, sentem-se e compreendem-se.

Lá embaixo, pelas margens distantes, além da vida, o canto responde, despertam-se as sombras e todos os seres, das profundezas, estendem-me os braços: "Não temas a dor, não temas a morte, a vida é um hino que jamais tem fim"

Observo-os; e perdôo à sarça a inocente ferocidade de seus espinhos, à fera sua garra, à dor sua investida, ao destino seu assédio, ao homem sua ofensa inconsciente.

"Perdoa e ama", diz o meu cântico.

E eis que ele apresenta uma estranha magia: todos os seres me olham fascinados e cai o espinho, a garra, a ofensa.

E devagar, devagar, ignaros e cheios de espanto, a magia os vence e comigo, lentamente, recomeçam o cântico; a harmonia se dilata, difunde-se e ressoa em todo o Criado.

Sobre cada espinho nasceu uma rosa, sobre cada dor uma alegria, sobre cada ofensa uma carícia de perdão.

Abro meus braços ao infinito e falanges de seres me estendem seus braços.

"Canta, canta", — falam-me — "cantor do infinito; nós te escutamos. O teu cântico é a grande Lei, é a grande festa da vida. O teu cântico é luz da qual o ódio e a dor fogem. Canta, canta, cantor do infinito".

E eu canto.

Meu corpo está cansado e eu canto; meu corpo sofre e eu canto; meu corpo morre.... e eu canto.

TRÍPTICO

(1934)

NOVEMBRO

Adeus, bosque solitário, que tanto amei.

Como é amargo teu hálito nesta tarde, enquanto te olho dizendo adeus.

O inverno te cinge no seu sono, a voz queixosa da chuva lenta docemente te adormece.

Repousa entre as névoas o vento, repousa no silêncio a grande voz da Vida, no abandono lento das folhas mortas repousa a expressão de ser das árvores.

Triste e doce mês de novembro, no qual tudo morre lentamente por cansaço, dá-me o teu repouso.

Caminha, caminha minha alma sem parar. Donde vens, para onde vais, na eternidade, oh! alma filha do mistério? Anda, anda! Quão longe está a meta no infinito!

Quanta paz, oh! bosque, neste teu recolher em silêncio, nesta tua obediência as leis da vida, nesta tua tranqüila expectativa da ressurreição da primavera

Como este sentido de morte tranqüila se harmoniza suavemente em ti, nas cores esmaecidas, nos mínimos sons, nas calmas profundas!

Qualquer coisa se apagou no Sol, no céu, no ar; o frêmito da vida acalma-se em vagarosa sonolência. Algo se extingue em mim como um longuíssimo lamento, uma dor se desalenta porque é a dor do mundo, um pranto que é o pranto da vida.

Observo e relembro.

A festa do verão, os divinos colóquios com a alma misteriosa da natureza, os êxtases dos silenciosos arcanos e a solene quietude na qual repousa o turbilhão do tempo. Na voz das coisas mais humildes, ouvia tremer o mistério do infinito.

E tu me olhavas, doce criatura da qual o bosque é feito, escutando comigo a longa sinfonia dos ocasos. E a sinfonia se desenvolvia suave, de luz em luz, até desaparecer o último esplendor nas trevas, qual uma voz que morre no silêncio.

A terra em paz contava-me calmamente, à luz da tarde que se esvai, do sustar da luta, do repouso da vida exausta e como o dia, velho ao anoitecer, era mais sábio por tê-la vivido.

Adeus, bosque solitário, pensativo como eu; adeus, caminho que vai para o ocaso; adeus, árvores amigas que tanto amei.

Agora o entardecer é frio e lívido; o teu perfume, oh! terra, tem um sabor de pranto.

O teu respirar esgotado, que eu sinto nas mãos, parece que me responde tristemente: adeus!

O inverno já te abala com um arrepio de frio. O uivo do vento sumir-se-á em teu meio, em longas ululações, sibilando na tenebrosa tempestade da noite.

Pobre arvore amiga, adeus! Sofrendo, irei para outras plagas levando a tua lembrança querida; do vento receberei as tuas notícias, para ti confiarei ao vento as minhas.

O vento me trará da primavera distante a carícia das novas frondes; desfolhá-las-ei com o meu sopro para que a carícia te enlace lá longe.

Adeus!

O bosque responde-me: Paz!

Soa melancolicamente um sino ao entardecer. É a voz dos ciprestes e dos túmulos, um som triste de pranto, um lamento que se perde ao longe pelas campinas e, entre as folhagens mortas, plangentemente morre.

O ar repousa. A neve inerte se condensa em gotas de ramo em ramo. Existe neste entardecer uma sensação de grande abatimento na vida e a terra esta estranhamente absorta. Parece que se recolhe para meditar sob o manto da neve sempre igual.

No silêncio imenso não escuto senão o pulsar do meu pensamento que desce profundamente, de região, em região para despertar não sei onde, sobre o limiar do mistério.

Olho dentro da terra e parece-me desejosa de oferecer-me o amplexo que tantas vezes lhe pedi com os braços estendidos, chamando-me para repousar entre os seus torrões.

Amei tanto as suas belezas, penetrei tanto em seus segredos, vivi tanto no misterioso palpitar do sua vida, trocando amores, como almas amigas.

Uma tristeza comum nos domina e nos aproxima neste entardecer.

E como tu, oh! terra, te demoras nesta tepidez outonal, quase retrocedendo para recordar o verão, e tão afável e melancólica és nesta tua recordação; assim também eu me demoro no meu outono, e melancólico e afável volto-me sem magoa a recordar a vida.

Dá-me o abraço, oh! terra, que tantas vezes pedi para ter repouso.

E parece que a terra me olhou e me escutou, abrindo-me o seu seio. Entrego-te o meu corpo. O drama da vida esta findo. O que aconteceu ao convulso turbilhão das paixões, às tormentosas tempestades do pensamento? Será tudo disperso, como folhas ao vento, o tremendo trabalho de uma vida?

Tudo está acabado. Em lenta paz o corpo se dissolve.

Repousa a sua vida, adormecida em longa sonolência.

E as estações passarão, e a vida se transformará em corpos, docemente golpeada, através dos torrões, ora de um calafrio de gelo, ora de uma igual umidade de chuva, ora de uma tepidez das tardes ensolaradas.

Não morrerá; e todavia, sentindo-se mudar, cantará nela as grandes notas de cada sensação. Apertada no amplexo tenaz da terra, nela mergulhara vibrando, fundindo-se na sua alma potente.

Daquela minha vida, que se dá, os seus braços subterrâneos sustentarão as grandes árvores amigas, tateando no escuro para sorver vida; e o seu grande espírito pensativo exigirá sob a terra aquilo que da terra o corpo tomou e deve restituir ao ciclo das coisas.

E surgirá lenta pelos braços subterrâneos a força da minha vida, retomada as árvores amigas, para levá-la ao Sol, onde reviva lá em cima.

A morte ressuscita.

Toma. Os meus despojos dou-te sem mágoa. Retoma, ser irmão, tu que não conheces outra vida a não ser esta, aquilo que me deste por um dia, para a minha missão. A minha é outra vida. A

minha alma, renascida na sua dor, desejosa de fugir da crisálida, sonha com os espaços imensos de uma vida mais vasta.

Distante, em outras plagas que tu não conheces, eu aporto.

O túmulo é a minha ressurreição.

Soa sempre lá em baixo o sino dos mortos, não mais como lamento que morre entre as folhas mortas. É hosana da vida que ressurgue.

Já sorriem no alto, para mim, as estrelas na doce e suave luz matutina. Vejo um outro mundo, não mais de formas que vão lançadas no turbilhão. Estas seguem como um canto imenso, equilibrando-se em ciclos alternados de vida e morte, avançando para o bem e para a felicidade; estas seguem, criando mesmo na dor uma alegria maior, contida e construída numa única força: amor.

RESSURREIÇÃO

Ressuscita, alma, a tua dor está vencida.

Sorriem distantes as árvores na doce primavera, sorri na sua liberdade o meu espírito ressurto como a vida ressuscita dos despojos mortos do inverno.

Morta entre as coisas mortas esta a tua dor lá embaixo, inútil utensílio atirado ao longe, nas plagas desertas de uma triste vida. Mas, o seu fruto está aqui e a alma o vê: trabalho, criação e glória.

No infinito, o universo canta: ressuscita, a tua dor esta vencida.

Numa nuvem de espíritos em hosanas eu vejo resplandecer Cristo.

A sua cruz é luz, a dor é redenção. Pelo Calvário elevamo-nos ao Céu, pela Cruz a Deus.

Ressuscita. Aquela dor inimiga é agora a tua força e a tua grandeza. O espírito a amava como suave amiga sentindo a sua libertação. A mesma lei que te oprimia agora te salva e te eleva. A meta esta atingida e o mal cai, instrumento do bem; a pequena desordem temporária é reabsorta na imensa ordem suprema.

Triste e longo é o caminho de lagrima e sangue; mas, superada a prova, o destino atinge a meta.

A dor que tanto amaste com teu olhar voltado ao Cristo não é negação e treva, mas criação e luz. A cruz não é uma condenação da vida, mas é sua maior força; não é punição ou vingança, mas é uma festa da alma e uma bênção de Deus.

Vejo no alto o resplandecer do CRISTO.

Um raio me atinge, uma beatitude me domina e em êxtase eu grito:

"Senhor, agradeço-te por isto que é a maior maravilha da vida; que a minha dor seja a tua bênção".

Quarta Parte

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

(1939)

A educação é o ato no qual a geração madura se volta sobre a geração jovem, que a sucede, para transmitir-lhe todo o fruto do seu conhecimento e experiência. E através deste ato que se forma aquela continuidade de pensamento, que se prolonga na história, num desenvolvimento em cujos termos se unem, sucedendo-se por contato e derivação. Esta cessão de experiência da geração que vai à geração que vem, e também esta queda de uma semente espiritual que ao lado da semente orgânica revive e prolifera, parece natural na unidade imposta pela lei da vida. Os jovens são de fato um espelho no qual tudo reflete, pois são construídos para serem, nesse período de vida, acima de tudo, intuitivos e receptivos, como esponjas destinadas a absorver. Eles absorvem e assimilam tudo, prontos a traduzir em termos de vida aquilo que os maduros dão como produto de sua existência. A educação é, pois, um fenômeno instintivo, universal, automático, de captação, por parte da psique sempre renascente, dos produtos da psique que, cansada, se retira da vida. É um fenômeno que abrange toda a produção espiritual de um povo, que deste modo não pode morrer e transmite-se por lei natural. A educação desejada, sistemática, digamos também artificial, não é senão um momento particular e reflexo deste tão vasto fenômeno de educação natural que está na lei da vida e na qual todos, quer queiram quer não, consciente ou inconscientemente, docentes ou discípulos, tomam parte.

Sobre o problema da educação, neste sentido restrito e particular, ponho em foco, hoje, o meu pensamento. Um problema imenso. Seria necessário que a geração madura fizesse um severo exame de consciência, antes de se decidir a transmitir o seu pensamento, que prestasse conta daquilo que sabe e sobretudo daquilo que não sabe, antes de voltar-se para as novas vergôntes da vida para soprar-lhes o hálito da própria alma. A luta universal, que tudo invade, muitas vezes pode se transformar, antes do que em ato de amor e de dedicação, num ato de imposição dos já instalados na vida sobre os jovens inexperientes. Os maduros querem primeiro viver toda a sua vida e não se decidem facilmente a fazer o seu testamento, e, mesmo devendo fazê-lo, não vêem senão um prolongamento da própria vontade que continua a agir por si própria. A educação se transforma, desta maneira, numa luta na qual a velha geração tenta imprimir-se sobre as jovens, mesmo nos seus erros e fraquezas, por um instinto de conservação próprio de quem, no fundo, não ama senão a si mesmo reproduzido e continuado. Na educação pode reaparecer o antagonismo entre os que se vão indo e os que vêm vindo, na disputa pelo espaço na vida, porquanto os velhos não deixam

facilmente a presa aos jovens ávidos de substituí-los, expulsando-os. Estes possuem uma personalidade já feita de instintos, vontade, desejos, um tipo preexistente à educação, um eu independente como também o possui o educador. Então o ato da educação não é uma pacífica transmissão de experiências, mas acima de tudo uma contenda pela conquista de um lugar na vida que os jovens disputam aos velhos.

Atinge-se naturalmente a esta íntima forma do ato educativo com uma atitude materialista, isto é, quando o homem se reduz somente aos seus primordiais elementos biológicos, ao seu puro substrato animal. Para que aquele ato se eleve é necessário infundir-lhe um hálito novo de espiritualidade, o elemento ideal que desloca o baricentro dos interesses e do egoísmo animal para superior finalidade coletiva na qual se esquece a vantagem imediata do eu e prevalece o elemento amor supersexual e o elemento consciência que abraça mais amplos horizontes no tempo. O fenômeno educativo, entendido no sentido restrito de que temos falado, sofre então uma transformação evolutiva, na qual se espiritualiza e se aprofunda, perdendo desta maneira, gradativamente, em coação e imposição egoísta, em antagonismo de rivalidade aquilo que conquista em altruísmo, em consciência, em penetração psicológica. O ato educativo se transforma assim e sempre mais num amplexo da alma, em função coletiva de conservação e construção, em ato de solidariedade entre aqueles que nascem e aqueles que morrem. O grau de evolução de um povo pode, deste modo, revelar-se neste índice educativo que é a forma pela qual se exprime o contato entre várias gerações. A educação, assim, perde sempre em crueldade, em imposição, em rivalidade e contraste para conquistar compreensão, comunicação, colaboração e unificação. Chegamos assim ao extremo oposto, ou seja, à forma suprema do ato educativo que é a mais completa e espontânea comunhão de espíritos numa unidade de sentimento e de pensamento.

Percorrendo assim a estrada da evolução, o procedimento do educador se espiritualiza, depositando as suas escórias ao longo do caminho do seu progresso. Ela sempre conquista, desse modo, mais amplo direito de educar, o qual lhes está verdadeiramente reservado somente nas últimas fases.

Depois de ter desta forma orientado biologicamente o problema dentro da fenomenologia universal, e possuí-lo bem amadurecido na minha mente quis aplicá-lo, neste sentido, na minha experiência cotidiana de educador; que, pondo-me em contato com extenso número de jovens, me permite controlar, experimentalmente, as teorias e aprofundar este importante lado do problema psicológico que é o ato educativo. O meu precedente comportamento sintético *se* desloca aqui ao extremo oposto que é essencialmente analítico. A visão restringe-se, mas em compensação aproxima-se de uma realidade sempre mais concreta.

Na minha atividade pedagógica cotidiana quis realizar esta transformação evolutiva do ato educativo para conquistar plenamente, na minha consciência, e substancialmente, o direito de educar, elevando o ensino ao nível de missão. Desejei sempre esquecer o meu eu, para observar melhor o eu dos jovens que devemos desenvolver. O meu trabalho, com esta atitude, perdeu progressivamente qualidades coativas e disciplinares para conquistar qualidade de penetração psicológica. Lutei estenuamente para ser sempre mais o professor e menos o domador. Posição difícil, trabalho árduo, transformação complexa que para mim não é senão um momento da minha evolução individual, a qual é o significado da minha vida.

Não importa o que um homem ensina. O professor, entre os jovens, é sempre um centro de irradiação espiritual. Qualquer coisa que ele diga é sempre um discurso íntimo e substancial entre docente e discípulos e atinge a profundidade do eu. O seu eu é um fato anterior a educação, a qual surge como um ato posterior que se sobrepõe, quando não se contrapõe à sua personalidade. Esta protege instintivamente a própria integridade, rebelando-se a toda imposição. A força, a disciplina, não são senão atos de superfície, de valor prático, um meio de relativo valor pedagógico, mas nunca a substância de um ato educativo. Aquele é dado pela profundidade de penetração psicológica, o que é uma coisa difícil. É necessário ter uma grande alma, possuir a coragem e a força de abri-la de

par a par, ser dotado de uma potência de irradiação que penetre e ao mesmo tempo de uma fineza psicológica que saiba guiar aquela potência. Conheço bem esta dificuldade. O nível evolutivo da maioria da personalidade dos jovens, que não são senão homens em formação, em geral não é muito alto. O professor deve possuir a força de saber exigir tudo de si mesmo.

Eis uma classe. São quarenta meninos e meninas dos 13 aos 16 anos. Um pequeno mar de cabeças, um pequeno mundo de instintos, cargas nervosas, rivalidades, pensamentos e sentimentos. Eles representam a vida. Em suas fisionomias estão impressos o cansaço, a fadiga, como a força, a fraqueza, como a grandeza da estirpe, e tudo que foi anteriormente gravado naquelas almas que, se pouco sabem falar em termos reflexos da consciência, demonstram, em termos instintivos da subconsciência, já saber muito. Se neles a palavra é difícil, o olhar é, ao contrário, rico; o gesto é fervoroso, o eu salta a todo momento de dentro para absorver tudo pelas vias rápidas e vastas da intuição. Noto a efervescência interior destes espíritos vivacíssimos, ainda presos à curiosidade pela vida para eles nova e as maravilhas de suas sensações. Que sínteses imediatas, que rapidez de conclusões, mesmo sendo muito pouco além do curto campo de suas consciências, mesmo provisórias, para logo depois completar e corrigir. Que peso para eles a lenta psicologia analítica adulta que nada resolve!

Observo aquele pequeno mar de cabeças e pergunto-me: quem são eles? Todos iguais e no entanto tão diferentes! Existirá no meio de tão monótono grupo de indivíduos insignificantes, algum valor de exceção destinado a revelar-se? Muito não se revelam imediatamente, pois algumas sementes desenvolvem-se tarde e são, algumas vezes, as mais complexas e as mais repletas de frutos. Frequentemente os mais brilhantes são superficiais, os precoces se esgotam. Quais são as leis que presidem ao desenvolvimento da inteligência? Ou nos encontramos diante de um fenômeno tão específico que cada caso se realiza como tipo próprio com lei particular? É preciso saber penetrar também na exceção, intuí-la, farejá-la e achá-la, favorecendo o desenvolvimento com todos os meios. Os educadores precisam saber fazer exceção às regras tradicionais em relação à incompreensão da sagacidade do menino.

Observo o problema pedagógico; tão rico de aspectos, colocando-o diante de mim. Estamos imersos no imenso fenômeno em tal grau denso de mistérios mesmo para a ciência, ou seja, o fenômeno da vida e da vida do espírito, que é o lado mais complexo. É aqui que se pode fazer o estudo mais profundo e mais novo, o mais inexplorado e original, o da personalidade humana. De preciso sabemos tão pouco neste campo. Somente um senso místico individual do espírito, digamos assim, pode nos guiar na profundidade misteriosa da personalidade. Todavia a unicidade do fenômeno vida e a centralidade do seu princípio nos une numa solidariedade de trabalho que é também a manifestação da compreensão, quer sejamos dirigentes ou dirigidos.

Observo aquele pequeno mar de cabeças e sinto as vibrações íntimas daquelas personalidades que apenas transparecem da construção física. Viver, viver! Os jovens ainda possuem em si o dinamismo concentrado do germe, do explosivo que devera se descarregar lentamente para alimentar todos os esforços da vida a fim de transformar a energia em experiência, a força em conceito, a quantidade em qualidade. O dinamismo inicial da nebulosa cósmica é neles muito mais rico do que em nós adultos, mas deverão transformá-lo lentamente em consciência, como nós o fazemos. Este é o significado da trajetória evolutiva da vida. Vive-se para experimentar em todos os campos. No fim nada se perde porque o resultado do nosso trabalho estará em nós mesmos, porque a essência destilada dos valores, expressa em nosso modo de ser, não morre.

O educador deve conhecer estes sutis fenômenos psicológicos, deve tê-los já enquadrados numa síntese universal, deve ter resolvido os grandes problemas porque compreendeu o problema da alma, deve perceber toda a teleologia da vida, caso contrário não saberá o que fazer. Deve saber distinguir na massa o timbre de cada personalidade e adaptar-se a ela, porque, de outro modo não encontrará jamais o meio de penetração se não souber modular a própria onda psíquica em sintonia com os diversos tipos. Trabalho de artista, pois representa uma grande arte esta de modelador de

almas. Ele lança a semente. O jovem não dá demonstração, parece não se aperceber, mas guarda em si todas as impressões que se desenvolvem depois e são o impulso das suas ações. Gravar no espírito é colaborar com a obra divina da criação. O homem não se convence pelo raciocínio. A lógica, justamente porque é ato reflexo, pode bem pouco diante das vozes profundas da vida, as hereditárias, instintivas, que reagem ao contrário dos contágios psíquicos bons ou maus.

São forças móveis, ávidas de introduzir e assimilar novos impulsos, por sugestão, preferindo primeiramente as vozes afins.

É esta a técnica psicológica íntima daquele ato que se sintetiza na frase: "ir ao encontro do povo". Isto significa: "exemplo".

Onde existir uma classe dirigente, superior por qualidades intrínsecas e não só por atributos exteriores, mesmo se é formada por homens obscuros que trabalham substancialmente sem rumores de formas, aquela classe tem o dever heróico de caminhar em direção ao povo. Digo heróico porque é árduo, principalmente se apenas acabaram de emergir da lama, obrigando-nos a colocar as mãos naquilo que mais nos enoja e isto para elevar também os outros. Estes são geralmente desprovidos de qualquer senso de compreensão e de gratidão e acreditam somente no seu arrivismo pessoal. Não é lícito que se faça disso um pretexto de demolição do melhor. Cabe o cargo de direção, baseado em normas rígidas de disciplina, a quem sabe mais. A vida é trabalhosa para quem verdadeiramente se dirige ao povo; quem possui o comando tem o dever bastante árduo de manter a ordem. Não basta então dizer que a vida é missão. Não basta. É preciso possuir uma fé evidente, lógica, vivida na luz da mente e na paixão do coração que nos faça lembrar a todo instante que a vida é missão. Somente então o trabalho será estável quando estiver equilibrado, o que significa que a nossa dedicação aqui na Terra será compensada pelo céu, o qual sempre irradiará bênçãos se nos encontramos aptos a pedir e dignos de receber.

Desta maneira, a obra de educação é verdadeiramente o ato de fraternidade. O educador representa a força do bem, fazendo-se canal para a sua descida desde o divino, mesmo quando a involução humana o constringe a adotar formas de coação. A educação é bondade, mas não deve jamais permitir que a ignorância dos involutos satisfaça o seu mais forte instinto, que é transformar bondade em fraqueza a fim de poder subjugar. Nestas condições a bondade tem o dever de armar-se com as garras afiadas à mostra para a sagrada proteção do bem. A culpa é somente da involução humana que lhe impõe, para afirmar-se, os métodos fortes da disciplina, desenvolvendo-se, desta maneira, na imensidade da luta do bem contra o mal. Esta é a áspera e dura realidade do esforço pedagógico. Existe para cada alma um peso específico inviolável, sempre pronto a manifestar-se e que escava abismos inacessíveis e distâncias terríveis. Quem está por baixo agarra-se, como quem se esteja afogando, desesperadamente, àquilo que está no alto para arrastá-lo à própria baixeza e fazê-lo afogar-se consigo.

Naquele pequeno mar de cabeças que é uma classe, sinto o problema da educação do povo e encontro o mundo nas suas notas fundamentais. Aqueles jovens estão todos ali a pedir força e bondade, sabedoria e paciência e a todo instante valor e exemplo. Estão todos curvos trabalhando como homens para fazerem-se ao largo na vida.-

Domina uma espécie de instinto para marchar contra a cátedra, atingi-la, pisá-la e destruí-la, num ímpeto, a fim de permitir ao **eu** maior gritar lá de cima. É a eterna história do homem. Sobre aquele pequeno mar de almas se destacam estas notas dominantes da psicologia coletiva como **leitmotiv** que emergem da confusão dos menores motivos individuais. Naquela idade o instinto de subir é dominante, como é também o crescimento físico. A natureza estabelece logo uma graduação de valores entre os jovens, seja mesmo com critérios elementares que, segundo as leis primordiais da seleção, dão a supremacia, com qualquer meio, ao mais forte. Se os escolares, como um povo, podem representar a explosão das forças elementares da natureza, compete ao educador, como ao chefe, enxertar naquele campo os estímulos de ordem superior. Educador e classe, como chefe e

povo, representam os dois extremos dos valores sociais, o máximo e o mínimo. O ato educativo consiste no aproximar e fundir estes dois extremos, estes dois pólos da vida moral, que são complementares, feitos para unirem-se.

Cada aglomeração de seres humanos se comporta, por fenômeno de psicologia coletiva, como um ser único, possuindo uma personalidade diferente daquela dos seres componentes, uma personalidade própria com muitos olhos observadores, que sente as conseqüências daquilo que acontece em cada ponto seu. Ela tende a nivelar-se no plano dos menos evoluídos, os quais, mais prepotentes, tentam tomar as diretrizes porque existe na coletividade como que uma tendência ao relaxamento de controle e um abandono de responsabilidade. Contudo, aquela psicologia coletiva tende também a fazer-se arrastar pelo educador ou pelo chefe se ele é o mais forte, o melhor e sabe se fazer sentir substancialmente como tal. A verdadeira luta inicia-se então entre ele e os piores. A maioria flutua incerta para aderir ao vencedor. Estamos ainda numa fase biológica tão atrasada que a justiça não se pode fazer valer sendo pela força. Culpa dos homens e não dos chefes. Uma classe como um povo, compreende primeiramente a força e somente depois, em segunda ordem, a justiça. O progresso da civilização é dado pela mudança das relações entre força e justiça, isto é, por uma progressiva extinção do primeiro valor e por um proporcional fortalecimento do segundo.

Aquelas unidades psicológicas são sensíveis e podem ser educadas. Se este é o seu instinto é porque foi construído desta maneira na longa experiência do passado. Compete ao educador enxertar novos estímulos naqueles instintos para transformá-los em qualidade superior que serão os instintos do futuro. É maravilhoso observar com quanta rapidez se transmite a todo o organismo a sensação de um golpe produzido em qualquer ponto. É desta forma que um exemplo dado por um único indivíduo atinge os demais.

Cada indivíduo encontra a si mesmo em cada membro da coletividade, sentindo imediatamente, como própria, a sensação do prêmio ou da punição direta em qualquer dos seus componentes. Contudo, para a transferência da evolução humana da sua fase orgânica para a fase psíquica, chega-se, enfim, a um primeiro grau de aperfeiçoamento nervoso coletivo que, no campo pedagógico, indica adoçamento de métodos e aprofundamento de penetração psicológica. Então, o ato educativo se aperfeiçoa no cuidado dispensado ao indivíduo a cuja natureza específica encontra maneira de adaptar-se. Nestas condições, quando a penetração psicológica se faz mais aguda, a separação do lastro social dos melhores se torna mais rápida; podemos dedicar-lhe um cuidado mais especial porque a missão do ato educativo é não obstaculizar, favorecendo as zonas parasitárias, mas secundar os estímulos naturais da seleção, que agora é, sobretudo, psíquica. O significado e o objetivo da educação não é nivelar, mas selecionar. É descobrir o melhor para encorajá-lo, a fim de utilizá-lo e não mutilá-lo, reduzindo-a às proporções do medíocre. O materialismo do último século criou e elevou como modelo o tipo do homem normal adaptado a uma pequena vida burguesa, calculada, utilitária, sem fé e sem aspirações. As resistências são grandes, porque este tipo tende a estabilizar-se pela lei do menor esforço. É biologicamente conveniente. Entretanto, outras leis biológicas estão de atalaia e prontas para varrer estes acomodatamentos parasitários que desejam parar no caminho da vida, paralisando a seleção. Elas arremessam a força da evolução contra a indolência dos estacionários. Estas forças evolutivas abalam tais equilíbrios cômodos, utilitários, de conveniência, sem amanhã, resolve-os porque objetiva criações sempre mais altas. Devemos voltar-nos ao povo para elevá-lo em massa, procurando, sobretudo, desentranhar os melhores, somente aos quais pode ser confiada o futuro.

A PSICOLOGIA DA ESCOLA

IMPRESSÕES

(1933)

Um artigo de Camilo Viglino na “Revista Rosminiana” estimulou-me a expor estas minhas impressões. Elas poderão, talvez, interessar porque partem de um homem que ingressou no magistério no período de sua vida madura e julga com a experiência das coisas humanas; vê e sente o problema da escola através da psicologia com que esta habituado a enfrentar e resolver os mais diversos problemas do pensamento e da vida.

Por escola entendo aqui a escola média, compreendida não como um problema teórico e orgânico, mas como um problema prático. Trava-se a luta do mestre no diuturno contato com a crua matéria cerebral dos jovens. Ele, fadigosamente, ara os campos virgens da inteligência obstinada para atirar no sulco traçado a semente do saber.

Os dois termos da equação pedagógica são: professores e estudantes. Diversos e opostos, com o desígnio de ensino mútuo, porque também os jovens podem ensinar muito ao professor que souber observar, a fim de acumular depois uma preciosa experiência psicológica e conduzir o resultado na prática do seu apostolado.

Entre os dois extremos deveria, sem dúvida estabelecer-se uma reaproximação psicológica para que vibre a centelha da comunhão espiritual, sem a que a transferência do saber não é possível. Eis, porém, como me surgiram nas suas diferentes psicologias.

De um lado, o professor. A classe é a sua orquestra, que ele dirige, e a qual transmite não só o impulso cultural que a faz avançar intelectualmente, mas infunde também com o contato contínuo, com exemplo, com método, a própria personalidade, aquela personalidade humana que transparece de tudo e proporciona o seu cunho de ambiente. Na irradiação de sua personalidade as personalidades menores dos alunos, menores porque não estão ainda desenvolvidas e prontas para receber, está o mais alto sentido da escola, está a contínuo, com o exemplo, com método, a própria alma, acima de todas as necessidades formais, como esplendem todas as altas coisas que estão acima das aparências do tempo e da vida. Aquela irradiação tende a qualquer coisa de maior, além de elevar as inteligências a um mais alto grau de erudição. Tende a dar aos espíritos o sentido de uma vida mais completa e mais profunda, na qual lampeja um ideal, mesmo que seja expressa na sua mais simples forma de exata observância de dever. Aos olhos do professor o problema do ensino não pode ser tão-somente a mecânica transmissão do saber como o deseja nosso século de eruditos e de especialistas ainda a procura da última síntese, podendo, porém, dilatar-se naquele problema muito mais vasto da compreensão da vida; compreensão que a síntese cultural não pode dar, que nenhum curso ensina e nenhum concurso controla, que não é tanto uma idéia abstrata, uma concepção, quanto um sentido de vida vivida, uma emanção que somente um espírito maduro e profundo pode irradiar, entregando-se totalmente. Abre-se, então, aos olhos do professor, a visão de uma tarefa superescolástica: construção de intelectos e, na transformação da pedra rude em escultura conceituosa e bela, quase a infusão de um hálito da própria alma; construção de homens, um plasmar de personalidade, um criar no espírito com ato superior ao do artista que se exprime na matéria, onde imprime o seu alento humano.

Desçamos agora da cátedra e atravessemos o fosso profundo que a separa dos escolares. Fosso profundo sobre o qual se projetam pontes, como nas antigas fortalezas. Transponhamo-las e observemos o outro extremo da realidade escolástica: os estudantes na sua psicologia oposta.

Enquanto nós, idealistas do ensino, vagamos no céu da religião do espírito, que faz da vida um ato de fé, no campo das belas construções, filhas da nossa maturidade, a maior ou menor turma dos escolares é toda concorde e sempre unida. Mostra-nos que, olhando do outro lado, o nosso conceito pode parecer uma utopia. O ponto de partida do rapaz, como toda a sua psicologia, é completamente diverso. Todos os alunos estão ali com um único instinto, o instinto de suas idades:

brincar, divertir-se sem preocupações, alcançar com o menor esforço possível os resultados das notas e promoções para dar o assalto à vida. É a lei do menor esforço. Não tendo sofrido, ainda não compreenderam porque a dor gera a reflexão. A vida, como ingenuamente pensam, está no seu irrefreável impulso para a alegria. Que lhes importa Cícero ou Shakespeare, gramática ou álgebra? Abstrações difíceis, belezas e conceitos para os quais as suas almas ainda não estão e talvez nunca estejam amadurecidas. Que tristeza, que aborrecimento, que coisas indigestas e fastidiosas para serem forçosamente engolidas! Enquanto o professor se arrebatava por Goethe ou por Ésquilo, o rapaz se entusiasma pela sua gaiatice, procurando avidamente um momento de refrigério, no que é tão compreendido pelos colegas de sua intimidade! E que peso para o professor dever impor a atenção, falar a quem não o acompanha e que sabe e faz aparentar, por instinto, todos os mais inverossímeis cansaços a fim de fugir à aula. Que sentimento de rebelião, que energia os jovens apresentam para afirmar e impor o seu próprio eu, belo ou bruto, nobre ou baixo, qualquer que o seja! Para tornarmo-nos interessantes, necessitamos descer continuamente aos seus níveis, reduzir o estudo a um jogo, agitado e rumoroso como uma partida de bola, com explosões de sentimentos muitas vezes não elevados e supressão de toda a idéia abstrata. A nobre curiosidade do saber é, todavia, uma exceção, a ponto de vir a ser considerada quase patológica naquela idade.

Para a compreensão perfeita, seria necessário abaixar todas as pontes, encher definitivamente o valado. Do outro lado não existe, todavia, apenas a irreflexão juvenil, mas toda a psicologia diferente da vida, imposição perfeita do instinto. Do outro lado existe a luta pelo ponto, para a promoção, há todo um esgrimir "ad hoc", toda uma realidade diversa, tão férrea a ponto de submergir todas as outras. O escolar ali se encontra a nos lembrar a cada momento a sua maneira de agir. É um implacável "do ut des"⁷ e este é o melhor caso do jovem dito inteligente. Ele está ali a ensinar-nos que o tempo é dinheiro, que a energia psíquica é preciosa, que o melhor é o que chega, de qualquer maneira, primeiro. São as leis da vida, que todo o mundo respira, às quais ninguém sabe se esquivar, nem mesmo de todo, o idealista. Tudo é luta na vida. Com tal psicologia o jovem afronta a escola, com os critérios da vida, mostrando-nos eloqüentemente que não se trata, na verdade, de uma conversa. Através de quão angustiosas dificuldades devemos exaustivamente preparar a estrada para a luz do pensamento!

Concluindo, a minha impressão é que, posto o problema nestes termos, conforme se me apresenta, a habilidade do professor — uma verdadeira arte — consiste no saber abaixar sobre o fosso o maior número possível de pontes, todas, em definitivo, abolindo-o, se possível. Não é, porém, uma arte fácil. Certos estados de calma e de ordem nas salas de aulas são produtos do temor, não da compreensão, mantendo as pontes levantadas. O certo é que, no encontro entre duas tendências opostas, o choque é inevitável e a solução é imposta pela disciplina. É a realidade da vida, que não se pode e não se consegue deixar totalmente fora do limiar sagrado do templo das formações espirituais, que nos acompanha e entra conosco, mesmo onde não desejamos. Esta ali, entretanto, a nossa arte. Saber circunscrever a coação, para afastá-la gradativamente, tendendo para a sua eliminação, de modo a não restar senão a idéia, a imagem do constrangimento ao estudo e ao dever. Tornada habitual, depois coisa natural e subentendida, que esvoace, todavia, no ar, invada a atmosfera local, como um pressuposto que não possui mais a necessidade de concretizar-se em fatos. Então, se não a convicção, ao menos a sugestão de ordem e do dever descerá ao espírito do jovem; um novo hálito lhe será fixado para formar o germe de um mais nobre instinto, no adulto. E a nossa arte reside no habituar contemporaneamente os jovens à compreensão e à comunicação; está no abrir as suas almas à confiança, despertando-lhes o interesse pelo estudo. Nesta arte está a evolução da educação, que tende das formas antigas de punições materiais às formas de orientação, baseadas na comunhão espiritual. A medida que a sensibilidade se aperfeiçoa, o constrangimento se sutiliza e desaparece, transformando-se no elemento convicção, que suprime o desperdício de energia. É menos oprimente para o aluno, é mais lucrativo para o ensino. O constrangimento não se

⁷ **Do ut des** — expressão latina: "dou, para que dê". (N. do T.)

compatibiliza com o uso do pensamento, de sua natureza livre e espontânea que somente se nutre do contato com outro pensamento livre e espontâneo.

A revolução no mundo é hoje revolução moral. O conceito biológico de vida-luta será substituído por este imensamente mais alto e potente de vida-missão; o conceito de trabalho-vantagem individual será substituído pelo trabalho-função coletiva. O ideal não será mais a palavra abusiva e vazia de outrora, mas a suprema verdade e centelha de ação. Será a potência que fará do mundo vacilante uma civilização nova. Esta idéia introduz na vida dos povos elementos novos e pode ser considerada a base de uma nova fase de evolução biológica. Não é exagero para quem vê com a grandeza da alma as grandes coisas, as coisas imensas do destino e da eternidade, observar nisto a explosão de uma força moral de ordem cósmica. E, se na vida, o ideal devera entrar com o ímpeto de uma avalanche, isto se realizará primeiramente na escola, porque ela é, por sua natureza e tradição, o núcleo e o canal de irrigação, o templo das mais altas missões espirituais.

A ARTE DE ENSINAR E DE APRENDER

(1934)

Uma boa e despreziosa conversa. Um retrospecto repousante, numa rara tarde tranqüila, sobre coisas observadas por experiência direta, e sobre conceitos emanantes desta nossa vida de missionários do ensino, conceitos que ressurgem aqui, por um momento, naquele aspecto particular em que se apresentam e como eu os sinto. Conversa rápida, feita laconicamente e com franqueza, toda pessoal, como é do meu feitio, em todas as sensações e interpretações da vida. Isto é devido ao meu instinto irrequieto que deseja caminhar a todo custo fora dos caminhos batidos, numa procura anelante de uma realidade mais profunda do que aparente e, todavia, sempre concreta e imanente de fatos vividos.

Não é verdade que não é tanto em si mesmas que as coisas interessam, quanto pelas vibrações que despertam em nós? Não tanto pelas suas pulsações intrínsecas, quanto pelas sensações que fazem brotar em nossas almas? As coisas do mundo, inertes e iguais para todos, estão em seu lugar. Parece que somente o nosso olhar as anima e seja belo apenas vê-las, não na sua nua realidade objetiva, mas refletidas no tormento de nossa alma viva. Neste espelho parece que se revestem de uma beleza nova. A interpretação de quem as sentiu profundamente nos guia em face das coisas mais simples e comuns, a uma nova interpretação, inesperada, possuída da magia de dar de si uma nota que reconhecemos, mas que, todavia, não sabíamos achar.

Quantas vezes nas breves pausas — e quem ensina sabe muito bem como são breves — transigindo com a áspera tensão nervosa de quem se senta à cátedra, ao perpassar os olhos na pequena multidão de cabeças irrequietas, parei para pensar, o olhar perdido ao longe, em tantos problemas com que nos defrontamos e agitamos na escola! Eles parecem pequenos, reduzidos como estão nas fórmulas de um regulamento ou de um conceito esquemático preposto a uma atividade, às vezes quase mecânica. Entretanto, são os grandes e tremendos problemas da vida e da personalidade, imensos na sua substância exorbitantes do saber humano, insolúveis pela ciência moderna. Naquelas pequenas cabeças travessas pulsam as milenárias leis biológicas, exatas, fatais, absolutas na sua tão vasta elasticidade, entrelaçando-se os mais árduos problemas de psicologia. A alma das crianças, livre ainda, pela graça de Deus, da consciência reflexa que a educação proporciona, esconde sob o belo manto da mentira, a sua inocência, os seus movimentos e ímpetos, todas as flexões de seus raros repousos, a eferescência de sua primeira explosão. Revelam-se-nos, com a rapidez da intuição, aqueles problemas psicológicos, todos tão evidentes e tangíveis para os olhos que sabem ver profundamente até alcançá-los!

Como é feita, então, esta alma humana a ser educada? Por qual caminho o pensamento a penetra? Quais as reações que despertam, como funciona aquele complexo organismo psíquico? Surge diante de mim, mesmo nas simples e pequenas coisas da escola, além de todas as tarefas e dos trabalhos pedagógicos, este formidável problema da personalidade humana, o problema da sociedade porvindoura, na nova e mais elevada ciência do futuro.

Psicologia individual e psicologia coletiva, afeto e disciplina, diferenças de temperamento e de adaptação, ensino em massa e contato individual, misoneísmo escolástico, sobrevivência de critérios superados que, todavia, não podem morrer no meio de tantos duelos e tantas formas! Como tudo agita este conjunto de forças e de correntes que parecem quase irreais, porque não são perceptíveis e que, porém, tudo regem e ressurgem em qualquer parte, em cada momento, com a potência animadora que somente as causas invisíveis parecem poder ter.

Não desejo dizer nada de preciso, não quero conclusões. Desejo nesta conversa agitar, somente um pouco, estes conceitos, na expectativa de que do seu movimento nasça um choque, uma reação, qualquer idéia talvez útil e nova, que selecione outras idéias.

A psicologia coletiva da classe é sempre muito inferior, como acontece em todos os fenômenos dessa espécie, à psicologia individual. Cai nela, de súbito, o nível de educação de cada um: um jovem na massa ousa aquilo que jamais faria sozinho, isolado diante de sua consciência. Esta se abandona na coletividade a uma inconsciência ou consciência mais elementar e mais baixa. É isto o que o professor tem diante de si na sua cátedra, impondo-se-lhe sistemas de domador. Vencida e domada, porém, esta menos evoluída alma coletiva, com os meios menos refinados que ela exige, o professor poderá, depois, fazer ressaltar, pouco a pouco, as superiores personalidades individuais. Aqui se inicia o trabalho de distinção e sobressaem de súbito os diferentes tipos, antes confundidos no conjunto: o tímido, o sensível, o franco, o inteligente, o obtuso, o improvisador, o mentiroso. Quantos matizes! Encontramos aí a sociedade inteira, porque nestes pequenos existe a alma humana que se arroja na vida com todas as suas ilusões, fraquezas e belezas. O espetáculo merece ser visto. Quantas diferenças de estilo e de atitudes apresentam os jovens, quando interrogados um a um! Começa, então, nesta segunda e mais íntima fase do contato psíquico, um trabalho de penetração mais profundo, que conduz o olhar do professor à alma de cada jovem. Da soma e fusão destes olhares individuais surgirá depois um olhar mais profundo de conjunto, que abrangerá toda a classe. Então, e somente então, o professor conhece e possui na realidade, em suas mãos, toda a classe. Somente agora nasce aquela comunhão de espírito a que se pode, verdadeiramente, chamar de obra educativa. Esta posse da alma individual do aluno pode ter uma influência sobre a sua vida; inicia-se aquele trabalho de compreensão que deixa vestígios mais profundos do que a pura erudição. Aquela obra de ascensão da fase de luta que implica o duelo do ponto, faz o jovem mentir, afasta-o do professor que lhe parece um inimigo. Segue-se a fase mais alta na qual a fadiga inútil, o atrito do choque recíproco e contínuo desaparecem e o aluno se torna um filho que trabalha de acordo e com a mesma fé do pai.

Agora o nosso olhar se desvia dos escolares para aquela figura que se move na cátedra, sobre a qual vemos as grandes imagens e os símbolos mais venerandos. O que é que se move naquela figura: alma, corpo, paixão? Se todos os trabalhos humanos pudessem ser reduzidos ao conceito de puro utilitarismo, é certo que o trabalho de ensinar e de educar é o mais inadaptado a esta redução. Se a redução, qualquer que seja, puder ser transformada, por um espírito nobre, em missão, sabendo ver e exaltar o lado moral, nenhuma obra excede em grandeza a esta do educador. Obra superior a toda classificação humana e reconhecimento exterior. Fixa o peso específico da pessoa moral e coloca-a no seu plano, em sua altura, na qual se equilibra, permanece, vive e vence espontaneamente.

Eis o verdadeiro espírito da escola, o conceito vivificador que, no meio das áridas noções, faz nascer um ímpeto de conhecimento e de superamento. Eis a vibração profunda que tudo mantém

e vitaliza, sem a qual tudo se torna morto, árido, frio, mecânico, insuportável e inútil. Então a aula, antes fria, se aquece. Aquela atmosfera feita de muralhas, de cátedra, de bancos, tão árida e pesada para os jovens, floresce de um não sei que milagre de emoções, que são talvez as únicas de todo o trabalho de escola que recordamos com alegria e que restam. Infeliz de quem fizer da cátedra um instrumento mecânico sem alma, mesmo sendo perfeita a execução dos regulamentos e das formas burocráticas. Máquina que funciona somente objetivando manter em pé uma posição e um estipêndio! O ideal, se bem que invisível, imponderável, é uma força tão substancial na vida que, sem ele, como acontece a todo como sem alma, tudo se acabrunha e morre. O princípio hedonista do "do ut des", base do mundo econômico, não pode, em alguns casos, sobretudo neste, bastar. Em torno a esta base da vida social, qual é a escola, não é suficiente mover-se com a psicologia, mesmo honesta, de trabalho, mas é necessário uma paixão pelo bem. De outra maneira traímos e matamos a alma humana.

Esta paixão de superamentos espirituais pode ter uma outra manifestação irradiante, além do âmbito educativo da escola, num campo ainda mais vasto: aquele no qual o professor se julgue parte integrante e construtiva das forças culturais e espirituais da Nação. Não é esta missão ainda mais alta? A quem será portanto confiado o trabalho das criações do pensamento e das funções intelectuais de um povo, senão a esta elite que justamente se aparta do furor da luta econômica, do comércio e dos negócios? Que coisa mais bela do que a figura de um professor modesto que, terminado o trabalho de educador de jovens, retempera o seu espírito em missão mais grave de educador de homens? Repousa nesta atmosfera de conceitos e passa as noites insones, pela alegria de se sentir, seja apenas uma gota viva no oceano vivo e construtivo do pensamento da Nação em marcha. Não é talvez a mais nobre alegria humana e a mais evoluída das fases da vida terrestre, esta, na qual o mais alto centro das sensações emotivas e vitais é transportado do nível vegetativo e passional para o pensamento e as criações conceituais?

Desta maneira, a nossa conversa nos leva longe, a outro problema, o de saber, de aprender, para depois criar no pensamento. Qual é a técnica misteriosa disto? Aqui já a turba escolar desapareceu; o problema é mais íntimo e mais elevado, e a mente adulta o observa em si mesmo para depois tirar deduções que iluminem também a comunicação do saber, que é o problema escolástico.

No estudar e no aprender nós nos apegamos às formas mais empíricas. Acreditamos que esta arte consista no ler, repetir e reter, aplicando este sistema de ensino aos jovens. Mas, se consideramos a essência dos fenômenos psíquicos, de que complexo entrelaçamento de vibrações são eles a síntese? Seja no colóquio ou na conferência, nos quais a idéia sobe da palavra à psique, assim como no estudo silencioso e solitário no qual a idéia emerge da leitura, capacitamo-nos de quais interferências de onda, de quais captações subconscientes e, em alguns casos, de quais imersões em correntes psíquicas a nossa mente é susceptível? Ou atiramos à mente, seja ensinando ou estudando, um alimento que ela o assimila por si, quem o sabe como? E se o pensamento não é como se suspeita, se é, como tenho razões para crer, uma vibração elétrica em ondas ultracurtas, de comprimento da ordem de um micron? A que revoluções, aplicações, métodos psíquicos, didáticos e escolásticos, poderia tudo isto nos levar! E se a ciência abrir as portas deste mistério que é a psique humana, que coisa será o estudo e a escola no ano 2.000 ou 3.000? Fantasias pueris e distantes? Não creio.

É um fato verificado, para quem possua o hábito da criação intelectual, que esta não resulta absolutamente das vias da consciência normal cotidiana, que nos é tão útil nas necessidades e correlações da vida. Parece que o progresso da racionalidade consciente e reflexa esteja como que suspenso, porque, para as construções superiores, um mecanismo mais íntimo e complexo deva ser posto em movimento, confiado a uma parte mais profunda do nosso eu, onde a consciência e a vontade chegam com luta, ou absolutamente não chegam. Estas coisas não são novíssimas e estranhas, mas velhas como o homem. Somente ainda não foram analisadas cientificamente. Há muito que os poetas possuem as suas musas e os músicos a inspiração. Wagner, no seu diário de

vida veneziana, falava de um louco — o seu **Tristão**: — "Aquele louco surgiu-me claramente; eu o transcrevi rapidamente como se o conhecesse, há muito, de memória". Perosi diz que o compor é para ele uma necessidade impulsiva de temperamento. Chopin compunha numa espécie de êxtase. Não são, talvez, os artistas, antenas sensibilíssimas estendidas no infinito, aptas a registrar vibrações misteriosas? E não são todos assim? Penso em Mussorgsky, em Rimski-Korsakov, Stravinsky, Ibsen, Dostoievski etc.; e não sei por que me vêm á mente justamente nesta hora. É um fato que todas as mentes, sejam de artistas, cientistas ou mesmo santos, cada uma em seu campo, todas as vezes que se projetaram ao alto para arrebatar uma nesga do grande mistério das coisas, verdadeiros tentáculos, que a evolução, em antecipação, atira de encontro ao desconhecido, adotaram qualquer meio que foge á racionalidade comum, que parece coisa pedestre, de uma dimensão inferior, condenada por sua natureza a nunca se elevar acima do plano no qual se move ao infinito o trabalho de análise, sem esperança de síntese.

A minha audácia reside no considerar este método até agora de exceção; deverá ser "normal" por evolução. Não nos provaram e ensinaram cinquenta anos de materialismo a evolução orgânica darwiniana, e milênios de vida das religiões não nos ensinaram a ascensão espiritual? Unamos estes dois conceitos e teremos uma evolução única, psíquica, como criação biológica. A linha da evolução se delinea, no começo, por tentativas, em casos esporádicos; por acenos embrionários, a princípio supernormais, com uma tendência lenta, gradual e tenaz nas suas normas de exceção. Tratar-se-ia, ao mesmo tempo de um método de indagação radicalmente novo e diferente daquele que o precedeu — dedutivo e indutivo — que tanto criou em toda a ciência moderna; passar-se-ia ao **método intuitivo** que revolucionaria o pensamento humano. Fantasias, dir-se-á. Se a ciência deseja decisivamente penetrar no íntimo mistério das coisas, é necessário um veículo mais rápido, um instrumento mais agudo que não seja a razão. Por que deveremos crer que a ciência já não saiba dar senão produções mecânicas e nada mais? E porque a inspiração deve limitar-se unicamente às formas artísticas e poéticas? Por que não poderá ser uma nova inspiração filosófica, matemática, social, moral, científica, não excepcional como até agora, mas normal? Por que esta arte de sentir por via imediata não poderá se tornar por evolução o método **normal** de investigação em todos os campos do saber? Neste psiquismo superior o pensamento é mais potente e nasce espontâneo, sem trabalho e sem fadiga! Que poderá, então, aflorar, do mistério das coisas? É audaciosíssimo, mas não é absurdo pensar na generalização futura do método intuitivo, hoje excepcional.

E quem sabe se, dentro de alguns séculos; não se estude e se aprenda, à custa de métodos de sintonização? A fadiga dos livros seja substituída pelo harmonização vibratória do ambiente? Já possuímos os receptores de radio-televisão. Sabe-se que a matéria é, no fundo, energia e que o pensamento é energia que se transmite por ondas. Não é absurdo que se possa, sondado o mistério do subconsciente, alcançar a transmissão do pensamento por sintonia.

A sua assimilação dar-se-á, não com fadiga do estudo, mas por recepção de um transmissor funcionando como distribuidor e recompositor do pensamento por via conceptual direta, sem forma de língua ou palavra.

Este método da intuição, pelo testemunho dos que não podiam criar senão pela inspiração, teria a enorme vantagem de suprimir a fadiga. Alguns automatismos do pensamento são já de experiência comum e utilizáveis também como método didático. Quem não observou que, aquilo que se leu e estudou à noite, renasce facilmente diante da mente pela manhã? Existe, pois, ao que parece, a possibilidade de confiar ao subconsciente uma tarefa a cumprir independente da vontade, da consciência e, portanto, sem esforço algum. O subconsciente parece ser máquina obediente a que se possa confiar a execução de um mister quando, por um processo auto-sugestivo, lhe tenha sido concedida a ordem. Poder-se-ia desta maneira pensar uma idéia e, depois, abandoná-la porque aquela parte do eu que independe da consciência continua a desenvolvê-la sem fadiga, amadurece-a sem atenção, desenvolve-a e leva-a depois à consciência, mais tarde, completa e adulta. Isto não é absurdo porque, sem dúvida, o eu é muito mais vasto do que a consciência e grande parte dele

existe e age além dela. Há, fora do poder desta, um grande reservatório de saber que não aflora senão em casos especiais; há um armazém onde as impressões se elaboram, quem sabe por que processo! Todas as nossas funções orgânicas como a respiração, pulsações cardíacas, movimentos peristálticos e outros, não são confiados ao subconsciente, isto é, a uma consciência que não chamarei inferior, mas pré-formada, na qual os atos, por automatismos, já estão fixados definitivamente?

Isto poderíamos levar ainda mais avante. Admitamos que a consciência não seja consciência, vontade e fadiga enquanto for automatismo em formação e que a tendência da sua evolução, assim como o resultado do seu funcionamento, consistam num estado de estabilização no qual todos os produtos conquistados no trabalho concluído se fixam por automatismo, transformando-se, da tarefa a executar, do obstáculo a superar e da meta a conquistar, em qualidade adquirida, idéia inata, instinto inato na sua personalidade, e nela indestrutível. A que deduções, seja no campo do estudo individual, seja no do ensino, pode conduzir o conceito deste fixar-se por assimilação no subconsciente de todas as experiências, noções e impressões da vida! E o conceito deste processo de estratificação da personalidade em contínuo desenvolvimento e incremento por dilatação da consciência e desta absorção em forma indelével de tudo o que alcança a psique em si mesma como parte de si mesma! Se a ciência soubesse encontrar a via para lançar as impressões no subconsciente, como tenta os meios para penetrar na estrutura atômica, não poderia também, assim como na desintegração do átomo se alcança a energia gratuita — realizar o aprendizado sem fadiga?

Poder-se-ia deduzir uma outra observação: que o estudo não deveria ser somente um processo todo exterior de aquisição de noções. Para acumular noções de fatos, a pura erudição, não bastam os meios de registro mecânico, a começar pelas bibliotecas? Por esta razão, por que perturbar a psique? Isto é tanto mais verdadeiro quanto parece que; da ciência que se aprende na escola, depois que foi toda despejada pelo estômago cheio do aluno, nada é, muitas vezes, levado para a vida. O estudo deveria ser sobretudo a arte de orientação no saber, trabalho de formação da mente e da consciência, matutação substancial de capacidade cultural e não colagem de noções. Em outros termos, deveria ser um exercício tendente à formação do automatismo do pensar; à transformação do ato de pensar, tão exaustivo, incerto e imperfeito nos poucos evoluídos como é a maioria dos homens-crianças, em ato automático, espontâneo, instintivo Tornar-se-ia ato sem fadiga cheio de alegria e irresistível necessidade, como são na sua satisfação todos os instintos, uma vez verdadeiramente fixados na consciência. Explicam-se assim certas paixões raras, mas que existiram e existem, da curiosidade no saber. Casos em que o pensamento representa uma função normal, instintiva, uma necessidade vital, não uma exaustão. Parece, então, que o centro da vida se desloca do nível vegetativo orgânico das paixões, para o nível da concepção e do pensamento. Aí a personalidade vive espontaneamente sem aquele esforço do qual tentam fugir, como diante de um sofrimento, todos os dias com tanta tenacidade, os nossos alunos.

A minha palestra levou-me longe, ao mundo onde os campos mais complexos e novos da ciência convergem e os audazes mais elevados aguardam para investigar, descobrir e concluir. São coisas distantes talvez menos do que se crê, mas coisas do amanhã. Lá se encontra o futuro do pensamento humano e também da escola. A humanidade caminha, entretanto. A psicotécnica, digoo sem ironia, talvez não seja apenas uma palavra nova, como freqüentemente se usa na ciência, para denominar coisas e velhas noções. São estas expressões necessárias e naturais pois que os movimentos psíquicos, em todos os campos são transformações biológicas. Estes são os fatos. E é uma realidade que este movimento mundial tomou pulso e arrasta o pensamento do mundo com uma força e uma velocidade sem precedente na história.

Quinta Parte

PROBLEMAS ATUAIS

A HORA DE NAPOLEAO

(1939)

Um recente volume, *Vida de Napoleão*, escrita por ele mesmo, tradução italiana da edição inglesa de Murray, de 1817, convida-me a colocar mais exatamente em foco o meu pensamento sobre este grande homem e sobre o seu destino, que é também o destino de um povo e de uma revolução. Isto encerra, em síntese, os acontecimentos de um continente, de um período histórico, de uma idéia social nova e tão vasta que ainda caminha.

Deixo aos historiadores os pormenores dos fatos que não valeriam a pena repetir. Agrada-me, entretanto, investigar por trás deles a fim de descobrir o fio sutil com o qual o destino entretece a vida dos homens e dos povos. Napoleão foi um homem de exceção, por isso nele o destino foi constringido a falar com mais evidência. Cada vida possui uma lei, mas em tais vidas especialíssimas fala a História.

Não me interessa a pesquisa de estudiosos de coisas napoleônicas, se o livro é de seu punho ou obra de intérpretes. O sabor napoleônico, naquele estilo robusto, nervoso, concreto, existe e isto me basta para sentir-lhe, através da palavra, a figura e o pensamento. Naquele estilo vibra a vontade e a decisão, palpita a potência do homem habituado a ação e a vitória. Por este motivo, li o volume de um fôlego e, apenas concluído, eis que nasce em mim este escrito. Poucos livros sabem excitar em mim reações tais e poucos tenho encontrado assim densos de vida e de conceitos.

* * *

Li nas profundezas da vida grande e trágica deste homem os ensinamentos da História! A moleza do reinado enfraquecido de Luís XV, filho degenerado do Rei Sol, perde até a sua última justificação de graça na bondade débil e míope do pobre Luís XVI, vítima da força. A tempestade de sangue se desencadeia, e, do terreno ainda vermelho, nasce uma epopéia heróica e trágica para a qual é chamado como protagonista um desconhecido e humilde corso.

Ele é feito para a guerra; e o destino, que parece sabê-lo, constringe-o a fazê-la e vencê-la. Com a revolução às costas é colocado em situação de não mais poder retroceder. Desta maneira, envolve-se de forças que se somam às forças dos acontecimentos os quais desejam valorizar a sua indiscutível autoridade no meio de uma sociedade que renova a sua construção, as suas condições e

os seus quadros. O corpo social que nasce da revolução muda a sua estrutura; abaladas as velhas organizações, há um esforço de reestruturação em procura de novas e estáveis posições, num terreno livre, exigindo homens novos. Sobre o vazio feito pela revolução quanto a cabeças coroadas a História podia escrever: procura-se um chefe. Aguardava-se, todavia, que um chefe se revelasse. Em oportunidades mais naturais do dinamismo social, se as posições fossem bem protegidas e não desmanteladas por revoluções, a História não teria a iniciativa de chamar à valorização efetiva as qualidades desse homem, fossem elas as mais extraordinárias. Se o terreno não estivesse livre e a História não se encontrasse em expectativa, as leis da vida não concederiam excelsas valorizações ao indivíduo, nem aos puros objetivos de afirmação pessoal.

Sem exagerar em sentido algum, creio que, no duelo entre o homem e a História reina, mais do que na guerra, uma suprema e divina harmonia que os coloca tempestivamente lado a lado para maior rendimento de ambos. A lei universal do menor esforço está presente também no campo social.

No fundo da ferocidade, que havia manchado de sangue o primeiro surto de uma idéia nova, havia alguma coisa de verdadeiro, de justo e de potente. Havia o sentimento de renovação, a explosão primaveril dos renascentes impulsos biológicos, que investiam com decisão e diretamente contra a decrépita forma do velho regime, agora vazio de sua potência substancial e sobrecarregado de incômodas superestruturas seculares.

Evidentemente, a revolução francesa continha princípios; se no início se manifestaram sob a forma mais baixa, isto era porque o objetivo da destruição estava confiado àquele período primordial. Superada a fase necessária da limpeza do terreno pôde Napoleão começar a construir.

No fundo não se trata senão de uma longa e lenta revolução secular, pela qual a organização social se aperfeiçoa continuamente, ascendendo à justiça, conduzindo com os princípios de igualdade sempre mais amplos um maior número de cidadãos com direito à vida coletiva. Os incidentes de então, as violências e as incompreensões passam, mas o princípio permanece. Resta aquele movimento ascensional, lento mas constante, embora acidentado, das camadas inferiores sociais que sobem, demonstrando conter a mais fecunda reserva de vida que assim aflora a superfície da História sempre renovada nestas obscuras sementeiras.

* * *

A História, impregnada das criações graciosas do século XVIII, experimentava um período de guerra e de poderio, exigindo de um Napoleão a força e a vontade para disciplinar a ordem nova que ameaçava naufragar na rivalidade entre as nações, primeira e natural conseqüência do sistema representativo em um povo não antecipadamente preparado. A vida produz em Napoleão a sua nota de força necessária para a sinfonia dos seus desenvolvimentos e utiliza-a no momento oportuno, a fim de completar o seu concerto com as demais.

Delineiam-se aqui os dois momentos da vida de Napoleão: o em que executa a sua missão e esta de pleno acordo com as exigências da História, e aquele no qual surge o reverso. Há lógica na troca de posição da vida de um homem e no desenvolvimento de um fenômeno social. Não se pode discordar de que, enquanto Napoleão sintetizou o esforço de um povo para fixar uma idéia no mundo, as forças da vida não o abandonaram. A idéia revolucionária voava com as águias contra os velhos sistemas decadentes da Idade Média. Napoleão resume em si o duelo imenso que se travava entre a França e o mundo civil de então. Não havia na realidade senão uma luta universal de idéias, uma tentativa de expansão, como verificamos ainda hoje, em proporções maiores. A coligação da Europa e a França representavam dois princípios em luta. "Napoleão devia completar a revolução, dando-lhe característica legal a fim de torná-la reconhecida e legitimada pelo direito público da Europa". Enquanto batalhou pela aceitação de princípios novos e elevados, o destino lhe foi favorável. É que os chefes, conforme acredito, não são apenas servidores e artífices da evolução, o

que já seria grandioso, mas, sobretudo, instrumentos momentâneos e ativos do pensamento de Deus. De acordo com o mesmo princípio, a História afasta os seus grandes homens quando não servem mais aos seus fins. Inutiliza-os quando eles não querem ou não podem mais servi-la. Portanto, aí daquele que atraiçoa a sua própria missão; ver-se-á abandonado pelas mesmas forças que o elevaram a posição de comando.

* * *

Aqui se inicia a segunda fase da vida de Napoleão. A força na qual ele havia acreditado, por motivos muito profundos, abandonou-o. A sua vontade movimentara outros impulsos no seu destino, o qual não é fatal, inelutável, mas conseqüência de um feixe de forças sensível ao nosso desejo. Ele havia confundido a sua própria pessoa com a sua missão e a idéia da revolução. O triunfo aparente da força pareceu-lhe a substância, a finalidade do poder; quando era, apenas um recurso precário. Se a França, cansada pelo esforço da revolução, desejava refazer-se sob a proteção da sua espada, após tanta guerra, demasiada guerra, — a guerra pela guerra — acabou por se esgotar. Exaurida a sua função de expandir a idéia, o instinto dos povos negou-lhe cooperação. A semente atirada não exigia, para germinar, tão abundante sacrifício de sangue.

Cristo, que venceu e vence sem a força, em maiores proporções, deve ter sido, com certeza, um enigma para Napoleão. Existe, portanto, uma lei mais geral: um princípio de vida sabe encontrar todos os meios para afirmar-se, quando deve fazê-lo, porque se encontra na estrada da evolução.

Em dado momento, apresentou-se-lhe ao destino uma empresa temerária. Ele, todavia, escolhera a lei da força, que não admite acomodações com os planos da Lei. A força, com a mesma natureza inexorável e desapiedada, agiu contra o próprio Napoleão. Por isto, revivendo o seu caso com maior experiência, nos tempos modernos, sente-se por instinto que o espírito, tanto quanto a força, é elemento necessário de afirmação e de solidez, em todos os empreendimentos humanos.

O PROBLEMA AGRÁRIO

(1939)

Ao iniciar esta série de artigos, eu me propus abordar pontos mais vitais do problema social de hoje. Portanto, não se estranhe que me ocupe também da agricultura, pelo menos em linhas gerais, uma vez que ela coopera na intensificação do nosso amor à terra.

Para quem chegou, por caminhos próprios, aquela unidade de concepção sintética, que falta à ciência moderna, é fácil a passagem do problema médico-sanitário, de que falei em artigos precedentes, ao problema agrário, uma vez que ambos se apoiam na mesma base biológica e derivam da mesma raiz, que penetra nas camadas profundas da vida

O problema técnico agrário é, antes de tudo, um problema de orientação geral, sem o que a experimentação não possui principio e nem guia. Também neste campo surpreendemos o

materialismo, que chamarei de doença psicológica do século, nas suas últimas conseqüências, e prosseguimos na mesma campanha em prol da obra de ressurreição, desejada sempre no campo específico de cada problema particular. Por este motivo, cada um destes artigos soa como um toque de alarme que desejaria ver compreendido e escutado. Sabemos que a orientação materialista do último século, cujas últimas conseqüências práticas em todos os campos ainda vivemos, pode constituir, conforme se observa, um perigo para a saúde humana e representar também um atentado para a fecundidade da terra.

Quando a concepção unilateral do materialismo chegou ao campo das realizações (a passagem é fatal e rápida) e com o seu simplicismo mecânico experimental, ignorante dos aspectos mais profundos dos problemas, invadiu o campo biológico, não podia, na sua pretensão de impor-se às leis da vida, senão provocar uma reação, porque elas são invioláveis

Se nas construções é necessário conhecermos a resistência dos materiais a fim de não os submetemos a um esforço superior às suas resistências específicas, da mesma forma, no terreno biológico, o material vivo, se possui um campo de elasticidade, de resistência, que permite momentaneamente suportar um determinado trabalho, tem também um valor-limite, além do qual a elasticidade biológica não chega. Ultrapassados aqueles limites naturais, o ser, seja homem, animal, ou vegetal, adocece. A terra, que é também viva, torna-se estéril e depauperada, como um verdadeiro doente.

Este é o resultado do choque de uma diretiva errada com as leis da vida. Trata-se de uma psicologia de violências, que pretende impor-se e forçar os princípios do funcionamento orgânico do nosso mundo. Se estes sistemas forem mantidos por longo tempo, perguntamos à ciência, quais serão os resultados em todos os terrenos onde o homem encontra a vida? Os problemas da saúde, como da fertilidade, são problemas lentos, vastos, hereditários, que abraçam várias gerações.

Entremos particularmente no âmbito agrário. Neste campo, aquelas premissas psicológicas instauraram um regime de prepotência por parte do homem e de esforço por parte do subjulgado mundo orgânico. Este regime deu lugar, a princípio, a uma superprodução; não deixa agora, como resíduo do seu supertrabalho, senão uma subprodução, filha do depauperamento. Expliquemo-nos.

A orientação científica da agricultura incorreu em três erros que são três perigos; o erro econômico, o erro mecânico e o erro químico.

A industrialização agrária trabalha fazendo prevalecer os critérios econômicos. O proprietário rural já é um contador que calcula a sua renda e deve fazê-lo, instigado por várias causas estranhas a agricultura, tais como o risco na colocação da produção, a concorrência dos mercados mundiais, as oscilações de cambio, a dependência para com os países estrangeiros, a fim de obter matérias primas necessárias a indústria de adubos etc. Estas pressões vêm violar o equilíbrio dos fenômenos naturais. Esquece-se de que, nestes negócios, o processo econômico não se pode isolar, porque se intromete no processo vital, que é fundamental. Se o ignorarmos, se o violentarmos, destruiremos também o resultado econômico. O material é vivo, impondo por este motivo exigências que a industrialização agrária tende a ignorar e a descuidar, arcando com as conseqüências. Trata-se de fenômenos vitais trabalha-se com organismos e todo o solo é um organismo que possui vida. Nesta existe qualquer coisa de imponderável que foge a toda orientação materialista, qualquer coisa que é de origem espiritual. Um trabalho agrícola depende de fenômenos biológicos que vão da unidade coletiva de microorganismos, que é o húmus, até às plantas que vegetam, aos animais que se nutrem, ao homem que vive da terra. Hoje, busca-se transformar em problema aritmético terrenos, plantas, animais e homens. Hoje, desejamos considerar a terra como uma equação química de elementos nutritivos, isto é, terreno subnutrido mais adubos é igual a terreno mais produtivo. Concepção simplista, unilateralidade de visão econômica, negligência de muitos fatores para que a equação corresponda à realidade. Da mesma forma para a pecuária. Uma vaca não é mecanismo para transformação de forragem em leite e carne. Com esse critério, os

organismos animais são forçados à produção intensiva, sob a pressão de um regime alimentar intensivo. A natureza suporta pouco o trabalho excessivo. Sobrecarregada, qual máquina, desorganiza-se, assim como “inexplicavelmente” se enfraquece e se torna estéril o animal. A terra perde a sua capacidade produtiva; os animais nascem mal e doentes, organicamente tarados: partos difíceis, tuberculose, aborto epizootico⁸, esterilidade. O critério econômico nos fez esquecer o supremo equilíbrio da natureza, as leis profundas que fixam os limites de cada existência. A exploração indevida de uma função somente se pode obter com o preço da depressão de outra função. O animal não é máquina de produção e de renda. Por mais agnóstico que se queira ser, não se podem violar as imprescritíveis finalidades da vida.

Se o erro econômico grava todo o negócio agrário, o erro mecânico e o erro químico gravam, sobretudo, a terra. A máquina, usada para a superprodução e para a obtenção de um custo menor, proporcionou, como veremos, uma vantagem momentânea pela adubação química. Nada se rouba da natureza; somente se antecipa o usufruto mais rápido das reservas naturais. Os resultados na industrialização e da mecanização da agricultura redundaram em ilusão de lucros, altos a princípio, depois estáticos e finalmente decrescentes, a ponto de impor o uso progressivamente maior de adubos químicos e um trabalho sempre mais intenso. Delineia-se, assim, uma nova fase negativa da lei dos lucros: um esforço e uma despesa cada vez maiores, para vencer a tendência da terra a produzir cada vez menos. Aumentam as doenças das plantas, diminuindo, como nos animais superprotegidos, as resistências orgânicas. Repete-se aqui a mesma conseqüência da excessiva proteção bacteriológica usada pelo homem.

Encontramo-nos diante dos últimos resultados das premissas materialistas, unilaterais, e ignorantes dos equilíbrios sábios da vida. O método da agricultura científica, técnica e mecânica, depois de ter oferecido um resultado imediato e efêmero, alcançou um limite além do qual o rendimento se detém e a natureza, mais providencial do que o homem nega-se a trabalhos forçados. Este fenômeno se revelou, com evidência, na adubação química destruidora de bactérias necessárias à vitalidade do terreno. Não propomos que ela deva ser abolida, mas usada com o necessário bom senso para que se evitem graves danos. Cedo a palavra às vozes autorizadas. Que não me acusem também de visão unilateral. Ehrenfried Pfeiffer escreve no seu livro **A Fertilidade da Terra**: “É notável o efeito imediato da adubação química sobre o crescimento das plantas, aumento de produtos, arbustos túrgidos, particularmente se se empregam adubos artificiais azotados. Tais resultados tornam os adubos químicos preferidos pelos agricultores. Abarrotando os mercados consumidores, a ciência afirma que, com tal prática, se balanceiam os elementos deficientes. Entretanto, duas conclusões vão se impondo com freqüência entre os práticos que vivem e trabalham em contato com a terra: para manter a produção no mesmo nível, é necessário aumentar, de ano para ano a quantidade de adubos químicos; a estrutura do terreno se transforma no sentido já mencionado do endurecimento e da incrustação. Por que motivo as nossas escolas de agricultura e as nossas estações experimentais se calam diante deste fenômeno observado pela maior parte dos práticos? Fala-se tanto do incremento da produção e mui pouco da alteração do terreno. Não possuirão as estações experimentais, para as pesquisas comparativas, áreas de terras em condições que permitam o estudo de tais transformações?”

Para quem só admite uma verdade quando sabe que ela é sustentada por nomes autorizados, citarei Tallarico, Suessenguth, Niklewsky, Jenny Hans, Fippin, Elmer O., Dreidax, Berlese, Bartsch etc. Esboça-se uma visão mais exata do uso dos meios químicos no campo da agricultura.

Os seus perigos são mais três: 1.º — um aumento não proporcional de renda em relação ao custo do adubo. 2.º — Esterilização do terreno. 3.º — perigo para a saúde dos animais e dos homens que se nutrem daqueles produtos.

⁸ Epizootia: Doença, contagiosa ou não, que ataca numerosos animais ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

Eis o que diz Chimelli a este respeito: "As regiões de nova conquista compreendem geralmente os terrenos ricos de húmus acumulados há séculos pela vegetação espontânea. Se o húmus não foi reintegrado com suficientes adubos orgânicos e com processos de formação natural, ele será destruído em período mais ou menos longo, e então sucedem, inevitavelmente, os fenômenos observados por todos os agricultores que tenham trabalhado com adubos químicos, isto é, a mudança da estrutura normal para o excessivo endurecimento do terreno, a formação de crostas na superfície, o aparecimento de manchas estéreis nos campos, a deficiência de capilaridade, e.. por consequência, a diminuição de disponibilidade hídrica e a regressão da fertilidade etc."

"Com os nossos métodos de cultivo intensivo" acrescenta Pfeiffer, "particularmente com o uso abundante de exclusiva adubação química, criamos condições tais que as propriedades físico-químicas do terreno predominam e as atividades orgânico-biológicas caem em depressão. A mineralização da terra, além de ocasionar o desaparecimento das minhocas, acarreta a formação de uma crosta na superfície, durante o período de seca. Este fenômeno deveria ser considerado pelo agricultor como sinal de "tempestade", denunciada pelo barômetro do seu terreno. Uma vez arruinada, a reconstrução da saúde de um terreno é um trabalho lento e laborioso".

Referindo-se à saúde dos animais e dos homens, assim se exprime o célebre fisiologista Abderhalden: "Com muita freqüência e em lugares diversos, determinadas doenças dos animais e dos homens foram atribuídas ao método de adubação das plantas alimentícias. Não se pode ainda afirmar com segurança mas é admissível que importantes substâncias sejam elaboradas pelas bactérias do terreno; devemos refletir bastante se é certo destruir a vida e a atividade sutil dos microorganismos, introduzindo azoto sob a forma de nitrato de potássio, cálcio, ácido fosfórico que perturbam e impedem o desenvolvimento dos organismos vivos e provocam dificuldades futuras".

Assim diz, enfim, o Dr. V. Ratto, no **Saneamento Médico**: "Os casos sempre mais freqüentes de trombose, câncer, arteriosclerose e diabetes, fazem suspeitar (aos médicos dotados de respeito á biologia em geral — vegetal, animal e humana) que a causa desta série, não totalmente nova, mas de peso crescente de doenças humanas, esteja ligada aos métodos de cultivo adotados, isto é, depende da íntima qualidade minimamente e imperceptivelmente venenosa dos alimentos dos animais e do homem e dos remédios usados contra os parasitos".

Problemas delicados, problemas novos. É necessário, para compreender a agricultura, um senso religioso da natureza, da qual ela faz parte; senti-la na sua realidade palpitante em relação a todo o cosmo. Como coisa viva que é, torna-se absurdo reduzi-la nas abstrações de gabinete, no artifício da experimentação absurda, divorciando-a da harmonia universal. A planta possui vida, sensibilidade, vontade individual, instintos que não se podem contrariar. A terra é uma unidade vital coletiva com as mesmas qualidades, e como tudo, age, reage, escolhe, defende-se e possui uma consciência íntima das coisas que lhe pertencem, podendo recusar ofertas. Não se lhe aplique um sistema mecânico de química orgânica. Quando fornecemos o adubo artificial, a planta o prova e percebe que ele pertence a um ciclo de vida diverso do seu; sente a distância que o separa de si e a falta de afinidade; recusa-o porque se acha impossibilitada de admitir, sem prejuízo, no círculo do seu recâmbio aquilo que, por atávica experiência, lhe é estranho. Somente o adubo natural, por ser vivo, bacteriológica e quimicamente afins, por estar no mesmo plano orgânico, pode ajudar e ser assimilado. Em outros termos, poucos são os pontos de contato entre o mundo orgânico e o inorgânico para que o primeiro possa sempre abrir as portas ao segundo a fim de aceitá-lo no seu metabolismo. A terra, desta maneira, assimila e digere bem somente os produtos orgânicos; e se nós não a nutrimos com um alimento sadio e apropriado, ela adoecerá e com ela tudo quanto nasce dela ou dela dependa.

Chega às minhas mãos, quando estou para terminar, um opúsculo de Gnecco, de Gênova: **Exposição de um sistema racional, prático e econômico Para aumentar a fertilidade do solo**, onde se comentam os resultados já experimentalmente obtidos com o sistema da Vegetina, com uma orientação muito semelhante à nossa.

Problemas delicados, problemas novos. O estudo profundo destas questões devia levar-nos ao campo técnico, limitado, sem que deixemos de parte a visão global da vida. A visão sintética e unilateral não podia deixar de nos guiar a este renascimento de vistas e de conceitos diretivos, que não permitem mais a insistência numa técnica agrária exclusivamente química, mas impõe-se; acrescentem aquela técnica processos biológicos e dinâmicos, próprios da terra. É necessário, também, neste campo, superar a matéria e recordar que a agricultura se apoia no fenômeno **vida**. Contém em si algo de espiritual, justamente como parte responsável e diretora. A agricultura implica, também, o senso de amor e da intuição clínica que se exige do médico. Torna indispensável aquele espírito de colaboração, que é fundamental na natureza, perfeita em sua maravilhosa harmonia. Que pareça estranho, mas o fator espiritual é tão vasto e íntimo em todas as coisas que não se pode menosprezar sem prejuízo, nem mesmo no que se refere ao problema da produção, tido e havido como fenômeno exclusivamente econômico, industrial e mecânico. Em que pese aos utilitaristas, outra orientação deve agir qual novo impulso até nos pormenores dos problemas técnicos. Este princípio concebe a sociedade humana como totalidade orgânica e não pode deixar de encarar a natureza senão como totalidade harmônica. Alcançamos, deste modo, interpretação social mais exata da solidariedade de todas as formas da vida.

Amemos a terra conjuntamente com a nossa Pátria e a nossa família; amemos a terra viva como nós, como nós criaturas que adoecem e se cansam. Saibamos conservar-lhe a saúde física para as futuras gerações. Ela é mãe de todas as coisas, sobre ela se reveza o ciclo da vida e da morte. No seu ventre prolífico, no seu húmus, que é campo da morte, renasce a vida vegetal, animal e renasce, também, a nossa vida. Esta terra não é somente um composto químico, mas um organismo vivo, rejuvenescido pelas irradiações cósmicas que a atingem, pelos microorganismos que a purificam, pelos vermes que a fecundam, por todo o trabalho vegetal e animal que lhe povoa as entranhas e a superfície. A terra é útero que recebe, protege, fecunda e restitui. Depositária da vida, conservadora dos germes, princípio feminino de defesa, de espera e de reprodução, eletricamente negativa, armazenadora de vibrações cósmicas, expande-se ao ritmo das irradiações solares, passiva somente para melhor agir no silencioso trabalho interior, a terra contém toda a potência reconstrutiva do amor que perenemente regenera, preenchendo os vazios da morte. Sobre o dorso desta criatura irmã, que não é máquina, soerguem-se todos os fenômenos sociais. Retribuirá o nosso amor dando-nos o fruto do seu seio. Se a maltratarmos, violentando-a, ela se fechará em si mesma, tristemente, negar-nos-á os seus favores, porque sem amor não há criação.

O PROBLEMA RELIGIOSO

(1939)

No equilíbrio da vida existem dois aspectos que, por serem complementares, se integram reciprocamente; originam-se de dois extremos, os quais delimitam o âmbito dentro do qual oscila o movimento da vida: espírito e matéria. Eles apresentam-se como poder espiritual e poder temporal, como Igreja e Estado. Observamos, em todos os agrupamentos humanos, a existência da casa de Deus e a casa do chefe, a catedral e o paço municipal.

Numa civilização equilibrada, a dissonância da luta entre os dois princípios deve ser evitada, alcançando-se a harmonia. O Estado é o princípio viril, volitivo, que afirma; possui a função concreta da ação, da organização e da guerra. A Igreja é o princípio materno, afetivo, de conservação, de sacrifício; possui a função intuitiva da fé, do esforço espiritual, da luta e de conquistas interiores. Assim como a Igreja, numa civilização completa, não pode viver na terra sem o consentimento do Estado, este não deve viver sem a direção espiritual de uma Igreja.

A religião que rege a civilização européia, há dois milênios, é o Cristianismo. E, como a civilização européia pode ser considerada a alma do mundo, seria absurdo não reconhecer a força daquela instituição.

Entretanto, o Cristianismo se dividiu, por sua vez em dois aspectos, embora complementares. Aparentemente, é uma divisão de almas; substancialmente, apenas uma divisão de trabalho, uma especialização por atitudes diversas, uma separação tendente a reconstruir a unidade.

A Igreja latina, talvez mesmo pela função pedagógica que lhe foi distribuída, assumiu prevalentemente a forma de organismo concreto de homens e normas, teologicamente racionalizante e mundanamente legisladora. O anglo-germânico, ao contrário, aprofundou, preponderantemente, o lado interior, pessoal, intuitivo.

É inútil discutir a realidade. Os povos possuem hábitos diversos e, de acordo com estes, preenchem as suas funções, escolhendo cada um as mais adaptadas ao próprio temperamento. A Europa subdividiu, assim, a sua tarefa religiosa, lançando-a desta forma ao mundo. Os latinos aprenderam da verdade o aspecto transcendente, o conceito, a racionalidade, a objetividade, colocando-se deste modo em condições de continuar e desenvolver o pensamento dos grandes filósofos gregos, assimilando os produtos do pensamento individual e coletivo. Os anglo-saxões extraíram da verdade o aspecto imanente, o senso íntimo da Divindade, a intuição, o subjetivismo. É evidentemente unilateral o insulamento na atitude exclusiva da transcendência ou da imanência. As leis da vida nos mostram contínuos exemplos desta complementariedade. Atravessam fases de contrastes para alcançar a unidade, uma unidade múltipla, complexa, mas completa. Estes dois princípios são de fato necessários: tanto o absoluto, do conceito, como o infinito, da inspiração. É necessário que se compensem; isoladamente chegarão ao extremo do materialismo religioso ou ao outro extremo anarquizante do livre-exame. Dois perigos igualmente graves.

Ameaças sutis que certamente não atingem a grande massa que não gosta de pensar, que cede a própria responsabilidade e tudo executa mecanicamente, com o menor esforço. Problemas graves para os espíritos profundos e que pensam. Se o imanentismo encerra o perigo da dispersão, o transcendentalismo conserva o perigo da cristalização. A racionalização da verdade pode matar a vitalidade espiritual interior. A definição de normas concretas se arrisca a expulsar a atividade religiosa e a perder o senso íntimo e profundo da Divindade. Acarreta a diminuição do esforço moral, que é o itinerário único do espírito que deseja chegar a Deus.

Este é o grave perigo que pesa sobre o Cristianismo latino: ausência de espiritualidade, como conseqüência da solidez da organização humana. A necessidade de se impor aos homens, pela coação da lógica, de normas e de sanções, partindo do exterior, foi certamente uma dura necessidade histórica. Não se culpa a ninguém, se a vida ainda rudimentar do homem exige semelhantes processos. Com certeza hoje se lamenta muito o indiferentismo que é, na realidade, a ausência do fator espiritual.

A experiência interior de muitos e a minha própria experiência mística ensinam que não se pode — perdoem-me a frase — encontrar Deus somente porque o procuramos; o trabalho e a responsabilidade da pesquisa da verdade, estão no tormento próprio, na maturação própria, na luz que se deve buscar com a alma inteira e **não se realizam senão através da luta e da dor**, que nos elevam além do plano das ilusões dos sentidos. Materializamos, antropomorficamente, a Divindade, quando procuramos alcançá-la pelas vias da razão e fora de nós mesmos, no plano sensorio, ao invés de buscá-la pelas vias da intuição, dentro de nós, no plano intuitivo. Caminho por certo mais cômodo é aquele, porque foge ao burilamento da alma; mas somente este pode guiar o espírito para Deus.

Vemos, com freqüência que se dá maior importância à discussão do que à fé, aos conceitos que devem habitar a nossa mente do que aos ímpetos que devem explodir em nosso coração. Preferimos a via mais cômoda, mais esplêndida e mais vã — a da erudição — à via mais áspera, silenciosa, porém mais produtiva — a do sacrifício. Desta maneira obtemos uma luz esplendente e fria; ora, sem calor, não se constróem almas. O momento atual tem mais necessidade de homens de paixão, que saibam sofrer, do que de intelectuais que saibam pensar, porque nos falta, não o esforço cerebral, mas o esforço moral. Acima do pensamento esta o espírito, acima da razão está fé. Se no último século a onda materialista, que a igreja também experimentou, conduziu-nos a uma racionalização da religião, a onda atual incipiente, levar-nos-á à espiritualização. É preciso saber viver ambos os momentos, que são complementares. A simples racionalização disseca todos os sentimentos e promove a discussão, que é sestro de antagonismo e de afirmação não ideal de amor e de abnegação. Por este motivo, alguns espíritos verdadeiramente angélicos, esquivaram-se a **priori** da via do saber, mesmo teológico.

O espírito completa assim o seu contínuo trabalho, variando as suas atitudes. **“Et multum laboravi quaerens Te extra me, et tu habitas in me”** (Santo Agostinho). Não é este talvez o aspecto mais sublime e mais intenso que teve o Cristianismo nas suas origens? E por que não desejar que o Cristianismo latino se ajude da cisão anglo-saxônica, nascida precisamente de um excesso de transcendentalismo, completando-se com o retorno ao imanentismo inicial? Reentrar em si para Deus; intuição, **“intus itio”**¹⁰. **“Est Deus superior summo, interior intimo meo”**¹¹. (Santo Agostinho).

Isto não é acusação, mas voto de nova ascensão — da letra que mata ao espírito que vivifica — para que o Cristianismo possa cumprir plenamente a sua divina missão. Existe uma multidão de almas honestas, ardentes e sinceras, as quais sentem o peso e a ameaça do polvo materialista, que simula uma aparente filosofia, através da ciência destruidora de princípios e dos tentáculos do ateísmo. Tais almas estão prontas a sofrer, numa unidade de fé, para que o espírito ressurja, uma vez que ele, em todos os sentidos, é a única força que rege e que pode salvar a nossa civilização.

Trata-se de salvar e de criar a verdadeira civilização. Há necessidade de homens novos, decididos e convictos, que operem com métodos espirituais, pois é necessário **viver** na substância do Cristianismo. Isto não se pode realizar acusando os outros, mas ofertando-nos. Portanto, menos trabalho para adaptar o Evangelho às nossas comodidades cotidianas, refugiando-nos atrás das justificações artificiosas e das argumentações de intelectualidade racionante, brilhantes e eruditas escapatórias a lei simples e sublime. Oferta real de renúncia e dedicação, por amor ao próximo; tensão interior, luta sem trégua, de conceito e de obra, para a preparação na Terra do Reino dos Céus. Isto está longe do método retórico e das exterioridades, que não penetram nas almas. Não se trata de discursar ou de aparentar. Levemos diariamente estampado em nossa alma o ideal cristão, sem transigências. Releva personificar e testemunhar o sacrifício, como cristão, ainda na presença das incompreensões e das condenações. Cumpre saber trabalhar sem ajuda, sem reconhecimento e sem apoio. Urge sofrer pelo bem e servir, mesmo a quem nos condene. Substitua-se a palavra e a forma pela própria alma e a própria dor. Oferte-se, diante do espetáculo vazio da piedade exterior, a sinceridade e a piedade da alma. À religiosidade rumorosa é preciso contrapor o sacrifício, o

⁹ **“Muito me esforcei procurando-Te fora de mim e, no entanto, é dentro de mim que Tu vives”**. (N. do T.)

¹⁰ Intuição, "intus itio". **Do latim** "intuitio" (Caldas Aulete). De "intus" (**adv.**): interiormente, no interior. (Saraiva Dicionário); e "itio" (itio, onis, de "ire"): ação de ir, passos (Idem; ibidem). Assim, pois, intuição: **ação de ir para o interior, para dentro de si mesmo**. (N. do T.)

¹¹ **“Exteriormente, Deus está nas Supremas Alturas, mas interiormente está também no meu coração”**. (N. do T.)

Evangelho vivido, que edifica e penetra, sem rumor, sublimando cada ato da vida. Vamos começar por nós mesmos, a fim de barrar realmente as injunções humanas, cômodas, burguesas e utilitárias.

Estamos excessivamente habituados às convenções de um Evangelho transigente, a uma forma de fé segundo a qual nos iludimos de poder alcançar o céu sem demasiado sacrifício. A religião deve consistir numa realização completa, incidindo nos costumes, e não numa série de praticas exteriores que em nada modificam os atos e a vida. Não acuso, choro; porque é triste, porque se vai contra Cristo, quando se faz da cruz uma espada para agredir o próximo e da virtude um pretexto de economia de amor fraterno. Dirijo-me, sobretudo, aos homens de boa vontade e com a finalidade do bem. O inimigo é aguerrido e trabalha com armas de ferro. Não se pode responder com armas de papelão. A Idade Média era feroz na terra, mas julgava conhecer o céu, buscando-o em lances frenéticos de paixão. Hoje nós dormimos; somos utilitários, porque o materialismo nos penetrou. Não nos restou senão um céu pintado com esplendores dourados e vãos retóricos de anjos. Enfim, é preciso superar esta fé sorridente, cômoda, dourada do século XVIII. Precisamos do desprendimento, se queremos sobreviver amanhã. A hora é dura e intensa. Sigamos o exemplo de Cristo, no caminho da cruz.

URBANISMO E RAÇA

(1939)

Regressando a minha pátria de eleição, a pequena Gubbio, — cidade do silêncio — depois de visitar cidades rumorosas, propus-me analisar a sensação viva e contrastante de duas tão diversas formas de existência. O homem do século XX escolheu um modo de viver artificial e distante das leis sadias da natureza, como o é o caso das megalópoles.

O urbanismo é problema de saúde ou doença, de sanidade de espírito e de raça. É, portanto, um problema fundamental; um dos aspectos do problema da raça e da sua defesa. Falar sobre ele significa versar o problema da educação das massas.

O urbanismo possui a virtude de nos mostrar, como num campo de cultura intensiva, entre tantas pragas modernas, os males que o homem criou com a civilização.

Vive-se ali contra a natureza, em mastodônticos reagrupamentos de massas humanas. Afortunadamente a nossa Itália, devido a complexos equilíbrios históricos, não produziu e não sofre de tais tumores sociais, destas hipertrofias demográficas, monopólios que vivem a custa das áreas restantes, reduzidos e tributários. Desconhece, por conseguinte, a desolação desses estados contra a natureza, as misérias que se verificam nas metrópoles européias, asiáticas e americanas. Na América do Norte, de todas as cidades da Itália se faria uma imensa e monstruosa metrópole, de sete ou oito milhões de habitantes, perfeita em todos os seus serviços centrípetos e centrífugos, com monstruosidades de todos os gêneros — do arranha-céu ao subterrâneo — isto é, perfeitamente infernal para a vida, deixando o resto do país desabitado.

A questão, devido a intervenção de eventuais acidentes históricos, é menos grave entre nós. O problema demográfico pôde topograficamente resolver-se segundo a natureza, não deixando todavia, de existir. Nos estados novíssimos de além Atlântico, a máquina agiu mais profunda e rapidamente, violentando tanto a natureza e armando amplas ciladas à vida do homem da civilização precedente, ainda não preparado para resistir.

Nestes ambientes de produção intensíssima, onde a vida e a máquina assumiram um ritmo de febre, sem silêncio e sem descanso, a saúde da raça sujeita-se aos mais graves atentados, não obstante os melhoramentos higiênicos. Verificado que a tendência da concentração demográfica parece uma característica de nossos tempos, pergunto-me a que dimensões atingirão tais hipertrofias e qual a entidade ameaçadora para a saúde da raça. Se é fácil, por simples ato de multiplicação, fantasiar a respeito das maravilhas mecânicas das grandes cidades do futuro, é também fácil, pelo mesmo processo, imaginar quanto poderão elas tornar infernais as condições de vida de seus habitantes. Cabe, em nosso país, à sensibilidade da política dirigente, pressentir e afastar todos os perigos.

Observemos com olhos ainda desacostumados de tais espetáculos. Pode acontecer que o bom senso, a voz da natureza, voz da saúde moral e física, contrariem a opinião da vantagem imediata e do aparente bem-estar.

De fato, a grande cidade, parecendo reunir todos os aperfeiçoamentos (geralmente não é senão imundície, pelo menos em algumas zonas), atrai hoje irresistivelmente a massa alucinada, que se precipita atrás da miragem, em busca do melhor. E muito discutível que a perda da intimidade com a natureza seja compensada pelos artifícios criados pelo homem. A grande cidade parece feita para se ver, não para se habitar. Inúmeras coisas, íntegras e gratuitas no estado natural, são, entretanto, mais ou menos adulteradas e custosas nos grandes centros, onde tudo se monopoliza e se industrializa. Mesmo o que foi dado com fartura e generosidade pela natureza não chega na cidade senão como artefato adulterado, distribuído com o fim de lucro e de negócio. Não se sabe se o provinciano que vai à cidade para tornar-se menos rude, fazendo holocausto do patrimônio de sua alma virgem e da sua saúde intacta, seja compensado pela economia conquistada e pela indiferença de espírito adquirida no turbilhão citadino.

"Nas grandes cidades das infinitas gaiolas de concreto armado de muitos andares", diz o Dr. Enrico Gilardoni numa exposição sobre o problema demográfico publicada na revista **A Força**, de dezembro de 1935, "o ar é corrompido pelos miasmas dos carburantes, pelo pó dos veículos e das fábricas, pelos vapores dos termo-sifões e das máquinas, donde uma ameaça contínua para as vias respiratórias, sobretudo para os seus delicadíssimos cílios vibráteis que, conquanto deveriam constituir a nossa maior defesa pulmonar contra a tuberculose, acham-se já enfraquecidos nas suas preciosas funções da acidose ou da hiperacalose de origem saprofitária e alimentar. Nas grandes metrópoles o barulho aturde incessantemente, os perigos surgem em toda a parte; por isso não são mais possíveis a meditação e o recolhimento do espírito. Trabalha-se e vive-se quase mais com a luz elétrica do que com a luz solar. Trabalha-se e vive-se em completo isolamento do magnetismo terrestre.

"Não falo, por brevidade, dos problemas alimentares, todos por resolver, tanto a alimentação moderna se deformou na oficina industrial e depois na cozinha particular, tudo à base de caixas, de empacotamentos, de fermentos, de açúcares, de condimentos, de excitantes, de pasteurizações, de esterilizantes, de frigoríficos, agravada, enfim, pelo alcoolismo do vinho, da cerveja e dos licores, além do alcaloidismo do café, do chá, do cacau, dos aperitivos, do fumo e das infalíveis gotas reconstituintes. Alcoolismo e alcaloidismo a que nem mesmo as mulheres fogem..."

"Não me refiro aos cosméticos idiotas; aos perfumes asfixiantes, às aparências hipócritas, aos disfarces piedosos de tudo quanto é simulação nas pessoas e às roupas absurdas. Devo, todavia, mostrar os enormes danos da difusão entre o povo dos remédios sensibilizantes como as fenacetinas, os calmantes, as aspirinas e similares, já ao alcance de todos a fim de fugir vilmente à dor, ou seja, ao santo grito de advertência e de revolta da Natureza menosprezada, e ao necessário meio de expiação e de purificação que a Natureza exige para nos curar. Devo, outrossim, acentuar os deletérios efeitos daquelas antinaturais terapias à base de produtos opoterápicos¹², de soros e de

¹² Opoterapia: Tratamento de doença mediante o uso de extratos de órgãos animais.

vacinas, que presunçosamente a Escola de Medicina Oficial vai sempre incrementando por via oral, hipodérmica, endovenosa, e, até endo-raquidiana!"

Somente quem esta ainda imune do contágio psíquico e continua a viver, por convicção, afastado dos grandes centros, ao chegar a uma metrópole, qualquer que seja, sente o absurdo do seu sistema de vida. O novato precisa de forte trabalho de adaptação para poder suportar e depois avaliar esta substituição do natural pelo artificial, do substancial pelo fictício, do necessário pelo supérfluo. É indispensável certa dose de adaptação para renunciar as grandes riquezas da vida como o sol, o espaço, a paz, gratuitamente distribuídos a todos como elementos de vida, a fim de ir disputá-los depois, numa luta em que o homem quase se destrói.

Os elementos fundamentais de saúde física são também bons desinfetantes morais; o sol e o espaço afastam o contágio psíquico e reforçam o ambiente familiar, harmonizando todas as expressões da natureza. Ao entrar num destes pátios, para os quais se abrem inúmeras janelas de residências populares modernas, não pude deixar de sentir uma sensação de opressão. Graças a esta moderníssima caixa, apertam-se como sardinhas em lata inúmeras famílias, de modo que a forma física e moral de cada uma é modelada por contato e por pressão sobre a forma física e moral da outra, o que me lembra os amontoados cristalinos nos quais o **eu** de cada indivíduo, cristal, se perde no amalgama coletivo da rocha. Humanidade em filões, estratificada por peso específico de valor econômico. Estratificação de carne e de coisas, de dores e de alegrias, misturados e estranhos, amontoados amorfos, organismos sem alma.

O dinamismo físico das multidões vibra pelas ruas. Ordem exterior, canalização de rodas e de passos. Interiormente, o caos. A grande máquina e a sua carga — o homem — vivem em regime de recíproca necessidade, vinculados entre si como dois calcetas¹³. Em certas multidões domina a cor e o odor psíquico das fossas. A miséria moral é imensa, triste e piedosa. Submerso e sufocado nesta atmosfera, eu me perguntava com sentimento de angústia, o que se poderá fazer com esses restos de civilização para reabilitar o homem, proporcionando-lhe espaço, luz, saúde do corpo e do espírito.

Somente a posse de tais riquezas pode extinguir a obcecante alucinação pelo ouro. Uma fé nos renovará e nos salvará. Mas a quem podemos pedi-la? Uma fé sem a grandeza do amor não é senão respeito fingido pelo temor do dano e pela inferioridade da força. Não basta a máquina do dinheiro, que é procurado por todos e é útil somente para se comprar a mesma mentira que se quis vender. O dinheiro circula; que percentagem de poluição circula com ele? Será tal quantia a medida da civilização e da felicidade de um povo?

A produção e o consumo direto nos meios menores eliminam os intermediários, os desfrutadores, as adulterações comerciais dos alimentos, protegendo e simplificando a vida com um saneamento automático de todas estas pragas.

Além da reconstituição da saúde moral, o contato com as forças e as leis da natureza opera a reconstituição da saúde física. A nossa vida, não mais cercada pelas feras e pela espada, é hoje cercada pelas substâncias tóxicas da indústria alimentar e por todos os outros artifícios da civilização.

Parece que a civilização do urbanismo deseja realizar uma seleção às avessas, destruindo com os seus sistemas protetores os poderes defensivos com os quais a natureza arma o organismo para lutar e vencer sozinho. Desta maneira, o homem se enfraquecera e acabara por ter que viver numa campânula de vidro. "Os débeis", diz Carrel no seu livro **O Homem, Esse Desconhecido:**

¹³ Calceta: Argola de ferro fixada no tornozelo do prisioneiro, ligada à cintura dele, ou ao pé de outro prisioneiro, por uma corrente de ferro.

"são conservados, como os fortes, e a seleção natural não serve mais. Ninguém poderá prever qual será o futuro de uma raça assim protegida pelas defesas médicas". Prefiro, como treinamento físico, o frio natural, suportado com resistência e com paciência, o frio que Deus nos manda em harmonia com as leis da vida. Prefiro a fadiga física, que nos ensina a lição da necessidade.

Com o tempo, as reservas válidas da raça encontrar-se-ão somente nos campos, onde a pobreza adentra-se na resistência, tempera-se nas dificuldades, onde o organismo não está viciado e inutilizado para a defesa por proteção artificial e complicações anti-vitais. Nas grandes cidades, tudo coopera para a perda da grande riqueza — a vida simples — aquela riqueza superior e inalienável que consiste no saber viver desde pequeno por nossa própria conta. A grande cidade exalta os valores fictícios, especialmente os prejudiciais, raramente os úteis. Surge assim grande miséria nas altas classes sociais, as mais atingidas pelos males do bem-estar. Miséria orgânica e miséria moral.

A ciência moderna praticou o crime de destruir, com a doença e a dor, a esplendida compensação moral em que a natureza se reequilibra, pagando-se dos danos na contabilidade divina, que tudo salva quando tudo parece perdido. O materialismo fez da saúde uma conquista mecânica, observando-lhe somente o lado físico. As conseqüências de tal rumo agnóstico, que mutila o fenômeno nas suas interdependências, são pagas com as nossas tribulações. A saúde é um equilíbrio entre forças antagônicas assistidas pelo fator moral do qual o materialismo prescinde. É piedoso o contraste desta realidade com a medicina que deseja se impor à natureza, forçando o organismo, com o esquecimento de que não se pode vencer senão respeitando as leis da vida que fazem da saúde um fenômeno hereditário, preparado diariamente, de geração em geração, com a nossa ética alimentar e o regime costumeiro, onde o fator espiritual e moral possui peso decisivo.

Pode compreender tudo isto a nossa humanidade embriagada de velocidade e toda presa à mania aerodinâmica? O urbanismo é cópia febril desta psicologia.

Desarticulemos a grande cidade que é a praga do nosso século. Salvemo-nos de todas as suas aberrações. A sociedade atual não possui sequer o senso dos seus perigos. Existe uma única crise verdadeira — a crise da consciência. Existe apenas um peso imenso que grava o mundo — a nossa ignorância. Temos apenas uma coisa a fazer: libertarmo-nos urgentemente, porque os povos também morrem por falta de consciência.

Se olho para o alto, buscando uma força auxiliar que já tenha iniciado esta obra e possa dar garantias de continuá-la no campo da idéia e da ação, não vejo senão a sabedoria providencial e salvadora de uma lei — a lei **divina** da vida.

A EVOLUÇÃO E A DELINQUÊNCIA

(1939)

Os mesmos atos que, para o homem civilizado, entram no campo da delinquência, eram, na fase de vida do homem primitivo, atos normais, lícitos, segundo as leis da natureza. Roubar e matar ainda são para os selvagens a espontânea expressão das leis fundamentais da luta pela vida e da seleção do mais forte. O valor do indivíduo, naquele plano da evolução, somava-se no teor de capacidade para o mal. O inepto — o menos mau — era inexoravelmente repudiado. A natureza, que procura alcançar contínua e impiedosamente, as posições ocupadas pelos valores intrínsecos, não sabia se exprimir, naquela fase involuída, numa forma de justiça mais completa.

Numa sociedade primitiva, o indivíduo não existe senão para si mesmo. A unidade, a consciência, a função coletiva são elementos que ainda não apareceram e não se desenvolveram no germe da vida. As correlações sociais encontram-se no estado caótico; as sementes da convivência se chocam sem piedade na sua fase primordial, antes de encontrarem a via da coordenação. As células individuais não sabem ainda organizar os seus movimentos e funções em relação à finalidade superindividual, a qual encerra vantagens e realizações mais altas.

Existe, todavia, um grande impulso interior na vida, uma espécie de vontade e de sabedoria latente que fazem pressão de dentro para fora, a fim de atingir com mais evidência o campo das manifestações. Deste mistério, em cujas profundezas reside Deus, emerge a evolução incessantemente apossante e eterna construtora de formas de vida sempre mais altas. Deste modo, a primeira e mais feroz expressão da lei de justiça, regida por equilíbrios rudes e violentos, se adelgaça e se aperfeiçoa. A natureza retoca e completa o impulso primordial da seleção e eleva a sua lei a um plano mais elevado, pois que a tendência objetivamente verificada, no fenômeno da evolução, é a da passagem de um estado de desordem para um estado de ordem. O processo da civilização, que se encontra no âmbito daquele fenômeno, consiste na harmonização e na organização; tende a transformação do caos originário num organismo coletivo. O homem alcança a percepção do fenômeno da delinquência somente quando se congrega em sociedade e concebe o interesse coletivo; nasce, então, a função social da circunscrição dos atos lesivos a ordem pública. Não é mais lícita ao indivíduo a ignorância do interesse de seu semelhante. A ordem pública regula-se por uma consciência nova, antes ignorada, porque ainda não nascida; na consciência coletiva todos os indivíduos se encontram a si mesmos, fiscalizando-se mutuamente. A medida de civilização é dada pelo grau de transformação dos impulsos caóticos primordiais, que integra o indivíduo e suas funções no organismo social, aperfeiçoando-se a forma de luta, como elemento da seleção.

As suas raízes são de ordem biológica. A natureza quer alcançar os seus fins supremos: a conservação do indivíduo e da raça. Se encontrar obstáculos no seu caminho, procurará desembaraçar-se deles com violência. Se lhe faltar o necessário para atingir a estes fins, ela procurará obtê-lo com qualquer meio. O trabalho é dividido entre o macho e a fêmea em duas formas inversas e complementares. O primeiro é feito para a luta, encarrega-se do mister da reprodução e da conservação, pelos quais arrisca e morre, se necessário; a segunda é feita para a maternidade, soma em si as finalidades da reprodução e da conservação, por estas também arrisca a vida e morre. Ambos possuem o seu heroísmo inverso e complementar.

Estes dois sustentáculos da vida, quando degeneram, tornam-se fatores da delinquência. Quem passa por cima da Lei e deseja alcançar a satisfação pela fraude e pelos atalhos mais cômodos, é criminoso na sociedade hodierna. Viola-se a lei da justiça, quando o macho se furta ao trabalho e quando a fêmea se forra ao dever da maternidade. Algumas vezes tal criminalidade nasce da injustiça social que oprime algumas classes e impede a expansão das leis naturais. A mesma insaciabilidade humana que faz com que o homem aspire latentemente a ser o dono do mundo e a mulher a ser a rainha de todos os amores, impele a planta e o animal que desejariam, se não fosse a limitação dos obstáculos, cobrir com a sua espécie toda a superfície da terra. As mulheres e os homens são os próprios vigias das expansões das outras mulheres e dos outros homens; donde nasce a virtude que, no fundo, não é senão o ciúme da própria expansão. As funções de ordem pública são confiadas ao instinto e nascem deste primeiro controle de polícia natural. A reação do interesse de todos sobre o indivíduo completa os seus instintos. Se, primeiramente, ele compreendeu que o dinheiro é útil e em seguida procurou obtê-lo, de qualquer modo, aprendeu, depois, através das sanções sociais, que o dinheiro não é verdadeiramente útil, se for roubado. Semelhantemente se disciplina o instinto do amor que aprende, sujeito à fiscalização coletiva, a não se satisfazer senão para proliferar. Assim, o campo social contém em si mesmo os elementos da sua vida, da degeneração, da correção e da evolução.

É vão tentar a compreensão e a solução de tais problemas por simples construções ideológicas e por sistematizações filosóficas. A expressão exata das questões sociais e sobretudo do fenômeno da delinquência não se pode obter senão cavando até às raízes biológicas, colocando-nos em relação com a fenomenologia universal, para a qual é necessário orientar o próprio pensamento. É naquela profundidade biológica que encontramos a realidade do conceito diretivo dos fenômenos; não nas destilações cerebrais dos eruditos distantes da vida. Somente poderemos compreender a substância dos fatos se os observarmos em função desta força evolutiva íntima que transforma continuamente a natureza. A evolução animal, antes exclusivamente orgânica propensa a construção de formas físicas, encontra-se no homem atualmente na fase complementar, afeita à construção de formas psíquicas. Neste campo estamos ainda no período paleontológico, de explosões passionais violentas de construções ideológicas monstruosas. Ao defrontar-se com a disciplina deste novo mundo do espírito, nos seus atuais esboços iniciais de civilização, o homem se encontra oscilando entre duas leis, a da animalidade e a da super-humanidade, duas fases, numa posição de transição em que aquelas duas formas de vida disputam o campo. A delinquência pertence à primeira fase involuta da incompreensão e da ferocidade que atavicamente retorna e sobrevive em desacordo estridente com o ambiente atual que luta pela sua destruição.

Unicamente este conceito de transição e de oscilação entre as duas fases diversas nos explica o contraste, a luta e o fenômeno da delinquência. Somente aquele conceito nos esclarece a evolução de formas que tendem a um aperfeiçoamento até que se extinguem. Explica-nos como o mesmo ato homicida, que é punido como supremamente anti-social, quando explode no âmbito interno de uma sociedade e, ao invés, considerado heróico e merecedor de prêmio quando surge na defesa de uma sociedade contra um outro grupo social. Isto demonstra o quanto é absurdo invocar neste campo os princípios abstratos de justiça e como a punição penal corresponde sobretudo a um princípio de defesa e de interesse coletivo.

Esta é a primeira base jurídica, isto é, a primeira legitimação da ação do direito penal pois que a natureza impõe, para realizar os seus objetivos superiores, certos deveres à vida — defesa desta e de tudo quanto lhe pertence. As ideologias são neste campo superconstruções a **posteriori**. Não se discute a necessidade de defesa. Unicamente esta base possui a solidez concreta das razões biológicas. Isto legitima a defesa e transforma-a gradativamente em direito.

O código penal do indivíduo isolado e no estado primitivo está nos seus braços. Ele se defende como pode, o melhor que pode contra todos. O código penal de uma sociedade evoluída é um sistema de normas em que aquela defesa é disciplinada em virtude da finalidade que promove o interesse individual a uma necessidade mais vasta e mais complexa.

O conceito da evolução da criminalidade se complica e se completa com o conceito da evolução do direito penal. Falo sempre em evolução, porque os fenômenos sociais recebem a seiva de que se nutrem de raízes biológicas; é preciso vê-los como são, isto é, não como conceitos estáticos, imóveis, de categorias fixas, mas como um dinamismo, um transformismo perene, dinâmico, como um contínuo turbilhão. Portanto não mais podemos dissociar a evolução da criminalidade da evolução do seu antídoto social. Ataque e defesa, em técnica bélica, relacionam-se mutuamente e evoluem juntos. A criminalidade varia no tempo e no espaço, como todos os fenômenos sociais, varia com a evolução da psique humana que participa da evolução biológica. Um impulso primordial e comum, que faz tudo avançar, até a ciência e as religiões, modifica continuamente a forma de ação criminal e, paralelamente, a forma de seu corretivo o direito penal.

A delinquência tende a aperfeiçoar-se psiquicamente, e passar da zona da violência e da ferocidade para a zona da astúcia; a apoiar-se paralelamente, no fenômeno guerra, nos recursos sempre mais complexos, inteligentes, orgânicos. As condições mais refinadas de vida moderna, criadas pela ciência e pela máquina, tornam mais sutil a forma de expressão do mesmo instinto fundamental. A forma reagirá todavia sobre a substância, modificando as características do instinto. Esta mudança de forma é então o primeiro passo para a evolução da psicologia criminal.

O direito penal prevê e segue esta transformação. Os códigos envelhecem se não acompanham a evolução da forma de expressa o dos delitos, se não se modificam em relação a estes. Os códigos modificam-se à medida que a reação social evolui e melhora; operam mais lógica e substancialmente e agem em profundidade, dirigindo-se sempre para as raízes psíquicas, do fenômeno da delinqüência.

Destarte, ação e reação tendem ambas a se deslocarem no campo psíquico. O encontro de dois antagonistas em luta se dá em zonas sempre mais profundas. O choque tende a perder a sua nota de brutalidade à proporção que a vida se torne menos física e mais psíquica. O criminoso torna-se astuto para se evadir; a norma punitiva toca uma sensibilidade mais excitada que exige tratamento diverso. Compreende-se, então, a inutilidade das penas cruéis; aprende-se que a ferocidade dos sistemas punitivos é mais efeito dos tempos do que meio apropriado ao objetivo de suprimir a criminalidade. As formas mais violentas como as torturas, pena de morte, supressões cruéis, caem por terra em desuso ao longo da via do progresso, como folhas mortas, escórias abandonadas ao passado. As normas do direito tornam-se então fatores ativos na construção dos instintos humanos, os quais se adaptam a novos hábitos. E o hábito é transmissão ao subconsciente, reação de automatismo, de novas qualidades da natureza humana. Donde se conclui que a verdadeira e a mais substancial função de um direito penal inteligente é a de educar o homem, função mais importante e elevada do que o mal — mal necessário — que é a legítima defesa da coletividade. Função preventiva e criativa que não é sendo uma fase do mais vasto processo em que se desenvolvem todas as instituições de um povo, a transformação da força em justiça no processo evolutivo da harmonização geral. Trata-se, em resumo, de um sistema de domesticação da fera humana, de um imenso trabalho educativo que se opera por coação pedagógica, inteligentemente aplicada, do pensamento das células sociais mais evoluídas às camadas mais baixas da sociedade.

O contraste entre ataque e defesa tende progressivamente a esmorecer e o direito penal encontra nisto a sua mais alta justificação ética. A evolução comum realiza a obra da pacificação e da civilização interna. Somente dentro desse conceito a missão ética e primitiva do direito encontra a sua plena justificação. O **jus**¹⁴ que não assume as funções de um ascensor para as mais altas formas de vida individual e coletiva e permanece no campo utilitário, mesmo sendo socialmente útil, não pode chamar-se legítimo diante das leis da vida. A justificação destas nasce das necessidades da evolução. Deste modo o direito penal ascende da reação individual vingativa à função coletiva de proteção preventiva, até atingir a função universal ética e educativa. Torna-se menos reivindicatório, mais eficiente protetor de ordem e legítimo impulso evolutivo. É sempre menos força, arbítrio, violência; mais justiça, ordem, pacificação. Deparam-se-nos a progressiva exaltação do direito penal no campo ético, a posse sempre mais ampla de valores morais e a ascensional harmonização do mundo social.

A primitiva justiça, grosseira no seu direito de defesa, evolue para a justiça que permite a justificação do direito de punir. Quanto mais a balança da justiça substitui a espada da vingança, tanto mais pesa a responsabilidade moral do culpado e tanto menos a própria tutela egoística. Na sua evolução, o **jus** de punir penetra mais a substância das motivações e o legislador inclina-se para o culpado em ato de compreensão, a fim de enriquecer a função social da defesa de funções preventivas e educativas, porquanto o dever das dirigentes é o de auxiliar o homem involuído na sua ascensão.

As duas ferocidades — da culpa e da punição — abrandam-se, aproximando-se os extremos e harmonizando-se no seu choque. Antes de invectivar o involuído devemos ajuda-lo a evoluir, antecipando desta maneira a demolição dos focos de infecção, agindo sobre as causas antes

¹⁴ **Jus (do latim jus, juris - ou ius, iuris:) direito. (N. do T.)**

de tyrannizar sobre os efeitos, prevenindo antes de reprimir. Há no balanço social um tributo anual de condenados, segundo uma lei que as estatísticas exprimem. É preciso compreender esta lei e depois extirpá-la até as raízes. Existem os deserdados cujo crime foi o terem sido marcados, no nascimento, pelas taras hereditárias. Outros são os falidos na luta pela vida, freqüentemente com a mesma psicologia e valor moral dos vencedores. A delinqüência é um fenômeno de involução. É necessário demolir todos os fatores, coadjuvantes dela. A sociedade possui um dever bem mais alto do que o de se defender e de se isolar em segurança: o dever de fazer progredir consigo, de arrastar na sua marcha ascensional as suas células mais jovens e atrasadas. A alma coletiva tem também as suas tarefas e a sua missão. A posição primitiva satisfazia ao materialismo de outros tempos, mas não pode jamais contentar e bastar à mais alta civilização do futuro.

Sexta Parte

PROBLEMAS ESPIRITUAIS

AUTO-OBSERVAÇÃO DA MEDIUNIDADE

Desenvolvimento espiritual e elevação moral como fatores de uma alta mediunidade

(1933)

Sou de parecer que, em certos momentos críticos, o progresso da ciência alcança a maturação enfrentando problemas que podem ser facilmente resolvidos pelos métodos experimentais ou pela observação, outros carecendo de diferentes processos para a sua solução.

Fatos se nos deparam que não se podem explicar quando somente a sua aparência superficial for analisada.

Para atingirmos a profundidade das coisas devemos empregar a alma como instrumento de pesquisa, ou melhor, substituímos o pensamento e a razão pela intuição, como meio analítico.

Uma das formas substanciais desse método é caracterizada pela mediunidade.

Acredito que a mediunidade é fruto de um desenvolvimento natural, que o cérebro humano alcance na sua evolução. A vida, sem dúvida, atinge paulatinamente formas mais grandiosas, visando cada vez mais à perfeição. O homem do futuro tornar-se-á extremamente sensível e será normalmente um médium com outros e mais apurados sentidos, os quais lhe traçarão nova e poderosa diretriz de pesquisa, com a qual, sozinho, poderá fazer grandiosas descobertas, utilizando-se de uma direta aptidão investigadora do espírito, afastada e independente dos órgãos dos sentidos.

As pessoas que alcançaram este alto nível de desenvolvimento, vêem, ouvem, sentem, enfim atingem o seu ser interior verdadeiro, o que não é possível aos portadores de sentidos normais. A recepção de altas revelações independe completamente dos sentidos

Alguns acontecimentos desta espécie foram considerados neurose ou neurastenia e tidos como casos patológicos; na maioria das vezes, somente se apresentaram como revelações individuais, e definiram a constituição de um novo tipo de ser humano.

A mediunidade é, no meu parecer, uma assimilação da verdade bem recebida e altamente desenvolvida por seres psíquicos, dotados de novas características sensitivas.

Sou de parecer que isto abrange um desenvolvimento natural e que, com o correr dos tempos, os demais seres lá chegarão porque este fenômeno se realiza de um modo geral. A humanidade deve alcançar a alta maturação transpondo, um por um, os degraus da preparação através das provas, as quais são absolutamente necessárias para tal fim.

Concebi esta teoria pelo estudo e pela auto-observação durante um penoso trabalho de mais de vinte anos.

Estou, presentemente, com 46 anos. Aos vinte e dois anos recebi meu diploma de advogado na Universidade de Roma e com insaciável sede de instrução comecei a aprofundar-me desorganizadamente em todos os ramos do conhecimento humano. Quando concentrei meus esforços no sentido de produzir uma grande síntese, enfeixamento dos conhecimentos adquiridos, senti que tudo isto nada representava se eu não vivesse numa nova criação que me elevasse à positividade.

Esta nova criação deveria ser caracterizada por um desenvolvimento espiritual. Senti ao mesmo tempo a falta deste novo tipo humano, que já previra, e no qual eu devia me transformar para provar a minha teoria no campo da prática. Observei que este desenvolvimento se realizava em todo o lugar, na ciência, na religião, na filosofia, na medicina etc., e que a evolução é a grande lei da vida.

Eu havia escrito bastante e queria, agora, realizar experimentações e provas, para verificar a veracidade da teoria. Observei, então, que a mediunidade se encontra no fim de uma contínua purificação da alma e no desenvolvimento do meu ser intrínseco, como natural e necessário produto desta conduta.

Precisei admiti-lo como todo ser humano tem que admitir o seu destino. Neste caminho, transformei-me num homem totalmente novo. O meu procedimento evolutivo era para a Ciência um enigma e eu não poderia encontrar nela nenhum auxílio. Infortunadamente, isto representa um dos erros da Ciência moderna, porquanto não reconhece a grande significação da moral como fator predominante. Trabalho, agora, numa autopurificação progressiva e faço as experiências geralmente no laboratório das percepções humanas. Os meus instrumentos foram o mal e o bem, a alegria e o sofrimento, e, no decorrer dos acontecimentos do meu destino, que também possui a sua lei, descobri, ao invés de uma lei insignificante, as grandes leis da existência.

Comecei a aprofundar-me sempre mais e surpreendi-me ao descortinar esse novo mundo de vida intensa, forte, estranha e de infinitas possibilidades. Para evoluir nesta vida precisei despojar-me das alegrias da minha vida anterior. Ao término desse desenvolvimento auto-imposto, descortinei, no Natal de 1931, o primeiro degrau de acesso a um objetivo cujo fim é uma mediunidade experimental maravilhosa.

Minha mediunidade é dupla, visual e auditiva. Ouvia uma voz em mim, inicialmente de mensagens natalinas, e, posteriormente, de mensagens de Páscoa, as quais eram elevadas e repletas de bons ensinamentos e pensamentos.

Tentarei a seguir descrever-lhes os meus descobrimentos. Ao contrário daqueles que só gostam de fazer observações superficiais e nos outros, possuo a vantagem da minha própria experiência e da observação interior de mim mesmo.

Não sou sujeito a aparições físico-mediúnicas. Senti que não as poderia suportar, pois eram demais violentas para mim. Não caio totalmente em transe. Vejo os pensamentos (geralmente abstratos) que escrevo, claramente, como vão sendo registrados. Eu os vejo como se fora numa despreocupada leitura, sem coação.

Enquanto os vejo, não reconheço neles a beleza, a ordem e o sentido, nem o significado ou o objetivo da mensagem visual. Não me preocupo com isso, todavia, e aguardo o desenrolar até o fim. Sou somente um assistente passivo e inconsciente.

Logo que volto perfeitamente a mim mesmo, vejo ainda estes pensamentos como se fossem vistos por olhos internos e profundos. No entanto, isto não é algo visual ou propriamente uma visão. É uma voz que eu vejo, é uma imagem que eu posso ouvir. É um sentido do pensamento dentro do meu ser; não são idéias lembradas ou assuntos já discutidos. E isto independe do idioma.

Sinto intimamente que isto não é do conhecimento diário da vida. Fico completamente ausente, sem qualquer impressão do ambiente humano em que vivo, podendo, porém, retornar a qualquer momento ao estado anterior. Apesar de estar desacordado, não me acho precisamente inconsciente do mundo externo, o qual distingo, embaçadamente, a distância.

Obedeço a uma espécie de comando íntimo que me obriga a escrever, sem nenhum preparo prévio, acompanhando-o numa espécie de estado febril sem fazer alterações ou interrupções.

Quando a comunicação termina, repouso e leio mais tarde aquilo que escrevi. Só então compreendo o inteiro significado da comunicação e acho tudo fácil, agradável, e sem necessidade de correção alguma, entendo os pensamentos que me são completamente novos e que nunca foram do meu conhecimento. Toda a operação se efetua por si, sem a minha interferência e sem o meu controle; como se trocasse a minha personalidade. Meus sentidos, ao iniciar o estado mediúnic, ficam como se o centro da sensibilidade se tivesse voltado completamente para esse meio de pesquisa. Esse novo centro situa-se nas profundezas do meu íntimo e os seus sentidos são incomensuravelmente grandes e sinteticamente reunidos. Esta minha personalidade interna é independente do espaço e do tempo. Experimentei perscrutar campos mais longínquos e descortinei os acontecimentos que viriam depois. Ouço essa voz, como se fora outra personalidade, que me é agradavelmente familiar, que me proporciona conselhos úteis e protege-me inúmeras vezes do perigo como se fora um amigo vivo e inseparável.

Apesar dessa espécie de amizade, concordamos, de vez em quando, em nos separar.

Vejo, também, ao meu redor, outros seres que não são notados pelos meus semelhantes. A minha mediunidade cresce continuamente em estreita ligação com os conhecimentos adquiridos e com a moral da minha personalidade. Isto é notável, e a Ciência nunca levou em consideração o valor moral como fator decisivo para qualquer revelação espiritual. Esta correlação é de tal forma forte que um lapso moral me traria a perda irremediável da mediunidade.

A minha condição de médium é, no meu parecer, o último degrau de um aspirado descobrimento espiritual e moral, porquanto encontrei um entrelaçamento entre esta nova sensibilidade e a prática de uma vida limpa e virtuosa, mostrando-me a exigência absoluta da reciprocidade entre o ser espiritual que fala e o médium que registra as vibrações psíquicas que lhe são enviadas. Quanto mais eticamente alto for o transmissor, tanto mais pura deve ser a vida do médium. As ondas transmitidas devem ser da mesma espécie daquelas ondas recebidas pelo receptor.

Eu, como ser humano, me preocupo, com grande paixão, em acompanhar os altos seres espirituais nos seus ideais. A minha personalidade humana compreende a entidade por intermédio da inteligência. Na abstração dos sentidos, geralmente, uma personalidade mais alta se apossa de mim e assim vejo e reconheço diretamente o ser noutra ponto de vista.

Possuo, na maioria das vezes, dois pensamentos em mim: um inferior, o comum, humano; e, outro, elevado, que transporta para nova vida de surpreendentes experiências. A alta personalidade vê geralmente o íntimo do ser.

As minhas melhores manifestações não foram realizadas nas salas de visitas, onde se reúnem pessoas fúteis para palestrar, mas sim nos hospitais, onde o sofrimento purifica a alma humana e torna-a capaz de receber o auxílio moral e material da parte dos altos seres espirituais que operam por meu intermédio.

Relatarei oportunamente mais fatos referentes à evolução da minha mediunidade¹⁵, deixando aqui apenas estas ligeiras observações.

CONSCIÊNCIA E SUBCONSCIÊNCIA

(1930)

Em campo algum a desigualdade humana é tão profunda como naquele dos valores espirituais íntimos que distinguem a personalidade. Se olharmos a alma despojada dos ouropéis da educação e das convenções sociais; se isolarmos, observando em profundidade, o tipo individual de todos os acessórios que habitualmente o escondem, encontramos homens da mais irredutível disparidade psíquica, ainda que a pátria, as condições e a família sejam as mesmas. Eles vivem sob semelhantes aparências exteriores, sob as mesmas leis sociais, passam pelos mesmos lugares e nas mesmas circunstâncias. Somente ocultam, na profundidade invisível, um modo diverso do ser, de sentir, de reagir, e uma estrutura espiritual diferente: a personalidade. Um **eu** com suas características turbilhona sob a máscara igual, niveladora da forma, não da substância. Ao lado de quem vegeta na sua beatitude orgânica, esquivo a qualquer fadiga de conhecimento e a qualquer risco de ação, outros se agitam por um incessante tormento de criação e não podem viver sem a consciência do todo, nem sabem mover-se sem que cada ato seu seja uma nota na grande sinfonia da vida. Há os que se saciam de pequenas coisas imediatas, os que tremem sob o peso das concepções poderosas. Aqui um espírito embrionário, quase inconsciente, que não sabe viver senão externamente. Lá uma alma hipertrófica sente o universo se agitar dentro de si e é esmagada num vórtice de sensações. Sob a aparência de igualdade existem distâncias incalculáveis, uma substancial diversidade de vida e de destino, que tornam impossível qualquer nivelamento.

¹⁵ No livro *As Noúres*, escrito quatro anos mais tarde, o Autor desenvolve amplamente este tema. (N. da E.)

Entretanto, o desejo de nivelamento nasce. E nasce num mundo que, por ser uma corrida para a evolução, não admite igualdade. Este desejo não representa senão o esforço dos inferiores para alcançarem, a qualquer custo, os superiores. A teoria da igualdade foi sempre a teoria da equiparação do maior ao menor, a teoria do rebaixamento do primeiro a favor do segundo. Foram sempre as classes moralmente menos evoluídas as mais ansiosas pelos nivelamentos sociais, pelo rebaixamento de todos os vértices e pela supressão de todas as distâncias. Se olham com desprezo para o alto, na realidade a maior aspiração é imitar, é fazer-se por elevar-se. A eterna lei do progresso incita o homem com seu impulso irresistível. A prepotente necessidade de elevação espiritual, que arrasta mesmo os mais retardados, arrebanha ainda os mais inertes porque um dia toda paralisação e toda satisfação chegam a fase de saciedade e enjôo. Esta universal aspiração de multiplicar necessidades, de refinar hábitos, de complicar a vida, lutando as vezes mais pelo supérfluo do que pelo necessário, para tudo realizar e experimentar, a que coisa tende senão a conquista de formas de vida mais complexas, nas quais alcança maior desenvolvimento da consciência? Nada parece interessar tanto à vida quanto este processo de crescimento da personalidade. Parece que não se sabe dar outro conteúdo, outro objetivo à existência do que esta expansão do **eu** que deseja conquistar o universo, esta fadiga de criação, necessidade tormentosa da alma que anseia pelo supranormal. As grandes necessidades da vida humana não são mais, exclusivamente, a conservação e a reprodução (conservação da raça) senão também o aumento da consciência.

Quando dizemos consciência, personalidade, alma, espírito, psique, não conhecemos exatamente qual seja a estrutura deste organismo; sem dúvida, qualquer coisa de muito complexa, que não podemos definir a não ser de modo vago e genérico. Há, na personalidade, dois organismos concêntricos, diversamente desenvolvidos e amoldados segundo os vários indivíduos, ou sejam, duas consciências: a consciência e a subconsciência.

A primeira é exterior, direi quase de superfície, aquela que comumente todos adotam no estado de vigília, na vida cotidiana, nas correlações com o ambiente sobre o qual é plasmada, do qual e para o qual é feita. Nada nos autoriza a tomá-la como unidade de medida das coisas. Muitos fatos nos deixam crer que ela não esgota toda a realidade e que deixa ainda inexplorada uma região ainda mais vasta, uma vez que não possui outros órgãos senão os sentidos; tudo o que esta consciência abraça, apanha e possui, ela o faz por via sensória. Se é precisa e concreta, é entretanto, limitada. Se é positiva e ativa, projeta-se para o exterior que é seu todo e único campo de ação. É a consciência da vida e morre com ela.

A subconsciência é outro modo de ser e de sentir, é uma projeção diferente do **eu**, em direção oposta, para o interior onde se encontra uma realidade muito mais extensa. É como uma vastíssima consciência de sonho, incerta, evanescente, vizinha do mistério. É outra consciência situada no polo oposto do ser; o **eu** oscila entre os dois extremos, entre as duas consciências fronteiras em dois mundos limítrofes, um externo, outro interno. Duas consciências que, como o dia e a noite, a vida e a morte, são inversas e complementares e assim se equilibram como duas metades de um todo. A subconsciência é consciência profunda, um organismo mais íntimo, o ser interior, a verdadeira personalidade, não herdeira, nem filha do ambiente. É o **eu** com toda a sua capacidade, instintos, aspirações e a trajetória do seu destino, o **eu** que se oculta nas profundezas do ser, bem pouco visível e que raramente se revela no tipo comum. Ela contém e resume todo o passado vivido, a experiência cotidiana de inumeráveis vidas. Das inúmeras provas experimentadas através do organismo sensório da consciência cerebral, qualquer coisa, como a essência destilada, desceu em profundidade, ao íntimo e se transmitiu por automatismo ao subconsciente sob forma de hábitos, qualidades, atitudes, instintos, idéias inatas. A descida das experiências da vida exterior para a consciência mais profunda, que as absorve, as assimila e as conserva eternamente, resistindo assim à transitoriedade das coisas mortais, é um fenômeno maravilhoso porque valoriza no eterno cada ato da vida, dando a tudo um significado profundo. No subconsciente reside o nosso **eu** verdadeiro e indestrutível, aquilo que de nós não perece com a morte.

Se a função da consciência cerebral e mortal é a de ser órgão externo da subconsciência imortal, um meio para esta tomar contato com o mundo da matéria, um instrumento necessário à produção e a assimilação de experiências nele adquiridas, primeira condição para o acréscimo de aquisições, a realidade mais profunda de nosso ser encontra-se no subconsciente. Aquele crescimento que observamos ser uma das grandes necessidades da vida é o enriquecimento do subconsciente. O **eu** eterno se veste de milhares de consciências relativas, diferentes e transitórias, que morrem em milhares de existências. O que permanece indestrutível, o que recolhe os resultados da vida, e assim avulta e se dilata é o subconsciente, somente o subconsciente. Tudo o mais é transitório, sujeito à lei do transformismo fenomênico que tudo arrasta; deve mudar de forma tanto mais rapidamente quanto mais nos debruçamos para o exterior, do espírito para a matéria. Das células dos órgãos físicos, do sistema sensorio nervoso cerebral, até à consciência e à subconsciência, há uma progressão seriada de veículos ou corpos que se entrosam uns nos outros.

O subconsciente não morre. Aquele que pode encontrar, através da meditação e da introspecção, o próprio subconsciente, reconstruindo-lhe as sensações, descobre o seu **eu** eterno e, quem sabe, as impressões de sua vida no além. Todas as vezes que das profundezas daquele mistério que se esconde no nosso íntimo aflora qualquer coisa à superfície da consciência, temos indício de um mundo distante e inexplorado, de uma outra vida oculta que vivemos. Mas nem todos somos iguais. Em alguns o subconsciente é tão desenvolvido, as sensações do espírito são tão potentes, que a vida interior é evidente e já vivem na terra a vida que está além da morte, na eternidade. Outros, cujo subconsciente é apenas esboço embrionário, não encontrando dentro de si nenhuma sensação, nem traços de vida interior, negam naturalmente tudo o que não podem compreender, porque toda a atividade consciente se desenvolve no mundo exterior. A sua alma rudimentar não sabe reger-se sozinha e morre, como consciência, na morte do corpo. Outros, em posição intermediária, que é de criação e de conquista, tentam sondagens neste arcano íntimo, onde cintilam clarões de luzes, revelações parciais, que alvoroçam o ser com profundas emoções. Os contatos fugazes com o invisível, reveladores do subconsciente são, as vezes, estados de sonho, ou movimentos instintivos, ou inspiração. Aquele aparece, então, com meios e funções próprias, na consciência cotidiana, exorbitando os limites da percepção anímica, tipicamente superior à normal. No subconsciente, se o sabemos sentir, gravou-se o segredo da nossa vida, traçou-se a trajetória do nosso destino, oculta-se o porquê dos nossos acontecimentos, vibra a lembrança do nosso eterno passado, permanece a sensação daquilo que fomos antes de nascer e daquilo que seremos depois da morte. No subconsciente, se o soubermos encontrar, reside o segredo da identificação de nossa individualidade eterna, a bagagem de sensações com que sobreviveremos. **"Conhece-te a ti mesmo"**. Fato estritamente pessoal, colóquio íntimo do ser que se interroga a si mesmo — **"vedado aos estranhos"**, experiências que não se podem ensinar nem demonstrar a quem não saiba alcançadas por si mesmo. Não é fácil ser lúcido no subconsciente, saber fazer funcionar esta consciência profunda, explorar por meio de uma sensibilidade tão diferente um mundo tão móvel e tão vasto que parece fugir ao controle de qualquer indagação, relatar a lembrança de tudo isto à consciência exterior. É por isto que se evita a utilização do subconsciente na vida prática. Não sabemos confiar-lhe um trabalho intelectual que resultaria sem fadiga e sem consumo de energia nervosa. As duas consciências, sendo inversas, eliminam-se; a subconsciência não aparece enquanto a consciência está em função. Não é fácil suprimir todas as sensações exteriores, transferir-se para a outra parte do nosso ser, e saber descobrir este **eu** mais profundo que, em silêncio, vive em nós uma outra vida. Aquele, porém, que muito progrediu, sabendo captar o subconsciente, não viverá mais a limitada vida terrestre, mas a vida maior da eternidade e desconhecerá a morte. Este é o grande prêmio, a grande conquista a que conduz o desenvolvimento espiritual.

A morte não é igual para todos. Igual pode ser somente o processo de decomposição orgânica. Diante, porém, da sobrevivência, somente um subconsciente desenvolvido não perde a consciência, isto é, não se anula como sensação no após-morte. Muitos dos homens atuais, demasiado próximos da besta perdem, realmente, na morte, a sua subconsciência. Outros morrem sem perder a limpidez e a potência de vida, porque nem todos sobrevivem igualmente.

O progressivo desenvolvimento da sensibilidade, a que nos conduz a evolução humana, não sendo senão uma contínua revelação do subconsciente ao consciente, um conhecimento cada vez maior das misteriosas potências íntimas da alma, equivale a uma contínua conquista da imortalidade, até que um dia o **eu** tudo saiba. A consciência, hoje tão limitada, dominará inteiramente o subconsciente, coincidirá com ele e aquele mundo, ainda tão incerto, das percepções anímicas, será claro e evidente. Nesse dia o homem terá vencido a morte.

POR UMA VIDA MAIOR

(1930)

É possível, mesmo nas condições de ambiente mais simples e vulgar, viver além dos terrenos restritos das pequeninas coisas que nos cercam, num mundo imensamente mais vasto. Não importa tanto a grandiosidade exterior dos acontecimentos que vivemos, quanto a profundidade com que os sentimos. Não nos detenhamos a superfície; é necessário penetrar a substância das nossas vicissitudes. Então, os fatos mais comuns da vida cotidiana, as infinitas particularidades, imperceptíveis para muitos, revelar-nos-ão a ação das grandes forças do Universo, o desenvolver do nosso destino e a grande meta distante que vai além da vida numa férrea logicidade e justiça. Poderemos, desta maneira, não só transcender livremente a vida comum, mas vaguear no mundo vasto e rico de novas sensações e emoções, expandindo-nos em vida maior. Existe, além das aparências, uma realidade mais profunda nos máximos como nos mínimos fatos. Há na interpretação comum das coisas um sentido que se expande através das causas e se esconde no mistério. Nos bastidores da vida está uma realidade mais sutil, mais verdadeira, que encerra o porquê de todas as coisas. É a realidade do espírito, a verdadeira e eterna realidade da vida. Lá se movem os fios que condicionam os grandes e os pequenos acontecimentos dos povos e dos indivíduos. Lá está o porquê das nossas alegrias, triunfos, dores e derrotas. Pode-se desta maneira dar aos fatos mais simples os horizontes infinitos. Na simplicidade interior vive-se no eterno e em contato com o divino.

Como encontrar esta realidade mais profunda e esta vida maior? Nas regiões do espírito. Ela é um produto espontâneo, oriunda do subconsciente; é o clarão da revelação interior que ilumina tudo de uma luz nova. Traduz-se em dulcíssima revelação de paz, em majestosa sensação de infinito, na contemplação de um panorama imenso. Entramos em colóquio com a alma do criado, privilégio dos artistas; surgem percepções novas de todas as forças infinitas da vida, fortalecendo a alma para a luta; surpreendem-nos confortos e alegrias espontâneas. Os silêncios povoam-se de vozes; as solidões, de movimentos; as dissonâncias se desfazem em harmonias; o sofrimento, em alegria. Então, as portas do mistério se abrem; a nossa pequena vida se dilata na vida maior e olhamos o seu interior estupefatos e inebriados. Vejamos agora até aonde iremos, a última etapa da nossa meta. A alma responde-nos e adverte-nos com aquela sua voz de segurança que jamais mente. Esta voz possui um timbre todo particular que a identifica. Então o espírito articula uma prece na qual não se invoca um Deus externo, para acudir a um interesse próprio e mais ou menos imediato: sente um Deus interior, que se ama sem reservas e se compreende, numa fusão completa.

Eis alguns aspectos individuais da vida maior. O fator psíquico e espiritual é conduzido aos primeiros planos para que se nos proporcione a entonação de toda a existência. Quantos caminhos, porém, para alcançar a compreensão destes estados de ânimo; que profunda educação psicológica, moral e artística é necessária! Posições inadmissíveis para muitos. Entretanto, o futuro da vida é este, estas são as formas buscadas pelo progresso coletivo e pela evolução individual. O progresso do mundo não é somente mecânico, nem colima somente a perfeição mecânica. Atrás deste se

encontra um progresso muito mais substancial, que é o progresso espiritual e moral. As conquistas materiais não podem deixar de reagir sobre o espírito. Quanto mais a civilização progride, mais o homem se apercebe de que além existem outros problemas; quanto mais se apura, mais sente a urgência da solução. Quando um dia a humanidade tiver resolvido, de forma universal, o problema econômico, com o domínio das forças naturais, então se disporá a lutar seriamente e em escala mais ampla pelo problema intelectual e moral que hoje é apenas um pressentimento. O futuro do mundo não é como o concebeu Wells — hipertrofia do progresso mecânico — mas a afirmação dos valores do espírito na coletividade

Hoje se luta, lutamos todos, mais do que os nossos avos. Amamo-nos. Odiamos-nos. Em qualquer circunstância, por qualquer objetivo, porém, nos abraçamos. A alma coletiva quer nascer; sempre nos sentimos incompletos diante da necessidade de elaborarmos esta alma. Quanto mais evoluímos, mais nos sentimos sintonizados e mais procuramos no próximo o nosso completamento. Somos compelidos a incluir em nossa vida uma razão sempre maior de altruísmo, pois temos necessidade uns dos outros, se bem que o egoísmo atávico nos divida. Todos sentimos falta de alguma coisa, que pedimos. Todos possuímos qualquer coisa, que devemos dar. Esta compreensão de almas e necessária ao futuro da humanidade; do caos hodierno nascerá um verdadeiro organismo. Somente da compreensão pode nascer a coordenação e desta um funcionamento orgânico. Não se trata somente de questão de psiquismo, de intelectualidade, de saber. O que tem importância, na evolução do mundo, são os fatos interiores, dos quais depende todo o funcionamento social. Bastam poucas idéias simples, mas sentidas e vividas, em larga escala. O que importa são os sentimentos de bondade e retidão que cimentam e consolidam as correlações sociais. As formas exteriores das convenções coletivas não se equiparam aos imperativos morais. Tudo converge para o mesmo ideal: o progresso mecânico nos liberta do trabalho material e embrutecedor; a cultura nos torna mais espirituais; a finura das hodiernas condições de vida sensibiliza o nosso sistema nervoso, que é a base da alma. Uma sensibilidade nova, talvez hipertrófica e mórbida na impetuosidade do seu nascimento, assenhoreia-se do mundo e revolucioná-lo-á. Assim como hoje nenhum ser humano suportaria os sistemas penais fundados na tortura, assim, um dia, não haverá interesse ou vantagem, por mais forte que seja, que obrigue a humanidade a fazer uso das guerras. Estas não desaparecerão, graças a acordos internacionais, que não modificam a mentalidade humana, mas somente em virtude da nova sensibilidade que dará ao homem civil o terror por qualquer ato de violência. A ciência, por seu lado, aumentará a tal ponto o poderio de destruição que o homem será constrangido a desistir da violência, que redundará sempre em dano coletivo e total. A luta subirá, então, para o plano de problemas mais elevados, ainda hoje não pressentidos.

Eis alguns aspectos coletivos da vida maior. Individual e coletivamente, todos somos construtores; o verdadeiro trabalho da vida é a preparação de um mundo maior para os nossos filhos. Preparação que é fadiga e luta. Trabalho demorado que absorve energias e exige sacrifícios, mas que dá os resultados mais seguros. Somos filhos das nossas ações. Para colher é necessário semear. O problema da felicidade torna-se sempre mais complexo e é urgente prever. Se a nossa sociedade se sente cheia de preocupações e tão insegura nos seus prazeres, é porque a maior parte das nossas alegrias é de origem precária, filha do egoísmo, lesa as leis do equilíbrio universal. Aquilo que começamos a fazer livremente, depois nos circunda, nos liga e nos escraviza, seja para o alto ou seja para baixo, até as últimas conseqüências. A vida é um caminho; cada volta é uma prova. Cada ato possui seu valor moral, cada acontecimento seu significado recôndito, como parte de um esquema maior, que se projeta na eternidade. Ninguém se encontra, sempre, neste mundo, no posto exato de maior rendimento em relação as suas qualidades. A maior parte das energias se desperdiça nos atritos da luta, razão pela qual o que interessa não é a utilização imediata da capacidade adquirida, mas a criação e a aquisição de novas qualidades, através de novas experiências. Se olharmos mais profundamente, encontrar-nos-emos no melhor posto, no de melhor rendimento diante do futuro. A verdadeira construção não está mais no efêmero triunfo dos resultados exteriores, senão em nossa alma, como qualidade adquirida e como produto eterno. Esta é a vida maior. Ela não significa obtenção de vantagens, de prazeres; possui limites e fins mais vastos.

Contém um programa de criação espiritual, estende-se na eternidade, conquista, além do átimo evanescente e fugidio! a realidade imperecível. Luta e agita-se por uma única finalidade: a realização de um ideal.

A RECONSTRUÇÃO DO TÚMULO DE SÃO FRANCISCO

Um Grande Erro Psicológico

(1930)

Revi hoje a nova cripta do túmulo de São Francisco. O olhar espiritual, habituado a localizá-lo naquele ambiente onde o mundo o viu durante cem anos, ficou surpreso e desorientado. Não se trata de discutir aqui as linhas arquitetônicas, as proporções, o estilo, as cores ou coisas semelhantes. Sob o ponto de vista artístico e segundo os conceitos atualmente em voga, não se teria, talvez, podido desejar nada de melhor. Harmonizou-se o estilo da cripta sagrada com o de todo o imenso edifício das duas igrejas. A sinfonia arquitetônica dos três templos, sobrepostos como três vozes presas no hino da rocha emergente para o céu, é magnífica. O simplismo oitocentista, com a sua ingenuidade artística de querer inserir o estilo clássico no coração de uma basílica trecentista, é uma dissonância que fere a nossa mais refinada sensibilidade estética.

Tudo isto é indubitavelmente verdadeiro. Embora eu me sentisse otimamente predisposto — não obstante a recordação do traçado da igreja, já observado com satisfação outras vezes — provei uma desilusão diante da realidade da cripta refeita. Por que?

Uma primeira sensação, digamos de óptica, exterior, de vastidão e de solidão nasce das razões seguintes.

A cripta é maior, o que diminui a importância da coluna central onde está o túmulo, reduzindo-lhe a imponência. As paredes, diferentes das antigas, agora se aproximam pela cor escura e pelo material de construção (pedra) da cor e do material da coluna central, de que resulta menor realce ao túmulo.

Mas estas impressões de óptica podem ser colocadas em segundo plano diante da sensação principal, a mais forte, de caráter espiritual, a sensação de frio, de vazio, de desolação.

Uma riqueza preciosa demolimos e perdemos irremediavelmente com a interposição desse estilo anacrônico — a aura psíquica do santuário. Lá onde o espírito sentia calor, agora sente frio. Lá onde havia a enchente de sensações, agora é a vazante. Tanto mais sensível quanto o espaço material é atualmente maior. Lá onde nos sentíamos irresistivelmente arrebatados por um ímpeto de fé, agora é palidez e desolação.

Eu sei que tudo isto é sutil, evanescente, impalpável para alguns, e que deveria parecer desprezível em nossos tempos práticos e concretos. Disto não cuidam comissões de arte ou de arquitetos, naturalmente porque assim pensa o nosso século.

A culpa, portanto, não é de ninguém em particular. Mas não justifica o maior erro psicológico na reconstrução do túmulo de São Francisco. A fé é fenômeno psicológico. É necessário tomar em consideração, sapientemente, as leis complexas e delicadas deste fenômeno, todas as

vezes que desejamos retocar um lugar desta natureza. Para evitar danos irreparáveis, tal como se se alterasse, sem atenção para as finíssimas delicadezas acústicas, a forma do **Scala** de Milão ou o feito de um precioso estradivário. A fé, como todos os fenômenos, possui as suas leis e estas devem ser respeitadas.

Tirou-se ao túmulo de São Francisco a sua característica mais preciosa e mais bela, ou seja, **a alma do lugar**, aquele imponderável e invisível que atraía o mundo. O ruído de demolição e reconstrução em torno do túmulo do Santo já foi uma profanação.

Dois preliminares importantíssimos foram menosprezados: — 1. Um lugar sagrado é mais do que um recinto de arte; qualquer dissonância artística pode ser largamente compensada por uma harmonia de fé; — 2. A grandeza de um recinto de fé é absolutamente independente da arquitetura ou da suntuosidade e muitas vezes esta na razão inversa destas. Frequentemente, alcançamos efeitos indesejáveis com muitas reconstruções, ampliações e embelezamentos de recintos sagrados. Conforme demonstrou Cristo, e depois São Francisco, a fé reside na intimidade do templo do coração e das obras. Somente, por último, nos majestosos edifícios.

Na reconstrução do túmulo de São Francisco, tudo foi sabiamente executado no que se refere à arte, ao trabalho, enfim, ao que o dinheiro pode realizar, tendo sido, porém, destruído aquilo que era o sentimento do santuário, o que nos convida a orar e abrir a alma a Deus.

É certo que modificar alguns lugares santos; onde a alma humana se refugia para se encontrar a si mesma, e, no milagre da fé, penetrar o mistério, com o tato do artista ou do gênio é assunto para arrepiar os cabelos de qualquer homem consciencioso, pois se trata de um problema que sobreexcede em importância qualquer questão de arte.

Num santuário há algo mais do que as linhas arquitetônicas, os preciosos afrescos ou quaisquer tesouros de ouro e gemas. Alguma coisa o torna diferente de um recinto de arte, muito maior do que o possamos encontrar alhures, valendo mais do que tudo e bastando por si só para fazer dele o lugar para onde convergem as gerações.

Este **quid** imponderável forma-se lentamente com os séculos e é mais complexo do que a chamada pátina do tempo. Esta se deposita igualmente sobre os edifícios profanos.

Para formá-lo é necessária a visitação das multidões genuflexas transmitindo e acumulando numa dada ordem as vibrações, as quais se manifestam na ação sugestiva do lugar.

Ao transpor a nova cripta, senti que todo aquele perfume espiritual se desvanecera. A bela pedra esquadrejada e sabiamente disposta podemos colocá-la em qualquer subterrâneo; é uma pedra ainda muda e assim permanecerá até que gerações e gerações a consagrem, dando-lhe uma voz que por enquanto lhe falta.

Perguntei a mim mesmo se os afrescos poderiam modificar a impressão. Imitar ricamente vale tanto quanto imitar pobremente. No hodierno retorno ao estilo trecentista predominam as imitações, as quais, quando exageradas, fazem o olhar do observador desejar outros estilos.

O estilo trecentista é lindo, mas no seu século. Agora, é um anacronismo. Construções feitas em estilo trecentista, quando os materiais e as necessidades eram tão diferentes, executadas em pleno século vinte. Não sei o que dirão os pósteros desta imitação, que demonstra a incapacidade de criar um estilo próprio, como todos os séculos o possuíam.

Respeitemos, veneremos o estilo antigo, restaurando, retocando e, sobretudo, conservando. Abandonemos a idéia de poder fabricá-lo hoje como qualquer produto industrial. Se certas pinturas e arquiteturas nos atraem hoje é devido à maravilha do tempo que as dignifica. É que neste período

histórico denso de paixões andamos à procura de uma fé perdida.

Agradam-nos por certas linhas, que pareceriam ingênuas e primitivas, se executadas hoje. Se isto, no geral, é verdade, de capital importância será para os lugares sagrados, onde a exigência artística é subordinada ao fator muito mais importante — ao fator psicológico. Repito: o que torna grande os santuários não é tanto o vulto, a beleza das construções, a perfeição da arte, quanto a presença deste imponderável acumulado, alimentado pela crença dos povos, reservatório de onde lhes emana a fé.

Este imponderável será inconsciente e irremediavelmente prejudicado, ainda quando obedecemos as melhores intenções e aos critérios artísticos mais perfeitos.

OS IDEAIS FRANCISCANOS DIANTE DA PSICOLOGIA MODERNA

(1927)

Seja-nos permitido falar de São Francisco, não como fenômeno histórico ou religioso, mas unicamente do Santo de Assis como fenômeno espiritual, como fato psicológico daquilo que não é lenda, erudição, culto, mas drama da alma, a tremenda realidade interior, realidade que transcende os limites do ambiente histórico no qual se manifestou. Realidade sempre presente, atual e vital, o fenômeno que supera o tempo e situa-se na eternidade. Pode-se chegar a São Francisco utilizando-se, além dos meios usuais da análise histórica e do sentimento coletivo da religião, a via inusitada da intuição pessoal.

São Francisco não é, de fato, filho exclusivo de seu século, mas de todos os tempos; vive também hoje, entre nós, sem anacronismo. Se o desejamos entender, não como pessoa, mas como conceito, sentiremos que Ele é permanente, atua em nosso meio como força social cuja função histórica não se exaure jamais. Existem, na intercadência¹⁶ das percíveis formas relativas, postulados eternos e absolutos, que superam a morte e nunca se esgotam completamente. Há movimentos psicológicos, individuais ou coletivos, que voltam em ciclos como se fossem fases da vida coletiva, como se possuíssem um significado biológico, como se fizessem parte integrante do movimento harmonioso e equilibrado das leis evolutivas da grande vida da humanidade. São Francisco, assim considerado, é um fenômeno atual que se acha sob as nossas vistas e que podemos observar diretamente. A semelhança de Cristo, é um conceito que jamais morre. Não morre nunca porque o ideal faz parte integrante da vida humana, que tende, através dos séculos, a fazer-se cada vez mais espiritual.

Se o materialismo floriu e a civilização mecânica frutificou, não saciaram a nossa alma que, cheia de fome e de nostalgia, esmola entre as velhas muralhas o perfume de uma fé que parece perdida para sempre. A humanidade tem fome de ideais e está presa pela preocupação econômica e mecânica. Não é lícito, nem mesmo por inconsciência, esquecer que as leis da vida procuram um equilíbrio e que qualquer abuso é logo corrigido com uma reação. O premente mistério da vida ensinou ainda uma vez que a alma individual e coletiva, para viver, têm necessidade destas inelutáveis aspirações sem as quais elas não se governam, não caminham e não podem enfrentar confiantes o problema do futuro. A riqueza e a vertiginosa atividade dos nossos tempos dissimulam uma dolorosa miséria interior, uma espécie de impotência espiritual para a elevação moral.

¹⁶ Intercadência: Falta de continuidade; interrupção.

Afogam-se todos num imenso pântano de materialismo, onde jazem mortas as grandes alegrias da alma. O nosso progresso é aleijado; é hipertrofia econômica e mecânica, que não compensa a atrofia espiritual, o grande mal dos nossos tempos. Diante desse mal agudo, voltamos as nossas vistas para a fé dos tempos distantes e tenebrosos da Idade Média, para as austeras e antigas catedrais que parecem, somente elas, depositárias de algum segredo. Triste e bela a humilde e nostálgica procura da fé nos séculos mais bárbaros do que o nosso. Tornamos a exumar avidamente, para interrogá-las, as desajeitadas figuras trecentescas, formas toscas, filhas de uma técnica primitiva, de cujo estilo talvez nos ríssemos, se não houvesse tanta fome de fé. Interrogamos a História e os documentos para reconstruir e reviver aquilo que perdemos. A misteriosa alma distante do Santo de Assis pedimos, sobretudo, o segredo da sua paz que há muito não possuímos.

A figura de São Francisco, assim concebida, não no limitado fundo histórico do seu século, mas no fundo apocalíptico da História da humanidade, é de uma grandiosidade imponente.

Na intimidade desse fenômeno psicológico sente-se o drama do espírito, individualmente vivido, antes de tudo, pelo Santo de Assis que, num paroxismo de paixão, sozinho, elevou à onipotência a alma humana, fortaleceu a mente e o coração. Seja-nos permitido observá-lo, como fato individual, no seu primeiro e excelso representante, assim como nas tentativas e reproduções individuais dos sectários e imitadores. Permita-se-nos perguntar, com aquela franqueza que os nossos tempos exigem, sem os ornamentos da retórica e o peso da erudição, que significado teria, na alma do Santo, a sua psicologia de exceção, e como o entenderá aquele que intente imitá-lo.

A figura de São Francisco representa, por outro lado, um fenômeno psicológico coletivo; transforma-se em conceito que supera o tempo e é sempre atual; torna-se símbolo de idéias e tendências da sociedade humana, fazendo parte das leis do progresso. Em suma, uma força biológica evolutiva na história da humanidade.

Este exame será conduzido por ministério de conceitos absolutamente modernos e científicos, como se se tratasse de fenômeno eterno e permanentemente verdadeiro, embora "traduzido" na linguagem diferente da psicologia moderna. Somente assim poderemos atingir o alvo que colimamos: reviver na atualidade a palpitação de um fato distante, misturando o fenômeno psicológico da vida interior de um Santo com a nossa vida interior, individual e coletiva.

Para isto é necessário um trabalho de apuração. É preciso abolir, por um momento, os sete séculos que nos distanciam do drama real; os séculos que o observaram, interpretaram e sentiram, diversamente. A nossa interpretação será mais rude, mais franca; sem dúvida, mais profunda. O clarão rápido do gênio foi assimilado durante longos séculos pela alma coletiva. A tradição, a literatura, a religião partindo de pontos de vista diferentes, construíram um edifício cujo peso a força de um só homem não pode suportar jamais. Façamos abstração, por um momento, de tudo isto, porque o monumento grandioso e de imenso valor, nos impede de ver a nudez do conceito originário, impede-nos de ver com os nossos olhos, de sentir com a nossa alma, de julgar com a nossa mente, por inadaptação às necessidades dos nossos tempos. Examinemos a psicologia do Santo de Assis com o olhar mais penetrante do que o dos séculos passados, e talvez sintamos em nossa própria alma o arrepio de um drama que, posto a nu, será mil vezes mais verdadeiro e maior. São Francisco não será o fenômeno histórico ultrapassado, mas um ser que vive conosco, que palpita com os tormentosos problemas da nossa alma e os resolve. Observemos a paradoxal negação dos instintos humanos, o radical trasbordamento dos valores que, seguindo as pegadas do Cristo, foi São Francisco. Aquilataremos, então, sua influência revolucionária nas almas individuais e na alma coletiva.

* * *

Quando São Francisco, reeditando o Cristo aconselhava a pobreza, a castidade, a obediência, punha neste ideal a negação absoluta dos instintos fundamentais da vida, dos instintos

que o homem não inventou para si livremente, mas que lhe são herança da longa evolução biológica. Instintos naturais, isto é, dados por uma lei da natureza — culpas e baixezas de que o homem se deve despojar para ascender. São Francisco substituiu por três renúncias, por três votos e por três negações o programa da vida secular, universalmente pregado, em todos os tempos, em nosso mundo. Por que tão radical e sistemática destruição da natureza humana? Podemos revogar as leis da vida, quaisquer que sejam, em nosso planeta? Aonde se deseja chegar com isto, e que se poderá colocar no lugar daquilo que se renegou? Quem é o Santo, e que pretende ele das grandes massas humanas, inertes como montanhas? O que representa na História da humanidade a figura deste pioneiro do ideal, que caminha na vanguarda do futuro?

Perguntas as quais o homem de outros tempos não sentiu necessidade de responder e que nós nos fazemos angustiosamente. Certamente, é necessário um esforço para sair do dilema da interpretação dos séculos. A figura do Santo forra-se a nebulosidade do misticismo e as concepções tradicionais da fé, para viver no mundo objetivo e positivo das leis biológicas. Para expor um conceito novo é sempre necessário construir desde os alicerces. Vias ousadas, vias perigosas, é evidente, mas vias novas, audazes e mais profundas que terminam na eterna apoteose do Santo.

Firmemo-nos em critérios e conceitos objetivos, cientificamente, a fim de que a nossa fé não seja uma sentimentalidade pessoal e evanescente, mas possua, ao contrário, as bases sólidas da razão e da indagação positiva.

O século dezenove criou, com Darwin, a teoria da evolução, demonstrando-a no campo biológico. O Cristianismo já o havia afirmado no mundo espiritual, falando-nos da escola da dor e fazendo objetivo da vida o aperfeiçoamento moral. Os dois conceitos que, no último meio século, foram considerados opostos e inimigos, constituindo pomo de discórdia entre duas escolas de pensamento que se guerreavam, o materialismo e o espiritualismo, não são senão o mesmo conceito de progresso, tão espontâneo e instintivo, que se nos imprimiram no corpo e na alma. Biologicamente, o homem é o resultado de longa evolução animal. Espiritualmente se afastou do mundo animal do qual emergiu, graças ao sistema nervoso, à psique, ao espírito à alma. Compôs o quarto reino — depois do mineral, vegetal e animal, — o reino espiritual, uma raça que possui em si o divino; um divino ainda não emancipado da animalidade, mas que, por esta emancipação, e somente por ela, luta, desesperadamente, todos os dias.

Basta isto para integrar em nossa mentalidade científica a concepção do fenômeno da santidade. Em que pese a Lombroso ou à medicina moderna, o santo é um ser superior, não um anormal ou um doente às voltas com a neurose; não um expulso da vida, um pária diante da normalidade medíocre, vil e inepta, que se julga com o direito de decretar as leis da conduta humana. Tal conceito é antivital, é monumento da imbecilidade humana. O santo é o supremo ideal, o pioneiro do futuro, uma antecipação no tempo, uma perfeição ainda não alcançada pela mediocridade humana mas somente pelos maravilhosos e singulares seres de exceção, já no ápice da escala evolutiva. O santo é um herói e um mártir, porque sacrifica todas as suas alegrias e toda a sua vida para realizar de forma concreta as instintivas antecipações do futuro, que são os ideais; arrasta, não com palavras vãs, mas com o exemplo de um caso vivido, as grandes massas humanas ignorantes, vis e inertes, pela via dolorosa e luminosa do aperfeiçoamento e do progresso. O santo é um gênio. Há-os especializados no campo do pensamento abstrato, da arte, da ciência; grandes, mas unilaterais, incompletos. O santo é grande no campo ético, lá onde se alcança à última síntese de todas as aspirações humanas individuais e coletivas, o ideal que mais interessa à humanidade e comove os séculos, porque é o resumo de todas as conquistas humanas, na peregrinação para o Alto.

O santo se nos apresenta na ribalta da vida, levando consigo uma concepção própria. Vimos o que é o santo em si. Observemo-lo agora em relação aqueles que se chamam, individualmente, os seus semelhantes, em relação aos homens que estudam a nova e estranha psicologia. Admirando-se por não encontrarem igual ressonância da lei dentro de si, chamam-lhe

louco, escarnecem dele primeiro, para depois ficarem atônitos e maravilhados, terminando sempre na veneração. O santo combate todos os instintos e tudo renega para reafirmar-se no mundo superior, obediente à nova natureza e segundo nova lei maior e mais livre. O santo ousa, sozinho, rebelar-se contra as forças tremendas que são as leis da natureza, as leis da animalidade ainda não superadas e vencidas. Ele, neste sentido, é o maior lutador e triunfador, porque não escolhe para inimigo os homens, como o fazem os lutadores da Terra, mas as forças cósmicas. Não conquista os povos, mas muito mais, as leis biológicas. É reformador e revolucionário porque revolve, destrói e reedifica a própria natureza humana. É o libertador, no sentido biológico, o único verdadeiro; é o redentor da humanidade. O Evangelho do Cristo e a vida de São Francisco não são senão o código e a experiência deste superamento biológico da redenção.

A virtude representa a norma desta redenção, o artigo do novo testamento e da lei nova que conduz à vida superior. O santo realizou-se, enquanto a humanidade, indolentemente, prefere vencer distâncias incalculáveis, em caminhos errados. A lei atroz e feroz do egoísmo e da luta pela vida é substituída pela lei da bondade e da justiça.

Não mais a força, mas a justiça como irresistível necessidade da alma humana. Não nos damos conta da negação cotidiana que a realidade opõe ao ideal. O ideal existe e vive da forma no espírito, potente e indestrutível. Não nos preocupamos se a prática desvirtua o significado da virtude. Onde domina a amarga lei do mais forte e as aspirações são muito vãs, cada um exige virtude no próximo, porque a negação e a renúncia constituem nele um estado de debilidade, que é para o mal um estado útil à sua expansão. No mundo triste da realidade humana o bem é útil; faz-se da virtude do próximo um alvo para agredi-lo com o melhor proveito, e não como meio de ascensão espiritual. Conforta-nos a esperança ao transformismo do bruto presente. A divina justiça, mesmo no mundo inferior, reina em perfeito equilíbrio; a despeito de tudo, o esforço individual para evoluir é sempre possível, e isto basta.

As virtudes franciscanas são três: pobreza, castidade e obediência. São um trasbordamento de todos os valores humanos; a renúncia completa, que antes de ser redenção e reconstrução do super-homem, é a negação absoluta do homem. Fazem um vácuo pavoroso lá onde se move toda a psicologia humana e se agitam os mais profundos instintos. O santo pode não sentir a vertigem desse vácuo, mas o que sentirá o homem comum? Este utiliza-se, como a raça animal, dos instintos da fome e do sexo, e, como animal luta pela nutrição (continuação da vida individual) e pelo amor (continuação da espécie). A sua escola é a psicologia do egoísmo; a sua lei, a feroz e desapiadada luta pela seleção do mais forte, em nível de vida baixo, que não imagina sequer poder superar. O homem neste estado é extremamente lento na evolução. O pendor pelas coisas baixas e a ignorância das altas o tornam indiferente diante dos problemas mais substanciais. Eis que aparece o santo e sulca o céu como um meteoro luminoso, deixando atrás de si um rasto de luz. Mas quem observa, quem compreende, quem jamais pode imaginar uma fuga da Terra? O homem observa indiferentemente e volve a olhar para baixo a fim de acariciar a matéria. O prato que a pastagem oferece é, para a ovelha, todo o universo.

Então, entra em cena a dor porque, no equilíbrio da vida, necessitávamos de uma força capaz de prover à elevação humana. Dor sábia que transpõe todos os umbrais, penetra todos os corações, sem que a sabedoria, a riqueza ou o poder possam resistir-lhe. Onde quer que surja, abala e destrói; a sua escola, consegue amadurecer todos sem distinção, ponderadamente, e segundo as forças de cada um! A dor, força providencial, impõe a todos um mínimo obrigatório de aperfeiçoamento. É a primeira prática da virtude, direi quase forçada, um mínimo de renúncia às alegrias materiais que nos encaminham à grande renúncia e ao grande superamento do ideal franciscano.

Daquele mínimo obrigatório a este máximo voluntário existe uma série de lutas e de esforços em todos os níveis, com infinitas gradações de velocidade, de acelerações sobre o caminho da evolução. Há o que vai lentamente e o que tem pressa. Há o que desejaria voltar atrás para

revolver-se na lama e o que segue em marcha forçada, ardente e consumindo-se na avidez espiritual. Tanto aspira ao Alto que tenta quase forçar as leis da vida para chegar logo. Cada um executa o seu trabalho segundo as suas próprias aspirações e recursos.

Observemos um instante a fatigante ascensão do homem curvado sob o peso da própria evolução. O espetáculo desta pobre raça humana assediada por milhares de necessidades, atormentada pelos próprios instintos inferiores, sujeita a uma implacável lei de feroz vigilância e que deve, portanto, purificar-se, inspira, algumas vezes, sincera piedade. Constrangida pela dor, deve separar-se de tantas alegrias que, em suas mãos, se tornam ilusões. Deve elevar-se percorrendo de novo a via de glória, perdida num átimo de rebelião, tal qual o anjo soberbo no longo caminho dos milênios. Que atroz condenação ter na pupila o sonho de uma felicidade completa e senti-la sempre imensamente distante. São Francisco, como o Cristo, deseja auxiliar a humanidade a fim de elevá-la à redenção. Fá-lo porque tem conhecimento da distância que separa o ideal da realidade, assim como a consciência do imenso esforço requerido ao homem, tal como ele é. Este contraste entre o ardor da própria paixão inferior e a resistência passiva da humanidade atrasada; este frenético e inútil embate da própria alma veemente contra a apática alma cega das grandes massas humanas; esta humilhação do próprio espírito, humanamente cansado, no limiar da grande redenção, deve ter sido o verdadeiro drama da alma do Santo de Assis, quando na plenitude da luta e no fervor do maior sacrifício. Somente quem viveu tais conceitos e bradou ao vento, inutilmente, o grito de uma grande paixão incompreendida, pode conhecer a razão e sentir a impressão causada pelo drama espiritual, há sete séculos distante de nós.

Existe, efetivamente, tão enorme distância entre a psicologia franciscana, que ensina ao homem a conquista de si mesmo, e a psicologia corrente, que a primeira parece utopia, tal o contraste que a separa. Podemos, todavia, perguntar o que representa a psicologia comum para arrogar-se o direito de infalibilidade, somente por ser produto da maioria. Podemos perguntar ainda se os seus conceitos não são, ao invés, muito relativos e discutíveis, ou pior, se não são, deveras, a codificação dos instintos atrasados, a norma de vida pouco nobre que somente o baixo nível de vida do homem pode considerar conveniente. Duvidamos de tudo isto e entregamo-nos ao ceticismo, hoje em moda, destruindo a fé íntima para a queda no nada. Invade-nos, então, o terror do vazio e a necessidade de modificarmos-nos. Permanecemos inertes e vencidos, a olhar de longe, desanimados, a rocha inacessível da santidade. Somente poucos espíritos gigantes completaram a rebelião total e souberam reconstruir, realizando, num salto milagroso, o esforço titânico de superar as leis humanas e viver uma lei de ordem superior. Para nós, pobres mortais, o ideal é belo, fascinante miragem distante que olham os enlevados, emudecendo e suspirando. As férreas leis da natureza estão prontas a nos arrastar no seu ciclo e a nos disputar à angelitude. O homem vacila nesta bifurcação entre humanidade e divindade; tenta o vôo e cai dolorosamente na terra. Eis o grande drama psicológico do santo e o drama humano, triste e piedoso.

Os dois dramas se olham e se fundem na tremenda luta apocalíptica entre o bem e o mal, sintetizando o momento biológico do nascimento do anjo no homem.

As três virtudes franciscanas representam o ciclo da redenção, isto é, a destruição completa do homem e a reconstrução total do super-homem. Elas desejam, antes de mais nada, destruir profundamente a animalidade humana, desferindo-lhe um golpe mortal, a fim de eliminá-la. Pobreza, castidade e obediência são para o homem comum uma espécie de morte, pois são a negação absoluta dos instintos básicos da personalidade humana. Sobre as cinzas desta destruição se inicia o longo trabalho de reconstrução. A abjuração é apenas transitória, um meio para alcançar a mais potente afirmação do **eu**. A renúncia não é senão a primeira fase que preludia a perfeição. Deve ser, com certeza, bem triste esta negação tão completa de si mesmo para quem não possua no próprio temperamento os recursos espirituais com que preenchê-la e substituir por algo melhor a destruição da própria natureza inferior. Destruir sem saber reconstruir é criar dentro de si um vácuo triste como a morte e que será ainda mais pavoroso se tentarmos preenchê-lo com os mesmos instintos sobreviventes, adaptados pela hipocrisia. O significado da renúncia está todo na

reconstrução. Reconstrução é a chave do enigma; sem ela o ideal franciscano é uma loucura. A grande dificuldade e o grande triunfo residem no reconstruir mais alto.

São Francisco, grande senhor de recursos espirituais, foi um mestre de reconstrução. Completa é a concepção que ele viveu; antes de ser crítica ou demolidora, é reedificadora. Não tanto a negação do humano, quanto a afirmação do divino, um verdadeiro domínio da natureza. Ele teve a coragem heróica de viver a sua reconstrução de homem no meio de uma humanidade espiritualmente bárbara como a nossa; de viver a lei de ordem mais elevada que os seus semelhantes não podiam compreender e que julgavam loucura. Onde nós, pobres mortais, devemos contentar-nos com insignificantes aproximações, ele obtém a plenitude da realização. Não desejou destruir no homem senão o que havia nele de baixeza e de animalesco; não combateu tanto a atividade dos sadios instintos humanos quanto os seus abusos; não perdeu jamais de vista o objetivo principal que é a reconstrução de um homem melhor. Combateu o amor, mas apenas na sua mais baixa forma de sensualidade, deixando-o sobreviver, fomentando-o mesmo, como ímpeto de altruísmo em relação ao próximo, como ímpeto de alma para Deus. Combateu do mesmo modo a riqueza e a propriedade no seu sentido de cobiça, de avidez, como fontes de tantos ódios e de tantas dores, mas jamais no sentido de trabalho. Desejou, antes de mais nada, a atividade fecunda e depois a distribuição dos bens com probidade e altruísmo. Adversou desta maneira a expansão da personalidade humana somente no seu aspecto inferior de orgulho, violência, avidez de domínio, deixando-lhe em compensação uma afirmação muito maior e mais completa no campo do espírito. Desejou, em suma, a transfiguração do homem.

Eis a importância individual e o significado de cada uma das virtudes franciscanas. Individualmente, elas significam progresso espiritual. O superamento da matéria, a libertação das formas de vida inferior, a emancipação do homem da animalidade e das suas leis cruéis e ferozes de luta pela seleção do mais forte. A atividade, num campo mais alto, a conquista de uma forma superior de vida mais completa, mais livre e mais intensa. Os ideais franciscanos auxiliam a alma humana a sair da sua crisálida de animalidade, onde se encontra presa, debatendo-se dolorosamente, e guiam-na para o único e real progresso que tende para aquela felicidade superior dada somente pelo domínio das forças inferiores. Uso e gozo de uma consciência vasta e de uma paz mais profunda.

Tudo o que age no indivíduo não deixa também de produzir suas repercussões no caráter coletivo. O benefício dos ideais franciscanos é grande até mesmo no campo social. As verdadeiras revoluções são as que partem do coração de cada um; as que atingem a substância e deslocam a posição da alma individual; as que representam a soma da mudança íntima, individual. Para reedificar a coletividade é preciso antes reedificar o homem. Que sociedade maravilhosa aquela em que o indivíduo fosse moralmente bem mais forte.

Participamos de uma grei que não pode oferecer nenhuma segurança à alegria e nenhuma confiança à felicidade. Uma legalidade forçada, mais repressiva do que preventiva, não pode, senão relativamente, dominar a alma humana onde está a fonte do bem e do mal. O indivíduo não possui, como defesa contra todos, senão o hábito das próprias energias de guerrear. Um instante de fraqueza pode perdê-lo, tornando tudo sujeito às contingências da vida. Onde não há segurança, que bem pode ter valor? Eis a revolta do Santo. Unicamente o amor ao próximo valoriza todas as lindas e infinitas maravilhas da terra e agita-nos na conquista deste amor, base principal da estrutura social, porque sem ele não pode existir um verdadeiro organismo coletivo. Temos, então, o Santo de Assis, o primeiro Cavaleiro armado pelo amor, encabeçando a nova Cruzada, tendo como lema a Fraternidade, a fim de lutar contra o interesse, o egoísmo, e tudo aquilo que constitui a traição humana e força desagregante da sociedade.

Do outro lado, o quadro de uma sociedade fundada sobre princípios diferentes — o sonho do Santo realizado. O primeiro clarão interior é a necessidade de ser pobre, a necessidade de morrer também de fome para não ser preso como escravo na engrenagem das atrações humanas. O

trabalhador livre do ideal afasta-se dos profanos, dos interesseiros, dos negociastas, dos produtores de dinheiro, que atropelam porque não vêm as delicadíssimas flores do pensamento e do sentimento. A necessidade de afastar de si a triste população agressiva e sem escrúpulos impõe-se ao homem idealista para que possa dar o fruto da sua vida. É um fruto amadurecido pelos tormentos, que a humanidade colheu sem pagar, ou pagou somente com glória póstuma. A grande batalha tem início contra a própria natureza humana e contra a psicologia coletiva, por meio de um exemplo concreto, uma realização vivida pelo ideal. O mundo, a princípio, olha, depois despreza, e, em seguida, devagar, compreende; liberta-se e afinal se prepara para seguir o exemplo. Esta assimilação do ideal por parte da alma coletiva é uma prolongada luta secular, porque se traduz numa cadeia de grandes homens que se dão as mãos e sucedem-se, traçando a estrada. Há uma série de tentativas e de esforços que a humanidade faz para concretizar o pensamento, lentamente, arduamente, até à realização completa. A vitória pertencerá à humanidade futura. São Francisco é ainda hoje o símbolo da sociedade em formação, representando uma tendência, uma esperança, uma expectativa, um trabalho a cumprir. Neste sentido, está vivo ainda hoje, como sempre, entre os homens.

Pobreza é a virtude que tende o subtrair da alma humana, onde se encontram as suas raízes, as rivalidades entre ricos e pobres, estimuladoras de tantos estudos, de tantas tentativas de reformas econômicas, de tantas lutas políticas inoperantes e estéreis. A pobreza franciscana é, antes de tudo, um ensinamento de renúncia aos ricos, o uso parco e nenhum abuso dos próprios bens. Aos pobres, que não são nada mais do que ricos sem dinheiro, aconselha igual renúncia. Nenhuma inveja. Paciência nas privações. Ensina a ambos a vitória sobre a avidez que os separa, armando uns contra os outros, com tanto dano comum; pede a abdicção dos baixos apetites e a formação de valores mais altos que saciam, alimentam e são gratuitos. Advoga a destruição de uma fome vulgar e a excitação de um desejo mais nobre, passível de ser saciado.

Castidade é a virtude que tende a suprimir da alma humana os mais degradantes instintos, a explosão cega das forças naturais, tudo o que nivela o homem à besta. A castidade franciscana é, antes de tudo castidade no espírito, que confere ao indivíduo a posse de si mesmo, o domínio sobre as leis da natureza, o uso inteligente das forças biológicas. Esta virtude não propende à destruição do amor, desta grande força de coesão que domina o Universo. Não impõe a morte do amor, mas a purificação de suas formas inferiores. Torna-se mais consciente, mais elevado e mais profundo. Perde a significação de função animal com objetivo de reprodução, como ato individual de expansão egoística, para ser um ato consciente das finalidades da raça, consciente das exigências da coletividade, um amor disciplinado, moral e subordinado a ideais superiores. Sublimá-lo significa ainda mais: significa consciência das necessidades e das exigências alheias; respeito pela liberdade do vizinho; altruísmo, amor ao próximo, fraternidade, coordenação da atividade individual. Eis o milagre: evolução do amor; fê-lo força imensa de coesão social. Mas isto não basta. Elevado ao máximo de altruísmo, de universalidade, de dedicação é de sacrifício, elevado aos mais altos vértices da perfeição, o amor é o amplexo da alma a todas as criaturas. Deixa de ser a negação separatista representada pelo egoísmo: é a expansão completa do **eu** em tudo o que existe, a fusão da alma com Deus.

Obediência, no mais amplo sentido, é humildade; é a virtude que suprime a exagerada consciência e expansão do **eu**, o qual propende a lutar, sem escolha de meio, contra a expansão da personalidade do próximo. Neste mundo em que ninguém olha o próprio semelhante como a um irmão; em que a infelicidade alheia possui em si a medida da própria expansão, em que a agressividade inconsciente e mútua tende a expandir-se ao infinito, a virtude da humildade franciscana é o mais enérgico e salutar corretivo. Antídoto de toda a desordem, de toda a insubordinação, de todo arrivismo; canalização do indivíduo nos moldes da reciprocidade social, exercício de cada um para eliminar instintos atávicos de agressividade que retornam cada vez mais débeis, mais coordenados com o organismo coletivo, tornando-se mais aptos a viver na sociedade. As células do organismo coletivo tornam-se mais aptas a viver na sociedade. As células do organismo social não possuem coesão sem aquele cimento psicológico — a consciência que o indivíduo tem da coletividade. Apenas a superior virtude franciscana nos pode dar a subordinação

do eu ao todo, a extinção do fermento deliquiescente do egoísmo, a realização de uma consciência coletiva. Não mais um sistema de agressão, mas de coordenação, tão indispensável ao progresso social.

Eis o grande mérito das virtudes franciscanas na coletividade. Todas elas tendem ao mesmo fim — a formação das mais harmoniosa e elevada estrutura social. Elas, antes de tudo, agem sobre o homem, melhorando-o, transformando-o em cidadão de crescente dignidade para uma sociedade mais digna. Agem também desta maneira sobre a coletividade, transformando-se em força de progresso social. O indivíduo, por sua vez, encontrará sempre mais facilmente a posição que corresponda às próprias necessidades e ao valor intrínseco que ele representa, isto é, uma porção sempre maior de felicidade. As virtudes franciscanas, como tudo o que é progresso, conduzem à realização deste grande sonho humano, a felicidade.

É consolador, diante da dolorosa realidade da vida, considerar esta concepção de uma humanidade superior, bem mais civilizada e bem mais consciente, dona de si mesma e das forças que contém. Jamais devemos ser pessimistas, porque a vida é um organismo que funciona de modo sabiamente complexo; alimenta-nos a esperança de ver realizada aquela concepção. A humanidade pode e deseja subir. As leis biológicas o exigem. Havemos de subir, com ou sem São Francisco, em obediência a leis inflexíveis da vida. Em qualquer estado social, em qualquer momento histórico, agora e sempre, somente nos elevaremos através da experiência que nos herdaram as virtudes franciscanas.

* * *

Acabamos de analisar os ideais franciscanos de aperfeiçoamento moral sob o ponto de vista individual e social, interpretando, através da nossa mentalidade moderna, a grande psicologia de exceção, na qual encontramos uma afirmação lógica, racional e profunda. Repousemos a nossa mente na contemplação da sua grande beleza moral, uma criação estética inteiramente do Cristo e ignorada pelos requintados gregos. São Francisco é uma figura maravilhosamente complexa, figura que resume em si todo o homem, feita de pensamento e sentimento, de cérebro e coração. Observemo-la com aquela paixão e aquela pureza próprias das almas simples.

São Francisco é cérebro, São Francisco é coração. É profundidade de conceito, é intensidade de paixão. Ele é a grandeza completa. Não é, como muitos gênios, o unilateral, o hipertrófico, ou do intelecto ou o sentimento. O pensamento é luz fria que pode iluminar esplendidamente a estrada mas opera sem o calor do sentimento, que reconforta, aquece e consola.

São Francisco é cérebro. O seu idílio, o seu sonho, a sua paixão são baseados numa concepção profunda, potente, audaciosamente projetada no tempo. Ele foi, acima de tudo, um grande pensador, precisamente porque não se estendeu pelas vias da análise, alcançando tudo, rapidamente, pela intuição. Foi um prodígio do pensamento, justamente porque apanhou as conclusões num átimo. Das mesmas conclusões que a ciência moderna tarda muito para alcançar deu-nos ele a síntese no início de sua vida. Os santos, que são os trabalhadores do ideal, no exercício de suas elevadas missões, devem possuir, ao contrário da nossa ciência, a segurança e a rapidez das conclusões. A sabedoria da intuição é a sabedoria simples e profunda das grandes almas, a que resolve, inocentemente, e com a simplicidade de uma criança, os maiores problemas da vida, diante dos quais a ciência se cala e o homem abaixa a cabeça, desanimado. É grandioso agir desta maneira, sem ostentação e sem erudição, humildemente e quase sem aparecer, com os problemas mais altos e mais profundos. São Francisco, humildemente, apoderou-se dos problemas dos povos e dos séculos; viveu conceitos universais; solucionou questões de psicologia coletiva, de ordem moral, econômica e social, questões que os grandes homens, na prática, ainda não resolveram definitivamente. Tudo isto São Francisco viu e sentiu; brindou-nos com as suas conclusões; viveu-as, sobretudo.

São Francisco é coração. É muito mais do que um grande conceito: é uma grande paixão. O trabalho do cérebro precedeu claramente ao do coração, especialmente no período juvenil da crise psicológica. Foi um trabalho intuitivo, rápido e conclusivo, uma breve síntese posta à frente de uma vida de realizações. Quando, tempos depois, numa triste tarde de inverno, cheio de júbilo, entendia-se com aquela flor, e assim, em toda a sua simplicidade, quase sem dar conta, lançava a concepção mais ousada que a humanidade conhece, esboçava e explicava também, numa forma sublime, a natureza da sua grande paixão de elevar-se e de amar, exaltada na sua veemência e capaz de consumir as forças insuficientes do organismo humano. Esta paixão lhe proporcionou a força tremenda para impor-se às leis inferiores da natureza, para subordinar-se às necessidades de uma lei superior, mostrando-nos realizada a altíssima concepção do ideal. Esta paixão fê-lo viver e morrer; proporcionou-lhe o frenesi de elevar-se; tornou-o santo no sofrimento; fê-lo triunfar do grande terror dos homens — a dor — e depois consumiu e destruiu o débil arcabouço humano. Andou sempre cantando o seu sofrimento interior na forma mais doce e mais gentil de sua primorosa sensibilidade; perfez a sua vida dolorosa, em nossa terra, cantando sempre. A sua paixão era amor. Quando o amor é muito grande, as formas humanas não lhe bastam mais, o ponto de vista comum não mais satisfaz e a alma o rejeita com repugnância. Procura abraçar todas as criaturas, mesmo o bruto, mesmo o inimigo. Esforça-se por achar alegrias mais profundas e uma união que somente pode ser completa se existir o amplexo supremo da alma com Deus. Ele levou sempre consigo este amor tão vasto e tão novo, padecendo e esmolando, de porta em porta, um pedaço de pão. Não sentia, todavia, fome de pão, mas do amor puro e verdadeiro da alma que, para ele, existia em pequena dose sobre a Terra! Viveu com a sua paixão num mundo repleto de ódios e cobiças, tão diferente das necessidades da sua alma e que, num dia de sua juventude, se lhe devia afigurar venenoso ou envenenado. Viveu num mundo frio e hostil que não oferecia nenhuma oportunidade aos seus desejos mais ardentes. Mundo incompreensível e divorciado dele, onde todos facilmente apenas se encontram a si próprios. Neste mundo não se lhe deparou outro trabalho a não ser o heroísmo do sacrifício. Faminto de amor, com o qual revestia cada ato de sua vida, implorava-o humildemente por esmola. Vestiu-se de pobreza, nutriu-se de renúncia, até a apoteose do Alverne e ao sacrifício da vida, até a extrema abnegação e ao máximo de doação de si mesmo, até o êxtase sublime, no amplexo sobre-humano no qual a alma se funde com Deus.

O PROBLEMA DA VIDA E DO ALÉM NO "FAUSTO" DE GOETHE

(1931)

O encontro inesperado, em plena maturidade espiritual, com a gigantesca visão goethiana, sentindo-a, com a alma vibrante da luta cotidiana, no seu aspecto mais profundo de ascensão espiritual, revivendo-a em seguida, ao alcançar, por outras vias, como Fausto, todos os quadros da vida até a última síntese — eis uma experiência tremenda que não mais desaparece da alma, à maneira de todas as impressões que são eternas e infinitas.

Eu que havia admirado, sem paixão, Shakespeare e Milton; que em Vítor Hugo quase me cansava do estilo muito frondoso de retórica superabundante, reencontrei em Goethe a emoção que somente Dante já me havia dado, a vertigem das grandes alturas, porque a alma treme somente diante de uma arte que nos transporta às origens da vida.

A peregrina beleza do **Fausto** reside em que a realidade profunda da vida, aquela que raros espíritos vêem e vivem, é elevada aos primeiros planos como substância do drama. Goethe sentiu, instantaneamente, por intuição, a concepção filosófica, da qual participaram Buda e Cristo, que se

completará em forma dedutiva e analítica na síntese científica dos séculos futuros.

A tragédia de Fausto é a maior tragédia humana, a da ascensão do ser, não mais aos níveis da evolução orgânica, mas na sua manifestação mais alta, na evolução espiritual. Em **Fausto** a vida se dilata na eternidade e completa-se, além dos limites humanos do nascimento e da morte, no absoluto, onde encontra a valorização do nosso mundo relativo e transitório; a vida aí é a do espírito no infinito. Do infinito, seu elemento desce ao finito, numa encarnação variável, em que a fantasia como que se realiza na forma e a irrealidade parece enquadrar-se no conceito; em que as ilusões de todas as nossas vicissitudes humanas são reduzidas ao seu verdadeiro valor, representando uma série de provas, logicamente ligadas, segundo um desenvolvimento que se chama destino, tendentes a um objetivo para o qual ascende e que se coloca além da vida. Os quadros de Fausto são as experiências da nossa existência; a eternidade os atravessa objetivando o nosso aperfeiçoamento por isso é que Goethe concebeu as provas em forma de gradações e de progressões. Desta maneira, no **Fausto**, esta **forma** da ascensão humana, que é a prova, decorre mutável e progressiva, numa série de esplêndidas visões, para expressar-se tão humanamente como de fato acontece na vida, isto é, no seu termo final, na tarde da velhice. É mais linda, mais profundamente verdadeira a concepção da vida na sua forma de luta, incerta e susceptível de quedas, mas capaz de vitória; na sua forma de conquista dinamicamente titânica, no contraste apocalíptico entre o bem e o mal, do que na sua forma pacífica de conclusão agradável, como o fez Manzoni, de modo tão cristãmente tranqüilo. Não se trata somente desta particularidade; a prova é concebida segundo a psicanálise, com indagações sobre o subconsciente e sobre o desenvolvimento da consciência, em contato transitório com o ambiente. Desde que se repitam, certas posições do espírito, aprofundando-se do consciente ao subconsciente, geram por assimilação contínua do exterior, novas capacidades, atitudes, qualidades e potência do **eu**. Um processo que é desenvolvimento de consciência, formação e dilatação da personalidade, meta última de todas as ascensões — a que somente pode, na vida, justificar o erro e a dor.

* * *

Goethe pinta sobre a tela desta profunda tese filosófica os sonhos ousados de vasta fantasia, usando consumada arte de poeta. O espírito viaja de visões em visões, perseguindo as figuras de uma esplêndida fantasmagoria de quadros. Todo o mágico poder de Mefistófeles não é, no fundo, senão uma extraordinária capacidade criativa de representações interiores, que nos conduz desta maneira a pleno mundo astral. Faz-nos viver na parte mais profunda do **eu**, no subconsciente, onde a imagem é realidade, realidade dinâmica e ágil, como o é toda a visão profunda do espírito, realidade liberta de todos os férreos liames das leis da matéria, mais livre e móvel, como a lei do imaterial. Os contatos com o além, que emerge da sombra, fazem-se aqui mais vivos e imediatos. No drama goethiano nós lhe transpomos o limiar. Não ha contudo partida sem regresso. Todo o drama flutua além do mundo humano, no grande mistério do Além, sem todavia abandonar a Terra. Regressa, a cada passo, à nossa vida e ilumina-a toda com a luz do eterno. Não é um abandono, um ausentar-se; mas um interpelá-la, um explicá-la, para agigantá-la no infinito. O Além se nos penetra para elevar o sentido das nossas vicissitudes até um significado altíssimo. O eterno desce e concentra-se no átimo fugidio; este expressa e abraça todo o eterno; os dois grandes aspectos complementares, como as duas metades de um todo, dois extremos da vida se fundem no amplexo de uma única visão. No drama goethiano a comunicação entre os dois mundos se efetua a todo instante; o Além, não mais velado e distante, aparece-nos próximo a palpitante. É esta tragicidade no supranormal o que mais perturba e arrebatava.

Se bem que o mundo, na época da lenda do Fausto, palpitasse ainda com os diabólicos terrores medievais (o Fausto de Goethe descende diretamente do Doutor Faustus, de Christopher Marlowe, cuja comédia foi levada da Inglaterra para a Alemanha, no século XVII, por artistas ambulantes), estando Cagliostro próximo da ciência espiritualista, como no **Geitarseher**, de Schiller; se bem que tal lenda confinasse com o charlatanismo e fosse amálgama de neurose e de fanatismo religioso, desconhecida ainda a função da mediunidade, Goethe, entretanto, com o seu

gênio, intuiu com clareza o aspecto de alguns fenômenos, como a desmaterialização, que é continuamente trazida à cena, recordando o dissolver-se de Katie King, de William Crookes. Assim Euphorion e Helena se dissolvem, o Pudel toma-se um "fahrender Scholastikus". Os atores, em cena, parece que escolhem o movimento vertical com a mesma desenvoltura com que os mortais se movem horizontalmente, dando-nos a impressão de uma quarta dimensão. Movendo-se os atores somente no espírito, a viagem de Fausto não se realizou no espaço.

"Afunda pois! Poderei também dizer-te: sobe! É o mesmo", diz Mefistófeles a Fausto, ao indicar-lhe a estrada do Além, aonde estes vão à procura da bela Helena e de Páris. O mundo mitológico da Grécia clássica, estranhamente sonoro para nós, latinos harmoniosos, é todo revivido na sobrevivência do Além, no áspero verso germânico. Multidões de espíritos invisíveis, sem outra manifestação a não ser um pensamento e uma voz, tomam parte a todo instante no drama que está repleto de personagens incorpóreos. E para aqueles que possuem um corpo é um aparecer e desaparecer, um concretizar-se e um dissolver-se contínuo, um fazer-se e um desfazer-se sucessivo da forma exterior. Os personagens, à guisa de materializações espíritas, talvez em virtude do imenso poder mediúnico de Mefistófeles, despem com toda a desenvoltura as suas vestes corpóreas, com a facilidade com que se muda de roupa, e continuam declamando no Além. Goethe mostra-nos um tipo estranho de ator, um ator sem corpo ou que, se o possui, não se preocupa em perdê-lo, porque nada perde com este da sua parte mais verdadeira e mais profunda, a sua personalidade. Sublime ingenuidade cênica que esconde um profundo conceito filosófico! A identidade imutável do espírito através de qualquer que seja a mudança de forma, o **eu** que permanece inconfundível e inalterável através de todas as aparências humanas. Margarida morre, mas o seu espírito e a sua voz continuam. E chama, num doce apelo: Henrique! Henrique Estamos em pleno mundo mediúnico, sensível na veste palpante do drama, fundido com a mais profunda concepção filosófica.

* * *

O conteúdo dramático do **Fausto** não é entretido com choques de paixões humanas, como o é, por exemplo, prevalentemente, em Maria Stuart, de Schiller, iluminadas por um conceito ascensional de redenção; é um contraste imensamente mais vasto, dado pela luta apocalíptica entre as duas maiores forças da vida, o bem e o mal. Fausto é o símbolo do homem que se agita entre estas duas forças. Ascende em Dante, redime-se em Vítor Hugo e santifica-se em Cristo, o símbolo do homem que luta e, lutando, evolui até a última síntese. Mefisto é o espírito que nega: "**Ich bin der Geiút, der stets verneint! Ein Teil von jener Kraft, die stets das Böse will stets das Gute schafft**". (*Eu sou o espírito que sempre nega! Uma parte dessa face que sempre quer o mal, mas de que resulta o bem.*) Ele é a negação de tudo o que possa ser bem, verdadeiro, belo, sublime, puro. É a antítese, a sombra do bem, é a contradição que condiciona o triunfo do verdadeiro. Esplêndido contraste de treva da qual nasce a luz. Em Goethe os personagens são símbolos, são a representação de uma força cósmica. Mefistófeles sintetiza a mentira, a traição, a destruição. Externamente, é todo luzidioso e refinado, cortês e atraente: internamente, é o egoísmo a maldade, a baixaza, um tipo que a sociedade humana conhece bem. Mefistófeles é uma força que, para demolir tudo, demole antes de mais nada; a si mesma. É um gigante que contradiz logo a sua grandeza e torna-se falso e ridículo. É um herói, o mais fraco e o mais miserável dos heróis, que inspiraria piedade se não provocasse aversão. Mefistófeles não é a dor que laboriosamente edifica no eterno, condição transitória de uma felicidade imperecível, mas é a alegria fácil, usurpada, imerecida, que logo desaparece para conduzir ao sofrimento. É um falso prazer, pronto a desagregar-se a cada instante e a transformar-se em dor. Estamos nas estradas da descida, da involução para a animalidade, em antítese à via ascensional onde o espírito triunfa.

Do outro lado as forças do bem (ainda que não sejam no **Fausto** tão estritamente caracterizadas como se apresentam em Mefistófeles as forças do mal) não são todavia menos poderosas. Se são concebidas de maneira mais impessoal é para exprimir a sua universalidade, é para dizer que o bem é a regra, o mal a exceção. O que condiciona e limita o mal é o bem, lei

universal. O bem não se localiza, não se personifica, porque é o hálito de todo o universo, abraça no seu âmbito todo o mundo do mal. Mefisto encontra os seus obstáculos e não pode transpô-los. Como princípio, é tolerado; mas como condição e como explicação, possui o seu campo limitado. No prólogo no Céu, as duas grandes forças olham-se face a face, por uns instantes, sem véus:

"Der Herr. — So lang er auf der Erde lebt,
So lange sei Dir's nicht verboten.
Es irrt der Mensch, so lang'er strebt.
Und steh beschamt, wenn du bekennen musst
Ein guter Mensch in seinem dunkeln Dranges
Ist sich des rechten Weges wohl bewusst."

*("Senhor. — Durante a tua vida na terra,
Isto não te era proibido
O homem erra enquanto luta pelo progresso,
Envergonhando-se quando é obrigado a confessar.
Um homem bom está ciente do caminho certo,
Mesmo quando os impulsos contrários o açoitam.")*

E o bem que abandona o Fausto ao mal, porque ele o acolheu; e Mefisto, cômico da sua posição subordinada, pede-lhe permissão: **Wenn Ihr mir die Erlaubnis gebt.** ("**Quantas vezes me dão permissão**") Somente depois desafia e o desafio é tremendo. A voz do bem, presentindo todavia a derrota final do mal, adverte-o e o confunde.

Surpreendente conceito, soberano, dominante, se não no pormenor, indubitavelmente nas grandes linhas do funcionamento orgânico do universo, conceito de um equilíbrio admirável, tão anti-schopenhaueriano, otimista e completo que sobressai com evidência em Goethe. Esta devia ser a concepção filosófica da sua vida, que Fausto interpreta e resume. Revela a idéia de Deus-Lei, organismo de leis absolutas e invioláveis, segundo as quais todas as forças do universo se movem incessantemente no transformismo fenomênico, no seio de um equilíbrio espontâneo e supremamente justo. Como em nosso Dante imortal, o drama goethiano é o drama do universo. Que contraste com o: **"To be, or not to be, that is the question"**¹⁷, que pôs o problema, sem resolvê-lo: **("puzzles the will, and makes us rather bear those ills we have than fly to others that we know not of."** ("confunde o desejo, e faz-nos antes suportar os males que possuímos do que voar para outros que desconhecemos".) Que impotência filosófica nesta incerteza, que não conclui! Que distância da alma carducciana¹⁸! É o eterno que transparece e lampeja a cada passo em Goethe, mostrando-nos uma beleza substancial que sozinha pode valorizar o esplendor das formas e nos dar a profunda poesia do conceito, no qual somente reside a verdadeira arte.

O Céu e a Terra assistem, no **Fausto** de Goethe, ao grande drama do bem e do mal e intervém nas agitações das ascensões humanas. Os coros dos anjos, contrastando com as falsas insinuações de Mefisto, acompanham todo o conflito espiritual que turbilhona na alma de Fausto. E surge a hora pavorosa e turva do mal, não um mal como o da agonia do Getsêmani, mas um mal na plenitude do seu efêmero triunfo. Nada se podia imaginar de mais tremendamente macabro do que o vertiginoso pandemônio da *Walpurgisnacht*¹⁹ sobre o fundo do *Brocken*²⁰. Talvez somente a áspera lenda germânica, referta de bruxas e de diabos, de terrores e de trevas, poderia fornecer-lhe motivos. Nem Goethe, que conhecia perfeitamente a *Harzgebirg* e as regiões de Schierke e Elend, poderia encontrar um fundo mais tétrico e desolado para a sua representação, que depois o nosso

¹⁷ "Ser ou não ser, eis a questão" (N. da E.)

¹⁸ Referência ao poeta italiano **Carducci, Giosuè** (1835-1907)

¹⁹ **Walpurgisnacht** — "A Noite de Valburga" era na Alemanha medieval, segundo as credences populares em voga, aquela em que se reuniam os Espíritos malignos e as feiticeiras, no alto do Brocken.

²⁰ **Brocken (ou Brock)** — elevada e granítica montanha, na Alemanha, onde conforme as superstições medievais, imperava o chefe das forças do mal, "o Senhor Uriano" (Herr Urian) na versão do Fausto de Goethe.

*Boito*²¹ devia reproduzir tão magnificamente em forma musical. A festa agita-se nas danças sapateadas; é toda pompa e alegria, culminantes num triunfo que revela grandiosidade. É sem dúvida uma festa, um triunfo, mas como tudo é alterado e falso, pervertido e ridículo! O brilho é treva; a música é fluxo de estridores; a multidão é estranha, sórdida e vil; o triunfo é insulto e ludíbrio. Que canalha infernal de espíritos imundos e caricaturais! Que áspera e tétrica sinfonia aquela espantosa fila de bruxas nórdicas, em fuga, todas nuas, cobertas de unguento, cavalgando vassouras, pela pavorosa charneca de Brocken, enquanto a música louca do sabá, digna de Berlioz, bate o ritmo de uma satisfação feroz! O espírito que nega, nega, antes de tudo, a si mesmo. Na festa de **Walpurgisnacht** existe a manifestação de uma força que se anula na impotência, um aparato de glória que é todo um escárnio, um tripúdio que é triste como uma condenação, um grito de satisfação que é um ulular de desespero. A **Walpurgisnacht** é a personificação das forças do mal no seu efêmero triunfo; é o mais desconjuntado canto da vida que submerge num desprezo louco de destruição. É a involução, a descensão efetivada, o regresso rumo a animalidade, é o triunfo da besta feroz, é o inferno onde o espírito está morto. É uma humanidade que delira, louca e embriagada, ávida e falsa, como a nossa. Desejaria rir com Goethe pela sátira esplêndida.

As forças da vida estão vivas em Fausto; agitam-se galopantes como no mar tempestuoso; condensam-se num vórtice para arrastar o homem e arremessá-lo depois ao alto, para o céu. O turbilhão desencadeado do mal tem a sua hora e deve resolver-se numa função do bem. A doce e ingênua Margarida, uma das mais belas criaturas goethianas, encontra-se, enquanto ora no grande templo gótico, em pleno poder do triste espírito que lembra traição:

“Böser Geist. Wie anders, Gretchen, war dir’s,
Als du noch voll Unschuld
Hier zum Altar tratst.”

(*"Espírito mau: como te sentiste meiga Margarida,
Quando ainda completamente inocente
Te aproximaste deste altar."*)

Na alma desolada da aflita ressoa:

**"Dies irae, dies illa
Solvat saeculum in favilla."**²²

Mas, a crente que havia rezado tanto: **"Ach neige, Du Schmerzenreiche, Dein Antlitz gnädig melner Not!**" (*"Oh! vinde a mim, Vós que sofrestes tanto, tende piedade do meu padecer!"*), volta-se a moribunda para o supremo tribunal e uma voz do alto anuncia: **"Ist gerettet!"** (*"Está salva!"*). A presa escapa, então, das garras de Mefisto que, desesperado, volta a reafirmar a Fausto o seu poder. Mas também ele se libertará. É sobre a sua cabeça que mais tremendamente se desencadeia a tempestade. Já ia levar aos lábios o cálice fatal para libertar-se do peso da vida, envenenando-se, quando ressoa o canto salvador da ressurreição, no alegre repique prolongado da Páscoa:

"Christ ist erstanden! Selig der Liebende, der die betrübende, heilsam und übende Prüfung bestanden". (*"Cristo ressuscitou! Salve o Amado que foi submetido a tão triste e santa provação"*.)

Fausto está salvo. Mas logo é cercado e preso nos enredos do mal, que concentra nele todas

²¹ **Boito** — Referência ao grande poeta e compositor italiano Arrigo Boito (1842 -1918). Escreveu libretos para "La Gioconda", "Otelo" e "Falstaff" (estes dois últimos musicados por Verdi) A ópera mais famosa de Boito é justamente "Mefistófeles". (N. do T.)

²² "O dia da ira, aquele dia Em que (o Senhor) dissolvera o mundo em cinzas". — Referência à Justiça Divina, conforme várias profecias, em versos de um hino religioso, atribuído ao primeiro biógrafo de São Francisco, o frade Tomás de Gelano. (N. do T.)

as suas forças. O pacto é firmado com sangue. Mefisto entra logo em ação numa fantasmagoria de criações e de vitórias que enfim se desfazem no erro. Qual é, todavia, o ponto fraco, a pilastra que faz ruir todo o edifício? Quanta astúcia no negociar, quanta finura psicológica no enlaçar sem ser notado, no fingir-se de santo e de homem honrado (como o fez junto de Marta) e que artista da mentira e da traição era Mefisto! A sua habilidade reside na minúcia a sua finíssima lógica é a mísera lógica da astúcia que edifica sobre o terreno inseguro da falsidade. A orientação do seu sistema é errada, porque o egoísmo e a mentira são forças essencialmente desagregantes, desprovidas de capacidade coesiva e construtiva, enquanto o amor e o sacrifício, tão inermes e débeis na aparência, possuem a potencialidade dinâmica das grandes obras. Não o amor, mas o prazer trai Gretchen; não o trabalho, mas a especulação simbolizada na invenção de Papiergeld e semelhantes convenções financeiras, é que conduzem à ruína. Fausto, entretanto, oscilando de prova em prova. e de ilusão em ilusão, continuamente ascende. A sua longa viagem foi no mundo espiritual. No último momento, quando, rejeitadas as propostas corruptas, pede um trabalho honesto e fecundo, Mefisto consente, sem suspeitar o início da reabilitação de Fausto: o diabo acaba sendo enganado. Pouco a pouco, o deserto e a desolação, simbolizados na **Walpurgisnacht**, se transformam, por obra do trabalho e do amor, em estado de fecundidade e de bem-estar. Fausto encontrou finalmente a estrada das ascensões humanas e a libertação da dor e do mal. A estrada não estava nas alegrias fáceis da Averbach Keller, em Leipzig, nem na riqueza, nem no poder, nem na glória (vaidade napoleônica), mas além de tudo isto, além de todas as ilusões humanas onde existe uma fonte de pureza capaz de dessedentar todas as bocas:

"Das ist der Weisheit letzter Schluss:
Nur der verdient sich Freiheit wie das Leben,
Der täglich sie erobern muss."

*("Isto é a última conclusão da sabedoria:
Somente aquele que conquista diariamente
A sua vida merece a liberdade.")*

Enfim, o equilíbrio, temporariamente perturbado, restabelece-se. O mal volta à sua prisão, Mefisto precipita-se no seu reino e Fausto ascende na sua apoteose:

"Gerettet ist das edle Glied
Der Geisterwelt vom Bösen:
Wer immer strebend sich bemüht,
Den können wir erlösen."

*("O nobre companheiro está salvo
Do mundo dos espíritos do mal:
Aquele que sempre se esforça incansavelmente,
Podemos libertá-lo para a sua ascensão.")*

GÊNIO E DOR

(1935)

Os êxtases musicais, como a visão do místico e a contemplação do pensador, são portas abertas ao infinito. Quando o gênio cria, a existência revela-se, então, inegável, porque naquele momento ela se acha visivelmente em ação. Escutamos estupefatos aquela voz que não possui timbre humano surgindo do mundo do eterno. Nos arrebatamentos, o pensador sente a verdade; o místico, a bondade e o amor; o artista, a beleza. O arrebatamento, porém, é sempre o mesmo e constitui a nota fundamental do mesmo fenômeno, um ausentar-se da terra e um atingir outras

esferas, manifestações que parecem sonhos irrealis, porque são super-reais; mas, verdadeiros, pois a alma humana as tem admirado em todos os tempos, prendendo-se-lhes irresistivelmente.

Todas as altas revelações do espírito, por enquanto tidas pela ciência como anormais, somente porque são supranormais e não produto da cinzenta mediocridade, indiscutivelmente exercem fascinação mesmo no ser mais involuído. São centelhas descidas diretamente do céu sem o uso da razão. A alma as reconhece e as absorve na sua avidez: servem-lhe de alimento.

A alma humana tem de ser analisada, não no tipo medíocre onde permanece adormecida, em estado embrionário, mas no gênio, que prepara a sua maturidade e a excede, ultrapassando muitas vezes os limites do concebível. Somente neste ela se manifesta em toda a sua plenitude, conseguindo superar a vida orgânica, separar-se do corpo e enfrentar o além. É assim que o gênio, seja artista, místico, pensador, seja musicista, santo, herói ou condutor, encontra-se, no momento em que age como tal, num estado de ativa e consciente mediunidade.

Quando Chopin compunha ao piano maiorquino os famosos prelúdios na Cartuxa de Valdemosa, com certeza via fantasmas vagando de cela em cela, talvez os monges do velho convento. George Sand escreve: "Ao regressar as dez horas da noite, encontro-o pálido, os olhos cerrados e os cabelos sobre a testa, diante de seu piano. Era necessário algum momento para se reconhecer a si próprio. Fazia esforço para sorrir; e tocava coisas sublimes que havia composto durante nossa ausência... Executava o seu prelúdio, chorando. Quando nos viu entrar, soltou um grito estranho e disse, depois, com ar confuso e tom misterioso: — Ah! eu sabia perfeitamente que vocês estavam mortos! . . . Não distinguindo mais o sonho da realidade, acalmou-se e quase adormeceu ao piano, persuadido de que também ele estava morto". O eco da tempestade dos elementos se transformava na sua alma em tempestade de idéias e de sentimentos. Naquele estado de transe, a sua alma alcançava as raízes da vida e a profundidade dos fenômenos, onde se encontra a essência onde o todo é UNO.

Quando Chopin improvisava, sempre em presença de um restrito público de amigos, mandava reduzir as luzes, recolhia-se e procurava a nota **azul** que se pode chamar a nota de sintonização entre a sua e a alma alheia.

Notamos a paralisação do fenômeno inspirativo diante de um público heterogêneo e de estranhos não sintonizados, dos quais Chopin sempre fugia, fenômeno esse semelhante ao do círculo mediúnic. Daí deveria resultar a música.

A mediunidade física é um estado de passividade diante das forças do além, que interferem quando e como desejam, dominando o fenômeno; a mediunidade inspirativa é, ao invés, um estado de máxima atividade e consciência perante as forças que ela penetra e domina. São os dois extremos. O médium ativo, consciente do próprio trabalho, dono das forças que governa ativamente, ousa bater às portas do mistério para interrogá-lo. Elas não se abrem freqüentemente a não ser diante de um apelo desesperado ou de uma paixão violenta, capaz de romper os segredos zelosamente defendidos pela Lei.

É necessário, muitas vezes, a coragem insensata, a vontade desesperada, o impulso frenético da uma dor imensa, o ímpeto da fé que não mede a profundidade do abismo. Então apenas as portas se abrem as fronteiras do concebível apresentam dilatações repentinas, quase tímidas, o gênio, num gesto supremo, levanta-se sobre as muletas da dor, sofrendo; vacilando na figura gigantesca, fixa o olhar no inconcebível e vê. Ele mesmo ignora a sua grandeza, no átimo da concepção, porque se unificou com o Todo. O seu gesto potente assaltou de improviso o coração do mistério que estremeceu e respondeu à voz da dor e do amor. Então um rasgo do infinito lampejou sobre a terra.

Desejaria passar em revista a vida de muitos gênios para demonstrar que este tipo de

mediunidade consciente e ativa, a mais alta e a mais verdadeira, e, neles, normal. A maturidade avançada desses seres, completa desde a mais tenra idade, explosiva no seu aspecto típico, sem a preparação humana, antecedente a qualquer experiência e a qualquer tirocínio, mostra-nos a sua preexistência em outras formas de vida. Períodos de formação sem os quais nada se cria, por uma lei de proporcionalidade entre o efeito e a causa. O atavismo é absolutamente insuficiente para demonstrar tais florescências de exceção num campo de mediocridades. Tudo isso reforça o conceito e oferece a prova de que a vida não é senão a passagem da alma proveniente de algum plano, em direção a outro plano. Os medíocres não conseguem encontrar estas provas, em si tão evidentes, porque são os verdadeiros cidadãos da terra, suficientemente selvagens e insensíveis para viver nela, comodamente.

Por que a vida dos gênios é freqüentemente argamassada na dor? Por que o destino se lhes apresenta como inexorável concatenação de provas convergentes muitas vezes sobre o ponto mais vital do seu próprio gênio? Talvez porque este é também o ponto de maior força, de provas maiores do que as médias para que a alma possa encontrar uma resistência adequada a sua grandeza, um testemunho proporcional à sua elevação. Provas específicas para que a alma se exercite pelo lado de sua maior potência. Certamente, estas explicações não se alcançam pelos conceitos comuns de uma vida exterior que visa apenas o prazer. Somente assim podemos explicar a surdez de Beethoven, a tuberculose de Chopin, a cegueira de Milton, um Leopardi disforme e sofredor, um Schubert um Mussorgsky atormentados, um Nietzsche e um Poe loucos. Convido a ciência para explicar-me porque a moléstia, a deficiência orgânica possa dar tanta força ao espírito, tanta fecundidade ao pensamento, tanta saúde e potência a personalidade. Ou, em outros termos, porque razão o patológico pode conter o supranormal. O conceito de uma crueldade do destino e, portanto, blasfêmia contra a Divindade; o conceito de uma insuficiência diretiva ou de uma casualidade caótica é simplesmente pueril num organismo universal tão preciso. Explica-se tudo, porém, pelo conceito ainda mais amplo: a dor e a estrada mestra de toda a ascensão espiritual, que não pode ser conquistada sem fadiga. A dor prepara o caminho às profundas introspeções; revela o que se encontra além da superfície; desperta o espírito que poderia, fatalmente, adormecer no bem-estar; submete-o a contínua ginástica que lhe desenvolve as melhores qualidades. Embora a natureza humana inferior sofra e se revolte, a dor é, todavia, salutar e fecunda maceração que purifica e multiplica todas as forças do espírito. Somente a dor sabe desnudar a alma, e arrancar-lhe aquele grito que não admite mentira. A reação à dor é certamente diferente em cada indivíduo revelando-lhe sempre a natureza íntima.

Das três cruces iguais sobre o Gólgota partiram três gritos diferentes. No bruto o grito é brutal; no grande o grito é sublime. Então a dor é santa e abençoada, porque revelou a beleza de uma alma.

Desta maneira, a dor martela os espíritos gigantes com força gigantesca para levá-los a ascensão gigantescamente pura. Ressonâncias profundas devem produzir nestes hipertróficos do pensamento e do sentimento os golpes duríssimos do destino. Evidentemente suas obras foram criadas entre os espasmos de uma grande dor. Por isso, puderam dizer: "eu espero que a minha dor venha, porque somente ela me poderá arrancar o grito da alma".

Sentimos em tudo isso a força da criação, que tem na dor um açoite: flagela o espírito, impede qualquer repouso, excita-lhe as mais profundas reações, valoriza-lhe o poder de ação. Assim se compreende a transumanização que a dor, e somente ela possui. Para o gênio, a vida humana não é senão preparação para uma vida mais alta; os mesmos clarões que os cegam, a nós também nos atingem. A realização da vida não está aqui, em baixo, na morte, que não é o fim, mas libertação.

Os gênios podem inverter os nossos conceitos humanos, porque pertencem a raças super-humanas, que não aparecem na terra senão como exceção. "Pobre Beethoven", conforme escrevia ele sobre si mesmo, este mundo não te proporciona felicidade e somente nas regiões do ideal podes encontrar a paz. Que diferença entre o homem abençoado e o de sentimentos saciados.

Nós, homens comuns, possuímos e sentimos mais fortemente no mais baixo do mundo animal, feito de lutas cruéis e violentas. Carregamos a verdade atávica do corpo, a tão conhecida lei da natureza; somente secundariamente e com esforço alcançamos a mais alta verdade do espírito, que é para os gênios, a verdadeira e a espontânea lei da natureza. O tipo médio, debatendo-se nas formas inferiores de atividade, poderá criar, qualquer que seja a condição humana ou a riqueza, poderá saciar-se, por um momento, de toda a vaidade que a sua inexperiência deseja.

Permanecerá, porém, sempre ligado e condenado a essa vaidade, fechando-se-lhe o acesso a outra alta esfera do pensamento, da qual o gênio, por mais trespassado e crucificado que se encontre, olhá-lo-á sempre com piedade. Quanto mais merecemos o céu tanto mais incapazes e infelizes somos sobre a terra.

A dor, nos grandes, assume também a forma de renúncia, que é o arrebatamento das formas superadas. O destino a impõe com inúmeros dissabores para que se acelere a evolução espiritual e se opere a transformação do amor humano em amor divino. O Calvário é a base natural do fenômeno da sublimação dos grandes. A Renúncia dos prazeres humanos não é senão a expansão dos horizontes espirituais. O destino não é cruel, quando inflige a morte para dar vida maior e luminosidade à alma.

"Durch Sturm empor", ("arrastado para o alto pelo vendaval") dizia Beethoven, no meio do furacão, sempre senhor do seu destino, mesmo no mais profundo do sofrimento. O homem é verdadeiramente grande e viril nas lutas contra as forças titânicas do seu Carma; nunca porém nas lutas contra os seus semelhantes. O destino da grei humana é freqüentemente incolor; há, entretanto, no alto, destinos titânicos que nos proporcionam o arrepio do infinito, destinos que sobrepairam abismos nos quais se alternam regiões de terror, de paixões e de angústias, nos quais ribomba a tempestade de Deus. Destinos que os gigantes souberam agarrar pela goela para entrar em luta digna da sua grandeza.

Eles podem dizer: "Venha, oh! luta, para que eu possa bater-me e vencer

Sétima Parte

NOVELAS

EM BUSCA DA JUSTIÇA

(TRÍPTICO)

(1953)

I

A JUSTIÇA ECONÔMICA

Era uma noite de chuva e de tempestade. A cidade imensa repousava, no sono, do seu febril trabalho diurno. A hora avançava; os quarteirões aristocráticos, mais demorados no adormecer, porque menos sedentos de repouso, descansavam em silêncio.

Ao longo de uma avenida arborizada — duas filas de residências de luxo — um homem esgueirava-se como sombra que, no andar desenvolto, sabia esconder, pelo hábito, intenções suspeitas. Vemo-lo agora junto ao ponto desejado. Não é a porta principal do jardim, mas uma outra, para serviço, junto à parede lateral, que se encontra aberta. Ele a transpõe e entra com desembaraço, como se estivesse regressando à sua casa. Fecha-a e atravessa o jardim.

Uma outra pequena entrada de serviço, no lado posterior da casa, está aberta: ele passa por ela. Conhece a habitação onde já estivera trabalhando para os antigos proprietários, há muitos anos atrás. Com a cumplicidade de um dos empregados atuais que viera a conhecer posteriormente, organizara um golpe.

Como se vê, não existe aqui nenhum mistério policial, nenhum delito macabro, nem caçada para apanhar um criminoso. Fugimos da difusíssima psicologia de criminosos malogrados, e por isso apresentamos o fato como simples e banalíssima tentativa de furto, arquitetado com as costumeiras astúcias, muito conhecidas através dos cinemas e dos jornais. Ao viciado leitor moderno, amante das emoções fortes e intoxicantes dos romances amarelos, isto parecerá qualquer coisa de insignificante e cansativo pelo seu trivial que não excita a curiosidade málsã com psicopáticas complicações e cerebralismos criminalóides. Provavelmente acharão estúpida uma história que não proporciona o arrepio do delito. Aqui, entretanto, conforme veremos, desejamos focalizar outros fatores psicológicos, de muito maior valor, não pertencentes a parte menos evoluída da sociedade humana. Para satisfazer ao seu orgulho de parecer civilizada, enverniza, todavia, os instintos bestiais com a psicanálise, os complexos freudianos, o subconsciente e vários ismos científicos, diabolicamente faminta de destruição. A isso é obrigada até o fundo, até a alma, pela chamada civilização, em busca de psicopatias e de todas as perversões. A sã moral não é criação artificial de uma religião, mas está escrita, para todos, nas leis da vida. Uma imprensa traidora, com finalidade de lucro, desfruta e alimenta tais aberrações; oferece aos instintos bestiais uma satisfação psicológica ideal. Desta forma tudo vai sendo abalado, loucamente. Prossigamos, contudo, a nossa história.

Aquele homem não somente conhecia a casa, onde penetrara com a ajuda do criado, senão também os hábitos do seu proprietário, que era um homem estranho. Vivia solitário naquela rica mansão, desfrutando uma renda que possuía por direito de herança.

Revelava costumes exóticos este homem que, em ótimas condições de saúde e de riqueza, poderia gozar a vida. Pela manhã, passeava pensativo pelo jardim. Fazia as refeições sozinho. Consumia a tarde e a noite escrevendo. Parecia procurar qualquer coisa inatingível no seu mundo, imensamente distante. O seu olhar mergulhava nos outros olhares buscando a alma e se retraía com tristeza. Existia entre ele e os seus semelhantes uma espécie de barreira de incompreensão. No seu meio era julgado como maníaco e tolerado por inofensivo.

O ladrão, ali presente, considerava as coisas sob um ponto de vista inteiramente utilitário. Aquela casa e aquele homem se prestavam a um furto — meio rápido para ganhar sem trabalhar. Verdadeiro tipo de involuído, agradava-lhe o risco, a aventura audaz, o golpe do aventureiro, não o trabalho ordenado do homem acostumado a integrar-se no organismo social. Era um retardatário,

mais adaptado a viver com os selvagens, em guerra, entre as feras. Nada sabia fazer senão roubar. Ninguém o educara ou lhe ensinara a realizar algo melhor. A civilização, todavia, proporcionou-lhe alguma coisa, exceto a bondade evangélica do **ama ao teu próximo**, princípio para ele situado no inconcebível. Havia apenas polido os seus instintos, refinando-os como as feras apuram os sentidos para melhor atacar e vencer na luta pela vida. Era artista do crime. Amava saquear, sem causar danos físicos a vítima, alcançando o útil com o menor aborrecimento e o menor perigo possível. Esta era a única modalidade de civilização que a sua natureza atrasada soubera captar. Na guerra que as nações civis fazem entre si, ele se encontraria bem a vontade e seria talvez glorificado como herói. Mas a guerra não existia para que pudesse explorá-la. Numa revolução seria alguém, e faria boa carreira. Contudo, não havia revolução. Dadas as circunstâncias muito pacíficas que o ambiente lhe oferecia, fazia aquilo que podia.

Estes dois homens encontravam-se agora debaixo do mesmo teto, estavam prestes a encontrar-se com a sua psicologia, os seus julgamentos, os seus métodos de vida. O ladrão subia as escadas, cautelosamente. Conhecia todos os recantos. Sabia que, no dormitório, à direita, no patamar superior, o patrão dormia, e que, à esquerda, estava o quarto onde encontraria o dinheiro. O criado deixara as portas abertas, saindo para o seu dia de folga. Sabia, também, por ter verificado da rua, que a luz do dormitório, onde o dono freqüentemente ficava acordado até o amanhecer, estava acesa. Sabia, ainda, que aquele homem era sereno e, por conseguinte, não o intimidava. Agia com segurança absoluta.

Uma vez no patamar superior, entrou no quarto visado, sendo os seus passos abafados pelos tapetes macios. Silêncio. Viu-se num escritório e reconheceu a escrivaninha iluminada pela luz débil da rua, suficiente para o seu trabalho. Aproximou-se e observou. Possuía as chaves das gavetas. Devia ser a terceira ou a quarta, a esquerda, a promissora. Experimentou uma, e depois a outra, revolvendo o conteúdo. Não encontrava nada. Revistou ainda. Começou a sentir-se nervoso porque ambicionava a fuga sem ser observado. Mas não encontrava nada. Tentou as do lado direito, abrindo a segunda gaveta, revistando-a. Num gesto precipitado, derruba qualquer coisa que cai no tapete com um baque surdo. O ladrão imobilizou-se, espantado. Estaria, realmente, dormindo o patrão? Teria ouvido?

No aposento a direita, outro homem estava em outras lidas. Apagara, havia pouco, as luzes e procurava em vão adormecer, enquanto, num estado de meio sono, o seu espírito continuava a desenvolver a ordem dos conceitos sobre os quais escrevera até aquela hora da noite. Preso aos seus pensamentos, não prestou atenção ao ruído que viera do quarto vizinho. Tinha em mente outras preocupações. De improviso, surgira a solução lógica de um problema que o angustiava havia dias — contraste de conceitos que parecia sem saída. E, agora, repentinamente, da profundidade de si mesmo, quando se ia abandonando ao sono e já não a buscava mais, eis a solução imprevista, como se outro houvera respondido. Sentia-se pasmo e ao mesmo tempo entusiasmado pela beleza e logicidade da solução. Acabou despertando-se, acendeu a luz e levantou-se para ir logo registrar no seu escritório a concepção maravilhosa antes que ela se dissipasse, materializando-a, agora que estava bem clara em sua mente, nas suas particularidades. Sabia que se não a fixasse logo, ela se desvaneceria, reaparecendo depois deformada e estranha. Entrou no aposento contíguo e acendeu a luz. O ladrão ficou em pé, gelado, em plena luz. Os dois homens se defrontaram.

Olharam-se, mas com que olhar diferente! Cada um projetou nele a sua alma. O ladrão, aterrorizado pelo perigo iminente e o golpe fracassado, pensava agredir ou ser agredido. Esta era e lei do seu plano e do seu espírito. O dono, perplexo pela presença de um estranho, e aborrecido com o fato imprevisto, pensava no tesouro dos seus conceitos já em fuga, agora perdidos com o incidente. Habitado ao autodomínio, rapidamente se refaz para enfrentar a nova situação. Olhou para o ladrão com piedade e este, que esperava uma agressão, desarmado por aquele olhar, não agrediu.

Os dois homens permaneceram frente a frente, olhando-se. Dois homens, duas classes

sociais, dois extremos opostos, econômica e espiritualmente, dois mundos. Aquele cruzamento de olhares já havia estabelecido uma ponte entre os dois. O proprietário foi o primeiro a dirigir a palavra:

"Amigo, não te atemorizes, compreendi tudo. Afirmando, não temas. Serás hóspede em meu lar, porque és meu semelhante e meu irmão. Não tenho outro desejo senão o de te fazer o bem. Não penses portanto em lutas e agressões. Poderás sair quando desejares, livre, protegido por mim".

"Uma outra coisa porém me impele para te ajudar. Tu te arriscaste muito para vir buscar este dinheiro. É um trabalho errado, mas é também um trabalho. Quanto a mim, não arrisquei nada, não lutei para ganhar dinheiro, porque o herdei. Perante Deus estamos, talvez, nas mesmas condições, se bem que eu esteja protegido pelas leis e tu não. Dá-me a tua mão e dize-me no que te posso auxiliar".

E estendeu a mão ao visitante que a aperta automaticamente, procurando compreender, enquanto escutava. O dono da casa continuou: "Dize-me no que posso auxiliar-te, porque me escravizo a deveres que não possuí. Junto de Deus estamos exatamente nas mesmas condições. Diante de ti tenho uma agravante: é que não me encontro em necessidade. Talvez seja por isso que nunca fui tentado a roubar, enquanto que a ti muitas coisas te faltavam a ponto de te arriscares desta maneira. Todos nós temos, não só o direito, mas também o dever de viver. Sou eu, portanto, que estou em débito contigo e desejo saldá-lo agora".

O ladrão começava a compreender e não conseguia se refazer da surpresa. No seu primitivismo, encerrado na estreita psicologia do egoísmo, suspeitou, a princípio, que tais incríveis palavras poderiam esconder uma trama e aguardava o aparecimento de uma arma ou um movimento de assalto. Mas, nada disso surgia. Como não se sentia ameaçado, foi esporeado pela curiosidade e pela esperança de poder receber dinheiro daquele louco, não obstante a sua triste posição; continuou escutando, divertindo-se com a cena, mas sempre atento ao seu desenvolvimento.

Sentaram-se. O dono da casa prosseguiu: "Amigo! suponho que sejas comunista ou pelo menos simpatizante. Não imaginas que eu também o sou; como vês, de forma diversa da tua e que não entendes. Desejo que saibas: a justiça social é a grande idéia para a qual o mundo caminha. Quem usa a espada morrerá pela espada, e quem usa a violência será destruído. Os nossos dois comunismos são antípodas. O teu parte dos direitos; o meu, dos deveres, de que não cogitas. Usas a violência e por isto estás aqui; eu uso a bondade. É verdade que nem todos os homens da minha classe social são como eu. Nisto crês, isto autoriza-te a violência. Verdade é que tens também deveres, mas não pensas senão nos direitos. Como é possível uma sociedade que só alegue os seus direitos? Não seria um organismo, seria um bando de lobos que se entredevorariam. Por que não pensaste no dever de trabalhar; de dar qualquer coisa a sociedade da qual exiges o necessário? Por que, antes de roubar ou exigir com a violência, não pensaste em ganhar com o trabalho? Eu mesmo trabalho, no campo do pensamento, mas trabalho. A minha vida dá fruto à sociedade. Tu, és um parasita. Por que não aprendeste a: respeitar o fruto do trabalho e da inteligência dos outros? Quem possui nem sempre é parasita; às vezes um centro de atividade fecunda para muitos. E tão bestial este ódio de classe, indiscriminado, agressivo, buscando conquistar a riqueza sem o trabalho e sem a inteligência, mas pelas vias da violência! Não sabendo respeitar o fruto das atividades alheias, como poderá esperar que, em idênticas condições, fosse respeitado o fruto do teu trabalho?"

O ladrão, sem se interessar em absoluto por tudo que estava ouvindo, aguardava a conclusão do discurso. O dono da casa compreendeu que havia ido muito longe nas suas explicações teóricas e regressou aos limites psicológicos do seu interlocutor, isto é, ao problema próximo e pessoal e disse-lhe: "Concluindo, amigo, a ti não interessa se eu trabalho e se neste momento me libertarei das riquezas para mim supérfluas, ou se as conservarei para que frutifiquem, sobretudo para o bem dos outros. Este é um assunto meu. Interessa-te somente resolver o problema da tua vida. Quem possui mais meios, mais inteligência e cultura, tem mais deveres. Sou eu,

portanto, quem deve ir ao teu encontro. Desejavas apoderar-te do dinheiro que se guardava nesta gaveta. Não o encontraste, porque estava sobre a escrivadinha onde eu o deixara, depois de ter dado uma parte a outrem. Este já se destinava aos pobres. Portanto, é teu.. Estava diante dos teus olhos e procuravas em outro lugar. Ei-lo, e que te ajude a viver. Emprega-o bem, para que possas subir. Podes ir, és livre. Ninguém saberá que estiveste aqui."

Enquanto assim falava, colocou o pacote de dinheiro em suas mãos, o mesmo que o ladrão queria roubar. Desta maneira, o furto que poderia perder um homem, transformou-se em auxílio capaz de redimi-lo. Foi assim que o padre Myriel salvou o forçado Jean Valjean em **Os Miseráveis**, de Vitor Hugo. O ladrão apanhou o dinheiro, obtido por uma via tão estranha e imprevista. De qualquer modo tinha alcançado o seu objetivo. E isto era para ele a coisa principal. Se o outro era louco, não lhe importava: o dinheiro estava em seu bolso.

O dono da casa o examinou por um instante, pôs uma das mãos sobre o seu ombro, e assim concluiu suavemente: "Agora vai, amigo. Quem sabe quantas más lições recebestes? Utiliza esta advertência; que ela te acompanhe e te auxilie a redimir-te. Vai, mas lembra-te de que estou aqui para continuar a auxiliar-te e assim completar a obra. Não esqueças o teu novo amigo. A minha casa está aberta. Volta quando desejares. Este dinheiro não durará sempre. Entretanto, procura lembrar tudo que te falei, mudando de vida. Se desejas fazê-lo, volta e ensinar-te-ei como viver honestamente do seu trabalho. Somente quem não pode trabalhar tem direito à esmola. O teu direito de homem sadio está somente no trabalho. Vai, amigo. Estarei sempre às tuas ordens, quando desejares vir espontaneamente".

O ladrão compreendeu que desta vez passara sem castigo e que, embolsado dinheiro, não tinha nada mais a fazer naquela casa. Balbuciou confuso qualquer coisa. Vendo o caminho livre, ganhou rápido as escadas; pelas mesmas portas abertas, alcançou a rua, num átimo. Ali, a passos rápidos, deslizou, como uma sombra, na noite.

Passaram-se meses e anos. Aquele senhor esperou. Mas o ladrão jamais voltou.

II

VERDADEIRO AMOR

Era uma tépida e encantadora noite de luar. Nos jardins de um parque da grande cidade, se bem que em hora avançada, ainda se demoravam muitas pessoas. Pares de namorados vagavam pelas alamedas. A hora, a estação, o local, tudo parecia convidar ao amor. As estrelas olhavam do céu a sorrir.

Um homem atravessava o parque pensativo e absorto. Talvez fosse o mesmo que conheceramos na história precedente. Resolvido, diante de Deus, o seu problema econômico, pondo a sua riqueza a proveito do próximo e dando à sociedade o seu justo tributo de trabalho, preparava-se agora para enfrentar outros graves problemas.

Enquanto andava por um caminho solitário, vê uma mulher sair da sombra onde se escondera da luz do luar e dos lampiões do parque. Observou-a vindo ao seu encontro, com acenos suspeitos. Ele a olha. É jovem, com um ar embaraçado, como de menina inexperiente que não sabe ainda oferecer-se a todos e não consegue fazê-lo senão com pudor. Ele a observa ainda. Parece que ela tem medo e fome ao mesmo tempo, e que a fome a induz a vencer o medo. Ele, habituado a

olhar na alma, compreendeu e sentiu que o seu coração era invadido por infinito sentimento de piedade

Assim, andaram juntos, sem falar. Ela, vendo-se aceita, seguia tímida, obediente, em expectativa, enquanto ele pensava: "Há realmente injustiças sociais, além das injustiças econômicas. Não existem somente as vítimas das pobreza. Quantas outras misérias que somente o amor ao próximo pode fazer desaparecer! Eis aqui uma vítima da prostituição, talvez já sacrificada no altar do egoísmo humano. Sou um homem que decidi seguir as leis de Cristo. Darei o meu óbolo pessoal para atenuar a injustiça da miséria moral, que é a prostituição da mulher. Assim como diante do pobre é o mais rico quem tem mais deveres, diante do inepto é o mais inteligente, assim diante da mulher, a parte mais fraca, é o homem que tem mais obrigações. A culpa da prostituição reside no egoísmo do homem que desfruta da fraqueza da mulher que deve ser sagrada."

Diante daquela infeliz, sentiu vergonha de seu sexo forte, que usa a força para desfrutar o ser débil que se lhe entrega. Suga-lhe o fruto, para depois jogar fora a casca. Nesta casca permanece uma alma desprezada e despedaçada, que o homem tinha o dever de elevar ao alto, através do amor. Ao invés, prostituiu-a com o seu egoísmo. Rugiu no coração daquele homem o sentimento de revolta contra um mundo tão vil, despertando nele outra virilidade bem diferente da que apenas fecunda a fêmea e depois a abandona. Olhou para o céu, dilatou o peito, sentiu-se homem forte, potente no espírito, macho integral, aquele que se aproxima da mulher para protegê-la e não para desfrutá-la como instrumento de prazer, para elevá-la e enobrecê-la e não para afligi-la. O verdadeiro macho fecunda sobretudo o espírito. Decidiu-se. Devia fazer o bem. Devia salvar aquela mulher.

Dirige-lhe a palavra. Palavras simples para iniciar um conhecimento: "Menina, a primeira coisa de que tens necessidade é de restaurar-te. Vamos cear." A mulher aceitou, porque isto fazia parte do ritual, e assim mataria a fome. Entraram num salão resplandecente. Ela escolheu um canto mais afastado, envergonhada de si e do seu vestido simples, sua única riqueza. Não conhecia aquele mundo que lhe pareceu maravilhoso. Admirava os espelhos, as mesas bem arrumadas, as vestiduras finas das senhoras. Sentiu-se invadida por uma onda de bem-estar e fechou os olhos como se sonhasse grande sonho de felicidade. Desejava saboreá-lo, prolongá-lo, prendendo-se nele. Tudo isto contrastava com a triste realidade cotidiana do seu casebre situado nos arredores da cidade, onde não ouvia senão as vozes ásperas de seus familiares. Uma música leve a embalava no sonho. Viver, gozar! Pobre criatura! Parecia-lhe que ali todos eram felizes, porque ignorava a realidade; ainda não conhecia os sutis venenos da vida escondidos sob os esplendores mundanos.

Como pareciam satisfeitas aquelas senhoras! Possuíam vestidos, jóias, eram respeitadas, servidas. Dentro em pouco voltaria a rua. Não tinha direito a nada, nem mesmo ao amor. Devia vendê-lo para comer. Aquelas dispunham também do amor, de tudo. Damas ricas, talvez piores do que ela perante Deus, podiam andar com a cabeça alta, porque possuíam recursos, armadas de legítimas posições formais que as defendem, diante da sociedade, juridicamente colocadas sob as instituições da propriedade e do matrimônio, tendo o direito ao luxo, à liberdade no amor. E sabem como fazê-lo, amparadas por defesas oportunas.

Ela despertou do sonho. Intuíva vagamente, sem poder precisar a situação. Nada daquilo que via era para ela, pobre verme indefeso no meio da estrada onde todos pisam. Fumegava à sua frente um prato suculento, de apetitoso perfume, que lhe avivou a fome. Começou a refeição. Comia lentamente, procurando multiplicar o sabor com todos os acessórios ao alcance de suas mãos, condimentos, legumes, para que a ceia se desdobrasse. Saciava o estômago habituado ao jejum. O amanhã era incerto. seu companheiro não a perturbava, evitando conversar; parecia imerso, não nas sensações elementares da jovem, mas num sonho diverso. Também ele observava aquele mundo elegante, mas sem inveja e com piedade. Sabia qual triste realidade se ocultava atrás daqueles esplendores. Verificava que reina na Terra a lei do mais forte e que não existe piedade para os fracos. Entre aquelas damas respeitáveis e a jovem que ele havia recolhido na rua existia uma única

diferença: as damas pertenciam à classe dos vencedores; a jovem, à dos vencidos. Somente por este motivo ela não era respeitada: vendia-se porque tinha fome. As outras eram respeitáveis; não se vendiam porque não tinham fome. Permitiam-se o luxo até de pregar a virtude Como é fácil proclamá-la, exigindo-a aos outros! Mas como é dura a virtude exigida de nós mesmos! Pregadores fáceis pululam pelo mundo. Em nome da virtude, podem satisfazer aos seus instintos de agressividade contra o próximo; da condenação deste fazem o pedestal para o próprio orgulho. Desta forma se conduz sobre o terreno da moral a luta cotidiana pela vida, procurando colocar-se em posição de superioridade, como juizes, diante do pecador, para esmagar o rival. Uma mulher poderá esperar bem pouco de outra mulher.

Do homem vil é que se espera o dever da redenção. Para ele, o amor é um incidente. Para a mulher, a vida. É ele que educa a mulher adaptando-a a si mesmo. É a mulher que, por sua natureza, obedece e adapta-se ao homem. As leis, antes de perseguir a prostituta, que é o efeito, deveriam atingir o homem, que é a causa. É a procura que cria a oferta. Todavia nenhum legislador fará jamais uma lei contra a vileza do seu sexo. Pelo fato de estar junto do homem, se este é um delinqüente, a mulher tentará descer até à sua delinqüência. Se é um santo, ela procurará subir até à sua santidade. A mulher é sempre a companheira menor do homem, fazendo tudo por ele, para que se sinta satisfeito. É capaz do sacrifício de uma vida de desprezo e de abjeção. O grande egoísta esquece os seus deveres: o mais forte deve ajudar o mais fraco e não roubá-lo. Desta forma, o homem educa para si a mulher, feita de astúcia e traição, armas necessárias para a sua defesa. O verdadeiro amor, do verdadeiro macho, não explora a mulher para o seu gozo, mas protege-a, educa-a, fazendo-a sua colaboradora no mais viril e potente trabalho da vida, que é o da ascensão no bem para Deus.

Assim pensava o nosso protagonista, enquanto lambiscava, tomado de imensa piedade pela triste companheira. Deixou que ela se satisfizesse à vontade, que aproveitasse a hora de ilusão. Diminuía o número de pessoas no restaurante, parecendo agora tudo mais calmo. A jovem, atenta ao ambiente que a cercava, não aparentava surpresa diante de um interlocutor tão taciturno. Parecia até evitar este desperdício de tempo na conversação. Comia tranqüilamente enquanto vagamente intuía qualquer coisa que lhe dava um sentimento de confiança. Em poucos instantes, sentiu esvaír-se a sensação de desconfiança que lhe havia dado, a princípio, aquele vulto desconhecido. Sentiu-se protegida e fitou-o surpreendida. Ele tomara uma decisão. Seus olhares encontraram-se.

Todavia, ele continua ainda calado. Diante dos seus olhos, uma visão. Via a louca Herodíade que, odiando João, o Batista, por condená-la pela imoralidade, instigava a filha Salomé a pedir a Herodes a morte daquele que resistira à sua beleza Viu-a recebendo da dançarina Salomé a bandeja com a cabeça de João. E quem diria que Herodíade havia de morrer pouco depois, vítima de um cancro na boca blasfema. Nessa época, o encontro do homem com a mulher era brutal. O drama precipita-se num epílogo de destruição para ambas as partes. A adúltera era apedrejada. A Lei era então uma espada que simplesmente cortava e matava. Tempos violentos e ferozes, nos quais os princípios da Lei se proporcionavam à dureza dos homens.

A visão continuava. Cristo fala aos perseguidores da adúltera: “Aquele que entre vós esteja isento de pecado, atire a primeira pedra”. E depois, voltando-se para a mulher: “Ninguém te condenou? Pois bem, nem eu te condeno. Vai e não peques mais.”

Eis uma nova cena: Mulher famosa e pecadora, prostra-se aos pés do Cristo, banha-os com as suas lágrimas, enxuga-os com os seus cabelos, beija-os e unge-os com perfumes. Cristo lhe diz que as suas faltas eram perdoadas porque muito amou. E acrescentou: "Aquele que menos perdoa, menos ama. Vai, perdoados são os teus pecados".

Neste encontro do homem com a mulher aparece uma luz nova, uma espiritualidade antes ignorada, uma amplidão de vista e uma liberdade que antes não se podiam conceber. A reação à culpa é um perdão. Por uma lei mais elevada — o Amor, acima da justiça mecânica — pode-se

fazer de uma pecadora uma santa — Maria Madalena. A bondade desponta como função salvadora e criadora, sem a punição que lembra a vingança e prende a alma, para conduzi-la a Deus. Diante deste novo apelo lançado pelo Cristo em direção positiva, a velha atitude do Batista parece qualquer coisa de estéril e negativa.

O nosso homem acorda de seu sonho. Durante o devaneio, firmara a decisão de não odiar o pecado, porque assim acabaria por odiar o pecador. Jamais fazer da virtude um direito para condenar ou instrumento para perseguir. Ter sobretudo piedade do pecado, para se apiedar do pecador. Com a força da bondade, do exemplo, da virtude, com o próprio sacrifício salvar aquele que pecou.

O nosso homem volta-se para a jovem e fala-lhe: "Não é possível amar sem amor, como um animal. Continuarás o teu romance numa bela residência onde eu te deixarei, porque a tua casa deve ser muito longe, se é que tens casa. Dormirás sozinha, com outro Amor que eu te ensinarei e que te fará mais feliz. Amanhã me verás; ensinar-te-ei outra vida, sem humilhação, feita de alegrias verdadeiras." Deixou-lhe o seu endereço. Saíram. Ele a conduziu para a casa de uma senhora amiga que a hospedou.

No dia seguinte, acompanhada daquela senhora, a jovem voltou a procurá-lo. Conseguiu-lhe trabalho honesto na residência de boa família, a cuja amizade soube corresponder. Nesse novo lar, continuou a falar-lhe sobre o verdadeiro Amor, o amor fiel, o amor que existe somente na alma, o único que resiste à desventura, a morte. Ela compreendeu tudo, comovida e grata. Mais tarde se casou, teve a sua família, o seu marido, os seus filhos. O nosso homem desapareceu, porque a sua obra estava terminada.

Não mais a viu. Perdeu-a de vista. Todos os anos, porém, pelo Natal, o carteiro lhe trazia uma carta em que se liam estas poucas palavras: "Não o esquecerei jamais. O senhor me ensinou o verdadeiro amor e salvou-me. Sou feliz com a minha família e esta é a sua obra. Não o esquecerei jamais."

Ele, em cada Natal, lia esta pequena carta, chorando de alegria. Desta vez o ser, a quem ele havia feito o bem, compreendera e, por meio de uma carta, voltava todos os anos.

III

O ENCONTRO CONSIGO MESMO

O protagonista das duas histórias precedentes, ao pôr-se em contato com aqueles dois indivíduos tão diferentes, havia defrontado os problemas fundamentais do ser humano: o da fome e o do amor. Um dia encontrou-se com outro ser e com outros problemas. Encontrou-se consigo mesmo. Nada de excepcional. É coisa que acontece a todos os homens inteligentes, apenas atingem certo grau de maturidade. Não é, portanto, um caso extraordinário, deve ser interessante falar a seu respeito.

Este outro **si-mesmo**, calmamente, das profundezas do seu eu, havia observado o pensamento e a ação nos dois casos precedentes, julgando tudo sem falar. E agora, em hora de paz e de silêncio, tomava a palavra: "Amigo, sou o mais profundo de ti mesmo; surjo na tua consciência, vindo daquela infinita profundidade onde, distanciado imensamente da tua consciência normal de homem, Deus está. Apresento-me, porque, da superfície de tal consciência, apta à vida cotidiana de

relação, desejava sondar o mundo das causas. Impondo-te perguntas, desejava olhar de frente e pesquisar com coragem o pavoroso abismo que esta na profundidade de todos, e de que, entretanto, muitos desviam o olhar, espavoridos. Foi assim que me despertaste e sempre mais me despertarás. Isto custou-te muito trabalho, trabalho considerado inútil pelo mundo absorto em utilidades imediatas. Cometeste grande feito e te julgavas sozinho porque incompreendido e condenado pelos homens. Mas não estás a sós. Das profundezas fala a voz de Deus; tanto mais clara e mais forte quanto mais souberes despertar conscientemente desta profundidade. Escuta-a. É a tua grande amiga que te auxilia a maturação. Tem pena dos teus semelhantes que te desprezam, porque eles vivem de ilusões".

O homem escutava, confortado. Conforto agradável em hora de esgotamento. Estava cansado. A sua natureza humana normal, porém, sofria e revoltava-se. Por que não gozar a vida? Por que lutar tanto e sofrer? Ninguém o prezava por este motivo; era considerado um néscio. Por que andar assim conta a corrente geral? Por que renúncias? Quem lhe pagaria por tudo isto? Não era loucura desperdiçar as suas economias? Não são loucuras a santidade, os ideais, os heroísmos? Não é tudo isso, para a vida, um salto perigoso que o homem de bom-senso deve evitar? De fato, o homem normal ama estas coisas, mas somente como fábula e lenda, sem jamais suspeitar que todos podem e devem realmente realizá-las. Por que continuava ele, ao contrário, fascinado e desejava vivê-las? Não podia ter sido isto, simplesmente, a sugestão de exemplos que eram postos em destaque e utilizados por grupos, como bandeira? Onde jamais o homem faz alguma coisa sem esperar retribuição e exalta o seu semelhante sem um interesse próprio? Cansado e triste, depois dos maiores impulsos e sacrifícios, era às vezes atormentado pela dúvida.

Sacrificar-se pelos outros é duro; todos abusam e desfrutam da bondade, correndo para onde existe o que tomar e somente para tomar. Por fazer o bem tornou-se pobre e como tal foi desprezado. Precisava ganhar a vida na luta cotidiana, pois se colocara entre os necessitados. O mundo lhe mostrava tacitamente a sua desaprovação, abandonando-o sozinho. O mundo não o amava; ele representava uma exprobração e uma condenação com apenas a sua presença, a sua conduta e o seu silêncio. Se todos, desde que o mundo é mundo, tivessem agido do mesmo modo, que revolução não se teria realizado! Por que continuar sacrificando-se pelo bem desta gente que não o sabia interpretar? Sabia que, em casos semelhantes, o reconhecimento não vem senão depois da morte, isto é, quando a homem superior não mais pode falar e agir; e somente então ele passa a servir os objetivos de grupos, transformado em bandeira atrás da qual é mais fácil a defesa na luta pela vida. Se na terra não conseguia nada, conquistaria ele verdadeiramente valores absolutos? E onde estavam eles? Sim! O seu eu profundo falava bem. A sua voz vinha de longe, como se fora um sonho, enquanto a voz hostil do mundo e a dura realidade estavam bem próximas e claramente visíveis.

Tal é o contraste entre a natureza humana e a divina, contraste que nasce em cada homem, quando esta última floresce nele e se faz progressivamente mais forte, até o dia em que o domine e tome a direção suprema. Vejamos em nosso protagonista como as duas naturezas falaram, cada uma por sua vez. Ele havia saído de casa entristecido com uma prova de ingratidão e incompreensão. Sozinho, subira até o alto de uma colina de onde se dominava a cidade, e deste sítio contemplava o horizonte, a paisagem, aquelas vidas cheias de vozes mil. E perguntava-se: "Por quê? Por que corre toda aquela gente, que miragens segue, que realiza e conclui? Cada um possui uma finalidade particular, mas para onde vão? Cada um possui o seu objetivo próximo, imediato, mas conhece os grandes objetivos distantes da vida? Cada gota ignora a grande corrente na qual vão ter todas as gotas. Todos fazem tantas coisas, acreditando alcançar outras depois. Mas, que significa tudo isto, qual o fim de tudo isto?"

A sua natureza humana voltava a falar nele. Valia a pena sacrificar-se por este mundo indigno? O seu sacrifício não se tornava inútil como uma gota d'água no oceano? Como podia a sua revolta abalar o mundo? Não era inútil o seu esforço? Não era isto uma ilusão? Ou antes, não estaria o mundo iludido ao seguir atrás de uma quimera somente para atrair mais dores? Ao invés de

condená-lo, não poderiam os outros imitá-lo no dever de salvar a humanidade? Não era o seu sacrifício um dever, não havia um outro mundo de justiça onde ele receberia o prêmio independentemente dos juízos humanos? Mas, quantos amigos possuía que sabiam aproveitar e gozar este mundo! E ele nunca soubera se aproveitar de nada! Gozar, gozar, eis a grande miragem. E ele a destruiu com as suas próprias mãos. Nasceria rico e renunciara aos bens de herança, porque achava que o seu dever era viver apenas do próprio trabalho com o qual pagaria o seu tributo à sociedade. Por este motivo foi julgado imbecil. Utilizara a força econômica, que a riqueza lhe proporcionava, não para a sua satisfação própria, mas pelo bem dos outros. Foi considerado um imbecil. Jamais se aproveitara da fraqueza da mulher. Recusara dinheiro ganho num jogo entre amigos, porque não era fruto de trabalho, jogo este imposto pelos próprios companheiros. Classificaram-no como imbecil. Jamais se utilizara da sua inteligência para aparecer em destaque no mundo; da sua posição social, para dominar; da sua juventude, para gozar; mas se desprendera de tudo isto pelo seu sonho de louco — fazer o bem ao próximo. Isolara-se, porque se colocara fora do normal. Para que lhe servia tudo isto? Insensatez sua acreditar poder convencer os homens. Estes riam-se dele e voltavam-lhe as costas. Quando, somente com a sua muda presença mostrava reprovação, com o seu exemplo, o mundo o condenava, respondendo-lhe com rude exprobração. Qual dos dois tinha razão: o seu altruísmo ou o egoísmo dos outros, os homens cheios de direitos ou ele, todo cheio de deveres?

O nosso protagonista sentou-se. Estava cansado. Apoiou a fronte sobre as mãos e chorou. A luta o consumia. Entretanto, ele a amava; sentia brilhar nela centelhas de luz. Apenas voltada a calma, o seu eu profundo falou-lhe de novo: "Amigo, a tua fadiga é a mais proveitosa na vida, a única que produz frutos eternos Nesta maceração que te atormenta, tu te maturas e evolues. Tudo, menos isto, acaba sendo destruído pelo tempo e pela morte. Não te agites, repousa. Fizeste o esforço tremendo para sair da baixa corrente do mundo, a fim de atirar-te numa outra, entre os braços de uma lei mais alta. Esta te prendeu entre as suas espirais, arrebatando-te. Abandona-te nela e deixa-te levar. Deus deixa ao homem a semente; resta-lhe, contudo, como obra Sua, fazer crescer a semente. O bem que fizestes, tanto rodará nos circuitos das forças cósmicas, que voltará a ti. O mal que o mundo faz, tanto rodará que voltará a ele, porque quem faz o bem ou o mal o faz a si próprio. A lei reage conforme nós agimos; e o mal retorna sobre nós mesmos. Coragem! Escolheste a vida mais dura, porém a mais elevada, a mais verdadeira. Deixa gritar o mundo dos inconscientes, que apenas crêem nas vantagens imediatas, esperando a vitória, quando na realidade, estão sendo derrotados. Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Os utopistas que vivem de ilusões são os homens que crêem somente nos poderes humanos e na riqueza, coisas que os atraíam continuamente. Prossegue, porque estás no caminho. Não voltes atrás. Não pares. O teu sonho jamais te atraíçará. O teu sacrifício não proporciona o rendimento imediato e transitório que dão as coisas do mundo. Os teus lucros, profundamente amadurecidos no tempo, serão sólidos e estáveis. Esta é a verdade para ti e para quantos escolheram a tua mesma estrada.

Entre todas as batalhas, tu escolheste a maior da vida, a que exige mais audácia, a escalada para o céu. Escolheste a via íngreme e direta. É natural que seja a mais cansativa. Tu te abrasas na jornada porque vives a evolução em síntese. Os outros vivem-na diluída em longas experiências: avançam e retrocedem a cada passo, vítimas da ilusão em que desejam acreditar. Deixa-os na sua lenta experimentação de análise, num labirinto de particularidades. Arrasta a tua rede e recolhes o pescado, enquanto outros ainda estão começando a tecer a sua. Eles, um dia, após árduas refregas que atenuarão as duras angulosidades do egoísmo, também chegarão, lentamente, descobrindo o roteiro. Tu és um arauto com a função biológica não de conservar o passado, mas de explorar o futuro, de vivê-lo com precursores para fixar na terra a nova lei do Evangelho que, na prática, ainda é desconhecida no mundo."

"Vai. Cada um não pode viver senão segundo a sua natureza. No teu longo passado tu te construístes assim. Fizeste o teu destino com as tuas mãos e agora não podes desertar. É fatal que sofras ajudando o próximo, porque é da lei que quem mais possui mais deve dar. Tu mesmo não podes parar. A tua sede de subir te queima. É fatal esta tua posição. É fatal que se revoltem e te

condenem, que se sintam abalados com o teu exemplo, para que assimilem algo e elevem-se um pouco. A condenação que te dão é o preço que tu, mais avançado, tens o dever de pagar para a evolução deles. Esta é a tua prova. O trabalho é, contudo, útil para os outros e para ti. Não se pode semear sem sacrifício, mas cada semente germinará numa nova. Que tenhas a certeza disso. Cada criatura que beneficiaste, mesmo se não voltar mais a ti e te cubra de ingratidão, retornará, um dia, porque cada pensamento ou cada ato, após percorrer o circuito das forças cósmicas, tornará à sua causa. Cada exemplo teu foi visto por muitos e permanece escrito no livro da vida. Se foi condenado e afogado na incompreensão, não importa; ele representa um impulso indestrutível que tornará a ti na mesma forma de bem com que o geraste. Exulta na dor, ajudando os outros a redimirem-se; estás redimindo a ti mesmo, criando o teu paraíso".

O nosso homem agitou-se como se acordasse de um sonho. Levantou-se. O lampejo vivo das profundezas da alma o havia iluminado. Nova luz brilhava nos seus olhos. Que potência, então, existia na profundidade do espírito para emergir deste modo e transformar o homem? As suas dúvidas desvaneceram-se como névoas; reencontrara a sua própria consciência. Não se sentiu mais sozinho, nem cansado, nem pobre, nem triste. Deus estava junto dele na pessoa do próximo que ele queria auxiliar. Não sabia contudo explicar por que tanta alegria tinha, de improviso, invadido a sua alma, tanta paz, tanta força, tanta certeza. É árduo, a princípio, aplicar a máxima - "**Ama ao teu próximo como a ti mesmo**", mas depois o amor retorna de todos os lados, realizando o paraíso. E agora, o amor que ele, incompreendido e condenado, havia dado a todos, voltava-lhe como felicidade, porque é a lei de Deus. Sentiu-se, então, unido ao todo, operário na obra divina.

Levantou a cabeça e sacudiu-a. Confirmou-se na sua decisão. Jamais duvidaria. A potência do espírito vencera para sempre.

F I M